

**A Escola e os Outros:  
Um Estágio Interventivo na Escola Secundária D. Pedro V**

**Patrícia Daniela Grandinho Martins**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Sociologia na Área de  
Especialização em Conhecimento, Educação e Sociedade**

**Setembro 2011**

## I. Resumo

### **A ESCOLA E OS OUTROS: UM ESTÁGIO INTERVENTIVO NA ESCOLA SECUNDÁRIA D. PEDRO V**

#### **Relatório de Estágio**

Patrícia Daniela Grandinho Martins

**Conceitos-chave:** Alunos Estrangeiros, Educação, Escola, Trajectórias de Vida

Este relatório de estágio foi o resultado de dez meses de estágio curricular na escola secundária D. Pedro V, no âmbito do mestrado de Sociologia na área de especialização em Conhecimento, Educação e Sociedade. Este estágio dividiu-se em duas componentes que se mantiveram interligadas: uma componente mais prática de participação nas actividades da escola e uma componente mais teórica de investigação.

Através da investigação pretendeu-se desenvolver um estudo qualitativo sobre os factores que dificultam a integração dos alunos estrangeiros. A escola secundária D. Pedro V é a instituição que serviu como base para o estudo, onde pude observar de perto as dificuldades dos alunos estrangeiros no verdadeiro sentido do termo e dos “estrangeiros” que eram excluídos pelos colegas de turma.

A análise estrutural e a análise temática/biográfica perspectiva as dificuldades de integração dos alunos como uma experiencia social resultando não apenas uma privação na comunicação com os outros como também como tentar encontrar forma de contornar estas dificuldades (maior obstáculo – compreensão da língua).

A sociologia pode dar o seu contributo mais prático através de uma análise inicial e posteriormente na intervenção procurando colmatar estas problemáticas. Para isso, foram realizadas dez entrevistas semi-directivas a alunos estrangeiros de forma a recolher testemunhos das suas dificuldades em se habituarem a uma nova realidade.

**Abstract**

**THE SCHOOL AND THE OTHERS:  
INFORMATIVE APPRENTICESHIP AT D. PEDRO V SECONDARY**

**Apprenticeship Report**

Patrícia Daniela Grandinho Martins

**Key words:** Foreign students, Education, School, life course

This report is the result of a ten months apprenticeship at D. Pedro V secondary school, in the context of a mastership in sociology, specialization is Knowledge, Education and society. This mastership was divided into two interconnected parts: a practical part consisting of participation in school activities and a theoretical part of investigation.

Through investigation we intended to develop a qualitative study about the factors that make foreign students integration difficult.

At D. Pedro V secondary school we could observe booth the difficulties as a social of red foreign students as well those who felt “foreign” as a result of their class mates exclusion.

The structural and thematic analysis show as integration difficulties as a social experiment; asa result there is not only a lack of communication with others but also an attempt to find ways of avoiding this difficulty (not understanding the language).

Sociology can give a practical contributions analyzing and though intervention. In this study we interviewed ten foreign students (semi-directive interviews) so that we could collect information about their difficulties when getting used to their new lives reality.

### **I. Siglas**

DCSH	Departamento de Ciências Sociais e Humanas
DE	Departamento de Expressões
DL	Departamento de Línguas
DMCE	Departamento de Matemática e Ciências Experimentais
GIAA	Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno
GPD	Gabinete de Pedagogia e Disciplina
PLNM	Português de Língua Não Materna
PS	Primeiros Socorros
SPO	Serviço de Psicologia e Orientação
EFA	Educação e Formação de Adultos
REGULAR CH	Regular Científico Humanísticos

<b>II. Índice</b>	
<b>I. Resumo</b>	2
<b>II. Siglas</b>	4
<b>III. Índice</b>	5
<b>IV. Índice de Anexos</b>	6
<b>V. Introdução</b>	7
<b>VI. Educação e Trajectórias de Vida</b>	10
1) No Início dos Tempos	10
2) Da Primeira República ao 25 de Abril	11
3) Nos Nossos Dias	14
3.1) Possíveis Soluções	17
4) Surgimento da Educação Ligada à Escola, à Cultura, à Sociedade e ao Emprego	18
5) Sociografia da Escola Secundária D. Pedro V	23
6) Um Estágio Interventivo na Escola Secundária D. Pedro V	30
6.1) As Tutorias	32
6.2) Aula de Psicologia	35
6.3) O projecto “Turma Mais”	36
6.4) O Papel dos Professores	38
<b>VII. Um Estudo Exploratório</b>	40
1) Estratégia Metodológica	40
2) Análise dos resultados	43
<b>VIII. Considerações Finais</b>	48
<b>IX. Notas Bibliográficas</b>	51
<b>X. Anexos</b>	54

**III. Índice de Anexos**

<b>Anexo I- Análise Estrutural</b>	54
<b>Anexo II- Planta da Escola (Antes das Obras)</b>	55
<b>Anexo III- Plantas dos Pavilhões da Escola (Depois das Obras)</b>	56
<b>Anexo IV- Análise de Conteúdo</b>	64
<b>Anexo V- Guião de Entrevista</b>	84
<b>Anexo VI- Entrevistas</b>	86
<b>Anexo VII- Proposta de Projecto</b>	165

### IV. Introdução

“Do rio que tudo arrasta, se diz que é violento, mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” (Berthold Brecht)

No âmbito da conclusão do Mestrado em Sociologia, na área de especialização em Conhecimento, Educação e Sociedade, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, procedeu-se à realização de um estágio curricular na Escola Secundária D. Pedro V.

O objectivo deste estágio foi “garantir o desempenho de funções de carácter profissional relevante para a instituição de acolhimento e que envolvam a aplicação prática de conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na parte curricular do curso de mestrado”<sup>(1)</sup>.

A realização deste estágio teve a duração de 800 horas de trabalho na entidade de acolhimento, durante a qual o estagiário teve de desenvolver um conjunto de actividades consideradas importantes para o seu futuro profissional e também para a entidade, fazendo a ponte dos conhecimentos teóricos adquiridos na componente lectiva do mestrado aplicando-os no desenvolvimento da componente não lectiva.

Deste modo, o estágio teve início a 20 de Setembro de 2010 e terminou a 30 de Junho de 2011, embora ainda fosse à escola depois desta data. Visto que me encontrava a estagiar numa escola o horário de funcionamento era flexível e dependia dos horários das actividades das quais também fazia parte, normalmente cumpria um horário 10:00 - 16:40, havendo dias em que ia mais cedo ou saía mais tarde, consoante o que estivesse agendado, de segunda a sexta-feira. O horário de almoço também era variável.

Estive inserida no Departamento de Ciências Sociais e Humanas, mas, com o passar do tempo, alarguei a minha participação em vários projectos que foram surgindo.

A escola Secundária D. Pedro V não é uma escola agrupada, é composta por quatro departamentos: o Departamento de Ciências Sociais e Humanas (DCSH); o Departamento de Matemática e Ciências Experimentais (DMCE); o Departamento de Línguas (DL) e o Departamento de Expressões (DE), por um Serviço de Psicologia e

---

<sup>1</sup> Sobre o âmbito e objectivos deste tipo de estágio confira-se o exposto em :  
<http://www.fcsh.unl.pt/cursos/MA/componente-nao-lectiva/componente-nao-lectiva#estagio>

Orientação (SPO), um Posto Médico – Primeiros Socorros (PS), um Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno (GIAA) e um Gabinete de Pedagogia e Disciplina (GPD). Estes serviços que têm como objectivo ajudar a melhorar os resultados dos alunos, passando pelo nível educativo, nível psicológico, quer a nível das atitudes e comportamentos. Esta “equipa” de profissionais é constituída pelos coordenadores dos departamentos, por um psicólogo, um enfermeiro e por duas professoras que coordenam o GIAA e o GPD.

Com um trabalho importante na integração na comunidade escolar e no apoio à execução do meu trabalho e projecto, foi essencial a coordenação do professor Filipe Carita, coordenador do grupo de filosofia.

A escolha da Escola Secundária D. Pedro V. prende-se com a oportunidade que me foi facultada em poder estagiar nesta escola e com o meu interesse pela área educacional quer a nível pessoal, pois prende-se com a vontade que tenho em perceber como funciona uma instituição escolar na resolução de problemas que surjam nas turmas e na resolução de conflitos entre grupos, quer a nível académico, uma vez que incide sobre a educação e a sociedade tal como a minha área de especialização.

A escola é vista como a base da educação, de uma sociedade e é nela que os indivíduos desenvolvem e adquirem novos conhecimentos, isto num sentido mais geral. Num sentido mais restrito, é importante ter em conta o seu contexto familiar e as suas trajectórias de vida, pois estes dois conceitos podem influenciar a vida académica dos alunos. Nesta escola, existem alunos provenientes dos vários pontos do mundo com histórias de vida muito diferentes, umas das outras e é isto que eu pretendo estudar.

O objectivo sociológico deste estudo consiste em perceber o sentido que os indivíduos com trajectórias de vida diferentes dão a esta experiência da sua vida, identificando as diferenças escolares no seu país de origem com as de Portugal. A ideia é tentar, perceber em que medida estes alunos ao chegarem à escola se sentem inseridos, procurando entender como constroem as suas identidades. Tenta-se aprofundar a forma como estes alunos experienciam as suas novas vivências num novo contexto escolar.

Sendo o nosso referencial a inclusão no contexto escolar e a educação, qual a trajectória de vida dos alunos estrangeiros desde o seu país de origem até à sua situação actual? Quais os motivos que os levaram os pais a imigrar? Com que dificuldades se depararam na chegada a Portugal e como as superaram? Como foram recebidos na



instituição escolar? Foram bem integrados no meio escolar? Que preferências e hábitos de aprendizagem lhes foram inculcados?

Para dar resposta a estas interrogações este relatório divide-se em quatro partes. Primeiramente, pretende discutir as diferentes noções de alguns conceitos multiformes como a cultura, educação e sociedade, esta ginástica conceptual é necessária para perceber as suas dinâmicas no tecido social e estabelecer o fio condutor da investigação.

Posteriormente, apresenta uma breve caracterização da Escola Secundária D. Pedro V e os vários projectos onde me encontrei inserida. Em relação aos temas referidos anteriormente, a descrição da educação e da sociedade e o seu surgimento é também um ponto importante a abordar para percebermos o contexto da escola, da cultura e das trajectórias de vida dos alunos estrangeiros. Seguidamente procede-se à caracterização dos alunos da Escola Secundária D. Pedro V. Ainda neste ponto, irei ter em consideração a população por ano escolar, idade, nacionalidade, trajectórias de vida, dificuldades escolares. Por fim, irei fazer um balanço dos dez meses na escola onde descrevo o trabalho realizado no âmbito do estágio, as tarefas relevantes, o funcionamento da escola, trabalho dos professores, mas também teço algumas considerações sobre o vivido e observado durante esse período.

Numa segunda parte, tentarei perceber a importância da escola nas sociedades actuais para que possamos analisar o fenómeno da educação e como esta pode levar a contextos de inclusão e a melhores perspectivas futuras quer a nível da realização pessoal como profissional dos alunos provenientes de outros países. Desta forma, passo à construção da definição do conceito de educação que servirá de fio condutor no decorrer da investigação.

Numa terceira parte, apresento o estudo empírico fazendo referência às metodologias utilizadas para depois apresentar os resultados e a sua discussão.

Na última parte, a conclusão apresenta um balanço de todo o processo de estágio e da investigação realizada, quais os contributos e obstáculos ao trabalho, tentando levantar desafios para o futuro.

### **V. Educação e Trajectórias de Vida**

#### **1) No Início dos Tempos...**

Antes de percorrer a definição do conceito de educação, importa lembrar que este se encontra inter-ligado a outros conceitos como comunidade, sociedade, cultura e escola.

A educação pode ser influenciada por qualquer um destes conceitos, dependendo da comunidade, da sociedade, da cultura e da escola onde o aluno se encontra inserido.

Mas para entendermos o conceito de educação é necessário recuarmos até ao início do século XVIII, pois é a partir desta data que se dão os primeiros passos na aprendizagem das primeiras letras e cálculos.

É com Marquês de Pombal que se inicia a 1ª legislação, permitindo que os jesuítas enveredassem pelos caminhos da educação e se cria o 1º estabelecimento de ensino público, “O colégio dos Nobres”, com categoria oficial de ensino secundário ou liceal<sup>2</sup>. Neste colégio, foram introduzidos nos planos curriculares o ensino de línguas como inglês, francês, italiano e ciências como matemática, física e outras disciplinas como arquitectura, desenho, esgrima, equitação e dança.

Em 1772, através de uma carta de lei datada a 28 de Agosto, Marquês de Pombal também adaptou “a universidade aos novos tempos e fundando no Porto uma Aula Náutica, a Escola Prática da Marinha e em Lisboa nasce a Aula de Debuxo e Desenho cuja aliança com a Aula Náutica deu origem à academia real da marinha e comércio da cidade do Porto”<sup>3</sup>. Criou a aula de Desenho e Fábrica de Estuques para que os mestres-de-obras aperfeiçoassem os seus conhecimentos. A faculdade de medicina é reformulada e fundam-se a faculdade de matemática e filosofia.

Nota-se nesta época um aumento do poder por parte das universidades e em contrapartida o ensino primário e secundário sofrem um declínio. “Em 1779, muitas escolas fecham portas [...] e das 500 fundadas por Marquês, só metade funcionam”<sup>4</sup>.

Em 1821, através do decreto de 28 de Junho, D. Pedro, na qualidade de príncipe regente do Brasil, estava em pleno acordo com os príncipes liberais da época declarando a liberdade de ensino a qualquer cidadão de forma gratuita, a criação e melhoria das escolas e da situação dos professores primários. Contudo, a constituição do decreto é

---

<sup>2</sup> <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

<sup>3</sup> <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

<sup>4</sup> <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

suspensa e assiste-se a um novo retrocesso – metade das escolas primárias e das escolas particulares são encerradas, o comportamento político dos professores é analisado.

Com o decreto de 17 de Novembro de 1836, Passos Manuel, ministro da D. Maria II, criou os liceus em Portugal, sendo o primeiro em 1839 em Lisboa e o segundo no Porto em 1840. Mas Costa Cabral reestrutura os liceus em Portugal em 1844, retirando-lhes a componente científica “destruindo o pensamento essencial da reforma de Passos Manuel”<sup>5</sup>.

Em 1852, são criadas as primeiras escolas industriais com a intenção de fazer face às carências ligadas à leitura e à escrita.

Deste modo, em 1871, comparando outros países com Portugal, o número de habitantes por escola rondava os 1156, enquanto nos EUA rondava os 185, os 349 na Suíça, os 411 na Holanda e os 564 na França.

Contudo, ainda em 1900, estima-se que 4.261.336 habitantes num total estimado de 5.423.132 eram analfabetos<sup>6</sup>.

### 2) Da Primeira República ao 25 de Abril

No início da primeira República, “Portugal era um país com uma população que quase atingia os seis milhões de habitantes”<sup>7</sup>, “na sua maioria vivendo nos campos e dividida em três estratos: Burgueses ricos”<sup>8</sup>, ligados à banca, ao grande comercio e à propriedade latifundiária... “a classe média, maioritária das grandes cidades, constituída por pequenos comerciantes e industriais”<sup>9</sup> e a classe operária e camponesa “constituída por pequenos proprietários rurais, jornaleiros e criados da lavoura”<sup>10</sup>.

Deste modo, a “educação republicana” era vista como uma das vias fundamentais para a concretização de uma educação voltada para o “esclarecimento das consciências... condição indispensável ao advento de uma sociedade mais livre, mais justa e mais humana”<sup>11</sup> para a “criação e a consolidação de uma nova maneira de ser

---

<sup>5</sup> <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

<sup>6</sup> <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

<sup>7</sup> ROCHA, Filipe, “*Fins e Objectivos do Sistema Escolar Português – Período de 1820-1826*” Porto: Paisagem Editora, 1984

<sup>8</sup> MARQUES, Oliveira, “*História de Portugal II*”, Lisboa: Palas Editores, 1976

<sup>9</sup> MARQUES, Oliveira, “*História de Portugal II*”, Lisboa: Palas Editores, 1976

<sup>10</sup> Ibidem, 1976

<sup>11</sup> FERNANDES, Rogério, “*Situação da Educação em Portugal*”, Lisboa: Moraes Editores, 1973

português”<sup>12</sup> através de uma “instrução segura e experimental” que poderia permitir “ao homem adquirir o esteio que há-de firmar o edifício moral da sua alma”.<sup>13</sup>

No entanto, em 1911, a percentagem de analfabetismo ainda era de 75,1%<sup>14</sup> e a distribuição populacional era desigual pelo país, era menor em Lisboa e Porto e aumentava de sul para norte e do litoral para o interior, por isso houve necessidade de implementar uma escola de chefes com formação determinando, assim uma reforma no ensino em 1911. Existiam apenas 5215 escolas e dessas 978 não funcionavam em edifício próprio. O ensino profissional funcionava apenas em dois institutos (comercial e industrial) e o número de matriculados à data da implementação da primeira república era de 8275 alunos<sup>15</sup>. Valente<sup>16</sup> defende que “a principal determinante deste desenvolvimento do sistema deverá atribuir-se às leis de 1894 e 1895”.

No entanto, o ensino secundário liceal não foi prioridade imediata em 1911, apenas organizaram a reforma que deveria ser implementada, mas esta apenas entrou em vigor depois de 1917, pois “a primeira tentativa de um governo republicano para efectuar uma revisão sistemática da estrutura e funcionamento dos liceus não passaram de intensões de ordenar, reformar e completar”.<sup>17</sup>

A ausência de alterações no sistema de ensino significa “a solidez da obra feita por João Franco, Jaime Moniz e Eduardo José Coelho”<sup>18</sup> uma obra admitida pelos órgãos responsáveis. Jaime Moniz defendia que a instrução secundária liceal deveria “desenvolver o espírito dos alunos pelo emprego, dos estudos apropriados e depois por meio deste, em encaminha-los para a entrada no grau superior”.<sup>19</sup> A instrução liceal feminina era praticamente inexistente até 1906, ano em que foi criado o liceu Maria Pia XII, o que levou “ao crescimento da população feminina no ensino secundário liceal passando de 11,2% (924 alunas) em 1910 para 25,2% (2720 alunas) em 1916, e descendo para 24% (2852 alunas) em 1926 "dado o estatuto social da mulher contemporânea, em alturas de dificuldades económicas, as famílias sacrificavam naturalmente primeiro a educação das filhas, destinadas por tradição a "domésticas" e

---

<sup>12</sup> CARVALHO, Rómulo, *“História do Ensino em Portugal”*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986

<sup>13</sup> *“Reformas do Ensino em Portugal – Reforma de 1911”*, Tomo II, Volume I, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1989

<sup>14</sup> Ibidem, 1989

<sup>15</sup> Ibidem, 1989

<sup>16</sup> VALENTE, Vasco, *“Tentar Perceber”*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983

<sup>17</sup> VALENTE, Vasco, *“Tentar Perceber”*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983

<sup>18</sup> VALENTE, Vasco, *“Tentar Perceber”*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983

<sup>19</sup> ROCHA, Filipe, *“Fins e Objectivos do Sistema Escolar Português – Período de 1820-1826”* Porto: Paisagem Editora, 1984

"mães"... E mantêm os filhos a estudar...". Mas a expansão da instrução feminina durante a 1ª República é um dado indesmentível.”<sup>20</sup>

No combate ao analfabetismo, em 1926, são implementadas escolas móveis, levando à diminuição do mesmo. Mas neste ano implementa-se a ditadura militar, levando a que a cultura perdesse interesse e a educação fosse considerada um perigo para a “docilidade tradicional” do português.

Assim, as reformas conquistadas na I República foram eliminadas, a luta contra o analfabetismo adiada, as associações de professores reduzidas, o ensino primário superior extinto, a faculdade de letras do Porto é encerrada no ano seguinte e até 1942 encerraram-se as escolas primárias.<sup>21</sup> Ou seja, tudo o que foi conquistado na I República é destruído, e revigora o nacionalismo, onde o “Amor a Deus, à Pátria e à Família formam a trilogia da educação nacional”, passando a ser da responsabilidade do “Estado seleccionar os programas e os livros “únicos” por onde todos deveriam estudar, fiscalizar a actuação dos professores, velar para que as “crianças fossem formadas desde a mais tenra idade, nos valores essenciais do ideário do Estado Novo. A preocupação com a formação moral e ideológica da juventude levou o Estado a criar, desde 1936, a Mocidade portuguesa, uma organização em tudo semelhante às suas congéneres italianas e nazistas de inscrição obrigatória para os estudantes dos 7 aos 14 anos”.<sup>22</sup>

A partir de 1958, Pinto Leite propõe uma aproximação com a Europa e Humberto Delgado mostra que a população se encontra cada vez mais isolada do mundo. Mas é Veiga Simão que na década de 70, coloca em prática uma educação “intimamente ligada à economia e à intervenção económica por parte do Estado, daí advindo, ao mesmo tempo, um corte” com a “ideologia nacionalista assente na trindade, *Deus, Pátria, Família*”<sup>23</sup> concebida durante o regime de Salazar e Caetano.

Após o 25 de Abril de 1974, começaram a surgir as primeiras mudanças apesar do clima instável que se vivia. Os professores, ligados ao antigo regime, foram afastados do cargo, os currículos foram alterados, os objectivos da educação definidos, a escola insere-se na comunidade, o acesso ao ensino torna-se universal, ou seja, é excluída a desigualdade de oportunidades e os jovens das classes sociais mais

---

<sup>20</sup> VALENTE, Vasco, “*Tentar Perceber*”, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983

<sup>21</sup> Dados baseados em <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm> consultado a 26-04-2011

<sup>22</sup> NEVES, Almiro; PINTO, Ana; CARVALHO, Maria, “*Tempos, Espaços e Protagonistas – Volume I*” Porto Editora, 2004

<sup>23</sup> STOER, Stephen, “*A Reforma de Veiga Simão no Ensino: Projecto de Desenvolvimento Social ou «Disfarce Humanista»?*”, *Análise Social*, vol. XIX (77,78,79), 1983, 3º, 4º, 5º, 793-822

desfavorecidas têm a mesma oportunidade que os das mais favorecidas.<sup>24</sup> No entanto, a realidade é um pouco diferente daquilo que era esperado, após a imposição do novo regime, um regime de estado de direito democrático, a mentalidade das pessoas foi-se alterando ao longo dos tempos, pois, o facto de Portugal ser um país muito rudimentar anteriormente, implicava que mesmo com uma alteração no sistema de vida dos indivíduos, a sua mentalidade ainda estava muito ligada ao passado. Depois a falta de incentivo não só aos jovens mas também às outras faixas etárias, acabou por repercutir-se no ensino, de forma negativa. Daí, que o problema do analfabetismo ainda vigora em Portugal, principalmente nas faixas etárias mais elevadas, a nível da leitura e da escrita.

Com o passar dos anos esta realidade do analfabetismo não se encontra totalmente ultrapassada, mas existe hoje já uma percentagem positiva em relação a revolução de Abril, fruto de maior propaganda, de maior interesse estadual, e mesmo da própria mudança de mentalidades e comportamentos por parte dos indivíduos. Hoje, para uma grande parte dos cidadãos é essencial uma formação, esse é o garante de uma vida estável e de trabalho, penso que as futuras gerações terão uma ideia ainda mais avançada e irão procurar mais que uma formação (coisa que já se começa a notar) devido à competitividade existente, e ao mundo cada vez mais tecnológico que nos rodeia.

### **3) Nos Nossos Dias...**

Mais recentemente, com a introdução das novas tecnologias, há falta de professores qualificados e não existem edifícios adequados. Cada vez mais os planos curriculares tendem a ser alterados com vista a fazer face aos interesses da sociedade.

Quanto à sociologia, esta apareceu em 1838 com Auguste Comte<sup>25</sup> com o intuito de unificar todos os estudos relacionados com a humanidade. Esta vai sofrendo alterações ao longo dos tempos e só passa a ser considerada como disciplina na década de 80 no ensino secundário, mas também é nesta década que ocorreu a sua profissionalização. Além da preocupação com a economia política e mudanças sociais apropriadas, voltam também as preocupações em relação ao estudo da mulher, ao trabalhador rural, entre outros. A sociologia vai-se ramificando pelas várias áreas e

---

<sup>24</sup> Dados baseados em <http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm> consultado a 26-04-2011

<sup>25</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociologia> consultado a 06-05-2011

surge também a sociologia da educação, que estuda os processos sociais do ensino e da aprendizagem. Estes processos institucionais ou organizacionais nos quais a sociedade se baseia na promoção da educação e seus integrantes, como as relações sociais que marcam o desenvolvimento dos indivíduos.

A Sociologia da Educação é a vertente da Sociologia que estuda a realidade socioeducacional e os processos educacionais de socialização. Tem como fundadores Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Durkheim é o primeiro a ter uma Sociologia da Educação sistematizada em obras como Educação e Sociologia, A Evolução Pedagógica na França e Educação Moral”<sup>26</sup>.

Assim, o conceito educação, ligado à sociologia da educação é definido de várias formas por alguns autores existindo pontos de concordância e de divergência.

Carlos Rodrigues Brandão segue a mesma linha de Durkheim, mas com algumas diferenças, há tantos tipos de educação quantas forem as sociedades existentes “não há uma forma única nem um único modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja a melhor, o ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.”<sup>27</sup>

A educação pode variar consoante o tempo e o lugar em que se realiza e ao reconhecer-se as diferenças significa que existem diferentes sociedades e diferentes culturas.

Na perspectiva de Durkheim “independentemente do lugar e da época em que é realizada, a educação é o mesmo que socialização, e tem por objecto formar o ser social, isto é, tornar o ser egoísta que somos ao nascer em um indivíduo socialmente ajustado. Toda a criança deseja que o mundo seja seu... É através da educação que ela aprende a conviver em sociedade, reconhecendo o outro e incorporando como hábito imposições e exigências do meio social. Esse ser social é produto da coerção exercida pela sociedade que tende a moldar a criança à sua imagem.”<sup>28</sup>

Para Weber, a educação assenta em três tipos diferentes que são: a educação humanística, a educação especializada e a educação carismática. Weber entende como educação humanística, toda a educação que cultive um modo de vida que comporte atitudes e comportamentos de carácter mundano e religioso. A educação especializada resulta de um processo selectivo pela escola que tem a intenção de instruir o aluno para

---

<sup>26</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociologia\\_da\\_educac%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociologia_da_educac%C3%A7%C3%A3o) consultado a 06-05-2011

<sup>27</sup> SOUZA, João Valdir Alves, “Introdução à Sociologia da Educação”, Autentica, 2007, pag.72

<sup>28</sup> SOUZA, João Valdir Alves, “Introdução à Sociologia da Educação”, Autentica, 2007



que adquira uma utilidade prática com fins administrativos. A educação carismática é a educação típica do sacerdote, do guerreiro.<sup>29</sup>

Por outro lado, Marx concentrava a ideia de educação ligando-a com o trabalho.

David Justino, no seu livro “Difícil é Educá-los” refere que “educar é capacitar”...para “tornar as crianças, os jovens e os cidadãos em geral mais capazes de enfrentar os problemas do presente e, ao mesmo tempo, o que se prospectiva serem os problemas do futuro... através da aquisição de conhecimentos, do desenvolvimento de competências, da interiorização de valores e de condutas.”<sup>30</sup> Isto não significa que tenhamos que capacitar apenas os nossos alunos, mas todos os alunos que fazem parte da comunidade escolar. A diversidade cultural trazida pelos alunos provenientes de vários pontos do mundo é cada vez mais uma realidade nas escolas portuguesas e os responsáveis terão de estar aptos para ajudar na integração dos mesmos, informando-os sobre os hábitos, costumes, tradições. De certa maneira, estes terão de se adaptar minimamente ao nacionalismo<sup>31</sup> do país de acolhimento para melhor se integrarem, o que acaba por se tornar complicado e até o mais difícil.

No entanto, a busca pelo cumprimento e garantia desses direitos é marcada por lutas de carácter étnico, que se reflectem entre grupos de pares de diferentes etnias que ambicionam liderar determinado espaço e impor a outras “raças” a sua cultura.”<sup>32</sup> O que acaba por causar um mau estar social entre as diversas sociedades e mesmo entre os diferentes cidadãos.

Resumindo, é desta forma, que o carácter nacionalista coexiste na ideia de nação única e homogenia difunde as belezas e riquezas naturais do país, assim como, a escola assume a divulgação da ideologia nacionalista na perspectiva de produzir uma identidade que una a todos como um único povo-nação<sup>33</sup> prevenindo a gestão de conflitos entre os indivíduos.

---

<sup>29</sup> SOUZA, João Valdir Alves, “Introdução à Sociologia da Educação”, Autentica, 2007 (baseado)

<sup>30</sup> JUSTINO, David, “Difícil é Educá-los”, Fundação Francisco Manuel dos Santos

<sup>31</sup> O nacionalismo é um estado de consciência colectiva que afirma a particularidade, os privilégios e direitos específicos de um povo. Podem ser direitos linguísticos, administrativos, políticos, culturais, económicos, religiosos, ou todos juntos. É, ademais, um estado de ânimo colectivo que mobiliza ou tenta mobilizar um povo para a realização de seus anunciados direitos inalienáveis. GINER, Salvador, “*La modernización de la tribu: a modo de prólogo*”, In: GUIBERNAU, Montserrat, “*Los nacionalismos*” Barcelona: Ariel Editora, 1996.

<sup>32</sup> GINER, Salvador, “*La modernización de la tribu: a modo de prólogo*”, In: GUIBERNAU, Montserrat. “*Los nacionalismos*” Barcelona: Ariel Editora, 1996

<sup>33</sup> CHAUI, Marilena, “*Mito Fundador e Sociedade Autoritária*”, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000 (Coleção História do Povo Brasileiro)



### 3.1) Possíveis Soluções...

Na origem da educação intercultural encontra-se um quadro político-social atravessado pela intransigência, pelos nacionalismos, pela xenofobia e pelo racismo, deslocando-se da igualdade para a diferença, reivindicando-se em nome da maioria para a defesa das minorias.

A importância da identidade está muitas vezes associada à subida da xenofobia e do racismo, isto porque as identidades não só se constroem a partir de novas ancoragens – cariz étnico, religioso – como são vividas sobre uma forma de ameaça, americanização da cultura, perda de identidade nacional e exclusão social.

No entanto, a escola tenta procurar envolver-se numa nova batalha em que ela própria se define como encontro de culturas defendendo a diversidade cultural. Com isto, foram implementadas novas medidas como a educação bilingue, o reconhecimento da especificidade das culturas de forma a manter as diferenças e promove-las em nome de valores culturais próprios alargando o ensino para todos de culturas diferentes tornando-as parte integrante de um novo currículo, dando origem a uma igualdade homogénea.

Deste modo, a educação intercultural vai mais longe e define-se pela valorização daquilo que as “outras culturas” têm de específico e trazem de diferente à cultura escolar. Assim e em nome do relativismo cultural e da valorização das diferenças, houve necessidade de incentivar os alunos a dialogar entre culturas de forma a tornar os alunos “cidadãos do mundo”.

Mas as insuficiências e as objecções deste tipo de análises manifestam-se nos seus pressupostos anti-racistas, a começar pela utilização do conceito de “raça” em concepções e programas de acção que têm como intenção a tolerância intercultural e o combate ao racismo. Como foi citado na Constituição da República Portuguesa “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, raça, sexo, língua, instrução, religião, situação económica ou condição social”.<sup>34</sup>

De facto, uma cultura que se difunde a uma dimensão planetária dificilmente pode ser encarada como uma simples cultura, pois existem aspectos de carácter cultural

---

<sup>34</sup> VALENTIM, Joaquim, *“Escola, Igualdade e Diferença”*, Porto, Campo das Letras, 1997

mas também de dominação tecnológica e política, nos quais o próprio sistema de ensino cumpre um papel essencial.

A escola não pode deixar de proceder à construção de hierarquias baseadas em critérios de mérito, mas combinadas com outros – por exemplo, relacionais, de cooperação, de intervenção – onde seja garantida a expressão do direito à diferença, sem que esta ponha em causa as normas estabelecidas pela escola.

A estratégia da escola permanece basicamente idêntica: escolariza os alunos. Nos dias de hoje a escola embora em crise continua a servir para tudo resolver.

#### **4) Surgimento da Educação Ligada à Escola, à Cultura, à Sociedade e ao Emprego**

Como já foi referido anteriormente, Portugal não acompanha os restantes países da Europa e EUA na explosão escolar que teve lugar entre os anos 50 e 70 e que se traduz numa generalização do ensino secundário e numa enorme expansão do ensino superior.

Apesar da importância dada às questões da educação na primeira República não se registavam grandes avanços na escolarização.

Com o Estado Novo não houve grandes mudanças como estava programado, em termos de taxas de escolarização, de índices de analfabetismo e de gastos. Onde as coisas mudaram foi no plano ideológico contrariando as ideias dos liberais e dos republicanos que defendiam que sem educação não havia democracia nem desenvolvimento, no entanto para os salazaristas “nem a democracia, nem o desenvolvimento eram coisas positivas”<sup>35</sup>, uma vez que a própria política consistia num regime fechado, onde se debatia a ideia do “orgulhosamente sós” de Oliveira Salazar.

Nos anos 50, a escolaridade obrigatória era das mais curtas e a taxa de analfabetismo das mais altas comparativamente com o resto da Europa e EUA. Com a implementação da escolaridade obrigatória e mais tarde, com o passar dos anos, as taxas de escolarização foram crescendo em todos os níveis de ensino. Com estas mudanças

---

<sup>35</sup> VALENTIM, Joaquim, “*Escola, Igualdade e Diferença*”, Porto, Campo das Letras, 1997

começou a existir uma democratização do ensino e este passou a ser frequentado por indivíduos de todas as classes sociais.

A democratização da escola levou à modificação do público escolar o que gerou uma massificação e desvalorização dos diplomas escolares. O aumento progressivo da escolaridade obrigatória levou a um prolongamento dos estudos, uns por iniciativa própria, outros para tentar conquistar cargos mais representativos na sociedade.

Inicialmente a escola funcionava de forma a atribuir potencialidades aos alunos segundo os seus dons, ou seja, a escola direccionava-os para aquilo que eles tinham mais capacidade de fazer. Todavia, com as transformações que os sistemas de ensino sofreram foi necessário desenvolver as potencialidades dos alunos.

Deste modo, a escola deixou de se reger pelos dons dos alunos, para se reger pelos gostos, vocações, aptidões e referências culturais que os alunos demonstravam.

Assim, o ensino secundário mostrou-se disponível para a existência de uma variedade de vias de estudo, isto é, houve uma maior diversificação de áreas. O que veio tornar possível uma igualdade de oportunidades no desenvolvimento das capacidades de cada aluno, pois assim, alunos com aptidões diferentes tinham mais oportunidades de escolha mas ao mesmo também processos de exclusão interna pois as composições sociais dos alunos não são as mesmas nos cursos profissionais e nas vias de ensino regular, e mesmo nestas últimas também é possível encontrar algumas variações. Por exemplo, alunos que escolham as ciências sociais podem assim direccionar-se para esta mesma área.

As representações do funcionamento da escola acompanham as transformações anteriormente mencionadas, de tal modo que o modelo dos dons e o desenvolvimento da personalidade se constituem como modelos centrais. Isto é, a escola deve desenvolver medidas quer para os alunos provenientes dos meios desfavorecidos e com dificuldades de aprendizagem, quer para os que são designados como sobredotados.

Nas explicações pelos dons, a escola preserva uma função de selecção e de processos de sucesso e insucesso escolar. As suas representações sociais visam a integração do estranho no familiar, assegurando a sua função de legitimação das práticas sociais dos sujeitos, isto significa que as práticas sociais exercem um papel decisivo no aparecimento das transformações.

Como é de salientar, num trabalho elaborado por Mollo-Bouvier, as preocupações com a avaliação dos alunos conservam-se preponderantes, assim como, a referência às suas capacidades individuais, o aluno que à partida tem êxito deve-o ao meio onde se insere e às suas capacidades. Neste tipo de situações o papel da família também é importante e positivo desde que este ajude a reforçar a acção do professor, ou seja, desde que a família incentive o jovem a estudar e o aproxime das culturas e dos valores comuns a ambas as partes. Por exemplo, muitas vezes o “bom aluno” é aquele que se encaixa num perfil pré-definido pela escola, isto é, o “bom aluno” é o que “tem” e “é”, os alunos que “não têm” nem “são” são rotulados de “alunos difíceis” e com “carências”.

Os jovens ao chegarem á escola chegam em condições desiguais, mas esta possui um papel activo na determinação da sua trajectória escolar, na sua relação, orientação e avaliação, isto é, à entrada na escola as diferenças podem situar-se no domínio do cálculo, na linguística, na expressão corporal, nos valores e nos estilos de vida.

Desta forma, a escola deve desenvolver as diversas competências exigidas pela sociedade moderna. Contudo, a escola não deveria centrar-se tanto na selecção, na avaliação de competências curriculares, mas sim, com o desenvolvimento integral dos jovens.

O aumento do número de alunos nas últimas décadas pode ter pouca importância ao nível da qualidade e eficácia do sistema de ensino, ou seja, a produtividade do sistema de ensino pode não estar relacionada com a sua expansão e com o aumento constante de despesas na educação. São necessárias mais escolas com qualidade, com talentos ou centros de excelência plurais, escolas que não só “façam a diferença” como se constituam como pontos de referência e exemplos a seguir a partir de medidas referenciais plurais não só acantonadas à medida do mérito.

Deste modo, à medida que a qualidade e a eficácia se vêm sobrepondo à democratização, a igualdade vem também cedendo o lugar ao mérito, ou seja, para garantir a eficiência dos sistemas de ensino o mérito deverá ser um determinante decisivo na solicitação dos recursos impostos pela escola. A ideia é dar a todos o mesmo e depois dar mais do mesmo, mas não só ao que apresentam piores resultados

mas também aos que aproveitam e rentabilizam esse mesmo mérito. O mérito é que vai permitir ao aluno “competir” com os outros.

A ideia de democratização está ligada à estrutura funcional da escola e à estratégia de alargamento da base de recrutamento para garantir um elevado nível de qualificações para todos através das escolas. Todavia, isto é visto de duas formas, por um lado, a democracia e a igualdade baseado na igualdade de resultados. Por outro lado, o mérito e a elite centrados na qualidade.

Estamos perante um novo optimismo pautado pela convicção de que assegurar à população competências mínimas com elevados níveis de qualidade e escolas que promovam os talentos e o mérito são dois ingredientes fundamentais para garantir a competitividade económica, o combate ao desemprego e o desenvolvimento social.

A escola é também um espaço de produção cultural, onde as formas de transmissão da cultura profissional são marcadas por duas transformações dos espaços de transmissão de aprendizagens, primeiro no espaço familiar e depois no local de trabalho.

Quanto às políticas de formação, estas fazem cada vez mais parte integrante da estratégia das empresas e os empregadores esperam da escola uma função da educação geral, uma bagagem cultural básica e um conjunto de competências ditas transversais, procurando reservar para si a transmissão das aprendizagens específicas, a difusão e a produção de novos conhecimentos técnicos a ponto de montarem as suas próprias escolas e laboratórios de investigação.

Todavia, a debilidade das ligações educação – emprego, as próprias transformações no mundo do trabalho conduzem a um processo de vaporização das carreiras e dos empregos, em que cada vez mais é raro encontrar uma só profissão para toda a vida, este vem dando lugar a um vai e vem de trabalhos, formações e inúmeras ocupações temporárias e até ao voluntariado.

A escola é portanto “o terreno em que se defrontam as forças do progresso e as forças conservadoras. O que aí se passa reflecte quer a exploração, quer a luta contra a exploração.”<sup>36</sup> Georges Snyders é da opinião que a escola não cria situações de

---

<sup>36</sup> SNYDERS, Georges, “*École, classe et lutte de classes – Pédagogie D’aujourd’hui*”, Paris, Presses Universitaires de France, 1976.

desigualdade e as dificuldades dos alunos das classes desfavorecidas são a expressão das suas dificuldades gerais, provenientes da estrutura social onde estão inseridos.

Jean Claude Rouchy defende que se devem criar novas reformas educativas, mesmo que para isso se tenha de entrar em ruptura com as estruturas institucionais, pois só uma contra instituição pode gerar “conflito de grupos ou de organizações na instituição e em nome desta” e desmente “a conflitualidade social presente nas organizações, afastando-a.”<sup>37</sup> Isto não quer dizer que se tenha de propor mudanças na organização da situação educativa de forma a introduzir reformas mais liberais, mas sim, propor como ponto principal que se as instituições mudassem, seria possível mudar também a organização da educação, pois o que está instituído limita as conjecturas do que é estabelecido pela política.

A escola em Portugal tem vindo a sofrer várias reformas ao longo dos tempos, isto porque a escola e a educação estão dependentes das administrações políticas. Deste modo, cada vez que o país passa por eleições, como é o caso de momento<sup>38</sup>, as reformas políticas são reajustadas aos olhos de quem lhes está por detrás. Assim, o novo Governo<sup>39</sup> quer pôr em prática o exame de acesso à profissão e promete mudar as regras na elaboração dos exames nacionais, que passarão a ser feitos por uma entidade independente, os professores terão de realizar uma prova de avaliação de conhecimentos de acesso à profissão com o objectivo de seleccionar os mais bem preparados e vocacionados.

Os alunos podem contar com exames no final de cada ciclo, ou seja, 4º,6º e 9º anos com peso na avaliação final e com os exames nacionais no 11º e 12º anos.

Assim, vai-se criando uma certa instabilidade no que diz respeito à escola e à educação pelo facto de esta ser demasiado dependente das conjunturas políticas. Mas “se considerarmos uma sociedade com um certo nível de avanço técnico e económico, esta sociedade é capaz de produzir estruturas sociais e relações de produção diferentes em função das tradições educativas e culturais que existem nessa mesma sociedade.”<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> ROUCHY, Jean Claude, “*De l’analyse institutionnelle*”, Connexions, nº 6, France, 1973.

<sup>38</sup> Decorreram eleições antecipadas a 5 de Junho de 2011 para a eleição do novo primeiro-ministro. Com as novas eleições formou-se uma nova equipa governamental. Veio suceder á ex-ministra da educação, Isabel Alçada, o professor doutor Nuno Crato.

<sup>39</sup> Rádio Notícias TSF, “*Conheça as novas medidas no Ministério da Educação*” data de 28 de Junho de 2011 em [http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content\\_id=1891226&page=-1](http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=1891226&page=-1) Consultado a 18-07-2011

<sup>40</sup> LOBROT, Michel, “*Marxisme et éducation*” in *Inter-éducation*, nº 21, mai-juin, page 45-52, 1971.

Ou seja, a sociedade poderia ganhar alguma autonomia política conservando uma certa tradição educativa e cultural, mas sem impedir o desenvolvimento e o reajuste de novas medidas educacionais favoráveis á mesma.

Como diz o filósofo: “O verdadeiro objectivo da Educação não é meramente prover informação, mas o estímulo de uma consciência interna” (Al- Ghazali).

### **5) Sociografia da Escola Secundária D. Pedro V**

A escola secundária D. Pedro V entrou em funções no ano lectivo de 1969/1970, inicialmente conhecida como liceu D. Pedro V<sup>41</sup>, ficando situada na Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, na Estrada das Laranjeiras em Lisboa.

A escola foi construída neste espaço porque o terreno foi doado ao ministério da educação não só por razões circunstanciais e estruturais, mas porque os anos 60 foram anos de expansão da cidade de Lisboa. Com a expansão da cidade houve necessidade de se construir a escola que passou abranger todo o eixo que acompanha o comboio até á zona de Benfica. No final da década de 60, havia uma população jovem pronta a entrar para o ensino secundário, vinda da zona de Benfica, e que se deslocava para esta escola pois, não havendo mais nenhuma nas redondezas, esta chegou a ser a maior de Lisboa.

Apesar de ainda o país se encontrar em pleno regime, e escola foi construída para abranger toda a população, embora teoricamente, pois como era evidente só prosseguia estudos quem tivesse possibilidades económicas para tal, o que levava a que a escola fosse frequentada por uma espécie de elite.

Com a evolução do país, a escola chegou ao pico máximo da sua população, chegando a ter cerca de 5000 alunos nos anos 80, precisamente antes do ministério ter criado outras escolas. Nos anos 80 foram construídas a Escola Secundária de Benfica, a Gomes Ferreira e a Escola Secundária de Carnide, depois a Virgílio Ferreira, isto

---

<sup>41</sup> Ver em Anexo a Planta da Escola antes das obras concluídas em 2010

porque nessa década houve uma grande explosão e uma longuíssima massificação escolar.<sup>42</sup>

Contudo, com a situação histórica do país e a diminuição da natalidade, houve também uma diminuição da população escolar, pois os portugueses deixaram de ter tantos filhos e começaram a preocupar-se em manter os filhos na escola por mais tempo, não só pelo facto de lhes facultarem maior escolaridade, mas também devido às reformas sucessivas que o sistema educativo foi sofrendo. Até 2009 o ensino secundário era facultativo. A partir de então, na sequência da Lei n.º 85/2009 de 27 de Agosto, o sistema educativo sofreu mais uma reforma, alargando a escolaridade obrigatória do 9º para o 12º ano.<sup>43</sup> Embora a população escolar tenha diminuído, a Escola Secundária D. Pedro V, apesar de tudo, conseguiu manter até à actualidade uma certa estabilidade na quantidade de alunos.

Em relação aos cursos, a escola também acompanhou a evolução dos currículos e das reformas do ensino. Actualmente com os novos cursos profissionais e as chamadas novas oportunidades é evidente que existe uma maior diversidade de cursos e de experiências que os alunos podem aproveitar, pois, há uns anos atrás, não era possível pois os currículos eram iguais a nível nacional.

Deste modo, e devido a uma maior flexibilidade de ofertas, a Escola Secundária D. Pedro V introduziu no seu currículo o curso profissional de teatro (que existe já há muitos anos e já faz parte da tradição da escola) e mais recentemente (neste ano lectivo 2010/2011) introduziu o curso de cenografia. O curso profissional de informática também faz parte do currículo escolar, pois, cada vez mais esta é necessária no quotidiano de cada indivíduo.

Assim, os recursos humanos da Escola são constituídos pelos alunos do ensino básico (7º-9º ano), pelos alunos do ensino secundário (10º-12º ano) que se divide pelas seguintes áreas:

- Científico-Humanísticos, que se subdividem pelas Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades e Ciências Socioeconómicas.

---

<sup>42</sup> Dados baseados na entrevista realizada, à professora de História Isabel Almeida, docente da Escola D. Pedro V

<sup>43</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino\\_secund%C3%A1rio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino_secund%C3%A1rio) consultado a 08-04-2011



- Os Cursos Profissionais:
  - Teatro, que se subdivide pelas Artes do Espectáculo - Interpretação, e pelas Artes do Espectáculo – Cenografia, Figurinos e Adereços.
  - Música, que se subdivide pelo Instrumentista de Cordas e Teclas, e pelo Instrumentista de Sopro e Percussão.
  - Informática, que se subdivide pelo Técnico de Informática de Gestão e pelo Técnico de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos.
  - Multimédia – Técnico de Multimédia.
  - Turismo – Técnico de Turismo.
- Tecnológico de Desporto.

Existem ainda os cursos nocturnos do secundário realizados por módulos na área dos Científico-Humanísticos, os cursos de Educação e Formação de Adultos do nível básico, os cursos de Educação e Formação de Adultos do nível secundário e de habilitação escolar e os cursos de Educação e Formação de Adultos de nível 3 de formação.

Neste ano lectivo a escola é constituída por 1397 alunos abrangendo todas as áreas nomeadas anteriormente. Destes 1397 alunos, 83 são alunos estrangeiros inscritos em Português de Língua Não Materna (PLNM) para Adultos, não estando contabilizados os alunos das turmas de básico e secundário, os provenientes do Brasil e aqueles que já dominam bem o português. Desta forma, Contando com estes, o total é de 252 alunos estrangeiros.<sup>44</sup>

### I - Alunos do Ensino Básico e Secundário (Setembro 2010)

<b>Totais</b>	<b>Básico = 237 alunos</b>			
	<b>Regular = 213 alunos</b>			<b>EFA = 24 alunos</b>
	<b>7º Ano</b>	<b>8º Ano</b>	<b>9º Ano</b>	<b>B2+ 3</b>
<b>Nº de alunos</b>	78	77	58	24

<sup>44</sup> Escola Secundária D. Pedro V, “*Projecto Curricular de Escola 2009-2013*”  
[http://www.dpedrov.edu.pt/material/PCE2009\\_2013.pdf](http://www.dpedrov.edu.pt/material/PCE2009_2013.pdf) consultado a 20-04-2011

## A Escola e os Outros

Totais	Secundário = 1077 alunos										
	Regular Tecnológico = 99			Regular CH = 489			Recorrente = 91	Profissional = 254			EFA = 144
	10º Ano	11º Ano	12º Ano	10º Ano	11º Ano	12º Ano	Módulos	1º Ano	2º Ano	3º Ano	EFA sec
Nº alunos	58	24	17	198	173	118	91	129	70	55	144

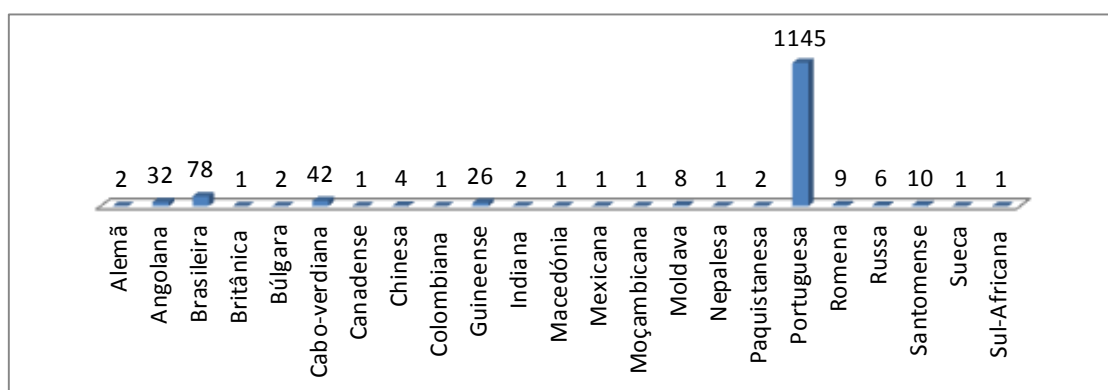
Fonte: Projecto Curricular de Escola 2009-2013 in Escola Secundária D. Pedro V

### II - Alunos Estrangeiros inscritos a PLNM-Adultos (Setembro de 2010)

Turma	Nº de alunos
1	18
2	17
3	24
4	24
<b>Total</b>	83

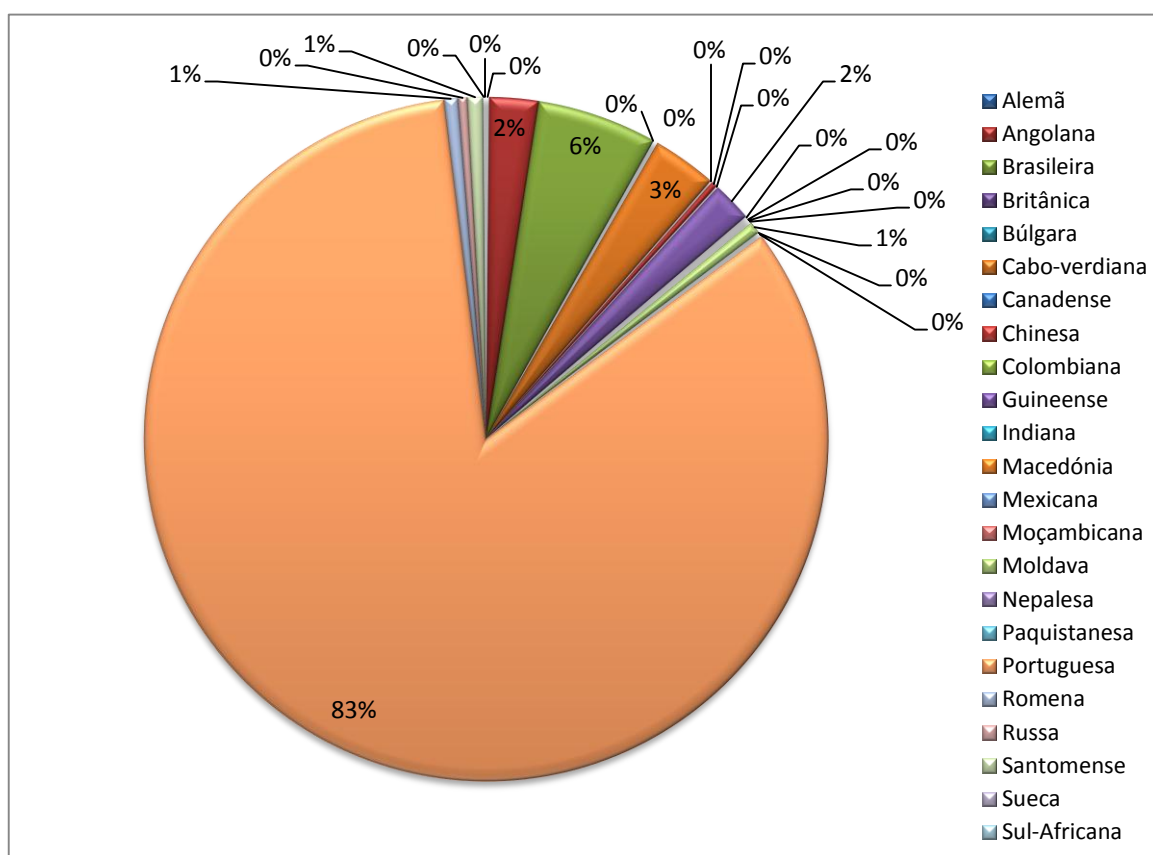
Fonte: Projecto Curricular de Escola 2009-2013 in Escola Secundária D. Pedro V

### III- Nacionalidade dos Alunos em Número Total



Fonte: Própria (Através da Lista dos Alunos Matriculados, data de 23 de Novembro de 2010)

### IV- Nacionalidade dos Alunos da Escola em Percentagem



Fonte: Própria (Através da Lista dos Alunos Matriculados, data de 23 de Novembro de 2010)

Fazendo ainda parte dos recursos humanos, o pessoal não docente, é composto pelos assistentes operacionais e os assistentes técnicos.

A escola é ainda constituída pelos órgãos de direcção, administração e gestão que são garantidos pelo Conselho Geral, Director, Conselho Administrativo e Conselho Pedagógico. O Director é o órgão de administração e gestão da escola nas áreas cultural, administrativa, financeira, patrimonial e pedagógica.

A organização pedagógica da escola está dividida por 12 secções. A primeira diz respeito ao departamento curricular que constitui a estrutura de apoio ao Director e Conselho Pedagógico a que compete difundir a colaboração entre os docentes dos grupos de recrutamento e áreas disciplinares da escola e garantir a articulação e gestão curricular.

Os departamentos curriculares são constituídos pela totalidade dos docentes que são distribuídos pelos mesmos consoante as áreas disciplinares que leccionam.

Assim, a constituição dos departamentos curriculares é a seguinte:

- Departamento de Ciências Sociais e Humanas, constituído pelos grupos de História (400), Filosofia (410), Geografia (420), Economia e Contabilidade (430) e Moral (EMRC-290).
- Departamento de Línguas, constituído pelos grupos de Português (300), Francês (320), Inglês (330), Alemão (340) e Espanhol (350).
- Departamento de Matemática e Ciências Experimentais, constituído pelos grupos de Matemática (500), Físico-Química (510), Biologia e Geologia (520), Electrónica (540) e Informática (550).
- Departamento de Expressões, constituído pelos grupos de Artes Visuais (600), Educação Física (620), Educação Tecnológica (530), Educação Especial (910) e disciplinas técnicas do curso profissional de Teatro (999).

A segunda secção é o Grupo de Docência que é a estrutura de apoio aos Departamentos curriculares para as questões específicas de cada disciplina ou especialidade. Fazem parte do Grupo de Docência 164 professores.

### V- Corpo Docente

Departamentos				
Línguas	Grupo	Escola	Contratado	Total
	300- Português	20	2	22
	320- Francês	1	3	4
	330- Inglês	10	1	11
	350- Espanhol	0	1	1
Ciências Sociais e Humanas	290- EMRC	0	1	1
	400- História	5	2	7
	410- Filosofia	7	3	10
	420- Geografia	7	1	8
	430- Economia e Contabilidade	6	0	6
Matemática e Ciências	500- Matemática	15	1	16
	510- Física e Química	8	5	13

## A Escola e os Outros

<b>Experimentais</b>	520- Biologia e Geologia	8	2	10
	540- Electrónica	-----	-----	-----
	550- Informática	15	3	18
<b>Expressões</b>	530- Educação Tecnológica	2	0	2
	600- Artes Visuais	5	2	7
	620- Educação Física	9	3	12
	910- Educação Especial	-----	-----	-----
	999- Técnicas Especiais	1	15	16
<b>Total</b>		119	45	164

Fonte: Projecto Curricular de Escola 2009-2013 in Escola Secundária D. Pedro V

A terceira secção diz respeito ao Conselho de Turma, estrutura de coordenação educativa e supervisão pedagógica responsável pelo acompanhamento e avaliação das actividades a desenvolver com os alunos de uma turma e garantir a articulação entre a escola e a família. O Conselho de Turma é constituído por todos os professores da turma, dois representantes dos encarregados de educação e um representante dos alunos.

A quarta diz respeito ao Director de Turma que é nomeado pelo Director da Escola.

O quinto, sexto, sétimo e oitavo dizem respeito ao Ensino Recorrente (nocturno), aos Cursos Profissionais, aos Cursos Tecnológicos e aos Cursos de Educação e Formação e são acompanhados por um coordenador com formação na área.

O nono diz respeito às tutorias, é designado pelo Director, um Professor Tutor que fica responsável pelo acompanhamento do processo educativo de um grupo de alunos, preferencialmente ao longo do seu percurso escolar.

A décima, décima-primeira e décima-segunda dizem respeito aos Serviços de Apoio Educativo que são constituídos pelo Núcleo de Ensino Especial e outros serviços organizados pela escola, no âmbito da acção social escolar, organização de salas de estudo e outras actividades, existe ainda a Biblioteca Escolar/ Centro de recursos Escolares, a Papelaria, a Reprografia, a Loja do Aluno, o Refeitório, o Bar, a Sala de Professores e a Portaria.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Escola Secundária D. Pedro V, “Regulamento Interno da Escola”  
[http://www.dpedrov.edu.pt/material/regulamento\\_Interno.pdf](http://www.dpedrov.edu.pt/material/regulamento_Interno.pdf) consultado a 23/10/2010

### 6) Um Estágio Interventivo na Escola Secundária D. Pedro V

Quando cheguei à Escola Secundária D. Pedro V<sup>46</sup>, pensava que ia encontrar uma escola organizada por gabinetes e técnicos, onde pudesse estar inserida num deles. Mas a escola é organizada por departamentos e os professores desempenham vários papéis, são professores, tutores, psicólogos...

A escola Secundária D. Pedro V situa-se na Freguesia de Nossa senhora de Fátima em Lisboa, aparentemente parece estar bem situada, mas a verdade é que tem à sua volta um bairro onde habitam pessoas das várias culturas e classes sociais, em frente depara-se com o terminal dos autocarros. Para se chegar à escola é necessário trocar de meio de transporte, pois não há nenhum directo e isto pode tornar-se perigoso, pois o autocarro que faz a ligação não passa com tanta frequência como os restantes.

O primeiro contacto que tive com o director foi em Maio de 2010, sendo este positivo, falamos um pouco do que pretendia, do meu projecto, da data de início do estágio e da necessidade de ter um coordenador para me orientar na escola. Em Setembro, entrei em contacto com o coordenador, e este colocou-me desde o início á vontade, falamos das minhas expectativas e do que pretendia com o estágio. No dia 20 de Setembro apresentei-me para partir á descoberta de uma nova realidade. Ia conhecer o outro lado da escola.

A escola funciona desde as 8:15 até às 23:45 e divide-se em dois turnos, o diurno e o nocturno. No regime diurno decorrem as aulas do 3º ciclo e secundário abrangendo os cursos profissionais. No regime nocturno decorrem as aulas dos EFA e do ensino recorrente.

As primeiras semanas até meses, passei pela fase de adaptação e reconhecimento do espaço, dos colegas, não só do departamento, e dos alunos. Li documentos sobre o regulamento interno da escola, o plano curricular e o projecto educativo 2009/2013.

Depois de ter lido estes documentos apercebi-me que o plano de estágio que tinha perspectivado não se enquadrava na escola, isto porque o plano de estágio inicial estava relacionado com o insucesso e abandono escolar e a escola tem como objectivo “implementar um referencial comum de leccionação e avaliação das aprendizagens,

---

<sup>46</sup> Ver em Anexo as Plantas dos Pavilhões da Escola (depois das obras)

mantendo a taxa de abandono escolar abaixo de 1% e a taxa de sucesso acima dos 85%.”<sup>47</sup>

Depois de me confrontar com a realidade da escola e ter assistido a aulas dos vários anos e turmas, tive necessidade de reestruturar o plano de estágio. Assim, o plano de estágio passou a estar relacionado com a integração/ inserção escolar dos alunos estrangeiros, isto porque existem bastantes alunos provenientes dos vários pontos do mundo, na sua totalidade são 274 como se pode ver no gráfico (IV- Nacionalidade dos Alunos em Número Total).

Da experiência que tive das aulas a que assisti, pude captar várias reacções vindas dos alunos. Nas turmas de secundário, os alunos, ao verem-me na sala, pensavam que era uma colega de turma que tinha chegado atrasada, só depois é que se aperceberam que era uma “professora” que estava a fazer um trabalho de observação. Nas turmas de básico, era vista como uma “professora nova” que estava a assistir à aula. Numa turma de 7º ano, fui vista como uma assistente social. Esta turma em particular ficou em alvoroço e geraram-se algumas confusões, tendo-me confrontado com questões do tipo “que faz aqui?”, “que disciplina vai leccionar?”. Constatei que esta é uma turma com alunos muito rebeldes, havia alunos sempre de pé, mudavam constantemente de lugar, e o professor teve de chamar várias vezes a atenção.

O contacto com os alunos e mesmo com os colegas aconteceu em simultâneo com as aulas a que ia assistir, mas a conquista da confiança por parte de ambos não foi imediata. Os alunos viam-me com uma certa estranheza, talvez porque parecesse muito jovem para ser professora. Aos olhos dos colegas fui vista de duas formas, por alguns era vista apenas como uma estagiária que veio destabilizar o sistema, por outros fui bem recebida e até demonstravam certa curiosidade em saber qual o papel de uma socióloga na escola.

À medida que o contacto foi sendo mais directo e constante, deixei de me sentir uma estranha e começaram a reconhecer-me como parte do corpo docente, mas isto foi mais evidente a partir do 2º período, talvez porque também mudei de atitude (passei a tratar os colegas como tal sem lhe atribuir títulos, afinal não eram meus professores).

---

<sup>47</sup> Escola Secundária D. Pedro V, “*Projecto Educativo 2009-2013*”  
[http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto\\_educativo.pdf](http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto_educativo.pdf) consultado a 06-07-2011

É interessante constatar que professores das várias áreas se revêem como um grupo e que existem afinidades entre si, apesar da sua heterogeneidade. Constatei também uma “maior abertura” para a aceitação do “estranho”, que neste caso seria eu. Depois de conquistar a confiança dos colegas teria de passar à fase seguinte, conquistar a confiança dos alunos. Esta foi facilitada pelo facto de andar sempre com os colegas e participar nos projectos (Turma mais, tutorias) de forma directa.

Esta foi uma fase muito importante, cheia de emoções e percepções a nível pessoal. Senti uma evolução, uma transição como se estivesse chegado o momento para passar de um nível para outro.

### **6.1) As Tutorias**

Com o início do 2º período comecei a trabalhar em parceria com uma colega, a seu próprio convite, nas tutorias na turma do 7º1. Este projecto teve início, a 6 de Janeiro de 2011 e incidia sobre um acompanhamento mais próximo dos alunos que se encontravam em situações mais complicadas. Nesta turma existem alunos com dificuldades de aprendizagem, organização e concentração, daí foi decidido trabalhar com eles 90 minutos por semana de forma a tentar ajudá-los a recuperar as notas e a criarem hábitos de estudo.

O grupo das tutorias era constituído por cinco alunos, duas raparigas e três rapazes, dois deles repetentes.

Nestas sessões foram abordados vários temas, desde o ambiente e problemas de relacionamento familiar, conflitos entre os colegas, falta de motivação e organização. Estas sessões eram também usadas para elaborar planos de estudo, saber como estavam a decorrer as aulas nas várias disciplinas e controlar quando tinham testes e as suas classificações. Os alunos podiam também aproveitar estas sessões para estudar e tirar dúvidas.

A primeira sessão foi aguardada com certa expectativa, isto porque os alunos escolhidos para trabalhar sobre este regime não eram propriamente os mais motivados nem os mais facilmente cativados, daí esta tarefa poder ser infrutífera. Da parte dos



Encarregados de Educação, a ideia foi muito bem acolhida, agradeceram bastante a disponibilidade para trabalhar com os filhos, mesmo sem perceber, por vezes muito bem, o que se fará nestes tempos de trabalho semanal. Se dúvidas existem? Existem e até eu e a minha colega as tivemos. “Como começar?”, foi a questão colocada, decidimos então, conhecer os jovens que tínhamos á nossa frente, não só conhecer os alunos mas conhecer também os indivíduos como um todo. Estávamos a caminhar sobre terreno estranho, desconhecido, estrangeiro embora “o estrangeiro, contudo, é também um elemento do grupo, não mais diferente que os outros e, ao mesmo tempo, distinto do que consideramos como o “inimigo interno””<sup>48</sup>.

Então começamos por conhecer os elementos do nosso grupo de trabalho:

A C. vinha da linha de Sintra e já era repetente. Veio para a escola secundária D. Pedro V porque a sua mãe trabalhava relativamente perto da escola. A C. era uma adolescente de 14 anos que os professores viam como “vazia” muito preocupada com a aparência e pouco mais, no entanto, preocupados, pois não acreditam que a aluna tivesse motivação, hábitos de trabalho e até capacidade para ultrapassar as dificuldades que foi evidenciando. Para além disto, não tinha por hábito fazer os trabalhos de casa e tinha faltas de material e faltas de presença injustificadas.

Contudo, a C. foi talvez a aluna que melhor aceitou a tutoria: desde o início que se sentiu à vontade no grupo e, falava não só do que se passava na escola, mas também do que sentia em relação à sua família, especialmente a mãe (com quem vive) e o pai, que raramente via e que frequentemente era alvo da sua raiva.

A I. não compareceu na primeira sessão, embora tenha ficado bem claro na aula de Inglês (que antecede a sessão de tutoria) quem eram os alunos que a deveriam frequentar, onde e a que horas. Também não avisou ninguém do motivo pelo qual não viria. Não era repetente, mas era das alunas que mais negativas tinha na turma; refira-se a título de exemplo na disciplina de Inglês, tal como em outras, era comum entregar testes em branco, não fazia os trabalhos de casa, não cooperava nas tarefas propostas e era extremamente arrogante e mal-educada para os colegas e professores. No início do segundo período, parecia estar um pouco empenhada em mudar de atitude mas tinha lacunas ao nível dos conteúdos que pareciam difíceis de preencher.

---

<sup>48</sup> SIMMEL, Georg, “ *O Estrangeiro* ”, RBSE, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005, ISSN 1676-8965, pag 265

O J., pelo que me apercebi, era um miúdo que precisava de atenção e necessitava de falar. Enquanto ia com a colega o J. começou logo a falar comigo, a contar “coisas” sobre a sua vida, sem me “conhecer”. Falou que tinha nascido em França, mas que aos oito meses veio para Portugal e ficou ao encargo dos avôs. Na tutoria continuou a falar connosco, informou que teria de mudar a hora da explicação para poder vir às sessões.

O M. ficou mais na dele, sem falar muito apenas observou e ouviu o que se iria fazer nestas sessões e não fez grandes comentários.

O C. apareceu à primeira tutoria e, depois de se explicar o que se faria na mesma, não aceitou de bom grado a ideia, comentando “vou daqui para o metro e o que se passa em casa fica em casa, está tudo bem”.

Estes alunos, de certa forma, formavam um grupo, uma pequena comunidade, com problemas e “objectivos” semelhantes, mas diferentes dos restantes elementos da turma. Enquanto os restantes elementos da turma faziam por prestar atenção às aulas, não as perturbar e não faltavam para chegar ao fim e transitar de ano, estes não estavam muito preocupados com o que viria a seguir. Contudo, estas atitudes vão ajudar a construir a identidade destes alunos pois “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras influenciadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”<sup>49</sup>, algo que nem sempre foi observado por este grupo de alunos.

À medida que o tempo foi passando, estes alunos foram-se dispersando vindo às sessões de forma intercalada. A I. foi a única que veio a todas as sessões até ao fim do 2º período, mas no 3º dispersou por completo, influenciada pela C. com quem “passou a andar” até ao fim das aulas.

Concluimos que apesar do esforço feito por ambas, o resultado não foi o esperado, pois apenas conseguimos “recuperar” o M. o C. e o J. ficando os restantes retidos. Numa próxima oportunidade este trabalho deve começar o mais cedo possível de forma, a que este faça parte da rotina dos alunos.

---

<sup>49</sup> BAUMAN, Zygmunt, “*Liquid modernity*”, Polity Press, Oxford, England, 2005

### 6.2) Aula de Psicologia

Num dos dias em que estava à conversa com o coordenador sobre o trabalho que tinha desempenhado, uma colega que estava por perto e se apercebeu da mesma, propôs-me um desafio: organizar uma aula onde iria desempenhar o papel de professora. Aceitei de imediato e com bastante entusiasmo. Esta aula deu-se na disciplina de psicologia, onde tive a oportunidade de relacionar alguns conceitos da área da sociologia, uma vez que os temas a debater foram os “contextos de existência dos indivíduos”, as “inter-relações entre os contextos” e “a identidade”.

Preparei as sessões e quando cheguei à sala de aula senti uma inquietude, afinal era a primeira vez que estava “na pele” de um professor. A colega apresentou-me à turma, eram alunos de 12º ano, comecei por fazer algumas perguntas introdutórias do tipo “Sabem o que é a Sociologia?”, “o que estuda?”, “para que serve?”

As respostas obtidas foram variadas, escutei respostas do tipo “ a sociologia é uma ciência que estuda as relações sociais.”, “serve para analisar problemas”. “É uma ciência do senso comum que estuda a sociedade e o que nela se passa.” A estas respostas esclareci algumas dúvidas, começando por explicar a um aluno que nenhuma ciência é senso comum pois o senso comum tem como base o reconhecimento hermenêutico da inevitável pertença a um contexto social, a uma tradição. Ou seja, pressupõe o provável e não o provado, o hipotético, e não, o certo, evidente, isto quer dizer que o valor das interpretações deixa de se fundamentar numa concepção lógica. A sociologia como qualquer outra ciência baseia-se em factos. Depois desta explicação os alunos pareceram-me mais elucidados.

De seguida, comecei a expor a matéria. Tinha pensado em fazer algo como na faculdade, fazer uma exposição da matéria abrangendo apenas os pontos mais relevantes. Mas pela expressão de admiração dos alunos, logo me apercebi que esta forma de funcionamento não seria a mais adequada, pois estes alunos estavam habituados a participar nas aulas, decidi então em consenso com a colega, fazer o contrário. Ou seja, os alunos passaram a ler a matéria pelo manual e de seguida eu explicava por outras palavras o que se tinha lido, recorrendo também a exemplos do quotidiano para a compreensão ser mais perceptível.

Ao longo da minha exposição a colega também interveio para me sentir mais à vontade e não me perder no raciocínio. Os documentos que serviram de suporte para as aulas foram resumos da matéria, o manual da disciplina, um dicionário de sociologia e a exposição de um quadro que representava as diferenças e semelhanças entre a sociologia e a psicologia. No final das exposições, despedia-me dos alunos, e, na última sessão, questionaram porque não iria fazer mais sessões com eles. Ao qual disse, não ser possível porque precisavam terminar o programa pois tinham exame nacional no fim do ano.

A nível pessoal foi uma experiência onde pude pôr à prova a minha “timidez” ou não, isto porque o discurso com os alunos surgia naturalmente e não senti grande nervosismo como quando tinha apresentações de trabalhos na faculdade. Apercebi-me que consegui estar bastante “à vontade” perante um público, de certa forma desconhecido, pois apenas os conhecia dos corredores da escola.

### **6.3) O Projecto “Turma Mais”**

O projecto “Turma Mais” teve início a 10 de Março de 2011, e surgiu porque houve necessidade de nas turmas do básico serem retirados os alunos que destabilizavam o decorrer normal das aulas, que tinham problemas de comportamento, faltas disciplinares, bastantes negativas e na maior parte deles repetentes no próprio ano ou em anos anteriores. A sua continuação nas turmas de origem, iria levar a um aumento das reprovações pois não havia concentração na sala de aulas quer por parte dos alunos quer pelos próprios professores, uma vez que a confusão que se instalava chegava a ser insuportável.

Este projecto era constituído por três turmas correspondentes ao 7º, 8º e 9º anos, onde se encontravam os alunos “mais rebeldes”<sup>50</sup>. Esta turma tinha um horário composto pelas mesmas disciplinas como tinham na turma de origem, e as aulas decorriam como “aulas normais” mas com um grau de exigência menos elevado.

---

<sup>50</sup> Entenda-se por “mais rebeldes” os alunos oriundos de famílias desestruturadas, carências afectivas, tráfico de drogas e problemas judiciais.

A minha função era trabalhar com os alunos a parte das estruturas familiares, os contextos sociais que os envolviam, etc.

Durante as sessões abordei com eles as estruturas familiares, onde os alunos tiveram oportunidade de falar sobre como eram constituídas as suas famílias. Falaram de quantos eram em casa, se os pais estavam separados ou não, se tinham irmãos e sobre o que gostariam de ser quando crescessem. Elaboraram um pequeno texto abordando os contextos mais próximos onde falaram sobre a família, a escola e os colegas, analisaram o texto para analisarem as representações que tinham sobre si próprios. Os alunos do 7+ eram os “mais rebeldes” e acabavam por faltar às aulas para ficar ao portão da escola a importunarem quem se dirigia para a mesma e quando apareciam nas aulas não faziam nada. O resultado final do projecto nesta turma foi um fracasso. Nas turmas do 8+ e do 9+ o resultado final foi bastante positivo e a maioria dos alunos conseguiu subir as notas, pois segundo os mesmos “por sermos poucos alunos aprendemos mais”, “é muito melhor”, “os professores têm mais tempo disponível para nós”, “consequimos tirar as dúvidas”, “na turma de origem nem sequer nos davam atenção, era como se não estivéssemos lá” “éramos vistos como estranhos”<sup>51</sup>.

Esta foi mais uma experiência diferente, por um lado, presenciei situações que nem imaginava serem possíveis de existir numa sala de aulas, por exemplo, os alunos não quererem trabalhar e após serem chamados atenção saírem porta fora, sem se preocuparem com as consequências, ou simplesmente recusarem-se a sair quando eram convidados a tal.... Por outro lado, noutras situações as aulas decorreram normalmente sem grandes percalços. Estas vivências ajudaram-me a crescer não só enquanto pessoa, mas também a nível profissional. Aprender a lidar com os jovens que se encontram em idades complicadas, que têm falta de apoio por parte da estrutura familiar e tentam encontra-la na escola, era uma realidade ambígua para mim.

No meu ponto de vista, confrontar o “ouvir falar” com o “presenciar” é o mesmo que estar a falar de “dois mundos díspares”, pois a realidade, como é o caso, é, muitas vezes, diferente.

---

<sup>51</sup> Informações passadas pelos alunos no contexto de sala de aula

Contudo, apesar destas actividades, também participei noutras, mas com menos durabilidade. Acompanhei colegas em visitas de estudo e saídas de campo. A saída de campo, na qual participei, realizou-se a 12 de Novembro de 2010 na turma do 11º e tinha como objectivo observar os espaços que envolviam a escola e a observação dos alunos (por minha parte) fora do contexto de sala de aula, da qual conclui que a maneira de se estar é diferente, fora da sala há um maior à vontade com o professor. A visita de estudo foi realizada com a turma 9º 2 numa visita à FIL, onde decorreu entre 9-11 de Dezembro de 2010 o Euro Skills – Campeonato Europeu das Profissões. O objectivo principal desta visita era mostrar aos nossos alunos, outras possíveis saídas para as suas vidas profissionais. Participei no dia da Escola Aberta onde se divulgaram os cursos profissionais para o ano seguinte e participei também no peddy-paper do dia do básico que decorreu a 8 de Junho de 2011. Neste dia os alunos do 3º ciclo não tiveram aulas, mas tinham de comparecer para realizar as actividades mencionadas no peddy-paper, que tinham como objectivo testar os conhecimentos adquiridos ao longo do presente ano lectivo.

O que ficou um pouco aquém do esperado, foi o contacto com os alunos estrangeiros. Os contactos estabelecidos com os mesmos aconteceram através das aulas a que assisti e através das entrevistas que lhes realizei. No entanto pude observar que estes alunos tinham objectivos mais delineados do que os “nossos”, concentravam-se em espaços como a sala de estar, junto ao bar e conviviam mais entre si, onde às vezes estavam a estudar ou a fazer exercícios. Os nossos concentravam-se mais junto do campo de futebol, junto dos matraquilhos ou vinham passar os intervalos junto do parque escolar.

### **6.4) O Papel dos Professores**

O impacto do industrialismo veio revolucionar a produção afectando a vida quotidiana em vários aspectos, bem como influenciar o carácter global da interacção humana com o meio envolvente. “Um dos traços principais das implicações globalizantes do industrialismo é a difusão mundial das tecnologias. Muitas combinações do moderno e do tradicional podem ser encontradas em cenários sociais

concretos.”<sup>52</sup> Isto pode ser visível nas instituições ditas modernas, pois a sua natureza está profundamente ligada aos mecanismos de confiança em sistemas abstractos, uma vez que o futuro está sempre aberto, à flexibilidade do conhecimento em relação ao qual as práticas sociais são organizadas. Exemplo destas situações são as instituições escolares, que têm de se adaptar às novas modernidades, por isso, o papel dos professores tem vindo a sofrer alterações à medida que os tempos vão mudando.

Se antes o professor detinha “todo” o conhecimento e apenas o expunha para os seus alunos, actualmente, o professor, para além de expor o conhecimento adquirido, deve repassá-lo de forma, a que os alunos possam reflectir e construir uma visão crítica dos conteúdos.

Hoje, o professor tem como dever ensinar os alunos a questionar, a pensar, a ler a nossa realidade, para que possam construir as suas próprias opiniões. O professor para ser bem-sucedido na sua missão tem de acreditar e gostar do que faz e demonstrá-lo dentro da sala de aulas, através de gestos, de acções, como pude presenciar em algumas aulas que fui assistindo ao longo do estágio. Os professores com quem estive em contacto mais directo ensinavam os alunos a reflectir e reflectiam com eles, ajudavam-nos a chegar ao objectivo pretendido.

Nas aulas a que pude assistir os professores não usavam o tradicional monólogo e abriam-se às expectativas dos estudantes e estes em contrapartida tiveram de se sujeitar a uma regularidade na sua presença e no seu trabalho (algo que nem sempre foi observado).

O professor é visto como um representante da sociedade, já que actua em nome do Estado, daí ter de assumir legitimamente, segundo Durkheim, uma posição de autoridade relativamente ao aluno, ou seja, as relações que o professor sustenta com o aluno submetem-no à sua acção: o aluno “está naturalmente num estado de passividade completamente comparável àquele em que o hipnotizado se encontra colocado artificialmente. A influência que o professor tem naturalmente sobre o aluno, na sequência da superioridade da sua experiência e da sua cultura, dará naturalmente à sua acção a força eficaz que lhe é necessária.”<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> GIDDENS, Anthony, *“As consequências da modernidade”*, UESP Fundação, 1991

<sup>53</sup> DURKHEIM, Émile, *“Educação e Sociedade”*, edições 70, 2009

A relação entre o professor e o aluno depende um do outro e assim “os dois devem crescer e caminhar juntos” e é nessa relação que o professor deve ensinar ao aluno que a aprendizagem não ocorre apenas na sala de aula. Deste modo, o aluno estimula a sua vontade de aprender, colocando questões e criticando de forma fundamentada a realidade que o rodeia.

### **VI. Um Estudo Exploratório**

#### **1) Estratégia Metodológica**

Este trabalho exploratório pretendeu compreender as dinâmicas da integração dos alunos num novo contexto escolar e social, por esta razão optou-se por uma análise qualitativa, cujo objectivo é obter informações até então pouco conhecidas, sobre as trajectórias de vida dos alunos oriundos de outros países. Os retratos que vão ser expostos expressam as mudanças e os obstáculos que os alunos e mesmo os encarregados de educação tiveram de ultrapassar ao chegar a um país diferente. Estes alunos são confrontados com uma nova cultura, uma nova língua e tradições diferentes das que estavam acostumados. Isso traduz-se na construção social cujas fronteiras tendem a ser permeáveis transformando as normas sociais e culturais nas trajectórias biográficas. É por esta razão que a escolha de enfoque biográfico é pertinente. É através deste enfoque biográfico que se pode conseguir ilustrar as várias dimensões associadas á integração num novo contexto escolar e social. Esta técnica “permite recolher testemunhos, elucida-los e descrever testemunhos vividos”.<sup>54</sup> As entrevistas biográficas permitem desenhar o modelo baseado na ideia de que as acções sociais são também acções individuais dotadas de subjectividade. As entrevistas realizadas aos alunos foram realizadas como histórias de vida práticas que permitiram esclarecer as estruturas sociais e as suas condições de vida num determinado tempo e espaço. Estas entrevistas biográficas funcionam como inquérito mas onde se pode aprofundar os temas pretendidos, são entrevistas do tipo não estatístico permitindo perceber o sentido e o seguimento das informações obtidas.

---

<sup>54</sup> POIRIER, Jean et al, “*Histórias de Vida*”, Oeiras, Ed. Celta, 1999



No entanto, corre-se o risco de se produzir informações insignificantes, derivadas de perguntas que condicionam respostas consensuais por parte dos entrevistados, “é uma possibilidade que não podemos colocar de parte”.<sup>55</sup> Deste modo, optei pela utilização de entrevistas semi-directivas, para chegar ao significado das vivências e trajectórias de vida dos alunos estrangeiros através de histórias de vida. Esta metodologia pode fornecer informação importante sobre as suas trajectórias de vida mas para que tal ocorra é necessário haver uma boa relação entre o entrevistador e o entrevistado, deste modo, o entrevistador tem de demonstrar todo o interesse, simpatia e compreensão pelo que os entrevistados estão a expor, pois no fundo, naquele momento o entrevistador é visto como o seu “confidente”.

Foram então, realizadas dez entrevistas, tendo como referencia alunos oriundos de outros países e frequentadores da disciplina de PLNM (português de língua não materna).

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento dos entrevistados, para haver maior fidelidade e não haver “fugas de informação”. O agendamento das entrevistas foi feito no início ou fim das aulas, após obter informação sobre os alunos que poderiam fazer parte do estudo. Os alunos que participaram do estudo foram alunos que se encontravam no 9º e 10º ano, isto porque estes alunos já se encontravam numa idade acima dos 14, 15 anos e encontravam-se no fim ou no início de um novo ciclo de estudos. Esta escolha foi feita também com o intuito de perceber quais as expectativas que estes alunos tinham em relação ao seu futuro.

A análise das entrevistas foi realizada em duas fases, através de uma análise estrutural, onde se procedeu a uma sinopse das mesmas e através da análise temática que se constituiu numa análise de conteúdo. Estas técnicas de tratamento de dados permitem “a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo da informação recolhida mas também permitem fazer inferências válidas dos dados obtidos nos discursos e permitem tratar o material recolhido nos estudos de histórias de vida em que o investigador não parte de uma hipótese, reúne os dados de forma controlada e sistemática que depois organiza e classifica”.<sup>56</sup> Isto é, procurou-se elaborar parâmetros de análise que permitiram descodificar os discursos obtidos no corpo das entrevistas e

---

<sup>55</sup> HILL, M. M. Hill A, “*Investigação por Questionário*”, Lisboa, Ed. Sílabo, 2000

<sup>56</sup> SILVA, José, “*Metodologia das Ciências Sociais*”, Ed. Afrontamento, 1986

os resultados passaram a ser interpretados e apresentados como conclusões ancoradas numa base conceptual.

As primeiras entrevistas foram realizadas numa sala de aula porque o departamento estava ocupado. A primeira entrevista foi realizada a uma aluna que tinha bastante dificuldade em se expressar, ela própria referiu que era tímida e que tinha vergonha de falar porque não falava correctamente português. As respostas obtidas eram respostas de sim, não ou talvez, pois a aluna não se expressava e para conseguir obter mais informação foi necessário insistir nas questões colocando-as de outra forma. As restantes entrevistas correram melhor, pois os outros alunos encontravam-se mais predispostos a colaborar, alguns movidos pela curiosidade que tinham em saber em que consistia o meu estudo.

As entrevistas normalmente foram realizadas no departamento de ciências sociais e humanas, só quando este estava ocupado é que se ocupava outro espaço. Duas entrevistas foram interrompidas por colegas pois estes nem se tinham apercebido de que estava a gravar a entrevista. Teve de remarcar três entrevistas pela segunda vez, porque os alunos se esqueceram e num outro caso porque o aluno tinha ido viajar.

Para conquistar a confiança dos alunos fui assistir a algumas aulas e no final conversava com eles sobre o tema debatido na aula, quando me cruzava com eles pelos corredores da escola conversava com eles o que acabou por facilitar o seguimento do meu trabalho.

Passando para a análise de conteúdo, segundo Bardin, a análise de conteúdo possui duas funções: “uma função heurística em que a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória e aumenta a propensão à descoberta e possui também uma função de administração de prova que no fundo é uma análise para servir de prova”.<sup>57</sup>

Deste modo, estas duas funções interagem reforçando-se mutuamente, neste tipo de análise não existe um ponto a investir.

Quanto à análise estrutural esta não se trabalha apenas com base na classificação dos signos ou das significações mas sim sobre o arranjo dos diferentes itens de forma a tentar descobrir as constantes relações que organizam esses mesmos itens e quais as relações existentes entre si.

---

<sup>57</sup> BARDIN, Laurence, “*Análise de Conteúdo*”, Lisboa, Edições 70, 1997

### 2) Análise dos Resultados

Antes de passar á análise na íntegra das entrevistas pôde-se verificar que os alunos mobilizaram recursos para contrariar as adversidades encontradas em Portugal. Neste sentido os alunos referem a família e mesmo alguns professores como base de ajuda na ultrapassagem dessas adversidades.

O relato dos alunos sobre o ciclo de amizades reduz-se a colegas de turma e da mesma nacionalidade. (*“Os amigos que eu tenho aqui são só Cabo-verdianos, não tenho nenhuns amigos portugueses assim...”* E2; L54, 55) Ou então, andam com colegas estrangeiros uma vez que também o são. (*“A minha turma é só estrangeiros”*. E) Estas informações surgem porque inicialmente existem algumas dificuldades de os alunos se integrarem num novo contexto social e escolar, numa nova cultura. Mas como diz Willis (1977:23) “é impossível formar uma cultura distinta, sozinho. Não se pode gerar diversão, atmosfera e identidade social sozinho. Juntar-se á cultura contra-escolar significa juntar-se a um grupo”.

Através dos relatos das entrevistas percebi que os alunos têm percepções diferentes quanto ao contexto escolar do país de origem e ao contexto escolar do país de acolhimento. Os alunos oriundos dos PALOP e os alunos brasileiros têm uma percepção positiva acerca do funcionamento da escola portuguesa e das aulas em comparação com a escola do seu país de origem. (*“Retardado, o que é básico aqui, lá é o ponto principal, não sei como explicar. Por exemplo, a matéria do primeiro período é capaz de dar para todo o ano lá.”* E5; L133-135), (*...Os alunos se quiserem prestar atenção, prestam atenção, se não quiserem, os professores não querem saber, não estão nem aí.* E7; L112, 113), (*No ensino, Portugal tem uma vantagem muito grande, porque nós brasileiros em geral posso estar a falar por mim, eu por mim prefiro Portugal, porque, um aluno que está lá dentro do Brasil e tem o ensino numa escola pública, como essa, como a nossa não tem um ensino igual a essa escola. Essa escola se estivesse no Brasil ganhava de 10 a 0... Mas assim o ensino aqui é muito bom, gosto daqui.* E7; L107-111, L114). Enquanto os alunos oriundos dos países de leste têm uma ideia completamente oposta, nos seus discursos é frequente nomearem falta de rigorosidade e o elevado facilitismo no ensino em Portugal. (*“Portugal facilita imenso é uma facilidade enorme de estudos, lá tudo é exigente por exemplo aqui começa química ou biologia no...*

*biologia nesse caso começa no 10º, biologia é mais fácil para nós, começamos no 3º ano...*” E3; L235-239), (*“O ensino aqui é mais facilitado do que lá, pensei que fosse uma coisa parecida mas não é muito mais facilitado aqui.”* E10; L260, 261).

A origem da família dos alunos também assume importância pois nota-se que todos eles têm um grande de estudos completo, até aos pais com um grau mais baixo de estudos encontra-se na entrevista 2 (*“4ª Classe [mãe], 4ª classe [pai] ... Pedreiro... Doméstica – trabalha num restaurante... [o pai imigrou] há 8 anos por aí, [a mãe] veio mais tarde...”* E2; L11, 13, 15, 17, 18, 26).

Nos discursos dos alunos estes fazem referência à importância que os pais lhes passam em relação ao prosseguimento de estudos, para terem condições de vida melhores que as deles.

Os motivos da emigração são basicamente os mesmos em todas as entrevistas, vieram em busca de melhores condições de vida e de melhorar as condições financeiras. (*“Vieram para ter melhores condições de vida para os filhos, a minha irmã tem problemas do coração e já veio tratar aqui.”* E2; L48, 49), (*“Financeiros, tentar arranjar melhores condições de vida e trabalho. ...Davam a possibilidade de legalização das pessoas cá.”* E10; L45, 46, 48, 49).

Na entrevista 7 o motivo da emigração foi o casamento da mãe com um português e na entrevista 9 o motivo da imigração foi diferente, o aluno veio para Portugal porque veio para dançar ballet e flamengo, embora depois não tenha seguido esse rumo. Gostava de dançar ballet. (*“O motivo foi assim, eu fazia ballet e flamengo no México. E como dizia a professora do conservatório era suposto vir cá dançar só que quando cheguei ao conservatório perguntaram-me se era aquilo que eu queria fazer para o resto da minha vida e eu respondi que não.”* E9; L44, L48-51).

Outro ponto importante a referir são as dificuldades e obstáculos que os alunos entrevistados sentiram ao chegarem a um novo país e a uma nova escola. Nos seus relatos é muitas vezes nomeada a língua como principal factor de entrave à comunicação e à integração. (*“Tive! Tive muita dificuldade. Eu quando cheguei cá, a minha mãe pôs-me numa escola particular, porque numa escola normal não me adaptava (risos) e mesmo assim na escola particular era muito complicado porque eu não percebia nada e logo à primeira aula que eu fui eu só conseguia dizer “olá”, “bom-dia” (risos), essas coisas básicas eu sabia, o resto eu não sabia, eu não*

*conseguia perceber nada, então a professora sempre exigia imenso, estava sentada ao pé de mim, a fazer-me desenhos, imagine-se se eu andasse numa escola privada (pública) ninguém me fazia isso, pois não, numa escola pública.” E3; L90-98), (“...Agora quando cheguei aqui dos Açores, Portugal Continental eu senti um choque, um pequeno choque senti as pessoas aqui são mais frias e pronto. Não tive muita dificuldade, gostei muito da companhia e dos amigos, foram muito, muito “quentes vá” mas quando mudei dos Açores para Lisboa foi mais complicado. As pessoas são mais frias, é mais difícil para nos enquadrarmos. Nos Açores não é, o primeiro obstáculo, primeiro foi a língua e compreender o que os outros queriam dizer e obstáculos... Mais, foi especialmente a língua. E8; L57,58, L73-75, L77, L143-145).*

Sentimentos de inadequação á nova vida também foram expressados nas entrevistas. (*“Tive, eu passei 4 meses a chorar, que não queria ficar aqui, que queria voltar para Goiana e isso. Aí ela disse que com o tempo ia acostumar. Ela até me ia mandar de volta embora. Aí eu entrei na escola, foi um bocadinho difícil, chumbei um ano agora estou a fazer de novo, foi difícil habituar. Eu quando cheguei cá não gostei muito de vir para a escola não, porque sei lá, eu falava “ o que é que eu vou fazer na escola, se eu não me dou bem com as pessoas são todos portugueses? Que é que eu vou fazer lá, são pessoas diferentes” e eu me sentia mal por vir para a escola. Porque eu falava, “eu não sou um deles,” eu me sentia mal de vir para a escola e eu não gostava de vir para a escola.” E4; L100-104, L221-226).*

As condições e os estilos de vida também sofreram alterações com a vinda para Portugal em alguns casos. (*“É mais cansativo do que em Cabo-Verde, aqui a gente passa quase o dia todo na escola, aí (Cabo-Verde) era uma parte da manhã até ao meio-dia, ou do meio-dia até às sete, isto lá.” E1; L183-185), (“É, é diferente, aqui eu tenho que levantar cedo e ir para a escola e ficar até tarde, tenho de chegar em casa fazer o jantar, arrumar tudo dormir de novo para o outro dia levantar e vir para a escola sair mais um dia tarde e no Brasil não. ...aqui não, aqui só fico dentro de casa.” E4; L247-254), (“Por parte de aprender a viver longe dos pais, porque agora só estamos nós adolescentes em casa. Nem o encarregado está em casa, cada um é responsável por si, acho que deu para amadurecer mais, ser mais responsável...” E5; L157).*

Quanto aos apoios recebidos, estes receberam vários tipos de apoios, apoios por parte da família, pais, dos patrões dos pais, dos professores dos colegas de turma, da

escola para melhor se adaptarem à nova realidade, à nova vida. (*“Recebi os da minha mãe, o da patroa dela que a informou desta escola para eu vir para cá estudar...”* E1; L220-

222), (*“Sim, apoio, tenho apoio de inglês...”* E2; L184), (*“Professores, professores, tive ajuda no ensino, se ofereceram para ficar na escola para ajudar na matéria na parte que não entendia. Os amigos também...”* E7; L221-224), (*“...Os meus pais, eles preocupavam-se muito comigo e davam-me sempre exercícios para fazer especialmente num tempo.”* E8;148-150), (*“...A minha professora usou bastantes desenhos, até ofereceu-me um dicionário com imagens...”* E10; L225-226). Estes alunos tiveram necessidade destes apoios porque eram estrangeiros e precisavam de criar elos de proximidade com o grupo/ turma. Isto porque, “o estrangeiro é também um elemento do grupo, não mais diferente que os outros e é ao mesmo tempo, distinto do que consideramos como o “inimigo interno”. É um elemento do qual a posição imanente e de membro compreendem, ao mesmo tempo, um exterior.”<sup>58</sup> Ou seja, “A unidade de proximidade e de distância que contem cada relação entre os seres humanos, então, pode ser o mais resumidamente possível assim formulada: a distância nas relações significa que o próximo está remoto, e o ser estrangeiro ou o estranho seria aquele que se encontra mais perto do distante.”<sup>59</sup>

Em relação às expectativas para o futuro os alunos têm-nas elevadas todos pretendem seguir para a universidade, apenas na entrevista 4 e 6 é que têm outros objectivos. (*“Depois do 12º, eu vou trabalhar.”* E4; L365), (*“Objectivos, ainda não sei muito bem, sei que quero seguir o críquete mas sei que aqui em Portugal não há muito, só quando for grande e for para outro país, acho tipo Inglaterra, pode ser que vá conseguir...”* E6; L270-272).

Por fim, a satisfação com o PLNM, as opiniões são divergentes, em algumas situações ajudou na compreensão dos verbos, que se torna mais fácil que o português “normal”, que pelo facto de haver menos alunos há menos barulho de fundo e a professora pode chegar a todos os alunos de outra forma e a duração da aula era mais rentável na escola secundária D. Pedro V, do que em outras escolas.

Estes processos reproduzem-se no tempo e no espaço e tornam as vulnerabilidades da integração cada vez menos significativas, isto porque com a

---

<sup>58</sup> SIMMEL, Georg, “O Estrangeiro”, RBSE, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005, ISSN 1676-8965

<sup>59</sup> SIMMEL, Georg, “O Estrangeiro”, RBSE, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005, ISSN 1676-8965

passagem do tempo os alunos estrangeiros vão tomando conhecimento da língua, dos usos e costumes, da cultura e das tradições do meio onde se encontram envolvidos.

Ou seja, por um lado, “o estrangeiro passa a ser visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contacto específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais.

De outro lado, a expressão para esta constelação de significados encontra-se na objectividade do estrangeiro. Porque este não é determinado a partir de uma origem específica para os componentes singulares de um social, ou para as tendências unilaterais de um grupo. Vai além, faz frente a estes com uma atitude particular "objectiva", que significa não uma simples distância e indiferença, mas um fato especial da distância e da proximidade. Fato especial dado pela relação ambígua entre insensibilidade e envolvimento.”<sup>60</sup>

Deste modo, chego às vulnerabilidades, ou seja, às vivências subjectivas da integração que se traduzem nas percepções que eles mesmos têm de integração.

Dos factores de vulnerabilidade, enquanto obstáculos á integração no ambiente escolar e social, encontram-se vários factores que condicionam estes alunos que são: a língua, a idade, as trajectórias de vida, motivos de emigração dos pais.

Em suma, não posso ver este processo como um processo fechado, pois estas diferentes dinâmicas interferem nos modos de vida dos alunos deixando-os inicialmente em risco de não serem integrados, embora de forma involuntária. Mas com a passagem do tempo e do espaço estes alunos conseguem habituar-se à nova vida e integrarem-se, recomeçando um novo ciclo das suas vidas.

---

<sup>60</sup> SIMMEL, Georg, “ *O Estrangeiro* ”, RBSE, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005, ISSN 1676-8965



### VII. Considerações Finais

Após dez meses de estágio, e com a oportunidade de transmitir os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e o primeiro ano de mestrado, esta experiência revelou-se bastante significativa e produtiva, não só a nível profissional como pessoal, pois penso que o ser humano quando atinge determinado conhecimento ao nível profissional, o seu nível pessoal também enriquece.

Partindo agora, para o ponto crucial deste relatório, que passa essencialmente pela caracterização da sociologia no meio escolar.

Desta forma, a educação não parte apenas da escola, mas também tem de partir do meio familiar, “contudo, pensar a escola ou a sociedade como arranjos compósitos exige articular cada um destes territórios com os conceitos de modernidade e de modernidade educativa (quer no plano cognitivo, quer no plano educativo)”<sup>61</sup>. Quando falamos de educação e de escola temos de olhar para elas como um todo. Isto é, educação escolar de hoje não está em crise, mas em fase de reestruturação, ou seja, de modernidade, de plena alteração. Para isso, penso ser importante interrogar sobre os âmbitos que inferem nessa constituição. Será a partir da ligação estabelecida entre a escola, os alunos e os professores que se dará ou não a integração e o sucesso escolar e como as relações entre eles é susceptível de observação para uma melhor compreensão das questões de ensino. No entanto, isto só não chega, tal como referi anteriormente é necessário planear métodos de estudo, tornar a escola num polo mais atractivo, onde se desenvolvam as mais diversas e variadas actividades, também a sua modernização e a sua tecnologia serão alvo de grande incentivo para os alunos e para a continuidade do ensino.

Partindo agora para um caso mais estrito, a integração dos alunos estrangeiros estrutura-se num “tempo-espço” diferente daquele que é assumido pelos alunos portugueses e neste sentido traduz-se em dificuldades e obstáculos que os estrangeiros têm de superar causando impacto na sua vida social. A vinda para um novo país onde tudo é diferente leva os alunos a se sentirem fragilizados, sendo evidenciados pelo choro como duas alunas expuseram. A família assume particular destaque no apoio aos alunos

---

<sup>61</sup> RESENDE, José Manuel, “*A Sociedade Contra a Escola? – A Socialização Política Escolar num Contexto de Incerteza*”, Lisboa, Instituto Piaget, 2008



estrangeiros pois são o seu pilar, o seu suporte e articulado com os apoios por parte dos professores e mesmo da instituição escolar todos contribuem para que a adaptação à nova vida seja mais facilitada.

Embora na escola onde me encontrei a estagiar existissem outro tipo de estrangeiros, não eram estrangeiros no verdadeiro sentido da palavra, mas estrangeiros porque eram colocados à parte pelos outros e por eles mesmos, isto devido à escolha dos seus próprios caminhos não serem os mais adequados às normas da escola. Eram discriminados pelas fracas notas, pelo desinteresse que tinham das aulas e por outras situações mais sensíveis. Na tentativa de encaminhar estes alunos de novo para o rumo certo aplicaram-se como projectos-piloto “A Turma Mais” e as “Tutorias” dos quais também fiz parte.

Mesmo nos casos em que o sucesso destes projectos não foi pleno, surgem exemplos de estratégias inovadoras, de soluções imaginativas tendo como ponto fulcral o aluno.

Após testemunhar e vivenciar de perto estas situações creio que os encarregados de educação deveriam estar mais atentos à situação dos filhos, no entanto, devido muitas vezes ao excesso de trabalho, à vida complicada que cada um possa ter, é compreensível que esta ausência dos pais seja corrente. Notou-se ao longo do ano lectivo uma ausência da figura dos encarregados de educação nos recintos da escola, isto de forma genérica. Em casos particulares a ausência da figura do encarregado de educação ultrapassa o recinto da escola, isto é, até mesmo no contexto familiar existia a ausência da figura de um adulto para colocar regras e inculcar valores aos filhos (Relatos de alunos nas tutorias e Turma Mais).

Ao longo do estágio, tentei utilizar uma perspectiva de intervenção, daí, ter participado na grande parte das actividades e assistindo a reuniões para poder analisar melhor a situação deste espaço escolar.

Depois de me inteirar de toda a situação e funcionamento da instituição escolar, de conhecer os alunos dentro e fora do contexto de sala de aula, da assiduidade ou falta dela por parte dos encarregados de educação às reuniões marcadas pelos directores de turma (nunca compareciam porque a hora de atendimento não estava marcada num horário propício para se deslocarem à escola). Daí surgiu a ideia de formar um projecto de apoio ao aluno e à família para que os encarregados de educação pudessem estar

mais informados sobre as situações e os problemas dos seus educandos. Este projecto pretendia ser uma das formas de operacionalizar o enunciado no II. 3 do Projecto Educativo 2009/2013: “Reforçar a abertura da escola à comunidade e incrementar a participação/responsabilização dos encarregados de educação no sucesso académico dos seus educandos.”<sup>62</sup> Isto porque penso ser importante que se estabeleça um projecto que se volte para promover a proximidade entre a família e o meio escolar. O projecto teria como principais finalidades: discriminar situações de ocorrência disciplinar no recinto escolar; desenvolver uma relação de interacção e comunicação entre os diferentes agentes educativos – alunos – família – escola – comunidade; prevenir e evitar situações de risco; e promover o sucesso educativo dos alunos.

Assim, assumi um papel interventivo procurando através do método sociológico de intervenção oferecer o meu contributo para a resolução deste problema, quer numa perspectiva micro, analisando a situação dos alunos (de forma geral) procurando influenciar de forma positiva a que estes encontrassem motivação para continuar a estudar e se tornassem indivíduos mais tolerantes com as diferenças, quer numa perspectiva macro, sendo este trabalho a tentativa de auxílio no diagnóstico de problemas sociais. Este trabalho acabou por se alargar um pouco mais e foi necessário abordar as situações mencionadas no relatório, pois estas também faziam parte da realidade da escola e foram igualmente importantes para que se conhecesse a escola e as suas facetas reais. Este trabalho pretende ainda ser um impulso para futuros trabalhos dentro desta área.

---

<sup>62</sup> [http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto\\_educativo.pdf](http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto_educativo.pdf)

### VIII. Notas Bibliográficas

ARDOINO, Jacques, “*Éléments de Réflexion pour un Project d’Education dans une Perspective Socialiste*”, *Revue Pour*, suplemento do nº 50, 1977

BARDIN, Laurence, “*Análise de Conteúdo*”, Lisboa, Edições 70, 1997

BAUMAN, Zygmunt, “*Liquid modernity*”, Polity Press, Oxford, England, 2005

CARVALHO, Rómulo, “*História do Ensino em Portugal*”, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986

CHAUÍ, Marilena, “*Mito Fundador e Sociedade Autoritária*”, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000

DURKHEIM, Émile, “*Educação e Sociedade*”, edições 70, 2009

FERNANDES, Rogério, “*Situação da Educação em Portugal*”, Lisboa: Moraes Editores, 1973

GIDDENS, Anthony, “*As consequências da modernidade*”, UESP Fundação, 1991

GINER, Salvador, “*La modernización de la tribu: a modo de prólogo*”, In:

GUIBERNAU, Montserrat. “*Los nacionalismos*” Barcelona: Ariel Editora, 1996

HILL, M. M. Hill A, “*Investigação por Questionário*”, Lisboa, Ed. Sílabo, 2000

JUSTINO, David, “*Difícil é Educá-los*”, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2010

LOBROT, Michel, “*Marxisme et éducation*” in *Inter-éducation*, nº 21, mai-juin, page 45-52, 1971.

MARQUES, Oliveira, “*História de Portugal II*”, Lisboa: Palas Editores, 1976

- NEVES, Almiro; PINTO, Ana; CARVALHO, Maria, *“Tempos, Espaços e Protagonistas – Volume 1”* Porto Editora, 2004
- POIRIER, Jean et al, *“Histórias de Vida”*, Oeiras, Ed. Celta, 1999
- RESENDE, José Manuel, *“A Sociedade Contra a Escola? – A Socialização Política Escolar num Contexto de Incerteza”*, Lisboa, Instituto Piaget, 2008
- ROCHA, Filipe, *“Fins e Objectivos do Sistema Escolar Português – Período de 1820-1826”* Porto: Paisagem Editora, 1984
- ROUCHY, Jean Claude, *“De l’analyse institutionnelle”*, Connexions, nº 6, France, 1973
- SILVA, José, *“Metodologia das Ciências Sociais”*, Ed. Afrontamento, 1986
- SIMMEL, Georg, *“O Estrangeiro”*, RBSE, Vol. 4, nº 12, Dezembro de 2005, ISSN 1676-8965
- SNYDERS, Georges, *“École, classe et lutte de classes – Pédagogie D’aujourd’hui”*, Paris, Presses Universitaires de France, 1976
- SOUZA, João Valdir Alves, *“Introdução à Sociologia da Educação”*, Autentica, 2007
- STOER, Stephen, *“A Reforma de Veiga Simão no Ensino: Projecto de Desenvolvimento Social ou «Disfarce Humanista»?”*, *Análise Social*, vol. XIX (77,78,79), 1983, 3º, 4º, 5º, 793-822
- VALENTE, Vasco, *“Tentar Perceber”*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983
- VALENTIM, Joaquim, *“Escola, Igualdade e Diferença”*, Porto, Campo das Letras, 1997

### **Sites e Directórios:**

<http://matinhas.no.sapo.pt/hist.htm>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociologia\\_da\\_educa%C3%A7%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sociologia_da_educa%C3%A7%C3%A3o)

[http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content\\_id=1891226&page=-1](http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=1891226&page=-1)

### **Outros:**

Regulamento Interno da Escola

Projecto Educativo 2009/2013

Projecto Curricular de Escola 2009/2013

IX. Anexos

Anexo I. Análise Estrutural



### Anexo II. Planta da Escola (Antes das Obras)

#### PAVILHÃO CENTRAL

- |                             |                                  |
|-----------------------------|----------------------------------|
| • Conselho Executivo        | • Bufete e Refeitório            |
| • Secretaria                | • Sala de Convívio               |
| • Sala Professores          | • Papelaria                      |
| • Atendimento Enc. Educação | • Reprografia                    |
| • SPO/NAE                   | • Associação Estudantes          |
| • Associação de Pais        | • Gabinete Educação para a Saúde |
| • SASE                      | • Gabinete de Comunicação        |
| • PBX                       | • Gabinete de Enfermagem         |

#### PAVILHÃO A1

- |                        |                  |
|------------------------|------------------|
| • Sala de Audiovisuais | • Sala de Teatro |
|------------------------|------------------|

#### PAVILHÃO A2

- |                               |                                      |
|-------------------------------|--------------------------------------|
| • Centro Recursos /Biblioteca | • Salas de Informática               |
| • Centro de Aprendizagem      | • Gabinete de Pedagogia e Disciplina |
| • Gabinete de Audiovisuais    |                                      |

#### PAVILHÃO A3

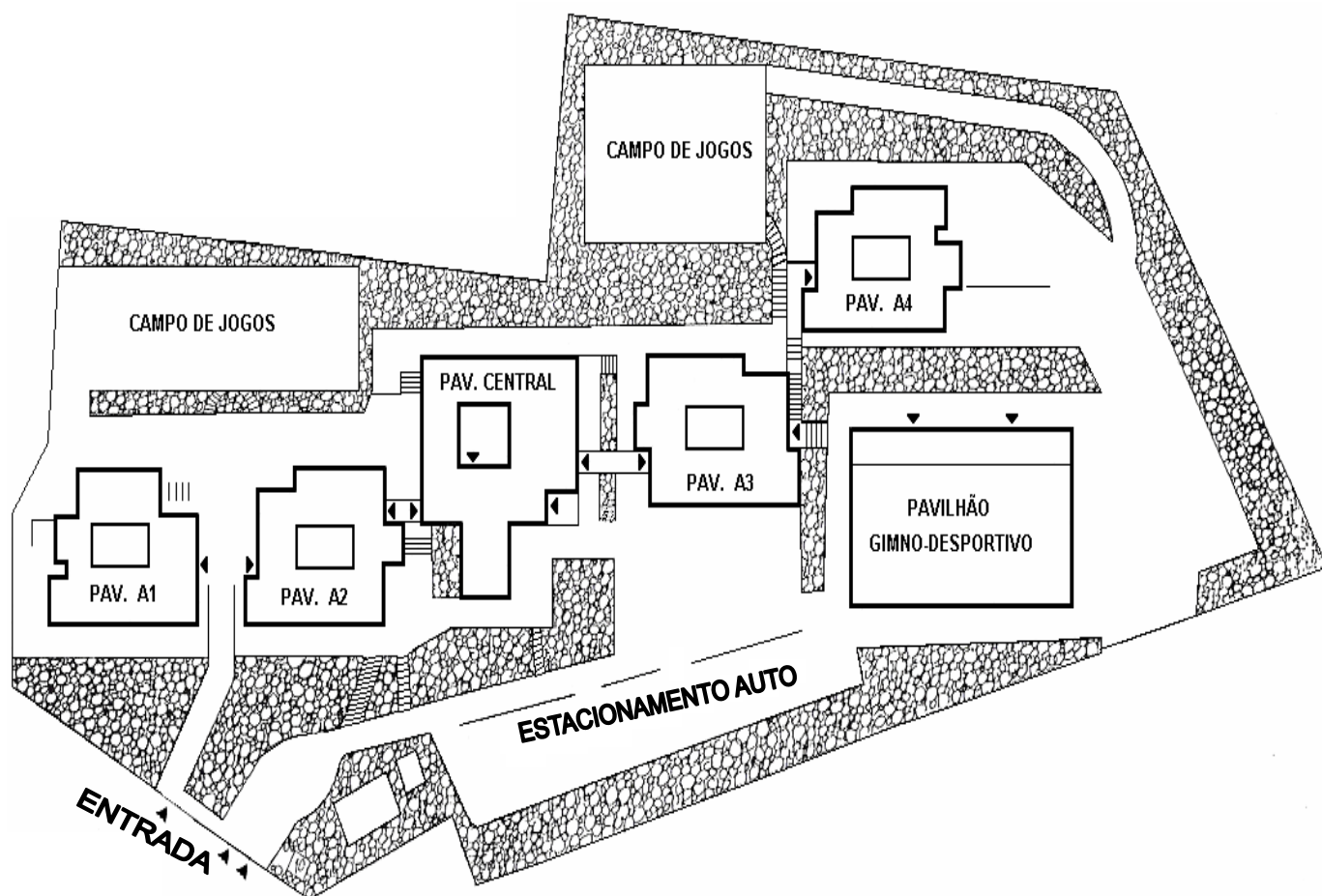
- |                           |                                  |
|---------------------------|----------------------------------|
| • Laboratórios de Física  | • Sala de Estudo / Centro de EFA |
| • Laboratórios de Química |                                  |

#### PAVILHÃO A4

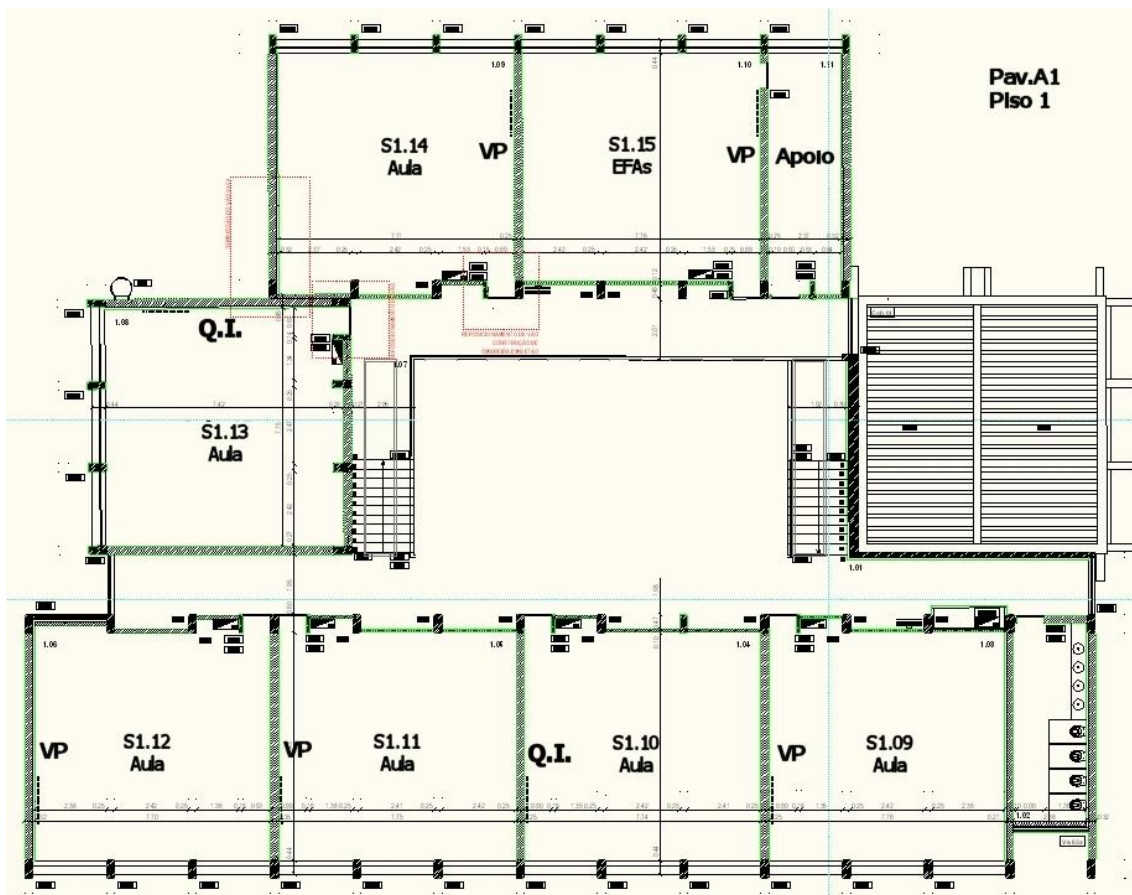
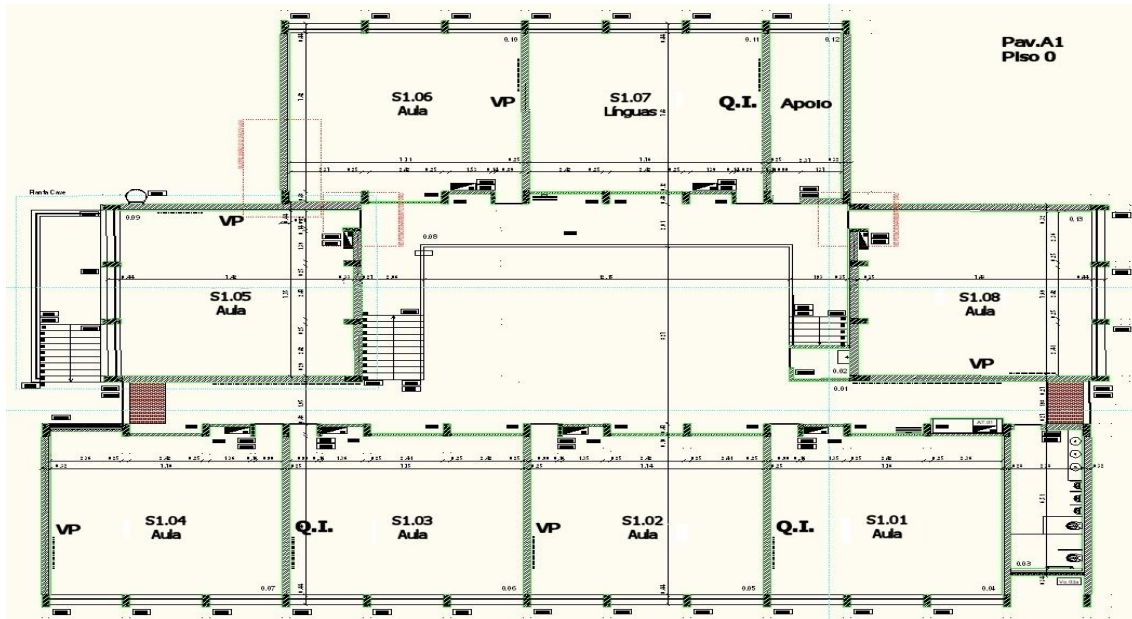
- |                            |                                 |
|----------------------------|---------------------------------|
| • Laboratórios de Biologia | • Sala dos Cursos Profissionais |
|----------------------------|---------------------------------|



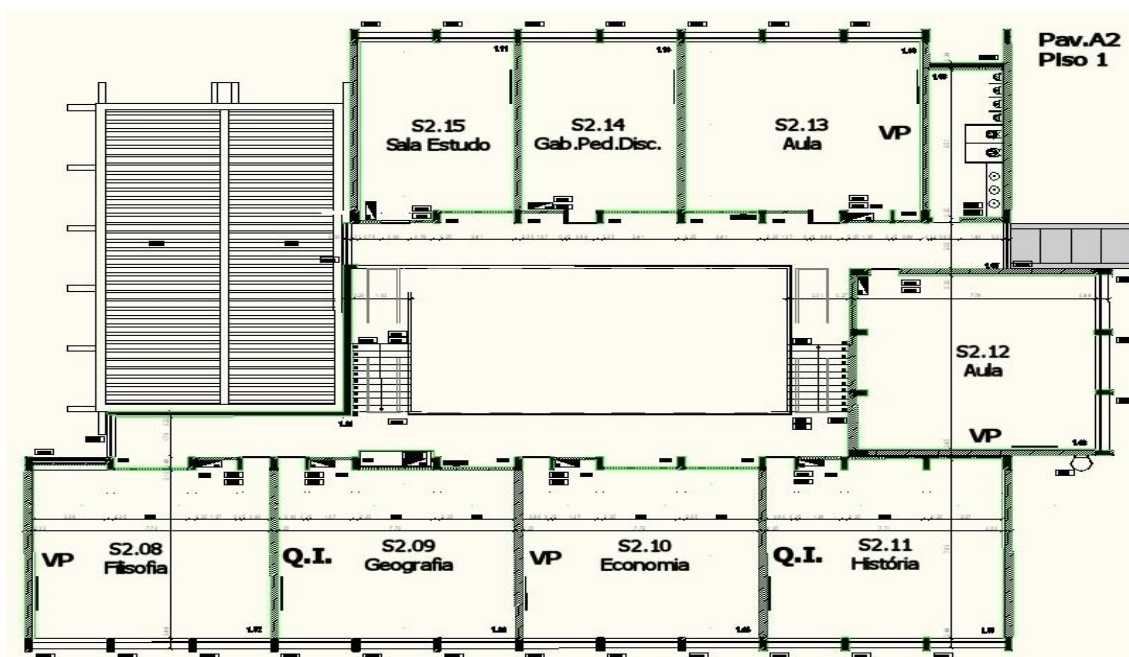
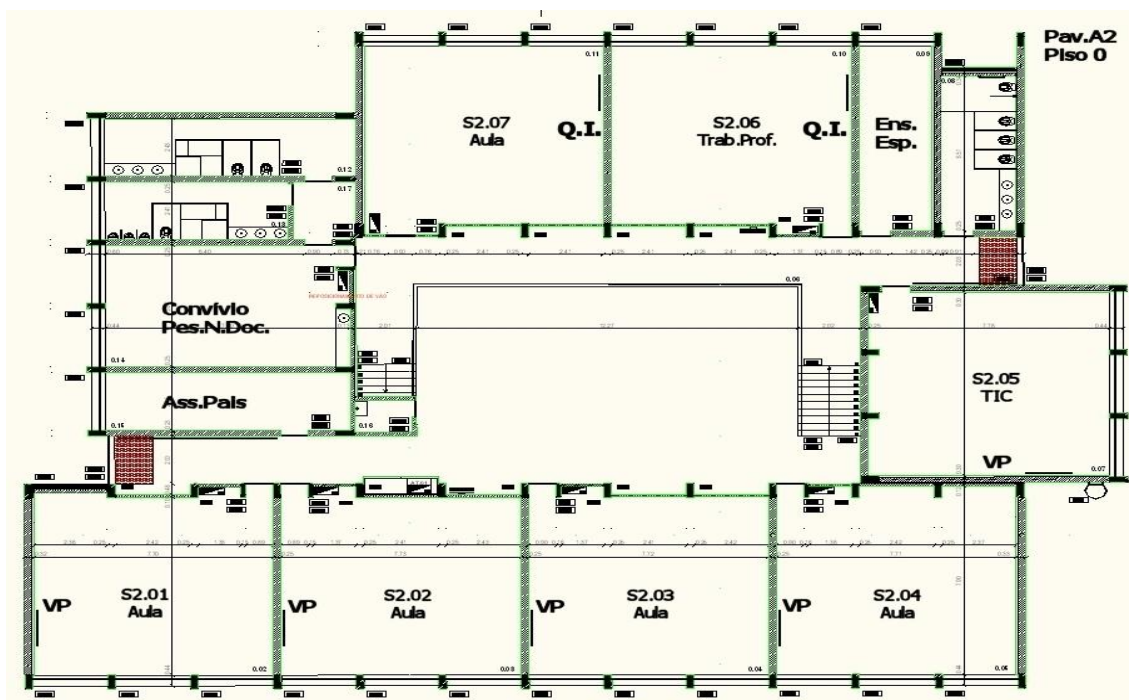
Escola Secundária D. Pedro V

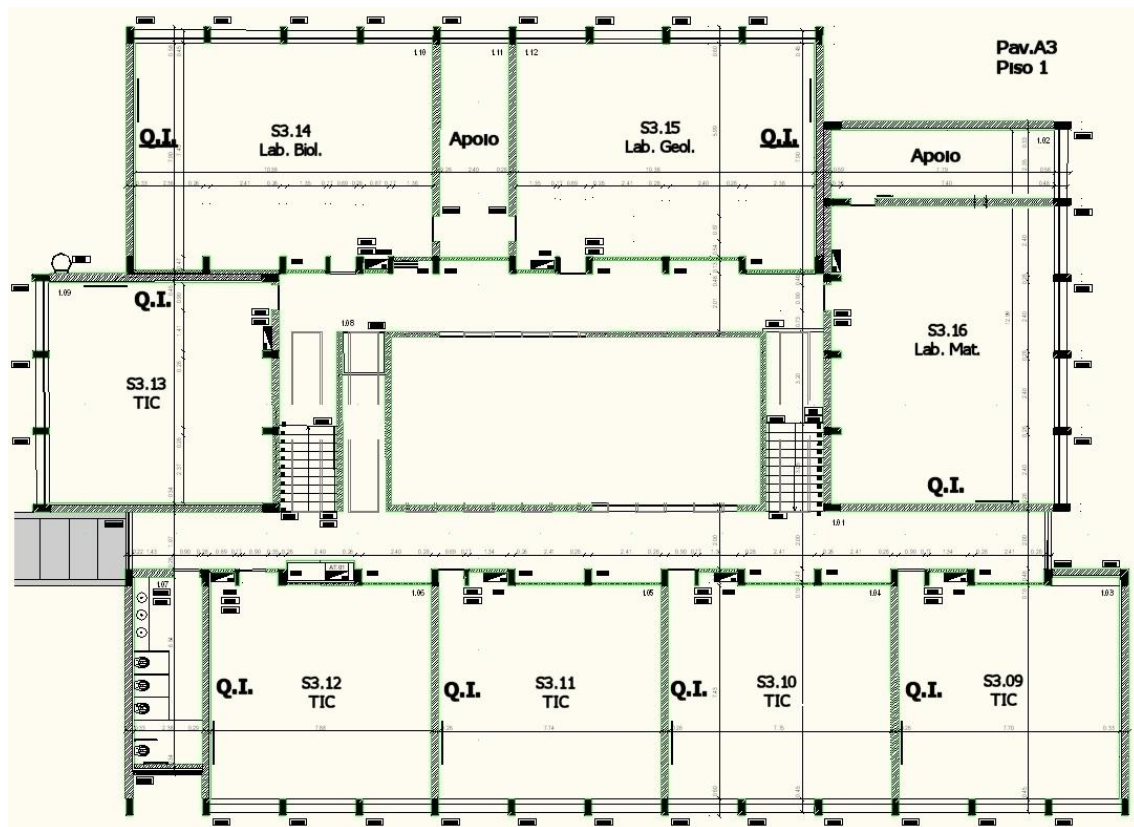
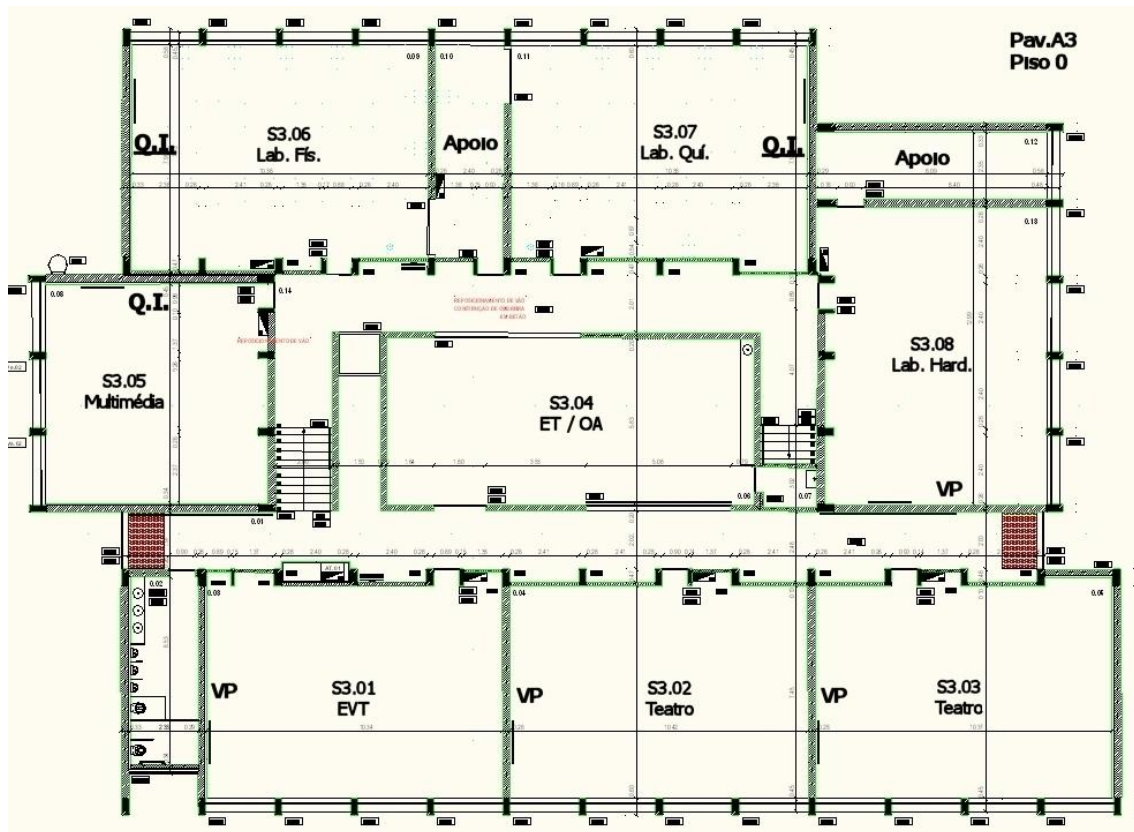


### Anexo III. Plantas dos Pavilhões da Escola (Depois das Obras)

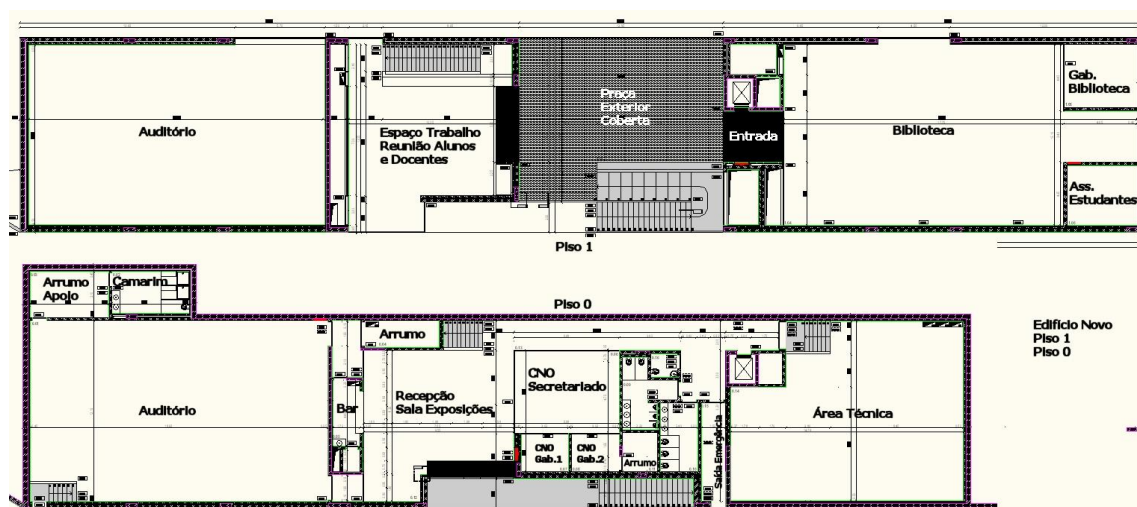








## A Escola e os Outros



### LEGENDA DE ESPAÇOS

### Pav.Novo

### ÁREA ÚTIL

0.01	Auditório   Sala Polivalente	228.95 m2
0.02	Camarim   Vestiário	13.90 m2
0.03	Arrumo de Apoio ao Auditório	15.50 m2
0.04	Arrumo	9.00 m2
0.05	Bar	10.00 m2
0.06	C.N.O.   Secretariado	36.35 m2
0.07	C.N.O.   Gabinete 01	7.60 m2
0.08	C.N.O.   Gabinete 02	7.60 m2
0.09	Instalação Sanitária   Masculina	11.30 m2
0.10	Instalação Sanitária   Feminina	11.00 m2
0.11	Arrumo	5.75 m2
0.12	Recepção   Sala de Exposições	87.20 m2
0.13	Circulação	46.90 m2
0.14	Área Técnica	155.45 m2
0.15	Saída de Emergência	10.05 m2
0.16	I.S. Deficientes	2.90 m2

Área bruta de piso 0 **818.75 m2**

1.01	Espaço Trabalho   Reunião Alunos e Docentes	97.25 m2
1.02	Praça Exterior Coberta	125.95 m2
1.03	Entrada   Guarda Vento	12.75 m2
1.04	Biblioteca	230.95 m2
1.05	Gabinete Biblioteca	19.75 m2
1.06	Associação de Estudantes	18.00 m2

Área bruta de piso 1 **642.35 m2**

Área bruta total **1531.05 m2**



LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 0		Pav.A1	ÁREA ÚTIL
0.01	Área de Circulação		139.90 m2
0.02	Arrumo		11.55 m2
0.03	Instalação Sanitária / Masculino		16.10 m2
0.04	Sala de Aula 01		59.05m2
0.05	Sala de Aula 02		59.05m2
0.06	Sala de Aula 03		59.10 m2
0.07	Sala de Aula 04		59.85 m2
0.08	Área de Circulação		52.20 m2
0.09	Sala de Aula 05		60.65 m2
0.10	Sala de Aula 06		60.65 m2
0.11	Sala de Aula 07		58.50 m2
0.12	Sala de Apoio		19.30 m2
0.13	Sala de Aula 08		60.55 m2
E.03			
Área bruta de piso <b>793.20 m2</b>			

LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 1		Pav.A1	ÁREA ÚTIL
1.01	Área de Circulação		74.10 m2
1.02	Instalação Sanitária / Feminino		16.25 m2
1.03	Sala de Aula 09		59.05 m2
1.04	Sala de Aula 10		59.05 m2
1.05	Sala de Aula 11		59.10 m2
1.06	Sala de Aula 12		59.05 m2
1.07	Área de Circulação		44.85 m2
1.08	Sala de Aula 13		60.75 m2
1.09	Sala de Aula 14		60.20 m2
1.10	Sala de Aula 15		58.55 m2
1.11	Sala de Apoio		19.45 m2
E.03			
Área bruta de piso <b>648.00 m2</b>			

LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 0		Pav.A2	ÁREA ÚTIL
0.01	Área de Circulação		130.50 m <sup>2</sup>
0.02	Sala de Aula 16		59.90 m <sup>2</sup>
0.03	Sala de Aula 17		58.90 m <sup>2</sup>
0.04	Sala de Aula 18		58.85 m <sup>2</sup>
0.05	Sala de Aula 19		61.30 m <sup>2</sup>
0.06	Área de Circulação		63.50 m <sup>2</sup>
0.07	Sala de Aula 20		60.40 m <sup>2</sup>
0.08	Instalação Sanitária / Feminino		16.75 m <sup>2</sup>
0.09	Sala de Ensino Especial		19.23 m <sup>2</sup>
0.10	Sala de Aula 21		58.80 m <sup>2</sup>
0.11	Sala de Aula 22		58.80 m <sup>2</sup>
0.12	Vestiário Feminino		19.55 m <sup>2</sup>
0.13	Vestiário Masculino		14.25 m <sup>2</sup>
0.14	Sala de Convívio / Pessoal não Docente		39.95 m <sup>2</sup>
0.15	Associação de Pais		19.20 m <sup>2</sup>
0.16	Arrumo		7.34 m <sup>2</sup>
0.17	Antecâmara		4.80 m <sup>2</sup>
E.03			
Área bruta de piso <b>832.15 m<sup>2</sup></b>			
LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 1		Pav.A2	ÁREA ÚTIL
1.01	Área de Circulação		55.95 m <sup>2</sup>
1.02	Sala de Aula 23		59.45 m <sup>2</sup>
1.03	Sala de Aula 24		58.45 m <sup>2</sup>
1.04	Sala de Aula 25		58.40 m <sup>2</sup>
1.05	Sala de Aula 26		60.85 m <sup>2</sup>
1.06	Sala de Aula 27		60.40 m <sup>2</sup>
1.07	Área de Circulação		52.65 m <sup>2</sup>
1.08	Instalação Sanitária / Masculina		16.40 m <sup>2</sup>
1.09	Sala de Aula 28		59.65 m <sup>2</sup>
1.10	Sala de Aula Pequena 01		38.52 m <sup>2</sup>
1.11	Sala de Aula Pequena 02		38.60 m <sup>2</sup>
Área bruta de piso <b>641.30 m<sup>2</sup></b>			

LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 0		Pav.A3	ÁREA ÚTIL
0.01	Área de Circulação		70.55 m2
0.02	Instalação Sanitária / Masculino		16.60 m2
0.03	Sala de EVT 01		79.70 m2
0.04	Sala de EVT 02		78.70 m2
0.05	Sala de EVT 03		79.65 m2
0.06	Atelier de Artes		86.95 m2
0.07	Arrumo		11.40 m2
0.08	Estúdio Multimídia		60.63 m2
0.09	Laboratório de Física		80.90 m2
0.10	Sala de Apoio		18.00 m2
0.11	Laboratório de Química		79.40 m2
0.12	Sala de Apoio		19.55 m2
0.13	Laboratório de Biologia / Geologia		80.50 m2
0.14	Área de Circulação		57.45 m2
E.03			
Área bruta de piso			
		906.80 m2	

LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 1		Pav.A3	ÁREA ÚTIL
1.01	Área de Circulação		69.40 m2
1.02	Gabinete de Professores		101.75 m2
1.03	Sala TIC 01		59.90 m2
1.04	Sala TIC 02		59.10 m2
1.05	Sala TIC 03		59.00 m2
1.06	Sala TIC 04		58.90 m2
1.07	Instalação Sanitária / Feminino		16.35 m2
1.08	Área de Circulação		44.60 m2
1.09	Oficina TIC		60.50 m2
1.10	Lab. Polivalente 01		80.55 m2
1.11	Sala de Apoio		18.15m2
1.12	Lab. Polivalente 02		79.35 m2
Área bruta de piso			
		859.90 m2	



LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 0		Pav.Central	ÁREA ÚTIL
0.01	Área de Circulação		96.70 m2
0.02	Sala de convívio dos alunos		260.50 m2
0.03	Loja do aluno		35.25 m2
0.04	Arrumo da loja do aluno		6.80 m2
0.05	Gabinete da acção social		11.55 m2
0.06	Instalação sanitaria / feminino		09.20 m2
0.07	Instalação sanitaria / masculino		14.40 m2
0.08	Refeitório		147.20 m2
0.09	Cozinha e Anexos		89.50 m2
0.10	Pátio		37.90 m2
0.11	Secretaria		63.40 m2
0.12	Sala de reuniões		26.10 m2
0.13	Sala de directores de turma		43.50 m2
0.14	Sala da direcção		40.80 m2
0.15	Secretariado da direcção		22.90 m2
0.16	Gab. do presidente do conselho pedagógico		10.75 m2
0.17	Gab. do presidente da assembleia da escola		10.92 m2
0.18	Instalação sanitaria / deficientes		04.95m2
0.19	Instalação sanitaria / masculino		04.50 m2
0.20	Instalação sanitaria / feminino		04.15 m2
0.21	Reprografia		25.50 m2
0.22	Área de Circulação		39.10 m2
0.23	Área de Circulação		21.40 m2
0.24	Posto médico		15.90 m2
0.25	Copa		22.10 m2
0.26	Instalação sanitaria Direcção / Administração		15.90 m2
0.27	Sala dos professores		82.00 m2
0.28	Arrumo		4.20 m2
E.01			
E.02			
Área bruta de piso		<b>1238 m2</b>	

LEGENDA DE ESPAÇOS PISO 1		Pav.Central	ÁREA ÚTIL
1.01	Área de Circulação		26.50 m2
1.02	Gabinete de Psicologia		12.25 m2
1.03	Gabinete 01		12.25 m2
1.04	Gabinete 02		12.25 m2
1.05	Sala de reuniões 01		26.50 m2
1.06	Sala de reuniões 02		26.50 m2
1.07	Gabinete 03		18.80 m2
1.08	Gabinete 04		18.90 m2
Área bruta de piso		<b>174 m2</b>	

### **Anexo IV. Análise de Conteúdo**

#### **Escolha dos temas para a análise de conteúdo**

**Origem da Família:** Perceber os antecedentes dos pais dos entrevistados e as motivações que os levaram a vir para Portugal.

**Contexto Escolar e Rotinas dos Alunos (País de Origem):** Salientar como era a organização e o funcionamento das escolas nos países de onde eram oriundos os entrevistados e como eram as suas vidas

**Contexto Escolar e Rotinas dos Alunos (País de Acolhimento):** Representações que os entrevistados tinham da escola e vida em Portugal.

**Representações Culturais:** Salientar alterações nos estilos de vida, quer a nível da gastronomia, vestuário, mobilidade...

**Dificuldades/Obstáculos Encontrados:** Analisar as dificuldades sentidas após a chegada a Portugal.

**Expectativas de Futuro:** Representações do futuro.

**Satisfação com o PLNM:** Nível de satisfação com a disciplina de Português de Língua Não Materna.



Temas	Análise de Conteúdo	Linhas
Origem da Família	<ul style="list-style-type: none"> <li>Do meu pai não sei, mas da minha mãe é o 7º ano... Isso também não sei... A minha mãe é empregada doméstica... Ela veio para cá eu tinha 5 anos...</li> <li>4ª Classe [mãe], 4ª classe [pai] ... Pedreiro... Doméstica – trabalha num restaurante... [o pai imigrou] há 8 anos por aí, [a mãe] veio mais tarde...</li> <li>...Naquela altura a minha mãe fez até ao 10º ano mas depois seguiu o curso, tipo a faculdade. Ela é contabilista na sua profissão. O meu pai eu não sei bem, porque já não vivo com ele já a 7 anos... Mas eu acho que ele também acabou o 10º ano, ele é profissional em matemática. O meu pai é condutor de autocarros lá em Moscovo, a minha mãe agora tem uma espécie de loja, tipo uma frutaria... é comerciante. (O meu pai nunca chegou a vir cá, a minha mãe é que imigrou para Portugal. Quando eu tinha por volta de 5 anos).</li> <li>O meu pai, não tenho pai, não conheço. [mãe] Acho que é o 6º... cozinheira. Imigrei com 14. A minha mãe veio antes.</li> <li>Ele [pai] também tem o 9º ano. A minha mãe está agora a terminar o curso médio, aquele da universidade. [o pai] É contabilista. [a mãe] É médica mas neste momento está a trabalhar como gerente de um... gerente comercial. Vim com a minha tia, mas a minha mãe já cá esteve. Acho que foi 2006/2007 mas ela tem estado frequentemente nos últimos anos.</li> <li>[o pai tem] o 10º ano [e a mãe] o 5º ano, [o pai] Está no fundo de desemprego. A minha mãe está com um AVC na cabeça, está no hospital. Acho que foi em 1997, acho eu.[ano de imigração do pai] A minha mãe só veio connosco, nós estamos cá há mais ou menos há 6 anos.</li> <li>Ele [o pai] já fez até ao 12º, faculdade toda a superioridade também. [A mãe] Fez até ao 11º. [o pai] É director financeiro. [A mãe] doméstica. O meu pai, neste caso, o meu padrasto é</li> </ul>	<p>E1; L11, 13,17</p> <p>E2; L11, 13, 15, 17 18, 26</p> <p>E3; L12, L13, 14</p> <p>L15 L23,24</p> <p>L38, 39</p> <p>E4; L13, L17, 23, 25</p> <p>E5; L10, 12, 15, 17, 18, 28 33</p> <p>E6; L10, 12, 14, 16, 22, 24</p> <p>E7; L10, 12, 14, 16</p>

	<p>português, a minha mãe é brasileira. A minha mãe veio para cá em 2006.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• [O pai tem] o 12º [e a mãe] universidade [tirou o curso de professora]. A profissão do meu pai, neste momento, é electricista e da minha mãe é lavandaria num hotel. Primeiro veio o meu pai, depois veio a minha mãe mas não sei qual a idade. A minha mãe imigrou para aí há 10 anos e o meu pai à mais.</li> <li>• Sim, ele [o pai] tem um curso de economia superior. [A mãe] Tem o 12º ano. Os dois são empresários, o meu pai tem três empresas no México e a minha mãe tem uma loja de roupa. Eles [os pais] não estão cá. Eles estão no México, eu estou aqui a morar com a minha avó.</li> <li>• Ele [o pai] acabou na universidade o curso de engenheiro químico. A minha mãe acabou o curso de economista mas não foi na universidade foi... Neste momento é motorista num a escola privada. [o pai] É esteticista, faz unhas de gel e coisas desse género. [a mãe]</li> </ul>	<p><b>20,21</b></p> <p><b>E8; L9, 11, 15,16 21, 24</b></p> <p><b>E9; L9, 11, 13,14 21, 22</b></p> <p><b>E10; L13, 15, 16, 20, 22</b></p>
<b>Condições e Estilos de Vida (País de Origem)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É uma vida como a que levo aqui, a escolaridade também... e é assim... Hum... É igual aqui... Saía, brincava com os amigos... Aí não há muitos cinemas, então a gente costumava sempre ver filmes em casa, íamos ao centro comercial também... É quase a mesma coisa...</li> <li>• O meu dia-a-dia era assim, minha mãe estava lá e eu ia para a escola, ia para a escola, ia para lá trabalhar, ia buscar água. Quando vivia lá, vivia quase no campo e não tinha torneira para tirar água, ia apanhar lenha para cozinhar, depois que a minha mãe veio Portugal, eu cozinhava, ficava com a minha prima. Eu vivia mas quando ela veio eu vivia com a minha prima. Ia para casa, ia para casa das minhas tias, ia brincar, essas coisas.</li> <li>• Olha como vivi lá na infância era muito divertido, de momento eu vejo os meus colegas que ficaram lá a vida era muito boa. Mas na minha infância era muito boa, era muito divertido, isto é mesmo verdade, todas as tardes eu saía para a rua. Sabes nós, não é como aqui em Lisboa, que as pessoas ficam nas suas casas e</li> </ul>	<p><b>E1; L27, 34, 37, 205, 206</b></p> <p><b>E2; L33-37</b></p> <p><b>L45 L155</b></p> <p><b>E3; L50-58</b></p>

	<p>de vez enquanto encontra-se com os amigos no centro comercial ou assim. Lá nós saímos depois do almoço, nós sempre saímos para a rua. Nós tínhamos uma rua, cada rua tinha o seu nome então outros vinham de trás, de frente, do meio, juntávamo-nos todos á conversa, a brincar, a jogar. E pronto era muito divertido mesmo.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Quando eu estudava á tarde eu tinha a manhã livre, podia acordar tarde e quando estudava de manhã tinha a tarde livre. É diferente. Lá eu vou para a casa das minhas amigas, a gente fica lá a conversar, vai andar na rua ia a casa de minha amiga dormir no final de semana... Gostava mas ele era mau para mim, por isso, tipo eu ia para a igreja aí quando eu voltava ele já estava na porta a minha espera não é, com medo de eu vir com um menino, se eu passava esmalte na unha era motivo de ele brigar comigo e me bater, se eu ia para a escola maquiada eu apanhava, a minha irmã a filha dele, se a minha irmã comesse a chorar e falava alguma coisa, a culpa era da kalita, então ele era ruim me batia. Já foi denunciado três vezes para a polícia, duas vezes por causa de mim, a gente foi na delegacia e disse que bateu e a minha mãe nunca deu conta. Aí chegou um dia que eu fui lavar roupa, peguei a caixa de sabão em pó e lavei a casa de banho, lavei a roupa, porque quando a minha mãe me deixou lá eu fazia tudo. Parecia que era até casada. Fazia tudo em casa. Aí minha mãe, ele foi e brigou comigo por causa da caixa de sabão em pó, aí a gente foi para a casa de banho com a irmã e eu estava a passar o pentinho, pente fino para tirar os piolhos no cabelo dela e passei aqui na nuca dela e ela começou a chorar, ele me tirou da casa de banho de toalha e me bateu. Então aí quando a gente foi para casa da minha avó no domingo eu disse para a minha irmã “fala para a mamãe que teu pai me bateu” e ela disse. Minha mãe ficou nervosa e isso e nesse domingo eu acho que tirei um pouco do medo que tinha dele, eu falei “vou voltar para casa da minha avó” e não voltei com ele. E fiquei na casa da minha avó, fiquei seis meses com ele e sete com a minha avó, depois vim para cá.</li> </ul>	<p><b>E4; L250-253</b></p> <p><b>L458-472</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aqui a vida é um bocadinho mais, passa muito rápido, lá não, porque aqui as pessoas vivem sempre a se levantar, lá no meu país não só que</li> </ul>	<p><b>L474, 475</b></p> <p><b>E6; L 203-209</b></p>

	<p>eu sentia mais. As condições de vida aqui são melhores mas eu gostava mais de estar no meu país, cada um gosta do seu país, mas as condições, essas coisas, aqui em Portugal são melhores do que lá no meu país, ainda está em desenvolvimento e Portugal já é um país desenvolvido.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Um dia de semana, bom eu lá nas escolas tínhamos escolhas se estuda-se de manhã ou á tarde. Eu estudava á tarde então acordava umas 8h da manha 9h, ajudava a minha mãe Isabel, que é minha mãe de coração a fazer as tarefas de casa, arrumar a casa, almoçava, tomava banho, 1h da tarde ai para a escola, depois eu voltava umas 5h por aí e jogava bola com os amigos. No Brasil a gente, como posso falar, nós adolescentes é mais livre, hoje em dia como nós podemos ver há muitos que vão para o craque, para as drogas, para o crime e muitos outros, porque a culpa é dos pais porque nós adolescentes, eles aceitam isso e escolhem os caminhos deles...</li> <li>• Acordava de manha, pronto higiene, depois ia á escola, depois á uma voltava da escola, estudava, não primeiro almoçava e depois estudava até os meus avôs virem do trabalho e depois jantava com eles, se tivesse tempo via televisão. Enquanto na Moldávia eu costumava muitas vezes sair para a rua, ir para o campo com os meus avôs, têm a segunda casa, de Verão, e nós íamos para lá ao fim-de-semana, especialmente no Verão.</li> <li>• ...Era boa porque pertencia á classe média alta, logo tinha privilégios, logo que o México é um país de classe alta e baixa, não há intermédio. A minha vida era a escola-casa, casa-escola, basicamente. ...Seria impensável no México sair com os amigos para a rua como saio em Portugal, porque senão levava um tiro.</li> <li>• ...Não me lembra muito bem porque também quando vim era criança e morei muito tempo na casa da minha avó. A minha mãe e o meu pai, já estavam cá. Pronto., não tinha o meu quarto, ficava na sala.</li> </ul>	<p><b>E7; L41-46</b></p> <p><b>L155-158</b></p> <p><b>E8; L37-40</b></p> <p><b>L133-136</b></p> <p><b>E9; L33-35</b></p> <p><b>L177-179</b></p> <p><b>E10; L192-194</b></p>
<b>Motivos da</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A minha mãe imigrou porque em Cabo-Verde</li> </ul>	<b>E1; L40-</b>

<b>Emigração</b>	<p>não havia muito trabalho e por isso é que ela resolveu vir para cá, para poder ter um trabalho como deve ser e ganhar mais... Como a minha mãe já estava aqui, ele resolveu mandar buscar-me para eu poder continuar a estudar aqui e ficar perto dela.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vieram para ter melhores condições de vida para os filhos, a minha irmã tem problemas do coração e já veio tratar aqui.</li> <li>• Há 2 tipos de motivos, é o dinheiro e o divórcio. Pronto a minha mãe queria-se divorciar, sabes na nossa terra é um bocado complicado se divorciar. Percebes, as pessoas vêm tudo de outra maneira, um bocadinho isso. E a minha mãe ficou cá e divorciou-se.</li> <li>• Bem, minha mãe casou com um homem á 10 anos, só que ele era muito ruim, ruim de natureza, então a minha mãe sempre quês vir para cá, a minha tia está lá há 11 anos e minha mãe sempre falava para minha tia “ eu quero ir para aí” e minha tia dizia para ela “ então arruma um dinheiro e vem”, aí um dia a gente estava em casa e meu tio chegou e disse assim para a minha mãe “você quer ir para Portugal?” Ela disse assim “quero”. Ele falou “ então me dá o teu documento que eu vou comprar a passagem”. Ele foi... isto foi numa 6ª feira, comprar a passagem e tudo aí no sábado, ele veio entregou a passagem tudo pronto, passaporte e isso. E quando foi no domingo ela viajava de manhã com a minha tia que minha tia vinha passar férias lá. Aí ela chegou, aí o meu padrasto estava a viajar, ele chegou e não a deixava vir para cá de jeito nenhum, disse que não que ele não ia e isso. Aí ela foi para o aeroporto e veio e eu fiquei lá, com minha irmã e com ele.</li> <li>• A minha mãe veio para cá por motivos de isso, compra de algumas, de pares para vender lá. Leva algumas roupas daqui para lá. Já estive durante 1 ano, motivo de saúde do meu avô que faleceu há anos atrás, ela esteve cá a cuidar dele por isso ficou 1 ano aqui.</li> <li>• Melhores condições de vida e essas coisas, porque lá a vida era um bocadinho complicado. As pessoas não conseguiam ganhar nada com</li> </ul>	<p><b>42</b></p> <p><b>L45, 46</b></p> <p><b>E2; L48, 49</b></p> <p><b>E3; L66-69</b></p> <p><b>E4; L76-89</b></p> <p><b>E5; L52, 53, L56, 57</b></p> <p><b>E6; L64-70</b></p>
------------------	---	--

	<p>aquilo que trabalhavam, só dava mesmo para comer, não conseguiam ganhar para, por exemplo, as compras mesmo que só fora daquilo que era preciso mesmo, por isso o meu pai também decidiu e levou os meus tios também estavam cá por isso o meu pai primeiro foi para a Alemanha e depois daí ele veio para cá.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi o casamento que o meu padrasto pediu ela em casamento e pediu para ela vir para ela morar com ele.</li> <li>• Primeiro o meu pai veio de viagem para ver Portugal e gostou e pronto começou cá a trabalhar, depois veio a minha mãe e depois vim eu. Por acaso foi por causa da falta de trabalho nos Açores.</li> <li>• Gostava de dançar ballet. O motivo foi assim, eu fazia ballet e flamengo no México. E como dizia a professora do conservatório era suposto vir cá dançar só que quando cheguei ao conservatório perguntaram-me se era aquilo que eu queria fazer para o resto da minha vida e eu respondi que não.</li> <li>• Financeiros, tentar arranjar melhores condições de vida e trabalho. ...Davam a possibilidade de legalização das pessoas cá.</li> </ul>	<p><b>E7; L64, 65</b></p> <p><b>E8; L45, 46</b> <b>L67</b></p> <p><b>E9; L44, L 48-51</b></p> <p><b>E10; L45, 46, 48, 49</b></p>
<b>Contexto Escolar do País de Origem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cabo-Verde era um ambiente diferente, era respeito com os professores, (...) se quiséssemos falar metíamos o dedo no ar e só depois com a autorização do professor falávamos... Lá a gente tinha um sistema mais avançado, o que a gente deu lá, estou agora a dar aqui. Eram poucas as disciplinas, no ensino básico eram só três que eram matemática, português e ciências, eram só estas três por isso não havia muitas dificuldades. Já no secundário quando entrei para o 7º ano já havia umas doze disciplinas, mas também eram fáceis.</li> <li>• Sim falavam, mas nem todos... [Os professores falavam crioulo na sala de aula]</li> <li>• ...Nós começamos aprender inglês desde o 1º, pronto, estás a ver a comparação, ali é muito exigente, já sabes, a maioria dos russos vêm cá, que estudam cá, que estudam lá e depois vêm cá</li> </ul>	<p><b>E1; L53-56</b> <b>L127, 128</b> <b>L131-134</b></p> <p><b>E2; L116</b></p> <p><b>E3; L239-241</b></p>

	<p>têm boas notas...</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Lá não ficava o dia todo na escola, não tinha o da manhã que era do 9º ao 12º e o da tarde que era do 1º ao 6º ou ao 8º. E á noite que era do 10º, pessoas que tinham de fazer o 10º mas tinham que trabalhar de dia e faziam o 10º á noite.</li> <li>• Retardado, o que é básico aqui lá é o ponto principal, não sei como explicar. Por exemplo, a matéria do primeiro período é capaz de dar para todo o ano lá. É bastante, está dividido em 3 períodos lá, manhã, tarde e noite. De manhã começa às 8 ou 7, 7 da manhã e termina às 12h. Á tarde começa às 1h para terminar às 6:30 ou 5h, 6h. Á noite começa às 10h até às 24h.</li> <li>• Era quase igual aqui, a escola, a casa, brincar com os amigos é quase semelhante aqui. Nós tínhamos aulas até às 3. Todos os dias era até às 3h e sempre tínhamos as mesmas aulas. Aqui tipo tens língua portuguesa, hoje e amanhã não tens e só volto a ter segunda-feira e lá não, todos os dias é o mesmo horário. Só a sexta-feira é que é um bocadinho diferente que é só até ao meio-dia.</li> <li>• ...Os alunos se quiserem prestar atenção, prestam atenção, se não quiserem, os professores não querem saber, não estão nem aí.</li> <li>• Mas eu vinha com a ideia de rigorosidade, que se eu não sei uma coisa eu estudo e aquilo ajudou-me muito. Disciplina, agora eu perdi mas eu vinha e isso ajudou-me muito.</li> <li>• ...Só que no México, muitos dos alunos compram as notas, o ensino é detorado. ...Temos vários tipos de fardas que são designadas pela escola com cores muito frias. Às sete da manhã temos sempre que fazer o hino á bandeira, fazer saudação á bandeira e depois ir para as aulas.</li> <li>• [Na Ucrânia é mas rigoroso.]</li> </ul>	<p><b>E4; L188-190</b></p> <p><b>E5; L133-135</b> <b>L138-141</b></p> <p><b>E6; L 28, 29</b> <b>L 144-149</b></p> <p><b>E7; L112, 113</b></p> <p><b>E8; L187, 188</b></p> <p><b>E9; L101, 102</b> <b>L 144-146</b></p> <p><b>E10;</b></p>
<b>Contexto Escolar do País de Acolhimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...Logo no princípio foi uma confusão na turma, era muito barulho todos os dias, chamavam nomes aos professores e lá em Cabo-Verde era um ambiente diferente (...) no início fez</li> </ul>	<p><b>E1; L152-154</b></p> <p><b>L159, 160</b></p>

	<p>[confusão] porque com aquele barulho todo, mas ainda conseguia ter boas notas e conseguia acompanhar.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim é mais cansativo passar o dia inteiro na escola.</li> </ul>	<b>E2; L158</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Portugal facilita imenso é uma facilidade enorme de estudos, lá tudo é exigente por exemplo aqui começa química ou biologia no... biologia nesse caso começa no 10º, biologia é mais fácil para nós, começamos no 3º ano...</li> </ul>	<b>E3; L235-239</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mais ou menos, hum, eu acho, lá é assim só tinha 45 minutos não dá para nada, tipo vai fazer um teste em 45 minutos não dá para nada. Aqui não, aqui você tem 90 minutos e dá para tudo, dá para fazer tudo se não fez é porque não quis, mesmo a gente saindo á tarde a gente tem um horário bom.</li> </ul>	<b>E4; L201-205</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Só no horário. Alguns professores também. A maneira como os alunos aqui estavam dentro da aula é muito diferente de lá. ...educação é muito diferente de muitos alunos aqui, por exemplo, a maneira de lidar com os stores, eles discutem com os stores e eu foi uma surpresa para mim porque em Angola, não seria possível nem que é muito difícil acontecer isso.</li> </ul>	<b>E5; L90 L 94-98</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...As escolas no meu país, as escolas mesmo do público e mesmo as privadas havia aulas ao sábado e o meu pai dizia que aqui ao sábado não havia e que as escolas eram melhores do que no meu país.</li> </ul>	<b>E6; L265-267</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No ensino, Portugal tem uma vantagem muito grande, porque nós brasileiros em geral posso estar a falar por mim, eu por mim prefiro Portugal, porque, um aluno que está lá dentro do Brasil e tem o ensino numa escola pública, como essa, como a nossa não tem um ensino igual a essa escola. Essa escola se estivesse no Brasil ganhava de 10 a 0... Mas assim o ensino aqui é muito bom, gosto daqui.</li> </ul>	<b>E7; L107-111</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agora mudei, mas... [o sistema de ensino é mais facilitador]</li> </ul>	<b>L114</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O ensino aqui é mais facilitado do que lá, pensei</li> </ul>	<b>E8; L188</b>
		<b>E10;</b>



	que fosse uma coisa parecida mas não é muito mais facilitado aqui.	<b>L260, 261</b>
<b>Dificuldades/ Obstáculos Encontrados</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tenho aqui na escola, tenho mais amigos aqui na escola e também tenho fora da escola. Consegui integrar-me bem, [na escola] mas só que era mais difícil por causa do barulho da aula.</li> <li>• Tive mas... Os amigos que eu tenho aqui são só Cabo-verdianos, não tenho nenhuns amigos portugueses assim... Tinha mas não muito. Em falar português, não sei falar muito bem português, e fico com vergonha... Sim, tenho dificuldade porque às vezes tenho de ir para casa para cozinhar, porque a minha mãe trabalha, os meus pais também, sinto mais dificuldade para estudar, às vezes é as 8h e tal que estudo, à noite.</li> <li>• Tive! Tive muita dificuldade. Eu quando cheguei cá, a minha mãe pôs-me numa escola particular, porque numa escola normal não me adaptava (risos) e mesmo assim na escola particular era muito complicado porque eu não percebia nada e logo à primeira aula que eu fui eu só conseguia dizer “olá”, “bom-dia” (risos), essas coisas básicas eu sabia, o resto eu não sabia, eu não conseguia perceber nada, então a professora sempre exigia imenso, estava sentada ao pé de mim, a fazer-me desenhos, imagine-se se eu andasse numa escola privada (pública) ninguém me fazia isso, pois não, numa escola pública.</li> <li>• Tive, eu passei 4 meses a chorar, que não queria ficar aqui, que queria voltar para Goiana e isso. Aí ela disse que com o tempo ia acostumar. Ela até me ia mandar de volta embora. Aí eu entrei na escola, foi um bocadinho difícil, chumbei um ano agora estou a fazer de novo, foi difícil habituar. Eu quando cheguei cá não gostei muito de vir para a escola não, porque sei lá, eu falava “o que é que eu vou fazer na escola, se eu não me dou bem com as pessoas são todos portugueses? Que é que eu vou fazer lá, são pessoas diferentes” e eu me sentia mal por vir para a escola. Porque eu falava, “eu não sou um deles,” eu me sentia mal de vir para a escola e eu não gostava de vir para a escola.</li> <li>• Tive e ainda tenho. [dificuldade em fazer amigos]</li> </ul>	<b>E1; L66, 67, L77, 78</b>  <b>E2; L54, 55 L62, 63</b>  <b>L164-166</b>  <b>E3; L90-98</b>  <b>E4; L100-104</b>  <b>L221-226</b>  <b>E5; L73</b>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim tive. No início não tinha mesmo amigos, só os da minha terra, do meu bairro que conheci alguns amigos, quando comecei a escola, eles eram da mesma escola da minha turma depois aí... Cá e agora já conheço quase toda a gente do meu bairro e daqui da escola. No início foi um bocadinho difícil, as pessoas, a forma das pessoas estar, era um bocadinho diferente do que ali, a cultura é um bocadinho diferente foi isso que demorou um bocadinho a adaptar-me.</li> <li>• A primeira foi um pouco, não sabia mais ou menos a regra da escola, não sabia como era a avaliação é muito diferente do brasil foi um pouco, foi um pouco difícil. Depois que vim para esta escola já estava mais orientado, também já estou cá há mais tempo portanto... Dificuldades, perceber a língua. As expressões... Na primeira escola estava sentado era a minha primeira semana de aula, isso, a minha colega de trás começou a ficar chateada e começou a falar “epá fogo” e eu não sabia o que era essa expressão, comecei a sair da sala pensei que a sala estava a pegar fogo...</li> <li>• ...Agora quando cheguei aqui dos Açores, Portugal Continental eu senti um choque, um pequeno choque senti as pessoas aqui são mais frias e pronto. Não tive muita dificuldade, gostei muito da companhia e dos amigos, foram muito, muito “quentes vá” mas quando mudei dos Açores para Lisboa foi mais complicado. As pessoas são mais frias, é mais difícil para nos enquadrarmos. Nos Açores não é, o primeiro obstáculo, primeiro foi a língua e compreender o que os outros queriam dizer e obstáculos... Mais, foi especialmente a língua.</li> <li>• ...Tive dificuldades em começar a tirar boas notas mas integrar foi fácil a adaptação. Tive, é uma escola um bocado de grupos, isso funciona há vários grupos é difícil adaptar.</li> <li>• Maior parte foi a língua. É a impossibilidade de comunicar com outras pessoas.</li> </ul>	<p><b>E6; L83-86</b></p> <p><b>L99-101</b></p> <p><b>E7; L87-90</b></p> <p><b>L183</b> <b>L188-191</b></p> <p><b>E8; L57,58</b></p> <p><b>L73-75</b></p> <p><b>L77</b> <b>L143-145</b></p> <p><b>E9; L73-74</b> <b>L84-85</b></p> <p><b>E10; L54, 55</b></p>
<b>Representações Culturais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na parte da gastronomia, em Cabo-Verde em comparação com Portugal é diferente, cada um tem a sua cultura, no clima também é diferente porque o nosso país fica na linha do equador e aí</li> </ul>	<p><b>E1; L90-93</b></p>

---

	<p>gente faz frango ao molho. Frango assado no forno, faz puré de batata. Aqui também lá faz. No domingo a gente come mais coisas de lá. É salpicão, é galinhada, é picanha, é costela, mandioca que come mais coisas de lá é no domingo. Tutu de feijão minha tia é que faz muito tutu de feijão.</p>	<b>L442</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A gastronomia é mais cultural com base nas raízes é isso. Aqui é Mais normalmente, apetece ir mais ao shopping, comer mc donalds esses fast-food pizza, encomendar 1 pizza. Lá não, é mais não tem nada para coisa pão coisa aqui não. Pratos típicos é quase igual como no Brasil, arroz com feijão assim, batatas fritas e isso, com carne e essas coisas e outras folhas que eu não como, mas é típico de lá, jaca, fama de palma, couve e essas coisas poncha cachupa.</li> </ul>	<b>E5; L120-123</b>
		<b>L125-128</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É tudo, tudo completamente diferente comida, aquilo de vir dali até aqui, é um mundo diferente para mim. Quando eu cheguei aqui porque as pessoas, a forma de vestir das pessoas, as pessoas falar, as coisas que eles faziam, ir á praia e isso. Não havia lá no meu país. A roupa já começou a vir nas cidades que são mais conhecidas. As pessoas já começavam a usar estas roupas. Quando cheguei aqui a comida também é muito diferente da de lá, as pessoas lá também não podem comer porco, aqui também normalmente em todo o lado há porco. Quando estávamos no avião, estávamos a vir e trouxeram porco para nós comermos, mas nós perguntamos o que era e não comemos. É as roupas, não sei se já viu na televisão, usam burka, já também poucas pessoas utilizam lá, porque já há muito com o calor que está a fazer, aquilo é um bocadinho “coiso”. A comida é muito diferente. O pão daqui é muito diferente. O pão que nós fazemos lá em casa é um pão redondo, está a ver aquela parte de baixo da pizza, é mais ou menos essa coisa que nós fazemos em casa e o pão daqui é muito diferente, os pratos daqui que vocês fazem é quase tudo diferente, totalmente diferente. Nós fazemos o arroz que é muito diferente, chama-se biryani. Nós temos lá o arroz, os piripiris essas cenas que usamos lá, carne, carne que nós quisemos, podemos usar de vaca ou de frango.</li> </ul>	<b>E6; L125-134</b>
		<b>L151-153</b>
		<b>L167-171</b>
		<b>L173-175</b>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasil não tem assim frio como tem aqui. Há Inverno mas o frio de lá é de 30°, 25°.</li> <li>• A nível do clima, tem um Inverno com muito frio é a neve e isso, mas a nível da comida também, a comida achei um bocadinho mais gorda. Comia mais lá do que aqui, em relação às pessoas, as pessoas lá na Moldávia são um bocadinho mais frias, sem ser os familiares, claro, e acho que é um bocadinho mais difícil a vida lá.</li> <li>• No México a culinária mexicana é baseada em picante e milho, aqui é feita em peixe.</li> <li>• A maneira de ser das pessoas, um bocado a mentalidade das pessoas é diferente, um simples exemplo, aqui uma pessoa entra numa loja a pessoa que está a trabalhar pergunta se quer ajuda ou algo assim e eu já tive caso na Ucrânia entrava numa loja só para ver alguma coisa e as pessoas dizem “então não vais comprar nada, vai-te embora” é um bocado assim. Os hábitos são diferentes. As sopas, por exemplo, aqui as sopas são todas batidas, todas feitas como se fosse papa, puré, lá não, lá são à base de caldo, fazem um caldo, por exemplo, como se fosse canja, só que levam mais coisas, levam batata, levam mais aquilo e são todas à base de canja.</li> </ul>	<p><b>E7; L302,303</b></p> <p><b>E8; L100-104</b></p> <p><b>E9; L111-112</b></p> <p><b>E10; L122-127</b></p> <p><b>L136-140</b></p>
<b>Condições e Estilos de Vida em Portugal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É mais cansativo do que em Cabo-Verde, aqui a gente passa quase o dia todo na escola, aí (Cabo-Verde) era uma parte da manhã até ao meio-dia, ou do meio-dia até às sete, isto lá. Fazendo quase tudo ao mesmo tempo [porque os alunos passavam praticamente o dia todo na escola] Sábados e domingos – às vezes costumo sair, estudo... Vou ao centro comercial, ao cinema...</li> <li>• ...Porque quando estava em Cabo-verde saía da escola e ia para casa é a mesma coisa. Eu não saio, fico em casa. Normalmente fico a ver televisão, a fazer os TPC'S e assim...</li> <li>• O meu dia, hoje em dia é na escola, depois da escola, tenho de vez em quando vou às aulas de inglês (quando me apetece) (risos). Pronto vou às aulas de inglês, depois ajudo no trabalho da minha mãe, nas férias também trabalho com a minha mãe, ajudo-a, de vez em quando vamos</li> </ul>	<p><b>E1; L183-185</b></p> <p><b>L197</b></p> <p><b>L203</b></p> <p><b>E2; L146, 147 169, 172</b></p> <p><b>E3; L340-248</b></p>

	<p>sair, este ano fomos para a Turquia visitar a minha avó, vou ver Istambul e pronto, depois das aulas geralmente vou ao trabalho quando a minha mãe precisa, quando fica lá sozinha, o meu padrasto vai ao mercado, ela de vez em quando fica lá sozinha porque o empregado tirou a folga ou assim ou precisa de ir a algum lado e precisa da minha ajuda eu vou lá.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É, é diferente, aqui eu tenho que levantar cedo e ir para a escola e ficar até tarde, tenho de chegar em casa fazer o jantar, arrumar tudo dormir de novo para o outro dia levantar e vir para a escola sair mais um dia tarde e no Brasil não. ...aqui não, aqui só fico dentro de casa. Eu cheguei aqui numa segunda-feira, na terça-feira minha mãe me levou para o trabalho dela e depois me deixou no restaurante da minha tia e de tarde ele foi-me buscar. Eu não gostava dele. Aí ele entrou e falou “vamos, a tua mãe mandou-me vir-te buscar” todo feliz, tá vendo, me tratando bem. De lá até em casa fui de cara fechada. “Gosta de andar de metro?” eu falei “não”, lá em casa estava de cara fechada, chorava de noite, fazia escândalo á noite.</li> </ul>	<p><b>E4; L247-254</b></p> <p><b>L477- 483</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Por parte de aprender a viver longe dos pais, porque agora só estamos nós adolescentes em casa. Nem o encarregado está em casa, cada um é responsável por si, acho que deu para amadurecer mais, ser mais responsável. Para mim é isso aprender a viver longe dos pais porque lá era mais dependente. Os pais eram o meu... quem davam a noção do mundo e tal, agora não, aqui eu vejo com os próprios olhos e aprendo com a própria cabeça. Dia de escola, hoje 2ªf saio á 1h, chego em casa, vejo os TPC’S se houver algum que dê para fazer no momento faço. Almoço, almoço aqui na escola e mais tarde a empregada deixa a comida e se estiver com vontade como e durmo por volta das 23h. Acordo faço os TPC’S estudo e isso e acordo para dormir da meia-noite às 6h porque para vir para a escola demora cerca de 30min até aqui á escola e de manha demoro quase uma hora por isso acordo às 6h.</li> </ul>	<p><b>E5; L157-163</b></p> <p><b>L165-171</b></p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aqui a vida é um bocadinho mais, passa muito rápido, lá não, porque aqui as pessoas vivem sempre a se levantar, lá no meu país não só que</li> </ul>	<p><b>E6; L203-209</b></p>

	<p>eu sentia mais. As condições de vida aqui são melhores mas eu gostava mais de estar no meu país, cada um gosta do seu país, mas as condições, essas coisas, aqui em Portugal são melhores do que lá no meu país, ainda está em desenvolvimento e Portugal já é um país desenvolvido. ...Quando viemos para aqui a casa que nós temos agora é um bocadinho mais pequena...</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aqui não, aqui a gente tem os pais quem vem á escola, que procura saber, os professores ligam, os professores fazem reuniões com os pais e dão notas, dão isso e aquilo. Dia de semana, eu entro na escola 8:15h dependendo dos dias, geralmente as aulas acabam 4:40h (16:40h), passo o dia na escola, almoço, fico na escola andando, ou então vou para o zoo no mc ou outros lugares e depois que saio da escola geralmente fico com os meus amigos de conversa na escola ou vou para casa com os meus amigos.</li> <li>• Eu acho que aqui, a minha vida tornou-se um bocadinho mais pacífica, já não saio assim tanto para a rua, porque a zona onde eu vivo não tem assim muitas crianças, adolescentes. Aqui estou mais em casa, no computador.</li> <li>• Descrevo que acordo cedo, vou para a escola, depois da escola saio com os amigos e depois vou para casa, o que seria impensável no México sair com os amigos para a rua como saio em Portugal, porque senão levava um tiro. No Domingo vou á igreja, então sábado, acordo tomo banho e isso levo o meu cão á rua, volto se a minha avó quiser sair comigo, saio com ela senão vou á praia com minha avó. Depois num domingo acordo tomo banho vou com o cão á rua volto depois vou á igreja, da igreja saio á 1h vou almoçar a casa e depois saio com os amigos.</li> <li>• Agora tenho o meu quarto, tenho as minhas coisas, tenho os meus amigos...</li> </ul>	<p><b>L242-243</b></p> <p><b>E7; L159-160</b></p> <p><b>L167-171</b></p> <p><b>E8; L131-136</b></p> <p><b>E9; L176-179</b></p> <p><b>L194-197</b></p> <p><b>E10; L195,196</b></p>
<b>Apoios Recebidos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recebi os da minha mãe, o da patroa dela que a informou desta escola para eu vir para cá estudar e já assim não houve grandes dificuldades. Não, mantiveram o plano escolar, só aulas de Português de língua não materna.</li> </ul>	<p><b>E1; L220-222</b></p> <p><b>L225-226</b></p>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim, apoio, tenho apoio de inglês, também havia um curso aqui de inglês para pagar 85 euros, mas nem tenho esse dinheiro. Também há curso de história que tenho muitas dificuldades e isso, coisas assim.</li> </ul>	<b>E2; L184-186</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sim, tive imenso apoio, as pessoas por acaso eram boas, digamos assim, sempre nos intervalos me ajudavam, a tentar compreender... Há pessoas que desprezavam e diziam, ainda por cima, é estrangeira e não sei quê... Não elas tentavam-me pôr no grupo. Tentavam explicar-me as coisas.</li> </ul>	<b>E3; L123-127</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recebia. Tinha apoio no ano passado de matemática, tive de inglês, só esses apoios que eu tive. Mas chumbei porque eu sei lá, era desinteressada, não percebia, era assim.</li> </ul>	<b>E4; L280-282</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi a primeira escola que comecei a vir estudar, foi a Marquesa mas quando entrei mesmo para aprender a língua foi uma escola que tenho ao pé de minha casa, é a escola primária e daí quando eu fui lá disseram que eu não sabia falar português e eles puseram-me numa turma para aprender português.</li> </ul>	<b>E6; L232-236</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Professores, professores, tive ajuda no ensino, se ofereceram para ficar na escola para ajudar na matéria na parte que não entendia. Os amigos também, os amigos na parte que não percebia que onde é cada ciclo da escola onde ficava isto e aquilo como em geral.</li> </ul>	<b>E7; L221-224</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...Os meus pais, eles preocupavam-se muito comigo e davam-me sempre exercícios para fazer especialmente num tempo. Eu vim no Verão para cá, quando vim para os Açores e estava todo o Verão mais ou menos a estudar a língua. No início os professores ajudavam-me, davam-me trabalho a mais e acho que mais nada.</li> </ul>	<b>E8;148-151</b>  <b>L165,166</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bastantes, tive várias aulas de apoio para tentar melhorar as notas e depois tive acompanhamento por parte dos professores que tentavam-me acompanhar, por isso foi fácil.</li> </ul>	<b>E9; L217-219</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...A minha professora usou bastantes desenhos, até ofereceu-me um dicionário com imagens...</li> </ul>	<b>E10; L225-226</b>



<b>Expectativas de Futuro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• De estudar, fazer a faculdade e ter uma profissão boa. [Estudar] Ciências, para ir para medicina. [Voltar ao país de origem] Talvez, só de férias... Porque agora já me acostumei aqui.</li> <li>• Gostava de ser apresentadora, eu acho que vou ser, não sei, vou estudar para isso. Eu penso em voltar ao meu país de origem.</li> <li>• A nível profissional já tive muitos sonhos e de momento tenho o sonho de me formar na área da farmacêutica, ciências farmacêuticas, eu gosto e desde pequenina quando eu era pequena brincava com a minha amiga brincava assim, tínhamos tipo farmácia, os comprimidos da minha avó, guardava as caixinhas e depois nós fazíamos essas coisas, desde pequena tenho esse sonho de me tornar farmacêutica e a minha mãe nesse caso ela disse-me que me ia ajudar, ela disse “ se precisares eu pago-te os estudos até 30 anos, desde que tu estudes” (risos), e pronto ela diz que me vai ajudar se eu precisar de abrir alguma farmácia não há problema portanto esse é o meu sonho de momento, mas já quis ser arquitecta antes quis ser veterinária, já quis ser muita coisa, mas de momento é esse objectivo que eu decidi e vou seguir.</li> <li>• Quando eu acabar o 9º ano eu vou fazer um curso de estética, não sei, ainda se eu vou ou se eu não vou porque... Não sei depois eu não aprendo direito, tenho medo de não aprender e chegar depois quando for trabalhar não ser aquela cabeleireira, maquilhadora e ganhar pouco. Depois do 12º, eu vou trabalhar.</li> <li>• Expectativas, tenho de terminar o 12º e ingressar na faculdade e fazer o que eu queria. Pretendo ser um homem que tem que aprender várias coisas, pretendo ingressar e entrar para a faculdade, aprender novas coisas, tentar a vida de teatro, tentar a vida de modelo porque já fiz campanha de modelo, várias coisas.</li> <li>• Objectivos, ainda não sei muito bem, sei que quero seguir o críquete mas sei que aqui em Portugal não há muito, só quando for grande e for para outro país, acho tipo Inglaterra, pode ser que vá conseguir...</li> </ul>	<p><b>E1; L241, 245 L256, 258</b></p> <p><b>E2; L215, 230</b></p> <p><b>E3; L379-390</b></p> <p><b>E4; L348-351</b></p> <p><b>L365</b></p> <p><b>E5; L227,228 L282-285</b></p> <p><b>E6; L270-272</b></p>
-------------------------------	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> <li>As expectativas eram de melhorar mais o meu ensino e seguir na área da medicina... Advocacia para advogado mesmo não tendo o jeito, o dom para ser essa área ou para teatro, actor. Eu ainda estou em dúvida entre as 3 mas entre medicina artes e humanidades eu prefiro artes. Até porque eu me identifico mais com o teatro, essa área de porque eu me expresso mais. Mas para mim não, para mim não, morar tão cedo não depois que fizer o meu curso, faculdade, porque não. É um caso de se pensar mas pretendo voltar um dia criar as minhas raízes lá.</li> <li>Eu penso em continuar a estudar, penso acabar a universidade, estou a apostar numa engenharia. Em princípio, gosto muito de informática, em princípio engenharia informática ou não sei depende da média que terei claro. É o seguinte, se eu com um bocadinho de sorte e se melhorar as notas eu irei para outro país sim. Canadá.</li> <li>Eu gostava de ter uma família como a maioria das pessoas, gostava de tirar o curso de medicina, a nível de carreira gostava de ser cirurgião, pessoal não sei logo vemos, vivemos um dia de cada vez. Isso depende, se arranjar uma família aqui em Portugal, faço aqui em Portugal, se tiver que imigrar imigro. Acho que o mais importante numa família é a estabilidade.</li> <li>Agora, entrar na universidade, tirar uma coisa, estou a pensar em mecatrónica ou engenharia energética.</li> </ul>	<p><b>E7;</b> <b>L251,252</b> <b>L257,258</b></p> <p><b>L261-263</b></p> <p><b>L275-277</b></p> <p><b>E8; L193,</b> <b>194</b> <b>L197, 198</b></p> <p><b>L201, 202</b></p> <p><b>L205</b></p> <p><b>E9; L238-</b> <b>240</b></p> <p><b>L247-249</b></p> <p><b>E10;</b> <b>L249, 250</b></p>
<b>Satisfação com o PLNM</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Me ajuda por exemplo, como nos verbos, escrevo muito nos ditados, ajuda-me...</li> <li>Eu tenho português de língua não materna (PLNM), mas é praticamente igual, nós damos a mesma matéria, damos o mesmo livro, portanto, só que a professora vai dando mais fichas, mais trabalhos, mas basicamente é a mesma coisa, até é mais complicado que há mais fichas, mais trabalhos, mais... Temos que escrever imenso, ler imenso portanto, mas eu gosto, sinceramente se eu tivesse... Tive a escolha de optar por PLNM ou língua portuguesa, mas eu optei por PLNM porque eu achei que era mais fácil ia ter média mais alta, mas pronto sim tenho média mais alta que os outros alunos da minha turma</li> </ul>	<p><b>E2; L194-</b> <b>195</b></p> <p><b>E3; L170-</b> <b>179</b></p>

	<p>da língua normal, mas não estou a dizer que é mais fácil. É acaba por ser melhor e como nós somos um grupo pequeno a concentração do professor é maior, percebes, por exemplo exercícios, quando tens turmas de 28 e 28 e tal alunos é mais difícil explicar a todos, percebes, e eles estão desatentos, outros estão a brincar, perturbam ou outros, aqui não o grupo é pequeno, nós somos quantos?... (pausa, pensa no nº de pessoas) Somos 7 pessoas, um grupo pequenino portanto é mais exigente. A concentração é maior não há aqueles tchi, tchi, tchi, por trás.</p>	<b>L181-186</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ...Tinha que fazer um PLNM e não me incluíram, fiz uma normal.</li> </ul>	<b>E5; L205</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não é mais complicado, acho um bocadinho mais fácil, acho que sim.</li> </ul>	<b>E8; L173,174</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na outra escola era um apoio muito mais digamos desleixado porque era só meia hora, aqui na D. Pedro é um apoio mais constante, tenho quatro horas de português por semana. Por isso aqui na D. Pedro V é melhor. O apoio é mais personalizado a nível dos verbos, estrutura frásica, construção de frases por isso. É melhor aqui.</li> </ul>	<b>E9; L223-227</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não, até fiz o teste e passei, não foi necessário.</li> </ul>	<b>E10; L242</b>

## **Anexo V. Guião de entrevista**

### **Guião de entrevista**

#### Caracterização Sócio-Demográfica:

Idade

Género

Nível de Escolaridade do aluno

Nível de Escolaridade do Pai e da Mãe

Profissão do Pai e da Mãe

Cidade e país de origem:

Idade com que imigrou:

Data da emigração do Pai

Data da vinda Mãe e do (s) filho (s)

#### **1) Conhecer os modos de vida dos emigrantes no seu país de origem**

1. Como era a tua vida no teu país de origem? (habitação, ano lectivo, família socialização, interacção com o outro, vivias no campo/cidade)
2. Conta-nos o teu dia-a-dia no teu país de origem?

#### **2) Identificar os motivos da emigração**

3. Sabes quais os motivos que levaram os teus pais a imigrar?
4. Porque vieste para Portugal? Foi o teu primeiro país de destino? (Se não, qual foi?)

#### **3) Analisar as dificuldades e facilidades de adaptação à nova vida**

5. Tiveste dificuldades em fazer amigos? (Se sim, que tipo de dificuldades?) Os teus amigos estão na mesma escola que tu frequentas? Qual é a nacionalidade dos teus amigos? Convives com os teus amigos fora da escola?
6. Tiveste dificuldades em te adaptares á nova escola? (Se sim, que tipo de dificuldades e como as tentaste ultrapassar?)
7. Gostas da escola que frequentas? (colegas, professores, matérias, funcionários...)

8. Quais os maiores contrastes entre o teu país de origem e Portugal? (a língua, o sistema de ensino, o vestuário festivo e do dia-a-dia, a gastronomia, a cultura)
9. O que é mais semelhante ao teu país de origem?
10. Já tiveste alguma experiência de discriminação na escola e fora da escola? Já foste excluído por algum colega numa brincadeira, num jogo, no trabalho escolar em equipa? Outra: qual?

#### **4) Conhecer as condições de vida dos emigrantes em Portugal**

11. Comparando com a tua vida no teu país de origem, como descreves a tua vida em Portugal? (Condições económicas, culturais, sociais...)
12. Conta-nos o teu dia-a-dia em Portugal?

#### **5) Avaliar os apoios recebidos pelos emigrantes, em termos de oportunidades concedidas e obstáculos impostos**

13. Ao chegares a Portugal, quais foram os primeiros obstáculos com que te deparaste? (escola, fazer amigo, ter uma habitação, alimentação, a aprendizagem da língua, a mobilidade – visitar a cidade e outros locais (ir à praias)...) )
14. Que apoios recebeste a nível escolar para melhor te adaptares?
15. O que esperavas encontrar em Portugal? Que expectativas tinhas em relação a este país?

#### **6) Explorar as perspectivas futuras dos emigrantes no que diz respeito aos seus objectivos pessoais e profissionais**

16. Que expectativas tinhas em relação à escola?
17. De forma geral as tuas expectativas correspondem à realidade? Se sim, qual é o sentido dessa correspondência? Se não qual é o sentido dessa correspondência?
18. Que sonhos e objectivos pessoais e profissionais tens?
19. Queres continuar a estudar em Portugal?
20. Que perspectivas tens para o futuro? (Pretendes ficar por Portugal? Gostarias de voltar ao teu país de origem? Porquê? Tens saudades do teu país de origem? De que tens mais saudades?)

### **7) Apoios recebidos por parte da família, amigos, professores**

21. Os teus pais apoiam-te nas tuas actividades e incentivam-te a continuares a estudar?
22. Apesar de estares em Portugal os teus pais passam-te a herança cultural deles (existente no país de origem)? Como? De que forma? E a escola fala da cultura do teu País? Como? De que forma?
23. A família é importante para ti?

## **Anexo VI. Entrevistas**

### **Índice**

<b>Entrevista 1</b>	87
<b>Entrevista 2</b>	93
<b>Entrevista 3</b>	99
<b>Entrevista 4</b>	109
<b>Entrevista 5</b>	120
<b>Entrevista 6</b>	126
<b>Entrevista 7</b>	133
<b>Entrevista 8</b>	141
<b>Entrevista 9</b>	146
<b>Entrevista 10</b>	153
<b>Entrevista à Professora Isabel Almeida</b>	160

Entrevista 1

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluna:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Como tinha dito, vamos fazer uma entrevista, e esta é mais baseada numa história de vida, na qual teremos de seguir alguns parâmetros, mas esses não têm que ser rigorosos, vais falando consoante aquilo que achas que deves dizer, mas antes disso gostaria de saber qual é a tua idade.	<b>E1, L5</b>
<b>Aluna:</b> 15 anos.	
<b>Entrevistador:</b> Em que nível de escolaridade é que estás?	
<b>Aluna:</b> 9º ano.	<b>E1, L10</b>
<b>Entrevistador:</b> Qual o nível de escolaridade do teu pai e da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Do meu pai não sei, mas da minha mãe é o 7º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a profissão do teu pai?	
<b>Aluna:</b> Isso também não sei...	
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	<b>E1, L15</b>
<b>Aluna:</b> A minha mãe é empregada doméstica...	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade de origem?	
<b>Aluna:</b> São Vicente – Cabo Verde.	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade imigraste?	
<b>Aluna:</b> Com 13 anos...	<b>E1, L20</b>
<b>Entrevistador:</b> Qual a data de imigração do teu pai?	
<b>Aluno:</b> O meu pai nunca imigrou...	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Isso também não sei porque ela veio para cá eu tinha 5 anos...	
<b>Entrevistador:</b> Ok... Importaste de me dizer como era a tua vida no teu país de origem?	<b>E1, L25</b>
<b>Aluna:</b> É uma vida como a que levo aqui, a escolaridade também... e é assim... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> E a tua família sempre foi mais ou menos unida ou tiveste alguns problemas com eles?	<b>E1, L30</b>
<b>Aluna:</b> Não! Nunca tivemos problemas....	
<b>Entrevistador:</b> E como era um dia-a-dia no teu país de origem? (por exemplo um dia de escola)	
<b>Aluna:</b> Hum... É igual aqui... (risos)	
<b>Entrevistador:</b> E um dia fora da escola, num contexto de actividades, ou contexto de fim-de-semana?	<b>E1, L35</b>
<b>Aluna:</b> Saía, brincava com os amigos... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> Sabes quais foram os motivos que levaram os teus pais a imigrar?	
<b>Aluna:</b> Hum... A minha mãe imigrou porque em Cabo-Verde não havia muito trabalho e por isso é que ela resolveu vir para cá, para poder ter um trabalho como deve ser e ganhar mais... (pausa)	<b>E1, L40</b>
<b>Entrevistador:</b> Porque é que vieste para Portugal? Foi o 1º país a ser escolhido pelos teus pais?	
<b>Aluna:</b> Foi... Como a minha mãe já estava aqui, ele resolveu mandar buscar-me para eu poder continuar a estudar aqui e ficar perto dela.	<b>E1, L45</b>
<b>Entrevistador:</b> E achas que a tua mãe conseguiu atingir o objectivo dela?	

## A Escola e os Outros

Por exemplo, ela decidiu vir para cá para melhorar as condições de vida. Achas que ela conseguiu esse objectivo?	
<b>Aluna:</b> Sim...	<b>E1, L50</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu ao chegares cá tiveste dificuldade em fazer amigos?	
<b>Aluna:</b> Não, logo no princípio foi uma confusão na turma, era muito barulho todos os dias, chamavam nomes aos professores e lá em Cabo-Verde era um ambiente diferente, era respeito com os professores, a gente não fazia isso, se quiséssemos falar metíamos o dedo no ar e só depois com a autorização do professor falávamos...	<b>E1, L55</b>
<b>Entrevistador:</b> Isso para ti, fez-te muita confusão, o facto de haver mais respeito pelos professores por parte dos alunos lá e aqui ser diferente?	
<b>Aluna:</b> Fez... Agora não, mas no início fez porque com aquele barulho todo, mas ainda conseguia ter boas notas e conseguia acompanhar.	<b>E1, L60</b>
<b>Entrevistador:</b> E ainda consegues acompanhar, apesar dessa confusão toda que...	
<b>Aluna:</b> Sim... (risos) Agora a turma também está melhor.	
<b>Entrevistador:</b> E os amigos que tu fizeste, são daqui da escola, ou também tens amigos fora do contexto escolar?	<b>E1, L65</b>
<b>Aluna:</b> Tenho aqui na escola, tenho mais amigos aqui na escola e também tenho fora da escola.	
<b>Entrevista:</b> E a maioria desses teus amigos são portugueses ou de outra nacionalidade, Cabo-Verdianos?	
<b>Aluna:</b> Tenho portugueses, brasileiros, cabo-verdianos...	<b>E1, L70</b>
<b>Entrevistador:</b> E dás-te bem com eles todos?	
<b>Aluna:</b> Dou... (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Isso é bom... (risos) E para te adaptares aqui à escola foi muito complicada a adaptação á escola? Ou achas que te conseguiste adaptar bem? Comparando a escola de Cabo-Verde com a daqui, achas que havia muitas diferenças?	<b>E1, L75</b>
<b>Aluna:</b> Consegui integrar-me bem, mas só que era mais difícil por causa do barulho da aula.	
<b>Entrevistador:</b> Então não tiveste grandes dificuldades?	
<b>Aluna:</b> Não... (pausa)	<b>E1, L80</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas daqui da escola?	
<b>Aluna:</b> Gosto... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> Achas que ela te oferece todas as possibilidades para te integrares e te ajudar a nível de estudos?	
<b>Aluna:</b> Oferece... (pausa)	<b>E1, L85</b>
<b>Entrevista:</b> E quais são os maiores contrastes que encontras entre o teu país de origem e Portugal? Há assim, contrastes muito fortes, tendo em conta, a língua, o sistema de ensino, a forma de vestir, a cultura, a gastronomia, o clima. Podes falar-me um pouco destas coisas?	
<b>Aluna:</b> Na parte da gastronomia, em Cabo-Verde em comparação com Portugal é diferente, cada um tem a sua cultura, no clima também é diferente porque o nosso país fica na linha do equador e aí já é mais quente do que Portugal que fica a norte... e deixa eu ver mais... (pausa)	<b>E1, L90</b>
<b>Entrevistador:</b> Na parte da gastronomia queres-me falar de alguns pratos típicos de lá?	<b>E1, L95</b>
<b>Aluna:</b> Tem cachupa, sopa de peixe, feijoada, esses são os três pratos	



típicos de lá.	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, cá tens dificuldades em fazer esse tipo de pratos porque nós aqui temos outro tipo de gastronomia. Foi difícil habituares-te aos nossos pratos?	<b>E1, L100</b>
<b>Aluna:</b> Não, porque lá também às vezes a gente fazia alguns pratos daqui, porque a minha tia também sempre lia revistas e ligava á minha mãe para dizer algum prato. No Natal dizia algum prato para a gente fazer, por isso já estava acostumada, tipo o bacalhau e isso.	
<b>Entrevistador:</b> E daqui dos pratos portugueses quais são os pratos que gostas mais?	<b>E1, L105</b>
<b>Aluna:</b> O bacalhau! (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Mas, vocês costumam fazer cachupa, feijoada cabo - verdiana cá?	
<b>Aluna:</b> Sim...	<b>E1, L110</b>
<b>Entrevistador:</b> Têm facilidade em encontrar os ingredientes?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Está bem... (risos) E normalmente onde os costumam comprar?	
<b>Aluna:</b> Nas lojas africanas (pausa)	<b>E1, L115</b>
<b>Entrevistador:</b> E onde ficam essas lojas?	
<b>Aluna:</b> Ficam na Baixa de Lisboa, mais ou menos...	
<b>Entrevistador:</b> E a língua? Como vocês têm aqueles dialectos. Já falavas português em Cabo-Verde ou usavas mais os dialectos cabo-verdianos?	
<b>Aluna:</b> Em casa a gente falava o nosso crioulo, agora na escola sempre a gente falava o português?	<b>E1, L120</b>
<b>Entrevistador:</b> Então ao vires para cá, não tiveste tanta dificuldade em falar português, como falavas na escola tornou-se mais fácil?	
<b>Aluna:</b> Pois...	
<b>Entrevistador:</b> E o sistema de ensino era muito diferente do sistema de ensino daqui?	<b>E1, L125</b>
<b>Aluna:</b> Era... Lá a gente tinha um sistema mais avançado, o que a gente deu lá, estou agora a dar aqui. (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> Fala-me mais um pouco do sistema de ensino lá. Dos currículos, das matérias, das disciplinas.	<b>E1, L130</b>
<b>Aluna:</b> Eram poucas as disciplinas, no ensino básico eram só três que eram matemática, português e ciências, eram só estas três por isso não havia muitas dificuldades. Já no secundário quando entrei para o 7º ano já havia umas doze disciplinas, mas também eram fáceis.	
<b>Entrevistador:</b> E podes dizer-me algumas dessas disciplinas?	<b>E1, L135</b>
<b>Aluna:</b> Aí já comecei a ter físico-química, inglês, tinha francês. Só que a gente tinha de escolher uma das línguas, ou era inglês ou francês.	
<b>Entrevistador:</b> E tu optaste por...	
<b>Aluna:</b> ... Inglês.	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, a nível do inglês, tiveste inglês lá e agora cá, a maneira de dar as aulas é semelhante ou muito diferente?	<b>E1, L140</b>
<b>Aluna:</b> É mais ou menos semelhante...	
<b>Entrevistador:</b> Achas que os professores lá “puxam” mais por vocês ou é semelhante?	
<b>Aluna:</b> É semelhante... (risos)	<b>E1, L145</b>

<b>Entrevistador:</b> (risos) E quanto ao vestuário?	
<b>Aluna:</b> O vestuário também é quase igual...	
<b>Entrevistador:</b> Estou a perguntar por causa de ver por causa de ver na rua algumas roupas diferentes. Usam-nas no dia-a-dia ou só em ocasiões especiais?	<b>E1, L150</b>
<b>Aluna:</b> Só em ocasiões especiais.	
<b>Entrevistador:</b> Em que cerimónias usam esse tipo de vestuário?	
<b>Aluna:</b> Eu por exemplo, na minha ilha, a gente não costuma usar assim, a não ser nas outras ilhas, na nossa ilha a gente veste-se assim como vocês daqui. Assim para ocasiões especiais também, a gente veste tipo vestidos conforme a ocasião.	<b>E1, L155</b>
<b>Entrevistador:</b> Ok... Mas esse tipo de vestuário tem um nome específico. Sabes qual é o nome?	
<b>Aluna:</b> Acho que é traje, mas não sei...	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, encontras semelhanças entre Portugal e Cabo-Verde?	<b>E1, L160</b>
<b>Aluna:</b> (pausa) Acho que não...	
<b>Entrevistador:</b> Então são países diferentes de certa forma... E aqui na escola, já foste discriminada por algum colega?	
<b>Aluna:</b> Não... Nunca! Nunca deixei isso acontecer. (pausa)	<b>E1, L165</b>
<b>Entrevistador:</b> O que fazes para não deixares isso acontecer?	
<b>Aluna:</b> Ignoro a pessoa, está a falar mal de mim, é a melhor coisa que posso fazer, em vez de rebaixar ao nível dele.	
<b>Entrevistador:</b> E o facto de tu ignorares, achas que eles acabam por deixar ou ainda vão insistindo durante algum tempo?	<b>E1, L170</b>
<b>Aluna:</b> Não!!!	
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola, já sentiste algum tipo de discriminação?	
<b>Aluna:</b> Nunca!	
<b>Entrevistador:</b> Nem por exemplo, num super-mercado, ou algum lugar onde vás, nunca sentiste as pessoas a olhar de forma diferente ou a fazer comentários?	<b>E1, L175</b>
<b>Aluna:</b> Não, nunca aconteceu.	
<b>Entrevistador:</b> E nos trabalhos aqui da escola, tens facilidade em te juntares a um grupo para fazeres os trabalhos?	
<b>Aluna:</b> Tenho... (pausa)	<b>E1, L180</b>
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida no teu país de origem, fala-me de um dia-a-dia passado em Portugal?	
<b>Aluna:</b> É mais cansativo do que em Cabo-Verde, aqui a gente passa quase o dia todo na escola, aí (Cabo-Verde) era uma parte da manhã até ao meio-dia, ou do meio-dia até às sete, isto lá.	<b>E1, L185</b>
<b>Entrevistador:</b> Em qualquer nível de ensino, desde a primária até ao 12ºano. Então só tinham aulas durante um período, ou durante a manhã ou durante a tarde?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Nessa parte do dia livre que é que fazias?	<b>E1, L190</b>
<b>Aluna:</b> Aproveitava o tempo para estudar, ajudar a minha avó, ou então brincava.	
<b>Entrevistador:</b> E aqui como passas o dia todo na escola, tens mais dificuldade em arranjar tempo para estudar ou para fazer outras coisas?	

<b>Aluna:</b> Tenho...	<b>E1, L195</b>
<b>Entrevistador:</b> E como consegues dar a volta a essa situação?	
<b>Aluna:</b> (pausa) Fazendo quase tudo ao mesmo tempo (risos).	
<b>Entrevistador:</b> Daí é que tu dizes que acaba por ser mais cansativo, porque tens de fazer tudo em simultâneo... E como é um dia-a-dia aqui em Portugal?	<b>E1, L200</b>
<b>Aluna:</b> Sábados e domingos – as vezes costumo sair, estudo... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> E quando saís, costumás sair para que tipo de sítios?	
<b>Aluna:</b> Vou ao centro comercial, ao cinema...	
<b>Entrevistador:</b> E em Cabo-Verde também fazias esse tipo de coisas?	
<b>Aluna:</b> Aí não há muitos cinemas, então a gente costumava sempre ver filmes em casa, íamos ao centro comercial também... É quase a mesma coisa...	<b>E1, L205</b>
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, quando chegaste aqui a Portugal, quais foram os primeiros obstáculos com que te deparaste?	
<b>Aluna:</b> (pausa) Como assim?	<b>E1, L210</b>
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, chegaste cá, tiveste dificuldade em encontrar uma escola para estudar, fazer amigos, alimentação, foi difícil adaptares-te?	
<b>Aluna:</b> Em Cabo-Verde também vivia na cidade, e não tive grandes dificuldades.	<b>E1, L215</b>
<b>Entrevistador:</b> Então não tiveste grandes obstáculos ao chegares cá?	
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> E que apoios é que recebeste a nível escolar para te adaptares?	
<b>Aluna:</b> Recebi os da minha mãe, o da patroa dela que a informou desta escola para eu vir para cá estudar e já assim não houve grandes dificuldades.	<b>E1, L220</b>
<b>Entrevistador:</b> E depois aqui mesmo na escola, ela ofereceu-te algumas ajudas para te adaptares?	
<b>Aluna:</b> Não, mantiveram o plano escolar, só aulas de Português de língua não materna.	<b>E1, L225</b>
<b>Entrevistador:</b> E o que esperavas encontrar aqui em Portugal?	
<b>Aluna:</b> Isso agora não sei (risos).	
<b>Entrevistador:</b> que expectativas tinhas em relação a este país?	
<b>Aluna:</b> (pausa)	<b>E1, L230</b>
<b>Entrevistador:</b> Quando soubeste que vinhas para cá ficaste contente?	
<b>Aluna:</b> Fiquei mas quando cheguei aqui, agora tinha saudades de voltar.	
<b>Entrevistador:</b> O facto de vires para cá criou em ti alguma expectativa? Melhorias na escola, nas condições de vida.	
<b>Aluna:</b> Fiquei feliz por saber que aqui tinha mais vantagens, tipo na escola, ficar perto da minha mãe.	<b>E1, L235</b>
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas em relação á escola?	
<b>Aluna:</b> Não tenho...	
<b>Entrevistador:</b> E de forma geral é que as expectativas correspondem á realidade? Que expectativas tens para o futuro?	<b>E1, L240</b>
<b>Aluna:</b> De estudar, fazer a faculdade e ter uma profissão boa.	
<b>Entrevistador:</b> Em relação ao facto de estudares, agora estás no 9ºano, pretendes continuar a estudar e tu tens mais ou menos uma ideia da área	

para o qual queres ir?	
<b>Aluna:</b> Ciências para ir para medicina.	<b>E1, L245</b>
<b>Entrevistador:</b> E porquê medicina? Tens alguém na família que é médico?	
<b>Aluna:</b> Porque penso que tenho aptidão e sempre queria ser uma médica e porque gosto também... Quero ajudar as pessoas e para o caso de alguém na minha família tiver doente e eu tiver lá ajudar.	<b>E1, L250</b>
<b>Entrevistador:</b> É mais fácil fazer um curso cá ou lá?	
<b>Aluna:</b> Penso que cá, lá não há muitas universidades.	
<b>Entrevistador:</b> No final pensas ficar por Portugal no final dos estudos?	
<b>Aluna:</b> Ainda não sei...	
<b>Entrevistador:</b> E gostarias de voltar ao teu país de origem?	<b>E1, L255</b>
<b>Aluna:</b> Talvez, só de férias (risos).	
<b>Entrevistador:</b> (risos) Porquê?	
<b>Aluna:</b> Porque agora já me acostumei aqui.	
<b>Entrevistador:</b> Mas tens saudades do teu país de origem, certo?	
<b>Aluna:</b> Tenho...	<b>E1, L260</b>
<b>Entrevistador:</b> E do que tens mais saudades?	
<b>Aluna:</b> Da minha família, das coisas que fazia lá...	
<b>Entrevistador:</b> Deixaste amigos lá?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E tens saudades deles?	<b>E1, L265</b>
<b>Aluna:</b> Tenho...	
<b>Entrevistador:</b> E costumas falar com eles?	
<b>Aluna:</b> Costumo...	
<b>Entrevistador:</b> E fazes isso através de e-mail, carta, telefone?	
<b>Aluna:</b> Telefone e e-mail...	<b>E1, L270</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando vais lá de férias costumavas estar com eles?	
<b>Aluna:</b> Ainda não fui desde que vim para cá...	
<b>Entrevistador:</b> Em relação aos teus pais, eles apoiam-te nas tuas actividades e incentivam-te a continuar a estudar?	
<b>Aluna:</b> Sim...	<b>E1, L275</b>
<b>Entrevistador:</b> E o que é que eles fazem, que te dizem para te incentivarem?	
<b>Aluna:</b> Dizem para estudar, porque na vida deles anteriormente foi muito difícil e dizem para eu estudar com força para eu poder ter uma melhor profissão e dar o meu melhor.	<b>E1, L280</b>
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares em Portugal os teus pais passam-te a herança cultural deles, do país de origem?	
<b>Aluna:</b> Sim passam, para não perder os laços.	
<b>Entrevistador:</b> E aqui na escola falam da cultura do teu país de origem?	
<b>Aluna:</b> Falamos em PLNM, as vezes costumamos falar em algumas disciplinas também quando estamos a falar de algum assunto, e um assunto puxa o outro...	<b>E1, L285</b>
<b>Entrevistador:</b> E para além do PLNM em que outro tipo de disciplinas costumavas abordar a questão cultural do teu país?	
<b>Aluna:</b> Ciências, inglês também a professora costuma puxar um bocadinho por esse lado, no outro dia estávamos a falar disso também.	<b>E1, L290</b>
<b>Entrevistador:</b> E para ti é importante a família?	

<b>Aluna:</b> É...	
<b>Entrevistador:</b> E porque é que é importante?	
<b>Aluna:</b> Isso não sei, mas eu sei que é... (pausa)	<b>E1, L295</b>
<b>Entrevistador:</b> Tu vives só com a tua mãe, ou com mais alguém?	
<b>Aluna:</b> Vivo com a minha mãe e a minha irmã.	
<b>Entrevistador:</b> E não vives com o teu pai?	
<b>Aluna:</b> O meu pai está em Cabo-Verde.	
<b>Entrevistador:</b> E ele não pensa em vir para cá para Portugal?	<b>E1, L300</b>
<b>Aluna:</b> Ainda não sei...	
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais estão juntos ou estão separados?	
<b>Aluna:</b> Estão separados...	
<b>Entrevistador:</b> Daí não sabes se ele vem cá ou não...	
<b>Aluna:</b> Pois...	<b>E1, L305</b>
<b>Entrevistador:</b> E já estão há muito tempo separados?	
<b>Aluna:</b> Desde que eu tinha um ano.	
<b>Entrevistador:</b> Pronto...queres falar mais alguma coisa?	
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Damos então por terminada a entrevista e se por acaso precisar da tua intervenção novamente. Estás disponível para me ajudar?	<b>E1, L310</b>
<b>Aluna:</b> Estou...	
<b>Entrevistador:</b> Pronto então vamos ficar por aqui e depois se precisar volto a falar contigo, está bem?	
<b>Aluna:</b> Está bem...	<b>E1; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, obrigada pela colaboração.	
<b>Aluna:</b> De nada.	

## Entrevista 2

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluna:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos fazer uma entrevista, onde podes relatar a tua história de vida, vou colocando algumas questões mas tu é que vais desenvolver. Mas antes de passarmos às perguntas, queria perguntar-te a idade.	<b>E2, L5</b>
<b>Aluna:</b> 14	
<b>Entrevistador:</b> O nível de escolaridade onde te encontras?	
<b>Aluna:</b> 9ºano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	<b>E2, L10</b>
<b>Aluna:</b> 4ª classe.	
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> 4ª também.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é a profissão do teu pai?	
<b>Aluna:</b> Pedreiro.	<b>E2, L15</b>
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Doméstica - trabalha num restaurante.	
<b>Entrevistador:</b> Qual era a cidade onde vivias?	
<b>Aluna:</b> Cidade da Praia – Cabo-Verde.	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade imgraste?	<b>E2, L20</b>

## A Escola e os Outros

<b>Aluna:</b> 13 anos.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual foi a data de imigração do teu pai? Ele já cá está há muito tempo?	
<b>Aluna:</b> Há oito anos, por aí...	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe veio logo com ele ou veio mais tarde?	<b>E2, L25</b>
<b>Aluna:</b> Veio mais tarde.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes mais ou menos há quanto tempo?	
<b>Aluna:</b> A minha mãe veio em 2009.	
<b>Entrevistador:</b> E tu vieste juntamente com a tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Não, vim depois.	<b>E2, L30</b>
<b>Entrevistador:</b> Não te importas de contar como era um dia-a-dia no teu país de origem?	
<b>Aluna:</b> O meu dia-a-dia era assim, minha mãe estava lá e eu ia para a escola, ia para a escola, ia para lá trabalhar, ia buscar água. Quando vivia lá, vivia quase no campo e não tinha torneira para tirar água, ia apanhar lenha para cozinhar, depois que a minha mãe veio Portugal, eu cozinhava, ficava com a minha prima.	<b>E2, L35</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens irmãos.	
<b>Aluna:</b> Tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E ficas com eles?	<b>E2, L40</b>
<b>Aluna:</b> Não, os meus irmãos vieram junto com a minha mãe e eu fico com a minha irmã lá. Portanto é assim, eu vim para a escola e vim para cá.	
<b>Entrevistador:</b> Mas tu não vivias com a tua mãe lá?	
<b>Aluna:</b> Eu vivia mas quando ela veio eu vivia com a minha prima.	<b>E2, L45</b>
<b>Entrevistador:</b> E sabes quais foram os motivos que levaram os teus pais a virem para Portugal?	
<b>Aluna:</b> Vieram para ter melhores condições de vida para os filhos, a minha irmã tem problemas do coração e já veio tratar aqui.	
<b>Entrevistador:</b> E porque é que vieste para Portugal? Este foi o primeiro país de opção dos teus pais?	<b>E2, L50</b>
<b>Aluna:</b> Não, foi o primeiro país.	
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldade em fazer amigos aqui na escola?	
<b>Aluna:</b> Tive mas... Os amigos que eu tenho aqui são só Cabo-verdianos, não tenho nenhuns amigos portugueses assim... Tinha mas não muito.	<b>E2, L55</b>
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola também tiveste dificuldades?	
<b>Aluna:</b> Não.	
<b>Entrevistador:</b> Mas tens amigos fora da escola?	
<b>Aluna:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E quais foram o tipo de dificuldades que tu encontraste aqui?	<b>E2, L60</b>
<b>Aluna:</b> Em falar português, não sei falar muito bem português, e fico com vergonha...	
<b>Entrevistador:</b> E a adaptação na escola, tiveste muita dificuldade em te adaptares aqui á escola?	<b>E2, L65</b>
<b>Aluna:</b> Não, os professores falam bem e eu entendo, mas eu tenho vergonha de perguntar uma coisa para tirar uma dúvida, se eu falar como por exemplo. Quando estou a ler, leio mal mas... Fico com vergonha dos alunos ficarem a rir, mas não me importo.	



<b>Entrevistador:</b> Mas quando os professores pedem para tu leres, tu lês?	<b>E2, L70</b>
<b>Aluna:</b> Leio...	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo quando os alunos, os teus colegas neste caso começam a fazer “pouco”, os professores chamam-nos atenção?	
<b>Aluna:</b> Chamam, chamam...	
<b>Entrevistador:</b> E como tentaste ultrapassar estas dificuldades aqui?	<b>E2, L75</b>
<b>Aluna:</b> É assim, eu ainda não ultrapassei muito bem porque tenho vergonha, mas vou ultrapassar porque estou aqui para aprender, estamos aqui para aprender, os outros nem pensam nisso, andam aqui á balda, sei lá.	
<b>Entrevistador:</b> Apesar das dificuldades que encontras e que tens, tentas ultrapassá-las de alguma maneira, não é?	<b>E2, L80</b>
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E os professores tentam ajudar?	
<b>Aluna:</b> Sim tentam...	
<b>Entrevistador:</b> E os colegas cabo-verdianos também te ajudam?	<b>E2, L85</b>
<b>Aluna:</b> Sim ajudam muito, mas os portugueses ficam a rir muito e eu nem ligo.	
<b>Entrevistador:</b> Gostas aqui da escola?	
<b>Aluna:</b> Gosto...	
<b>Entrevistador:</b> E de que gostas mais daqui da escola?	<b>E2, L90</b>
<b>Aluna:</b> Gosto das actividades que há aqui...	
<b>Entrevistador:</b> E costumavas participar nas actividades?	
<b>Aluna:</b> Sim, ainda ontem estava a participar... É fixe.	
<b>Entrevistador:</b> Aí sentes-te mais integrada com os colegas?	
<b>Aluna:</b> Sim, ajuda-me a integrar...	<b>E2, L95</b>
<b>Entrevistador:</b> Quais são os maiores contrastes que existem entre o teu país de origem com Portugal? Tendo em conta a gastronomia, a língua, o sistema de ensino, a cultura?	
<b>Aluna:</b> Em Cabo-Verde, é assim, eu falo mais crioulo, crioulo que eu falo, na sala de aula as vezes eu falo português mas é muito diferente daqui, tanto no ensino, tenho vergonha dos alunos assim, mas aqui é diferente, por exemplo falar com uma pessoa assim, sinto vergonha, não consigo falar direito.	<b>E2, L100</b>
<b>Entrevistador:</b> Não consegues falar porque tens receio que façam “troça”, ou porque és tímida?	<b>E2, L105</b>
<b>Aluna:</b> Eu sou tímida, mesmo, mas as vezes fazem troça e assim.	
<b>Entrevistador:</b> E em relação ao sistema de ensino de lá e o sistema de ensino de cá. Achas que há muitas diferenças?	
<b>Aluna:</b> Não, não há muitas, em Cabo-Verde eu compreendo como cá.	
<b>Entrevistador:</b> Mas lá também falavas português?	<b>E2, L110</b>
<b>Aluna:</b> Sim falo...	
<b>Entrevistador:</b> Só falavas crioulo em casa?	
<b>Aluna:</b> Sim, na escola também falava crioulo com as minhas amigas e as vezes na sala de aula também falava crioulo.	
<b>Entrevistador:</b> E os professores também falavam crioulo na sala de aula?	<b>E2, L115</b>
<b>Aluna:</b> Sim falavam, mas nem todos...	
<b>Entrevistador:</b> E a nível do vestuário é assim muito diferente?	
<b>Aluna:</b> Não é igual...	



<b>Entrevistador:</b> E encontras alguma semelhança entre Portugal e Cabo-Verde?	<b>E2, L120</b>
<b>Aluna:</b> Quando estava em Cabo-Verde, estava ansiosa por conhecer Portugal, estava com saudades de estar com a minha família, mas agora estou com vontade de ir para Cabo-Verde.	
<b>Entrevistador:</b> Mas notas diferenças a nível do clima. Não é?	
<b>Aluna:</b> Sim em Cabo-Verde só há calor, quando a chuva está, esta chuva...	<b>E2, L125</b>
<b>Entrevistador:</b> E sentiste dificuldade em te adaptares ao clima português?	
<b>Aluna:</b> Não, não sinto nada, é frio, é calor...	
<b>Entrevistador:</b> E já passaste por alguma experiência de discriminação aqui na escola.	<b>E2, L130</b>
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Tens facilidade em encontrares um grupo para fazeres uma actividade colectiva?	
<b>Aluna:</b> sim eu tenho, mas... O meu grupo é estar assim, eu Miriam...	<b>E2; L135</b>
<b>Entrevistador:</b> Vocês são todos de Cabo-Verde?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola já sentiste algum tipo de discriminação?	
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, num shopping, numa situação em que estas numa fila á espera para fazer um pagamento, nunca notaste as pessoas a olhar de lado?	<b>E2; L140</b>
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo comparando a tua vida com o teu país de origem como é que describes um dia-a-dia aqui em Portugal?	<b>E2; L145</b>
<b>Aluna:</b> Não, porque quando estava em Cabo-verde saía da escola e ia para casa é a mesma coisa.	
<b>Entrevistador:</b> E tinhas mais tempo livre lá?	
<b>Aluna:</b> Sim, tinha mais tempo livre...	
<b>Entrevistador:</b> Aqui passas o dia inteiro na escola, lá também era assim ou funcionava de outra maneira?	<b>E2; L150</b>
<b>Aluna:</b> Não, lá entramos às 8:15h e saímos às 13:10h.	
<b>Entrevistador:</b> Entre o período das 13:10h até à noite, o que fazias nesse período?	
<b>Aluna:</b> Ia para casa, ia para casa das minhas tias, ia brincar, essas coisas.	<b>E2; L155</b>
<b>Entrevistador:</b> Sentes mais dificuldades agora, achas que é mais cansativo pelo facto de passares o dia inteiro na escola?	
<b>Aluna:</b> Sim é mais cansativo passar o dia inteiro na escola.	
<b>Entrevistador:</b> E sentes dificuldade em conciliar o tempo de estudo, lá como tinhas uma tarde livre tinhas mais tempo para estudar?	<b>E2; L160</b>
<b>Aluna:</b> Sim tinha...	
<b>Entrevistador:</b> Aqui sentes mais dificuldade em conseguir arranjar esse tempo?	
<b>Aluna:</b> Sim, tenho dificuldade porque às vezes tenho de ir para casa para cozinhar, porque a minha mãe trabalha, os meus pais também, sinto mais dificuldade para estudar, às vezes é as 8h e tal que estudo, à noite.	<b>E2; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> E como é que um dia-a-dia teu aqui em Portugal? (fim-	

## A Escola e os Outros

de-semana)	
<b>Aluna:</b> Eu não saio, fico em casa. (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Ficas em casa mas ficas a fazer algumas actividades, não é?	<b>E2; L170</b>
<b>Aluna:</b> Normalmente fico a ver televisão, a fazer os TPC'S e assim...	
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares aqui a Portugal, quais foram os principais obstáculos com que te deparaste?	
<b>Aluna:</b> Eu vim, nas férias para casa dos meus pais, é assim...	<b>E2; L175</b>
<b>Entrevistador:</b> Não encontraste assim nenhum obstáculo mais difícil de ultrapassar?	
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Quando vais visitar um lugar, ou quando vais á praia nunca sentiste dificuldade em chegar a esses sítios?	<b>E2; L180</b>
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> E que apoios recebeste a nível da escola para te adaptares?	
<b>Aluna:</b> Sim, apoio, tenho apoio de inglês, também havia um curso aqui de inglês para pagar 85 euros, mas nem tenho esse dinheiro. Também há curso de história que tenho muitas dificuldades e isso, coisas assim.	<b>E2; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> Tu aproveitas os apoios aqui da escola quando tens aulas de apoio, por exemplo a inglês ou história. Costumas frequenta-los?	
<b>Aluna:</b> Sim costumo...	
<b>Entrevistador:</b> E também estás no Português de língua não materna para articulares melhor o português, certo?	<b>E2; L190</b>
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Achas que isso te ajuda?	
<b>Aluna:</b> Me ajuda por exemplo, como nos verbos, escrevo muito nos ditados, ajuda-me...	<b>E2; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> E o que esperavas encontrar aqui em Portugal? Que expectativas é que tinhas?	
<b>Aluna:</b> Ai... Tinha... Eu não tinha nada, queria encontrar a minha família aqui.	
<b>Entrevistador:</b> E não tinhas nenhuma expectativa para além de vires ter com a tua família?	<b>E2; L200</b>
<b>Aluna:</b> Não, nada disso...	
<b>Entrevistador:</b> Então vieste apenas com a ideia, “vou para encontrar a minha família”?	
<b>Aluna:</b> Sim...	<b>E2; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas é que tinhas aqui em relação à escola? Achas que a escola ia ser muito diferente da escola onde estavas e Cabo - Verde?	
<b>Aluna:</b> Não, eu achava muito diferente, porque em Cabo-Verde é diferente do mundo daqui.	<b>E2; L210</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens algum objectivo no futuro a nível pessoal e profissional?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Que objectivos e sonhos tens?	
<b>Aluna:</b> Gostava de ser apresentadora, eu acho que vou ser, não sei, vou estudar para isso.	<b>E2; L215</b>

<b>Entrevistador:</b> E gostavas de apresentar um programa?	
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Tu tens assim alguém dos apresentadores que conheces que te influenciaram?	<b>E2; L220</b>
<b>Aluna:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Então, desde miúda que desejas ir para essa área. Já estas no 9ºano e tens alguma ideia da área de estudos para a qual pretendes ir?	
<b>Aluna:</b> Não, não sei que área, não sei nada disso.	
<b>Entrevistador:</b> Ainda não sabes, tens alguma dificuldade em escolher. Mas pretendes, continuar a estudar em Portugal?	<b>E2; L225</b>
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas tens para o futuro? Pretendes ficar por Portugal? Gostarias de voltar ao teu país de origem?	
<b>Aluna:</b> Eu penso em voltar ao meu país de origem.	<b>E2; L230</b>
<b>Entrevistador:</b> E porque gostarias de voltar?	
<b>Aluna:</b> Porque é assim, tenho muita família lá e não gosto daqui.	
<b>Entrevistador:</b> E tens saudades do teu país?	
<b>Aluna:</b> tenho muitas mesmo.	
<b>Entrevistador:</b> E de que tens mais saudades?	<b>E2; L235</b>
<b>Aluna:</b> De estar com os meus amigos, da escola, das minhas amigas...	
<b>Entrevistador:</b> E tens saudades de ir à praia lá ou não?	
<b>Aluna:</b> Não, eu não vou à praia porque tenho problema de ouvidos, a água não pode entrar no ouvido.	
<b>Entrevistador:</b> Achas importante a troca de culturas entre os teus colegas. Há interesse por parte deles, para saberem um pouco sobre o teu país de origem, ou achas que não?	<b>E2; L240</b>
<b>Aluna:</b> Eu acho que sim, né...	
<b>Entrevistador:</b> Vocês costumam partilhar informações sobre as culturas dos vossos países de origem?	<b>E2; L245</b>
<b>Aluna:</b> Eu acho que sim, porque quando nós dançamos... dançamos danças cabo-verdianas...	
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais apoiam-te nas actividades que fazes e motivam-te a continuar a estudar?	
<b>Aluna:</b> Sim apoiam.	<b>E2; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> E que te costumam dizer para te incentivar?	
<b>Aluna:</b> Que continue assim, a fazer as actividades para realizar o meu sonho...	
<b>Entrevistador:</b> Apesar de estares em Portugal, os teus pais passam-te a herança cultural de Cabo-Verde.	<b>E2; L255</b>
<b>Aluna:</b> Acho que sim...	
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, a nível da gastronomia, há muitas diferenças entre Cabo-Verde e Portugal? Sentiste diferenças?	
<b>Aluna:</b> Não senti nada...	
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, a cachupa, consegues fazer esses pratos cá?	<b>E2; L260</b>
<b>Aluna:</b> Sim consigo, normalmente, nos fins-de-semana eu mesma faço.	
<b>Entrevistador:</b> Gostas de alguns pratos típicos portugueses?	
<b>Aluna:</b> Alguns não gosto, mas alguns gosto, gosto costeletas, entremeadas é normalmente o que eu como.	
<b>Entrevistador:</b> E pratos de peixe?	<b>E2; L265</b>

<b>Aluna:</b> Peixe, eu como, mas não gosto muito.	
<b>Entrevistador:</b> A família para ti é importante?	
<b>Aluna:</b> É importante sim.	
<b>Entrevistador:</b> Porque Achas que é importante?	
<b>Aluna:</b> É importante porque já vi muitos debates dos filhos que não têm pais, pais que morreram na guerra, e eles ficam sozinhos.	<b>E2; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> Então são um pilar importante?	
<b>Aluna:</b> Sim, são, posso sempre contar com eles quando tenho algum problema.	
<b>Entrevistador:</b> Penso que está tudo, mas se precisar de voltar a falar contigo, não te importas?	<b>E2; L275</b>
<b>Aluna:</b> pode...	
<b>Entrevistador:</b> Obrigada pela colaboração.	
<b>Aluna:</b> De nada...	

### Entrevista 3

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluna:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos fazer uma entrevista, mas não tem que ser seguida á risca, mas vou colocando algumas questões às quais vais respondendo. No fundo é como relatasses a tua história de vida, onde vais falar da tua trajectória de vida do teu país de origem e depois aqui em Portugal. Mas antes disso, qual é a tua idade?	<b>E3; L5</b>
<b>Aluna:</b> Tenho 17 anos.	
<b>Entrevistador:</b> estás em que ano escolar?	
<b>Aluna:</b> 10 <sup>2</sup> , 10 <sup>o</sup> ano.	<b>E3; L10</b>
<b>Entrevistador:</b> qual é o nível de escolaridade dos teus pais? Do teu pai?	
<b>Aluna:</b> Bem naquela altura a minha mãe fez até ao 10 <sup>o</sup> ano mas depois seguiu o curso, tipo a faculdade. Ela é contabilista na sua profissão. O meu pai eu não sei bem, porque já não vivo com ele a 7 anos com o meu pai, portanto... Mas eu acho que ele também acabou o 10 <sup>o</sup> ano, ele é profissional em matemática.	<b>E3; L15</b>
<b>Entrevistador:</b> Fez universidade ou 12 <sup>o</sup> ano?	
<b>Aluna:</b> Não, naquela altura era só 10 anos, na minha terra. Eu acho que ele fez 10 anos e depois não sei o que ele fez de seguida.	
<b>Entrevistador:</b> E qual é a profissão dos teus pais?	<b>E3; L20</b>
<b>Aluna:</b> No momento?	
<b>Entrevistador:</b> Sim!	
<b>Aluna:</b> O meu pai é condutor de autocarros lá em Moscovo, a minha mãe agora tem uma espécie de loja, tipo uma frutaria.	
<b>Entrevistador:</b> É comerciante então?	<b>E3; L25</b>
<b>Aluna:</b> Sim é comerciante.	
<b>Entrevistador:</b> E qual era a tua cidade e país de origem?	
<b>Aluna:</b> Bem a minha cidade é perto... Eu vivia na Moldávia, não é, é perto da cidade mesmo, é tipo uma vila, não é aldeia porque todas as aldeias pertenciam aquela vila. Portanto era uma vila bastante grande,	<b>E3; L30</b>

mas era mais ou menos a 100km da cidade.	
<b>Entrevistador:</b> E como se chamava?	
<b>Aluna:</b> É difícil, Basarabeasca. Ba...sa...ra...beasca, Moldávia.	
<b>Entrevistador:</b> Qual foi a idade com que imigraste?	
<b>Aluna:</b> Foi com 10 anos.	<b>E3; L35</b>
<b>Entrevistador:</b> E a idade de imigração do teu pai, neste caso ele nunca chegou a vir cá?	
<b>Aluna:</b> Não, o meu pai nunca chegou a vir cá, a minha mãe é que imigrou para Portugal.	
<b>Entrevistador:</b> E há quanto tempo ela imigrou para cá?	<b>E3; L40</b>
<b>Aluna:</b> Quando eu tinha por volta de 5 anos.	
<b>Entrevistador:</b> então tu vieste depois?	
<b>Aluna:</b> Sim, vim depois.	
<b>Entrevistador:</b> E nessa transição entre vires, a tua mãe ter vindo e depois tu teres vindo, ficaste com algum familiar?	<b>E3; L45</b>
<b>Aluna:</b> Sim fiquei com a minha avó, mais querida do mundo. (risos) E pronto fiquei aos cuidados dela lá na minha terra e...	
<b>Entrevistador:</b> E como era a tua vida no teu país de origem? Conta-me assim, um dia-a-dia, o que é que fazias?	
<b>Aluna:</b> Olha como vivi lá na infância era muito divertido, de momento eu vejo os meus colegas que ficaram lá a vida era muito boa. Mas na minha infância era muito boa, era muito divertido, isto é mesmo verdade, todas as tardes eu saía para a rua. Sabes nós, não é como aqui em Lisboa, que as pessoas ficam nas suas casas e de vez enquanto encontra-se com os amigos no centro comercial ou assim. Lá nós saímos depois do almoço, nós sempre saímos para a rua. Nós tínhamos uma rua, cada rua tinha o seu nome então outros vinham de trás, de frente, do meio, juntávamo-nos todos á conversa, a brincar, a jogar. E pronto era muito divertido mesmo.	<b>E3; L50</b>  <b>E3; L55</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, vivias numa vila, certo?	
<b>Aluna:</b> Sim.	<b>E3; L60</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, não havia aquele problema com o trânsito e as complicações todas como aqui na cidade de Lisboa? (risos)	
<b>Aluna:</b> Não. (risos)	
<b>Entrevistador:</b> E sabes quais foram os motivos que levaram a tua mãe a vir para Portugal?	<b>E3; L65</b>
<b>Aluna:</b> Sei! Há 2 tipos de motivos, é o dinheiro e o divórcio. Pronto a minha mãe queria-se divorciar, sabes na nossa terra é um bocado complicado se divorciar. Percebes, as pessoas vêm tudo de outra maneira, um bocadinho isso. E a minha mãe ficou cá e divorciou-se.	
<b>Entrevistador:</b> Então a tua mãe divorciou-se aqui?	<b>E3; L70</b>
<b>Aluna:</b> Não! Ela veio para cá e depois disse que ia divorciar-se. E depois era por causa do dinheiro.	
<b>Entrevistador:</b> E quando a tua mãe decidiu imigrar, Portugal foi o país de destino, o 1º ou ela tinha pensado ir para outro país, mas por algum motivo não conseguiu e então decidiu vir para cá?	<b>E3; L75</b>
<b>Aluna:</b> Não, ela nunca imaginou na vida, pelo que me conta, nunca imaginou na vida chegar até Portugal. Ela somente ouvia na história que Portugal era um país que pronto, naquela altura havia comércio, descobertas, ela só ouvia assim, Portugal, mas ela nem sabia onde ficava	

sequer. Ela não fazia ideia, ela só queria sair de lá e ela queria mesmo, ela foi por uma agência e pronto. Há pessoas que saíram na França, há pessoas que saíram na Espanha, mas ela assinou contrato até Portugal, ou seja ela queria até Portugal.	<b>E3; L80</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas ela para imigrar tinha que fazer uma espécie de contrato?	<b>E3; L85</b>
<b>Aluna:</b> Sim! Para abrirem o visa, sabes para abrir o visto. Pronto naquela altura era mais complicado do que agora.	
<b>Entrevistador:</b> E quando tu chegaste aqui, tiveste dificuldades em fazer amigos, em te relacionar?	
<b>Aluna:</b> Tive! Tive muita dificuldade. Eu quando cheguei cá, a minha mãe pôs-me numa escola particular, porque numa escola normal não me adaptava (risos) e mesmo assim na escola particular era muito complicado porque eu não percebia nada e logo à primeira aula que eu fui eu só conseguia dizer “olá”, “bom-dia” (risos), essas coisas básicas eu sabia, o resto eu não sabia, eu não conseguia perceber nada, então a professora sempre exigia imenso, estava sentada ao pé de mim, a fazer-me desenhos, imagine-se se eu andasse numa escola privada (pública) ninguém me fazia isso, pois não, numa escola pública.	<b>E3; L90</b>  <b>E3; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> Pois. E quando tu vieste para cá não sabias falar nada em português?	<b>E3; L100</b>
<b>Aluna:</b> Nada, nada, nada!	
<b>Entrevistador:</b> E como conseguiste dar a volta a esta situação?	
<b>Aluna:</b> Olha, fui aprendendo, na escola portanto, com dicionários, ajuda imenso, a minha mãe claro, foi uma grande ajuda, sempre todos os dias que eu chegava começava a chorar que não percebia nada e a minha mãe chorava comigo. Portanto, mas desde essa situação eu comecei aprender a gramática e isso... e no 5º ano eu já consegui adaptar-me melhor, já conseguia falar imenso, no 4º ano é que foi...	<b>E3; L105</b>
<b>Entrevistador:</b> E nesse 4º ano, ponto, não sabias falar português, chegaste ao final do ano e conseguiste transitar, passar para o 5º ano?	<b>E3; L110</b>
<b>Aluna:</b> Sim, sim consegui, por acaso até consegui.	
<b>Entrevistador:</b> Como estavas a falar dessas dificuldades e chegar a um país completamente desconhecido e não conhecer a língua realmente deve ser um choque!	
<b>Aluna:</b> É, é um choque imenso mas eu consegui, consegui uma nota baixa no português como é óbvio, não é, era naquela escola a nota era de 1-20, passei para aí com um 10 e tal a português e passei com 17 a matemática, pronto, porque eu sou boa a matemática (risos), mas foi assim aos poucos e poucos consegui.	<b>E3; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste cá, por exemplo na questão de fazer amigos, na escola onde andaste, tiveste apoio por parte dos colegas da turma?	<b>E3; L120</b>
<b>Aluna:</b> Sim, tive imenso apoio, as pessoas por acaso eram boas, digamos assim, sempre nos intervalos me ajudavam, a tentar compreender... Há pessoas que desprezavam e diziam, ainda por cima, é estrangeira e não sei quê... Não elas tentavam-me pôr no grupo. Tentavam explicar-me as coisas.	<b>E3; L125</b>
<b>Entrevistador:</b> Agora quando chegaste aqui á escola, uma vez que vieste de uma escola privada, depois ao chegares a esta escola foi fácil a	



adaptação aqui ou...	<b>E3; L130</b>
<b>Aluna:</b> À D. Pedro V?	
<b>Entrevistador:</b> Sim...	
<b>Aluna:</b> Bem eu antes de chegar á D. Pedro, passei por várias escolas públicas.	
<b>Entrevistador:</b> Então como foi essa transição, fala-me dessas mudanças de escola.	<b>E3; L135</b>
<b>Aluna:</b> Quase todos os anos mudei de escola, mas porque mudava de casa, mudei de escola e isso, mas sim numa escola pública arranjei uma amigo logo no 1º dia de aulas, amiga que até agora tenho, portanto foi assim me adaptando mas depois eu saí de Lisboa e foi um bocado complicado, eu naquela escola eu era assim um bocado solitária.	<b>E3; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas porquê?	
<b>Aluna:</b> Era por causa das pessoas, eu lá só tinha 2 ou 3 amigos com quem eu falava, até os colegas eram um bocado frios e assim, percebes todos têm o seu grupo e depois de ali passei outra vez na Arruda dos Vinhos, sabes onde é que é? É para aí a 100km daqui de Lisboa, e passei outra vez cá para Lisboa e estudei ali, aqui a escola perto da D. Pedro V, como se chama... Marquesa de Alorna. Eu estudei lá, estive lá 2 anos.	<b>E3; L145</b>
<b>Entrevistador:</b> Esses 2 anos foram recentes?	
<b>Aluna:</b> Sim, depois de lá passei para cá. O 8º e o 9º ano eu fiz lá e depois eu vim para cá. E lá eu fiz também, pessoas amigas de verdade, que posso pedir alguma coisa e elas vão-me ajudando, por exemplo, e aquela escola é mais divertida, mas pronto é até ao 9º ano. Eu vim cá para a D. Pedro V porque também tenho aqui amigos que eu já conheço a algum tempo, portanto já sei que tenho aqui amigos que eu já conheço a algum tempo, portanto já sei que tenho aqui amigos, já sei com quem tenho de falar e isso, por isso é que vim para cá, para essa escola.	<b>E3; L150</b>  <b>E3; L155</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas gostas desta escola?	
<b>Aluna:</b> Gosto, gosto...	
<b>Entrevistador:</b> Então os colegas são bons colegas?	<b>E3; L160</b>
<b>Aluna:</b> Claro, tem partes de colegas, aquelas colegas em que sempre estão no grupo e não interagem muito, com os outros e há a outra que eu falo, que eu brinco, que eu sei tudo.	
<b>Entrevistador:</b> E gostas das matérias que dão aqui na escola? Ou tens dificuldades em conseguir perceber alguma coisa?	<b>E3; L165</b>
<b>Aluna:</b> Matérias... Depende da matéria, por exemplo matemática, agora estou a dar geometria, eu não gosto nada de geometria, por isso é que eu tenho péssimas notas a matemática agora, eu detesto geometria! (risos)	
<b>Entrevistador:</b> E em português?	
<b>Aluna:</b> Eu tenho português de língua não materna (PLNM), mas é praticamente igual, nós damos a mesma matéria, damos o mesmo livro, portanto, só que a professora vai dando mais fichas, mais trabalhos, mas basicamente é a mesma coisa, até é mais complicado que há mais fichas, mais trabalhos, mais... Temos que escrever imenso, ler imenso portanto, mas eu gosto, sinceramente se eu tivesse... Tive a escolha de optar por PLNM ou língua portuguesa, mas eu optei por PLNM porque eu achei que era mais fácil ia ter média mais alta, mas pronto sim tenho média mais alta que os outros alunos da minha turma da língua normal, mas não estou a dizer que é mais fácil.	<b>E3; L170</b>  <b>E3; L175</b>



<b>Entrevistador:</b> Mas então é melhor, pelo facto de ser mais exigente...	<b>E3; L180</b>
<b>Aluna:</b> É acaba por ser melhor e como nós somos um grupo pequeno a concentração do professor é maior, percebes, por exemplo exercícios, quando tens turmas de 28 e 28 e tal alunos é mais difícil explicar a todos, percebes, e eles estão desatentos, outros estão a brincar, perturbam ou outros, aqui não o grupo é pequeno, nós somos quantos?... (pausa, pensa no nº de pessoas) Somos 7 pessoas, um grupo pequenino portanto é mais exigente. A concentração é maior não há aqueles tchi, tchi, tchi, por trás.	<b>E3; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> E em relação aos professores, eles têm percepção pelo facto de serem, neste caso de tu seres estrangeira e teres dificuldades no português. Há uma maior atenção para explicar?	<b>E3; L190</b>
<b>Aluna:</b> Não, não, os professores estão sempre normais como se nós fôssemos de cá. No início sim, a nossa professora de biológica que já se reformou, infelizmente, ela de início tinha aquela mania digamos assim, de falar assim mais devagar e depois dizer perceberam e nós dizíamos nós percebemos na mesma (risos) porquê tanta lentidez e isso e depois ela habitua-se a nós e depois, os outros professores também agem normal connosco, como se fôssemos portugueses.	<b>E3; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> De certa maneira achas que isso é bom ou não?	
<b>Aluna:</b> De uma maneira é bom, de outra nem por isso, sabes quando, por exemplo, quando pensam que és estrangeira e depois não percebes, falam daquela maneira parece que tu és burro e isso afecta um bocado, (risos) mas de outra há coisas que não como com o nosso professor de filosofia, de vez enquanto não compreendo muito aquilo que ele fala é um bocado muito, porque opta por linguagem assim mais português e às vezes nós não compreendemos e isso e ele não fala de maneira mais fácil, mas pronto... Essa parte é a mais complicada, o resto acho que é.	<b>E3; L200</b>  <b>E3; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> E quais são os maiores contrastes que encontras, entre Portugal e a Moldávia? Uma delas é a língua com certeza mas fala um pouco das dificuldades que encontraste em relação á língua, compara um pouco o sistema de ensino de lá com o daqui, o vestuário, a gastronomia, o clima. Fala assim um bocadinho.	<b>E3; L210</b>
<b>Aluna:</b> Começo pelo quê?	
<b>Entrevistador:</b> Podes começar pela língua. (risos)	
<b>Aluna:</b> Começar pela língua, é diferente, a língua é completamente diferente porque eu aprendi russo, eu andei numa escola russa e praticamente não sei nada de moldavo, é estranho eu vivi na Moldávia e não sei nada de moldavo, porque a escola era russa e naquela vila onde eu vivi toda a gente falava russo, mas moldavo era língua obrigatória, que nós tínhamos de estudar na escola, só que eu não dei, o mesmo aconteceu com o inglês, eu só estou a começar a estudar inglês agora, mesmo a sério portanto estou num curso de inglês, há, tenho que fazer 2 anos e sou obrigada e lá não lá eu estava-me marimbando para aquilo o moldavo eu pensava para que vou precisar dele se eu precisar, vou precisar de russo, fala-se na Rússia, fala-se aqui (Moldávia), fala-se na Ucrânia, fala-se em vários países, e pronto não sei nada de moldavo. E russo é completamente diferente, até o alfabeto é diferente, o moldavo não, como deriva do latim tem o mesmo abecedário, a vantagem quando vim para Portugal é que já sabia escrever, porque eu escrevia lá moldavo, as mesmas letras, só que aqui é o português. Portanto essa era a vantagem que eu tinha.	<b>E3; L215</b>  <b>E3; L220</b>  <b>E3; L225</b>

<b>Entrevistador:</b> Então o alfabeto russo é muito diferente?	<b>E3; L230</b>
<b>Aluna:</b> Sim, muito diferente, se tiveres oportunidade de ver, o abecedário russo vais comparando é muito diferente mesmo, não há nenhuma letra por exemplo o P é o R russo, é a mesma letra mas é o R. Portanto o R português é uma letra TXI, lê-se TXI mesmo TXI. É muito diferente a língua. Depois os estudos também são diferentes de cá em Portugal, aqui Portugal facilita imenso é uma facilidade enorme de estudos, lá tudo é exigente por exemplo aqui começa química ou biologia no... biologia nesse caso começa no 10º, biologia é mais fácil para nós, começamos no 3º ano, nós começamos aprender inglês desde o 1º, pronto, estás a ver a comparação, ali é muito exigente, já sabes, a maioria dos russos vêm cá, que estudam cá, que estudam lá e depois vêm cá têm boas notas eu não tenho assim muito boas notas porque eu já me habituei a este tipo de facilitismo, de facilidade, mas quando eu vim de lá, eu tinha excelentes notas a matemática porque eu já sabia tudo, tudo aquilo no 4º ano que nós estávamos a dar que tínhamos que dar no 5º ou 6º eu já sabia no 4º. Ao princípio, naquela altura eu tinha boas notas, agora não, vou deixando e tal, já me habituei, pronto.	<b>E3; L235</b>  <b>E3; L240</b>  <b>E3; L245</b>
<b>Entrevista:</b> E em relação ao vestuário?	
<b>Aluna:</b> O vestuário é praticamente igual, sabes aquelas tradições por exemplo, o vestuário tradicional, é assim diferente, é um traje, em que tens tipo... Um traje dos de Trás-os-Montes, sabes, é mais ou menos igual, é a saia também tem a blusa essas coisas só que tem várias cores portanto, o de Trás-os-Montes acho que é todo preto, é mais ou menos igual só que de várias cores.	<b>E3; L250</b>
<b>Entrevista:</b> Esse traje é usado só em algumas situações?	<b>E3; L255</b>
<b>Aluna:</b> Sim, é usado nas festas, pronto, nem em todas as festas mas nas festas mesmo tradicionais ou nas danças, sei lá, dança tradicional é muito diferente, tens que saltar imenso, é uma roda depois tens que saltar á roda e é isso. E usa-se nesse tipo.	
<b>Entrevistador:</b> E em relação á gastronomia?	<b>E3; L260</b>
<b>Aluna:</b> Também é diferente de Portugal. Para mim quando eu cheguei a Portugal nós fomos para um restaurante comer um bife com batatas frita e para mim era um milagre, porque eu não sabia o que era aquilo, quer dizer eu sabia o que era um bife, mas eu não comia diariamente um bife, nós fazíamos com carne outras coisas, por exemplo sopa de carne é uma tradição que tem, é uma sopa cheia de legumes depois pões carne, mas leva batata, cenoura, leva também massa, aquele tipo de esparguete mas não é esparguete é mesmo massa feita á mão é tipo e fica fininha como se fosse esparguete só que cortada e depois mete-se beterraba e ela fica vermelha. A sopa chama-se borsh é tradicional em Moldávia e na Ucrânia. Essa comida pronto é a gastronomia é diferente, nós utilizamos carne mais para isso, esses tipos de coisas, com legumes e carne e não um bife com batata, E pronto para mim foi um caso estranho.	<b>E3; L265</b>  <b>E3; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas depois conseguiste adaptar-te bem?	
<b>Aluna:</b> Sim, consegui, adaptei-me bem mas apesar disso eu cozinho, eu e a minha mãe cozinhamos em casa e o meu padrasto como gosta de comida russa.	<b>E3; L275</b>
<b>Entrevistador:</b> E tens facilidade em encontrar os produtos para fazer os pratos típicos?	

<b>Aluna:</b> Sim, tenho porque existe tudo cá, é como se fosse produtos portugueses, é mesmo e depois há a nata, a nata é diferente aqui em Portugal encontras daquelas pequeninas parece água (risos) e a nossa nata é mesmo nata (ênfatisa) e por isso eu compro a nata, há natas russas também e eu compro as coisas de lá para fazer algumas coisas que não encontro em supermercados portugueses. E pronto encontra-se tudo.	<b>E3; L280</b>
<b>Entrevistador:</b> E em relação ao clima? O clima foi um choque para ti, não?	<b>E3; L285</b>
<b>Aluna:</b> Foi (risos) aqui o Inverno é complicado, quer dizer, Inverno é Inverno mesmo com gelo e tudo. Eu estou habituada a Inverno com neve, fazer bolas de neve, jogar com a neve, fazer bonecos de neve e esse tipo de coisas e quando eu cheguei cá, eu estava á espera de neve, quer dizer eu cheguei cá no inverno e eu choquei um bocado porque não havia neve, e não estava assim muito frio quando eu cheguei e portanto foi um choque assim.	<b>E3; L290</b>
<b>Entrevistador:</b> E em relação ao verão?	<b>E3; L295</b>
<b>Aluna:</b> Foi a praia, eu adorei, porque lá na Moldávia nós não temos praia. Só temos rio, para ir á praia tens que ir á Ucrânia... (reflete) Sim Ucrânia... Há, tem o Mar Negro e nós de vez em quando, é raramente que quando ia com a minha avó e com os meus tios quando iam visitara minha avó, os meus tios moram na Rússia, na Sibéria é melhor, eles foram visitar e levaram-me de vez em quando ao mar. Quando cheguei aqui a Portugal, eu não saía de lá, da praia, eu gostava tanto da praia.	<b>E3; L300</b>
<b>Entrevistador:</b> Encontraste alguma semelhança entre Portugal e a Moldávia? Ou é completamente diferente?	
<b>Aluna:</b> Deixa-me pensar um bocadinho. Hum, não é praticamente tudo diferente. A nível de transporte ou isso é igual ou por exemplo a nível de mercados também há lá, claro. O comércio também há lá. Por exemplo o vestuário é praticamente igual.	<b>E3; L305</b>
<b>Entrevistador:</b> O estilo de vida é que acaba por ser diferente, não é?	
<b>Aluna:</b> Sim, o estilo de vida é diferente, lá é mais pobre digamos, depende, há pessoas que vivem bem e há outras que não depende do que fazem.	<b>E3; L310</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu já alguma vez sentiste, vamos dizer, discriminada aqui na escola ou fora do contexto da escola?	
<b>Aluna:</b> Discriminada... Não sabes porquê?! Porque eu se fosse discriminada não permitiria isso, eu sou uma pessoa daquelas que “espera aí que eu já te respondo” (risos)... Todos me trataram bem, não tive esse problema de discriminação.	<b>E3; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola?	
<b>Aluna:</b> Não, não...	<b>E3; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando há trabalhos de grupo para fazer na escola, tens facilidade?	
<b>Aluna:</b> Não, desde o 6º, 7º ano que mudei para aquela escola que eu fazia trabalhos de grupo sozinha e aqui também é complicado. Os meus colegas, eu não diria que são muitos, só me dou bem com alguns rapazes, portanto com o Adriane, dou-me bem com o João, alguns uns 3 ou 4...	<b>E3; L320</b>
<b>Entrevistador:</b> E dás-te bem com colegas portugueses?	
<b>Aluna:</b> Sim... Sim, eu fora da escola tenho muitos amigos portugueses, também brasileiros, cabo-verdianos...	

<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com a do teu país de origem, há muitas diferenças?	<b>E3; L325</b>
<b>Aluna:</b> como assim muitas diferenças?	
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, houve uma mudança, ritmo de vida?	
<b>Aluna:</b> Não muitas, mas foi muito complicado esquecer os amigos de lá, os familiares lá, uns foram para a Rússia outros foram para o Canadá, América, portanto não tenho muitos familiares só amigos alguns da escola mesmo, já não são propriamente amigos, são só colegas, percebes. Mas naquela altura eu era muito pequenina, tinha... Ainda por cima, a minha avó... Foi muito difícil deixar a minha avó, apesar da minha avó apesar de eu sair e vir viver com a minha mãe, a minha avó foi para a Turquia, foi para a Turquia trabalhar é assim “se a Júlia vai também vou para outro lado, não vou ficar aqui sozinha”, portanto ela está na Turquia infelizmente.	<b>E3; L330</b>  <b>E3; L335</b>
<b>Entrevistador:</b> E como é um dia-a-dia teu aqui em Portugal?	
<b>Aluna:</b> O meu dia, hoje em dia é na escola, depois da escola, tenho de vez em quando vou às aulas de inglês (quando me apetece) (risos). Pronto vou às aulas de inglês, depois ajudo no trabalho da minha mãe, nas férias também trabalho com a minha mãe, ajudo-a, de vez em quando vamos sair, este ano fomos para a Turquia visitar a minha avó, vou ver Istambul e pronto, depois das aulas geralmente vou ao trabalho quando a minha mãe precisa, quando fica lá sozinha, o meu padrasto vai ao mercado, ela de vez em quando fica lá sozinha porque o empregado tirou a folga ou assim ou precisa de ir a algum lado e precisa da minha ajuda eu vou lá.	<b>E3; L340</b>  <b>E3; L345</b>
<b>Entrevistador:</b> Ao chegares aqui a Portugal quais foram os primeiros obstáculos com que te deparaste, encontraste?	<b>E3; L350</b>
<b>Aluna:</b> O obstáculo era a língua, era o pior obstáculo da minha vida naquele momento, o resto não foi problema, a minha mãe trabalhava, nós vivíamos numa casa, casa de 2 andares, sabes Avenida da Liberdade, o namorado da minha mãe naquela altura também era moldavo. Nós cuidávamos da casa e vivíamos lá, a minha mãe na mesma trabalhava, eu não tinha aquela necessidade se eu pedisse a minha mãe dava só que eu sou aquela pessoa que se sei que preciso eu peço mas se sei que não preciso eu não peço. A minha mãe por exemplo ela confia-me dinheiro sabe que eu não gasto, por exemplo ela hoje deu-me 30€ se eu precisasse de alguma coisa, comida, comer, ou comprar algo, deu-me assim no dia-a-dia. Se eu fosse aquela pessoa que à eu tenho dinheiro eu vou ao shopping, ela se calhar não me dava nem um centimo. Felizmente... Se houvesse necessidade eu pedia e a minha mãe me ajudava, não tinha dificuldades nem obstáculos nesse caso.	<b>E3; L355</b>  <b>E3; L360</b>
<b>Entrevistador:</b> E que apoios recebeste daqui, da escola para te adaptares?	<b>E3; L365</b>
<b>Aluna:</b> Nesta, D. Pedro, não sei, não recebi nenhum apoio...	
<b>Entrevistador:</b> Só PLNM?	
<b>Aluna:</b> Sim... Sim quer dizer, tens apoio de química, físico-química, matemática mas isso vai quem quiser. Posso ir eu como outra pessoa.	
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas tinhas aqui em relação á escola?	<b>E3; L370</b>
<b>Aluna:</b> Bem expectativas, espero acabar o ano bem, com uma média boa e expectativas, não sei, porque havia... Vim para esta escola porque tinha cá amigos e assim não ando sozinha, se calhar é por causa disso e porque	

também é perto de minha casa, eu vivo no Saldanha e portanto é só apanhar Entrevistador autocarros para a escola já estás mesmo á porta da escola.	<b>E3; L375</b>
<b>Entrevistador:</b> Que objectivos e sonhos é que tens a nível profissional e a nível pessoal?	
<b>Aluna:</b> A nível profissional já tive muitos sonhos e de momento tenho o sonho de me formar na área da farmacêutica, ciências farmacêuticas, eu gosto e desde pequenina quando eu era pequena brincava com a minha amiga brincava assim, tínhamos tipo farmácia, os comprimidos da minha avó, guardava as caixinhas e depois nós fazíamos essas coisas, desde pequena tenho esse sonho de me tornar farmacêutica e a minha mãe nesse caso ela disse-me que me ia ajudar, ela disse “ se precisares eu pago-te os estudos até 30 anos, desde que tu estudes” (risos), e pronto ela diz que me vai ajudar se eu precisar de abrir alguma farmácia não há problema portanto esse é o meu sonho de momento, mas já quis ser arquitecta antes quis ser veterinária, já quis ser muita coisa, mas de momento é esse objectivo que eu decidi e vou seguir.	<b>E3; L380</b>  <b>E3; L385</b>  <b>E3; L390</b>
<b>Entrevistador:</b> Pretendes continuar a estudar em Portugal?	
<b>Aluna:</b> Pelo menos até ao 12º ano, sim.	
<b>Entrevistador:</b> E depois a universidade?	
<b>Aluna:</b> Depois a universidade não sei, se eu conseguir dominar bem a língua inglesa, ou seja, o inglês eu se calhar vou estudar para Inglaterra mas... mas é como der a vida, eu gostava a minha mãe disse que também gostava “se consegues tudo bem eu pago-te na boa” mas não sei...	<b>E3; L395</b>
<b>Entrevistador:</b> E expectativas para o futuro de forma geral, pretendes ficar em Portugal, gostarias de voltar para o teu país de origem, ires para outro sítio?	<b>E3; L400</b>
<b>Aluna:</b> Para o meu país de origem não de certeza, 100% não, porque toda a gente está a sair da Moldávia, percebes se fosse Rússia eu também tenho hipótese porque o meu pai agora está a receber o BI russo quando ele receber eu posso ir lá ter com o meu pai mas na Moldávia não porque não há trabalho, mesmo que haja o dinheiro é pouco há sempre aquela corrupção, tenciono ficar pela europa.	<b>E3; L405</b>
<b>Entrevistador:</b> E qual seria o país da Europa?	
<b>Aluna:</b> Há dois países, gostava de ir ver a Itália gostava imenso, gosto imenso de italiano, ou EUA tenho lá muitos familiares e pronto eu gosto, de New York não, não gosto, gosto mais de Canadá é mais verde, mais calmo por exemplo eu agora estou á procura de casa e falei em Telheiras quer dizer os meus pais, escolhi aquela zona de Telheiras que tem muita mais vegetação é mais calmo, não gosto de viver na cidade, mesmo mesmo na cidade e se conseguir sair, saio, se conseguir ficar cá, bem vou sair para quê, já me habituei ali.	<b>E3; L410</b>  <b>E3; L415</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas tu tens saudades do teu país de origem?	
<b>Aluna:</b> Algumas...	
<b>Entrevistador:</b> De que tens saudades de lá?	
<b>Aluna:</b> Se calhar ia dizer da minha avó, mas como ela está na Turquia, já visitei não tenho saudades, mas eu tenho lá ainda uma tia, um tio, mais um primo e uma prima portanto são as únicas pessoas que tenho saudades.	<b>E3; L420</b>
<b>Entrevistador:</b> E os teus amigos de lá?	



<b>Aluna:</b> Sim, os amigos também, alguns apesar de alguns também já foram para a Rússia, Ucrânia, Austrália.	<b>E3; L425</b>
<b>Entrevistador:</b> Ainda tens contacto com esses amigos?	
<b>Aluna:</b> Tenho...	
<b>Entrevistador:</b> Como estabelece contacto.	
<b>Aluna:</b> Ah é fácil... Há um site russo, chama-se alunos em tradução alunos e pode estar lá qualquer pessoa, ela encontrou várias amigas dela, põe lá o nome e já tá. Toda a gente que agora esta na Rússia ou na Ucrânia ou na Moldávia estão nesse site, eu também tenho e depois através do skype.	<b>E3; L430</b>
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais, neste caso, a tua mãe, apoia-te e incentiva-te a estudar, nas actividades escolares.	<b>E3; L435</b>
<b>Aluna:</b> Há. Não há um dia em que ele não me dê sermões (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Mas esses sermões são bons... (risos)	
<b>Aluna:</b> Sim, mas ouvi-los todos os dias é um bocado complicado, tou a brincar, claro que não oiço todos os dias, mas algumas vezes ela começa a dizer, a contar a sua vida, a vida dela não é nada fácil, é bastante complicada ainda por cima, quando vim para Portugal ela conta-me a vida toda e eu disse “mãe já sei tudo não contes já sei tudo de cor e salteado” e ela claro quer que eu seja uma boa aluna, tenha um bom emprego e isso, qualquer mãe quer não é...	<b>E3; L440</b>
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares em Portugal a tua mãe ainda te passa a herança cultural do teu país de origem?	<b>E3; L445</b>
<b>Aluna:</b> Herança cultural como assim?	
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, não esqueceres completamente as raízes porque temos facilidade em nos adaptarmos aos contextos, lugares onde estamos, a tua mãe tenta...	<b>E3; L450</b>
<b>Aluna:</b> Por exemplo nós lá na Moldávia temos o costume de festejar o ano novo em família, ou seja, família é família esta ano eu queria ir a Óbidos com uns amigos meus festejar porque é a cidade do gelo e é giro, tem chocolate quente. Mas pronto a minha mãe ficou assim e disse “se quiseses vai mas já sabes que é uma festa de família” e portanto optei por ficar para não quebrar a tradição e não devemos cortar essa tradição.	<b>E3; L455</b>
<b>Entrevistador:</b> Fazem essa festa de família no ano novo, não festejam o Natal.	
<b>Aluna:</b> Festejamos o Natal mas como eu vivo com o padrasto, o natal é mais dia 25 e é folga, estás a ver, e aproveitam para dormir portanto é que nós só recebemos prendas no ano novo.	<b>E3; L460</b>
<b>Entrevistador:</b> Fala um bocadinho disso.	
<b>Aluna:</b> Ora bem, o nosso Natal é dia 7 de Janeiro, sou protestante por acaso, na igreja participo, temos o resto de Natal e isso mas festejamos assim, chego a casa vejo que a minha mãe está a dormir, ligamos a tv e vimos os filmes que estão a dar e fico em casa e pronto, comemos pipocas todos juntos em família, mas festejamos mais é o ano novo, o ano novo é uma festa de arromba.	<b>E3; L465</b>
<b>Entrevistador:</b> E festejam de 31 para 1?	
<b>Aluna:</b> Sim é normal mas o ano novo antigo, o velho digamos assim, foi ontem dia 13 para 14 no calendário antigo. Havia Entrevistador tipos de calendário por exemplo é como se fosse dia 7 de Janeiro fosse 15 de	<b>E3; L470</b>

Dezembro só que os calendários são diferentes o Natal ficou diferente. Há quem festeje Entrevistador vezes no Ano Novo e no Ano Velho. É um bocado estranho mas sim... Mas sim festejamos isso.	<b>E3; L475</b>
<b>Entrevistador:</b> Como é a história do calendário antigo, sabes?	
<b>Aluna:</b> A história assim não sei, mas se perguntares ao professor de filosofia ele sabe (risos)... É que ele esteve uma aula a falar sobre isso.	
<b>Entrevistador:</b> Para ti a família é importante?	
<b>Aluna:</b> É, é muito importante para mim, a minha avó e a minha mãe são sagrados apesar de enervar a minha mãe tanto, às vezes ela diz assim “eu tenho uma filha mas é como se tivesse 10 ou 11.	<b>E3; L480</b>
<b>Entrevistador:</b> Então não tens irmãos?	
<b>Aluna:</b> Não, sou a única filha.	
<b>Entrevistador:</b> E gostavas de ter irmãos?	<b>E3; L485</b>
<b>Aluna:</b> (Pausa) Sim e não.	
<b>Entrevistador:</b> Sim porquê? E não porquê?	
<b>Aluna:</b> Bem, sim porque gosto muito de crianças, eu adoro crianças, toda a criança que eu vejo, puxo-a (risos). Mas eu tenho Entrevistador meios-irmãos, filhos do meu padrasto, uma é irritante, é uma rapariga, quase da minha idade, mas um bocado mais nova. O rapaz é o mais novo, tem agora 9 anos ou lá o que é, e quando eu cheguei cá e vivíamos juntos quer dizer ele vive com a mãe dele, mas nem passar tempo com o pai, ele é tão irritante eu não o suportava e eu dizia eu não quero ter irmãos (risos) e por nada deste mundo, ele é tão chato, tão chato. A minha mãe chateava-me sempre “porque não te dás com ele, porquê, porquê?” Eu não consigo, de vez em quando eu até dou-me com ele mas quando ele começa a irritar nós estamos... Guerra. Ainda por cima ele é super queixinhas qualquer coisa ele vai e depois sobra para mim.	<b>E3; L490</b>  <b>E3; L495</b>  <b>E3; L500</b>
<b>Entrevistador:</b> Não sei se queres falar de mais alguma coisa, achas que há alguma coisa mais que achasses interessante falar.	
<b>Aluna:</b> Não sei, se quiseres perguntar alguma coisa	
<b>Entrevistador:</b> Eu acho que podemos ficar por aqui e caso se precisar de mais alguma coisa falo contigo.	<b>E3; L505</b>

#### Entrevista 4

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluna:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos fazer uma entrevista, penso que já deves saber mais ou menos como funciona. Acho que os teus colegas já te terão falado. Vai ser baseada numa história de vida em que te vou fazendo algumas questões e vais-me respondendo para eu também perceber se houve muitas mudanças na tua vida, tendo em conta o teu país de origem e o país de acolhimento. Mas antes disso, qual é a tua idade?	<b>E4; L5</b>
<b>Aluna:</b> 16.	

## A Escola e os Outros

<b>Entrevistador:</b> Em que nível de escolaridade te encontras?	<b>E4; L10</b>
<b>Aluna:</b> 9º 2º	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual era o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluna:</b> O meu pai, não tenho pai, não conheço.	
<b>Entrevistador:</b> Não conheces... E da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Acho que é o 6º.	<b>E4; L15</b>
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é a profissão da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Cozinheira.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade e país de origem?	
<b>Aluna:</b> Goiana...	
<b>Entrevistador:</b> Isso é no Brasil...	<b>E4; L20</b>
<b>Aluna:</b> Brasil - Goiana	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade é que tu imigraste?	
<b>Aluna:</b> Imigrei com 14.	
<b>Entrevistador:</b> E vieste logo com a tua mãe? Ou a tua mãe veio antes?	
<b>Aluna:</b> A minha mãe veio antes.	<b>E4; L25</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens irmãos?	
<b>Aluna:</b> Tenho.	
<b>Entrevistador:</b> Quantos são vocês?	
<b>Aluna:</b> Entrevistador.	
<b>Entrevistador:</b> A tua irmã é mais nova ou mais velha?	<b>E4; L30</b>
<b>Aluna:</b> tem 8 anos.	
<b>Entrevistador:</b> É mais novinha... E como era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluna:</b> Era difícil.	
<b>Entrevistador:</b> Fala um bocadinho, difícil em que contexto?	<b>E4; L35</b>
<b>Aluna:</b> Não tinha... era assim, era uma vida difícil mas nunca passamos dificuldade, tá a ver. Minha mãe trabalhava, tínhamos comida, estudava em escola pública e isso.	
<b>Entrevistador:</b> E disseste que nunca conheceste o teu pai, mas porquê? Ele morreu?	<b>E4; L40</b>
<b>Aluna:</b> Não, porque ele não quês saber de mim.	
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo a nível da escola, tinhas assim algumas dificuldades lá?	
<b>Aluna:</b> Não!	
<b>Entrevistador:</b> E como era um dia-a-dia no teu país? Que é que fazias assim ao longo do dia?	<b>E4; L45</b>
<b>Aluna:</b> Ia até á escola de manha e de tarde voltava para casa. Ia passear com as minhas amigas, às vezes ficava em casa a fazer os TPC'S e isso.	
<b>Entrevistador:</b> E ainda em relação ao teu pai, tens curiosidade em saber quem é?	<b>E4; L50</b>
<b>Aluna:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> A tua mãe não te quês contar?	
<b>Aluna:</b> Ela conta sim, mas nunca me levou para conhecer ele não.	
<b>Entrevistador:</b> Mas gostavas de o conhecer?	
<b>Aluna:</b> Gostava, eu vou conhecer quando fizer 18 anos vou atrás dele.	<b>E4; L55</b>
<b>Entrevistador:</b> E que esperas encontrar em relação ao teu pai?	
<b>Aluna:</b> Um homem velho, já com uns 4 filhos, não é rico, olha acho que ele nem vai querer me ver.	



<b>Entrevistador:</b> Mas porque estás a dizer que ele já terá mais 4 filhos?	
<b>Aluna:</b> Porque ele já tem 4 filhos.	<b>E4; L60</b>
<b>Entrevistador:</b> Já tens algumas informações sobre ele?	
<b>Aluna:</b> Sim, quando... Acho que eu sou a mais velha, quando a minha mãe saiu de lá, como lá na nossa terra a minha avó foi lá á pouco tempo e as irmãs dele disse que ele tem 3 ou 4 filhos e eu acho que sou a mais velha.	<b>E4; L65</b>
<b>Entrevistador:</b> E ao início isso foi complicado para ti o facto de ele não querer saber de ti?	
<b>Aluna:</b> Não sei, a minha mãe disse que quando ela engravidou, aí ela foi atrás dele, eu nasci, tinha Entrevistador meses e ela chegou lá e ele disse que o filho não era dele. A minha disse “então está bem eu vou criar a minha filha sozinha” e ele não me registou, nem o nome dele eu tenho.	<b>E4; L70</b>
<b>Entrevistador:</b> Então só tens o nome da tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E quais foram os motivos que levaram a tua mãe, neste caso, a vir para Portugal?	<b>E4; L75</b>
<b>Aluna:</b> Bem, minha mãe casou com um homem á 10 anos, só que ele era muito ruim, ruim de natureza, então a minha mãe sempre quês vir para cá, a minha tia está lá há 11 anos e minha mãe sempre falava para minha tia “eu quero ir para aí” e minha tia dizia para ela “então arruma um dinheiro e vem”, aí um dia a gente estava em casa e meu tio chegou e disse assim para a minha mãe “você quer ir para Portugal?” Ela disse assim “quero”. Ele falou “então me dá o teu documento que eu vou comprar a passagem”. Ele foi... isto foi numa 6ª feira, comprar a passagem e tudo aí no sábado, ele veio entregou a passagem tudo pronto, passaporte e isso. E quando foi no domingo ela viajava de manha com a minha tia que minha tia vinha passar férias lá. Aí ela chegou, aí o meu padrasto estava a viajar, ele chegou e não a deixava vir para cá de jeito nenhum, disse que não que ele não ia e isso. Aí ela foi para o aeroporto e veio e eu fiquei lá, com minha irmã e com ele.	<b>E4; L80</b>  <b>E4; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas depois o teu padrasto também voltou para cá ou não?	<b>E4; L90</b>
<b>Aluna:</b> Não, a minha mãe separou dele quando ela chegou cá.	
<b>Entrevistador:</b> E quando vieste para Portugal, a tua mãe quando decidiu vir, Portugal tinha sido o 1º país que ela escolheu?	
<b>Aluna:</b> Sim...	<b>E4; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> Então não vieste logo com a tua mãe?	
<b>Aluna:</b> Não, eu vim 3 anos depois que a minha mãe estava aqui.	
<b>Entrevistador:</b> E quando tu chegaste aqui, tiveste dificuldades em te adaptares?	
<b>Aluna:</b> Tive, eu passei 4 meses a chorar, que não queria ficar aqui, que queria voltar para Goiana e isso. Aí ela disse que com o tempo ia acostumar. Ela até me ia mandar de volta embora. Aí eu entrei na escola, foi um bocadinho difícil, chumbei um ano agora estou a fazer de novo, foi difícil habituar.	<b>E4; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldades em fazer amigos na escola?	<b>E4; L105</b>
<b>Aluna:</b> Não, é assim, eu me dou bem, mais bem com os cabo-verdianos e isso. Com os portugueses eu não dou muito bem não. Eu tenho amigas	

portuguesas mas eu não dou bem com elas.	
<b>Entrevistador:</b> Mas porque é que...	
<b>Aluna:</b> Não sei, não é com portugueses, acho que isso é o tipo da pessoa, não é? Eu não me dou bem com certas pessoas, me dou bem com os portugueses mas com certo tipo de pessoas não, porque são preconceituosas e isso assim.	<b>E4; L110</b>
<b>Entrevistador:</b> E tens amigos aqui na escola?	
<b>Aluna:</b> Tenho.	<b>E4; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas também tens amigos fora da escola?	
<b>Aluna:</b> Sim, amigos da minha mãe...	
<b>Entrevistador:</b> Amigos da tua mãe, pessoas mais velhas...	
<b>Aluna:</b> Sim, são mais velhos...	
<b>Entrevistador:</b> Essas são pessoas mais velhas, e da tua idade é só mesmo na escola?	<b>E4; L120</b>
<b>Aluna:</b> Ham... Só aqui na escola.	
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldade em te adaptares aqui á escola?	
<b>Aluna:</b> Não, tive dificuldade nas disciplinas, na escola não.	
<b>Entrevistador:</b> E que dificuldades é que tu encontraste a nível das disciplinas?	<b>E4; L125</b>
<b>Aluna:</b> Francês, eu nunca tinha tido francês, era um estudo mais puxado, no Brasil não é tão puxado, aqui é mais puxado. No Brasil você faz várias coisas, você passa aqui é mesmo um estudo sério.	
<b>Entrevistador:</b> Então, foi em francês, e tiveste mais algumas dificuldades?	<b>E4; L130</b>
<b>Aluna:</b> Tem físico-química, no ano passado no 9º ano, este ano não, físico-química, inglês, matemática, no ano passado tive 10 negas no 1º período e este ano eu só tive 3.	
<b>Entrevistador:</b> Já houve uma melhoria ... Mas também pode ser por nós termos tendência a falar depressa... (risos)	<b>E4; L135</b>
<b>Aluna:</b> Não, eu percebo o que vocês falam, não percebo é algumas palavras. Sei que são muito diferentes tipo quando cheguei aqui falavam bué, bué, e eu bué o quê, não entendo, agora também já falo bué, já aprendi um pouquinho assim, fogo.	<b>E4; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, nós (portugueses) dizemos fixe e vocês...	
<b>Aluna:</b> Eu também falo fixe, não falo legal, por acaso não falo, falo fixe.	
<b>Entrevistador:</b> E gostas aqui da escola?	
<b>Aluna:</b> Gosto!	
<b>Entrevistador:</b> Gostas do ambiente mesmo entre professores e alunos, alunos e funcionários?	<b>E4; L145</b>
<b>Aluna:</b> Alguns professores eu não gosto assim muito não, os alunos são muito mal-educados qualquer coisinha estão a reclamar e isso. Eu não fui criada assim no Brasil.	
<b>Entrevistador:</b> Observas isso por parte de que alunos?	<b>E4; L150</b>
<b>Aluna:</b> Como assim?	
<b>Entrevistador:</b> Por parte dos alunos portugueses ou de outras nacionalidades ou em geral?	
<b>Aluna:</b> Sim, porque na minha sala só tem eu e outro menino brasileiro, então isso é mais por parte dos portugueses, são muito mal-educados, tu fala e já responde e eu não, até esse menino brasileiro responde ao	<b>E4; L155</b>

professor e eu não.	
<b>Entrevistador:</b> Então a tua forma de...	
<b>Aluna:</b> A minha forma de ver aquilo é diferente como eu sei que não vai adiantar discutir com o professor, ele vai ganhar mais do que eu, vai valer apenas eu estar a discutir com ele? Eu sou uma aluna, ele é o professor, ele está a falar é para o nosso bem e eles não vê isso.	<b>E4; L160</b>
<b>Entrevistador:</b> E quais foram os maiores contrastes que tu encontraste quando chegaste cá comparando com o teu país, com o Brasil.	
<b>Aluna:</b> Como assim?	<b>E4; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> Contrastes a nível, por exemplo, da cultura, do clima, da gastronomia.	
<b>Aluna:</b> Olha eu gosto da comida, não todas mas gosto de bacalhau com natas é minha comida preferida é bom. Aqui eu gosto do tempo também, lá é quente e no inverno também faz muito frio. Não conheço as culturas daqui assim, gosto das músicas assim kizomba mas não é daqui mas eu gosto daqui.	<b>E4; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> E o sistema de ensino é muito diferente. Queres falar 1 bocadinho de como era o sistema de ensino no Brasil comparando com o sistema de ensino de cá?	<b>E4; L175</b>
<b>Aluna:</b> Lá no Brasil é assim, a média lá é 10, aqui não conta teste, já nem me lembro como era mas lá vai para a escola às 7 da manhã e sai às 11:30 do básico, e à tarde é o primário vai à 1h e sai às 6h ou 5:30. Lá por exemplo eu nas matérias era de 0 a 10, eu tinha sempre 7, 8 até 10 e aqui não, aqui são tudo contado, percentagem dos testes é de 0 a 5. Acho que é difícil mas é mais fácil, e uma pessoa estuda aqui e tira o diploma e vai para o Brasil lá consegue arranjar emprego melhor.	<b>E4; L180</b>
<b>Entrevistador:</b> Estavas a falar que lá entravas às 7 e saias às 11:30, isso era em que nível de ensino?	
<b>Aluna:</b> No básico.	<b>E4; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> Então havia 2 turnos, o turno da manhã e o turno da noite.	
<b>Aluna:</b> Lá não ficava o dia todo na escola, não tinha o da manhã que era do 9º ao 12º e o da tarde que era do 1º ao 6º ou ao 8º. E à noite que era do 10º, pessoas que tinham de fazer o 10º mas tinham que trabalhar de dia e faziam o 10º à noite.	<b>E4; L190</b>
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, havia sempre uma parte do dia que vocês tinham livre?	
<b>Aluna:</b> Assim, os da tarde tinham a parte da manhã e os de manhã tinham a parte da tarde.	<b>E4; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> Então e aqui, fez-te confusão porque tens aulas praticamente o dia todo?	
<b>Aluna:</b> É horrível. Passar o dia todo na escola.	
<b>Entrevistador:</b> Achas que acaba por ser mais ou menos rentável, passares o dia todo na escola?	<b>E4; L200</b>
<b>Aluna:</b> Mais ou menos, hum, eu acho, lá é assim só tinha 45 minutos não dá para nada, tipo vai fazer um teste em 45 minutos não dá para nada. Aqui não, aqui você tem 90 minutos e dá para tudo, dá para fazer tudo se não fez é porque não quis, mesmo a gente saindo à tarde a gente tem um horário bom.	<b>E4; L205</b>

<b>Entrevistador:</b> E coisas que encontraste e foram semelhantes ao Brasil? Encontraste alguma semelhança entre Portugal e o Brasil?	
<b>Aluna:</b> O calor, não o ano todo, mas tem o calor, agora assim semelhante não, é um bocado diferente. Lá você sai na rua, lá não tem assim cafés igual aqui, é assim, tem café mas lá chama bar, não é assim de a gente chegar. É padaria, não é café, é padaria onde você vai comprar o seu pão e isso, aqui tem muito café, lá não, lá tem mais bares para a gente jogar e isso. Padaria não é igual assim como você encontra no café da esquina, lá não tem uma padaria num lugar, outra noutro. O preço das coisas também, porque é assim daqui conta mais, de lá para aqui conta menos.	<b>E4; L210</b>  <b>E4; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> E já tiveste alguma experiencia na escola, vamos dizer de seres discriminada por parte dos colegas ou de alguém, isto porque também referiste o preconceito.	
<b>Aluna:</b> Assim na escola não deixa eu ver acho que não.	
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola, já sentiste?	<b>E4; L220</b>
<b>Aluna:</b> Não, eu quando cheguei cá não gostei muito de vir para a escola não, porque sei lá, eu falava “o que é que eu vou fazer na escola, se eu não me dou bem com as pessoas são todos portugueses? Que é que eu vou fazer lá, são pessoas diferentes” e eu me sentia mal por vir para a escola. Porque eu falava, “eu não sou um deles,” eu me sentia mal de vir para a escola e eu não gostava de vir para a escola.	<b>E4; L225</b>
<b>Entrevistador:</b> Então tu própria é que estavas a criar uma barreira.	
<b>Aluna:</b> Porque me sentia mal, mas agora, agora não, agora me sinto bem, mas porque eu me sentia mal porque eu não sabia falar igual a eles, eu falava uma coisa eles não entendiam.	<b>E4; L230</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas não achas que eles até podem achar engraçado quando vocês falam ou achas que vêm pelo lado negativo?	
<b>Aluna:</b> Eles achavam engraçado mas era no gozo. Ficavam-me a imitar e isso, eu não gosto. Eu estou a falar português, o nosso brasileiro tem sotaque, eu entendo o que vocês falam mas não fico a tentar imitar. Se aprendo alguma coisa é porque estou a viver com vocês e eles ficam a imitar, eu estou a falar português se eles não percebem, perguntem. Agora ficar a me imitar eu não gosto.	<b>E4; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, nos jogos, nos trabalhos de grupo, tens facilidade em conseguires arranjar grupo?	<b>E4; L240</b>
<b>Aluna:</b> Tenho!	
<b>Entrevistador:</b> Então não há problemas em relação a isso?	
<b>Aluna:</b> Não.	
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida no teu país de origem como é que descreves um dia passado em Portugal? Como é um dia-a-dia em Portugal? É muito diferente?	<b>E4; L245</b>
<b>Aluna:</b> É, é diferente, aqui eu tenho que levantar cedo e ir para a escola e ficar até tarde, tenho de chegar em casa fazer o jantar, arrumar tudo dormir de novo para o outro dia levantar e vir para a escola sair mais um dia tarde e no Brasil não. Quando eu estudava á tarde eu tinha a manha livre, podia acordar tarde e quando estudava de manha tinha a tarde livre. É diferente. Lá eu vou para a casa das minhas amigas, a gente fica lá a conversar, vai andar na rua ia a casa de minha amiga dormir no final de semana, aqui não, aqui só fico dentro de casa.	<b>E4; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> E durante o fim-de-semana que fazes aqui?	<b>E4; L255</b>

<b>Aluna:</b> No sábado eu vou limpar a casa e domingo minha mãe faz almoço quando meu namorado está aí a gente vai para o shopping passear e quando ele não está eu fico em casa com a minha mãe, com o meu padasto, a minha mãe chama os amigos faz almoço como fazia no Brasil como almoço de domingo que tem cerveja, tem bebida e a gente fica em casa. Quando ela tem dinheiro a gente vai almoçar fora, vai no shopping e assim.	<b>E4; L260</b>
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares cá a Portugal quais foram os primeiros obstáculos com que te deparaste?	
<b>Aluna:</b> Obstáculos com que me deparei?	<b>E4; L265</b>
<b>Entrevistador:</b> Sim, aquilo que achaste que foi mais chocante, vens para um país desconhecido. E o que é que foi assim um grande obstáculo ou dificuldade?	
<b>Aluna:</b> Acho que não, foi difícil foi quando cheguei aqui, nunca vim para um país frio, Brasil é quente, cheguei aqui e aquele frio, fogo.	<b>E4; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> De que região és mesmo?	
<b>Aluna:</b> É perto de Brasília.	
<b>Entrevistador:</b> Então foi mesmo a parte do frio.	
<b>Aluna:</b> Sim, e as pessoas também eram diferentes falavam assim, no começo para mim falavam diferente, agora não, agora já me habituei.	<b>E4; L275</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível da escola recebeste algum tipo de apoio para te adaptares.	
<b>Aluna:</b> Apoio, apoio assim sem ser na sala de aula.	
<b>Entrevistador:</b> Sim, sem ser na sala de aula.	
<b>Aluna:</b> Recebia. Tinha apoio no ano passado de matemática, tive de inglês, só esses apoios que eu tive. Mas chumbei porque eu sei lá, era desinteressada, não percebia, era assim.	<b>E4; L280</b>
<b>Entrevistador:</b> Estavas desmotivada?	
<b>Aluna:</b> A gente vem do Brasil, chega aqui é mais complicado, até perceber aquilo tudo e isso é mais difícil, agora este ano não. Este ano nem se compara com o ano passado. Este ano é para passar sem nenhuma nega. Menos a matemática, eu não entendo nada.	<b>E4; L285</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, já estás a pressupor que vais tirar negativa a matemática.	
<b>Aluna:</b> Vou!	<b>E4; L290</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas não deves pensar assim.	
<b>Aluna:</b> Mas eu vou ter nega a matemática e a inglês, não percebo nada, aquilo não entra na minha cabeça, já recuperei francês agora matemática fogo não entra mesmo.	
<b>Entrevistador:</b> E que esperavas encontrar aqui em Portugal?	<b>E4; L295</b>
<b>Aluna:</b> Pessoas mais calmas, as pessoas aqui são muito nervosas, muito stressadas, sei lá. É diferente. Falam com um jeito diferente, já levantam logo de manhã, interpretam as coisas mal.	
<b>Entrevistador:</b> E para além de pensares que ias encontrar pessoas mais calmas, esperavas encontrar mais alguma coisa assim diferente.	<b>E4; L300</b>
<b>Aluna:</b> Diferente (pausa). A praia porque na minha cidade não tinha praia. Está a falar das pessoas?	
<b>Entrevistador:</b> Em geral! É diferente lá não tinha.	
<b>Aluna:</b> A praia não é, na minha cidade pelo menos não tinha praia, a	

praia foi fixe, gostei.	<b>E4; L305</b>
<b>Entrevistador:</b> E a água? Não a sentiste muito fria?	
<b>Aluna:</b> Fogo. Não, eu entrei na água, passei um descolorante para ficar loiro, também passei aquilo e fui para dentro de água, peguei a água e bebi, fogo, a água é mesmo salgada. Para você ver de um país, na minha cidade não tinha praia, não sabia que a água era salgada. Cheguei aqui e fui beber a água, era salgada.	<b>E4; L310</b>
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas é que tinhas em relação á escola. Tendo em conta que não conhecias a escola que expectativas é que criaste? Em relação á escola?	
<b>Aluna:</b> Que ia encontrar pessoas metidas.	<b>E4; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> E encontraste?	
<b>Aluna:</b> Encontrei, metidas, mal-educadas, diferentes, aqui na escola não falo dos professores que já são adultos, mas falar dos alunos é difícil você encontrar uma pessoa que seja uma pessoa educada que não refila com os stores que não, interpreta as coisas mal. Até o meu amigo brasileiro também é um refilão ele também já aprendeu isso.	<b>E4; L320</b>
<b>Entrevistador:</b> E em relação aos professores é mais ou menos como os professores no Brasil, ou também notas diferenças.	
<b>Aluna:</b> Não é igual. Só que os professores daqui pegam mais no pé da gente, ajuda mais e isso.	<b>E4; L325</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas isso acaba por ser bom. E de uma forma geral, as expectativas que tu tinhas correspondiam á realidade?	
<b>Aluna:</b> Mais ou menos.	
<b>Entrevistador:</b> Em que sentido é que corresponderam á realidade. Já tinhas visto mais ou menos perguntado sobre informações sobre a escola sobre as pessoas.	<b>E4; L330</b>
<b>Aluna:</b> O primeiro dia que eu vim para a escola eu vim era na segunda-feira e eu vim na sexta-feira pensando que ia começar as aulas toda contente e isso. Aí quando eu cheguei aqui na escola não tinha aula era só na segunda-feira então eu vim para a escola toda triste. Depois voltei na segunda-feira de novo, aí cheguei na sala, ficamos lá, éramos quatro amigas aí foi passar... passando o ano aí só fiquei eu e a outra, só duas. Porque uma era falsa, falava o que não devia, a gente contava as coisas e ela contava para a escola toda, a outra era uma ciumenta e invejosa e eu e a outra não. A gente chegou até casar sabe, marida, e ela é cabo-verdiana e as outras eram portuguesas.	<b>E4; L335</b>  <b>E4; L340</b>
<b>Entrevistador:</b> Chegaram a casar?	
<b>Aluna:</b> Sim, tem as amigas, as melhores amigas aí se casam e ficam marida e marida, então eu me casei com ela, é marida, ela é cabo-verdiana.	<b>E4; L345</b>
<b>Entrevistador:</b> E que objectivos é que tu tens sonhos a nível pessoal e mesmo profissional?	
<b>Aluna:</b> Quando eu acabar o 9º ano eu vou fazer um curso de estética, não sei, ainda se eu vou ou se eu não vou porque... Não sei depois eu não aprendo direito, tenho medo de não aprender e chegar depois quando for trabalhar não ser aquela cabeleireira, maquilhadora e ganhar pouco. Como o mundo já tá assim então quando eu for adulta vai tar pior as coisas vão estar mais caras.	<b>E4; L350</b>
<b>Entrevistador:</b> Pode ser que estejam melhores.	



<b>Aluna:</b> Pois tá bem, mas eu estou a dizer a nível de arroz, feijão e isso porque no Brasil um pacote de arroz de 5kg é 15 reais equivalente a 7,50€. Aqui é barato com o dinheiro que você ganha aqui, mas se for ganhar lá é caro porque lá o nosso ordenado mínimo é 520. O salário mínimo para quem trabalha de empregada, ajudante de cozinha.	<b>E4; L355</b>
<b>Entrevistador:</b> A nível de unidade vocês ganham mais. Aqui é 475.	<b>E4; L360</b>
<b>Aluna:</b> Mas isso vai dar 900 reais é mais. Mas isso é para ajudante de cozinha que é cozinheiro ganha um bocadinho melhor.	
<b>Entrevistador:</b> Estás então a pensar fazer um curso profissional para fazer o 12º e depois terminar ou pensas continuar?	
<b>Aluna:</b> Depois do 12º, eu vou trabalhar.	<b>E4; L365</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas pretendes fazer esse curso cá em Portugal?	
<b>Aluna:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E tens expectativas em relação ao futuro? Pretendes ficar por cá, oi voltar para o Brasil?	
<b>Aluna:</b> Sinceramente não sei, olha por mim, eu ficava aqui, morava aqui, mas não sei, é para lá que eu vou, nasci lá é para lá que vou no futuro, tenho de morar no meu país não é, ainda não sei, acho que é lá mesmo.	<b>E4; L370</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens saudades?	
<b>Aluna:</b> Tenho, eu acho que eu vou mais para lá por causa da minha avó porque se não fosse a minha avó eu ficava mesmo aqui, mas eu vou mais para lá por causa dela e também se chegar um dia. Um dia eu vou casar não é, se eu casar com um brasileiro eu vou ter que morar lá porque ele vai querer ir embora e eu vou ter que ir para lá.	<b>E4; L375</b>
<b>Entrevistador:</b> E se for ao contrário? Se casares com um português? Como vai ser?	<b>E4; L380</b>
<b>Aluna:</b> (Risos) Eu vou morar aqui, mas vou passar lá.	
<b>Entrevistador:</b> Arranja-se sempre solução. E de que tens mais saudades do Brasil?	
<b>Aluna:</b> Da comida, dos dias que eu passava lá com as minhas amigas, aqui as amigas são muito diferentes, “à vamos dormir lá em casa?” “à eu não sei, a minha mãe não deixa!” e isso, lá não, a gente dormia lá em casa, assistia a filme, fazia pipoca, ia para a feira á noite voltava... Ia para casa da minha amiga lá na 6ª feira á noite e só voltava no domingo de noite. A gente ia no Mc Donalds, Mc Donalds não que eu nunca fui no Mc Donalds no Brasil, nem era Mc Donalds era tipo Mc Donalds só que chama girafas em Brasília. No aeroporto quando estava a vir para cá foi a primeira vez que fui no Mc Donalds. Assim as amizades são muito diferentes. Aqui a gente tem de ficar dentro de casa não sai.	<b>E4;L390</b>  <b>E4; L395</b>
<b>Entrevistador:</b> Isso será por estares a viver em Lisboa?	
<b>Aluna:</b> Não sei, acho que isso vai da pessoa da amizade que a pessoa tem uma com a outra.	<b>E4; L400</b>
<b>Entrevistador:</b> Pode ser por ser de estares na cidade.	
<b>Aluna:</b> Aqui também é diferente tem a rua e naquela rua só tem o prédio e isso, só é o prédio, no Brasil, não tem são prédio. No Brasil são casas, casas, assim uma casa normal, não é casa com andares e isso, casas. Prédios tem lá, mais para Campinas para o centro da cidade que tem muitos prédios mas na minha cidade não tem muito prédio, tem casas então a rua fica mais livre, eu pelo menos morava em frente a uma praça,	<b>E4; L405</b>

todo o dia ficava na praça a andar de bicicleta e isso, aqui nem bicicleta eu tenho.	<b>E4; L410</b>
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe, incentiva-te a continuar a estudar e a...?	
<b>Aluna:</b> Ela fala para mim assim “você estuda para não ter a mesma vida que eu, eu fico 12 horas na cozinha a trabalhar em pé para te dar as coisas, por isso estuda para você quando estiver mais velha dar um futuro melhor para teus filhos”.	<b>E4; L415</b>
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares em Portugal a tua mãe passa-te assim a herança cultural do país de origem, do Brasil?	
<b>Aluna:</b> Passa porque na nossa casa a gente só fala não é a nossa língua, eu falo o que aprendo de lá mas eu puxo um bocadinho mais de cá e a gente fala, a minha mãe falava umas asneiras assim quando ela está nervosa mas não é asneira pesada, aí a gente conversa, falamos muito do brasil.	<b>E4; L420</b>
<b>Entrevistador:</b> E fazem a nível da gastronomia, fazem cá muitos pratos Brasileiros.	
<b>Aluna:</b> Só pratos Brasileiros.	<b>E4; L425</b>
<b>Entrevistador:</b> Só pratos brasileiros? E tens facilidade em encontrar os produtos?	
<b>Aluna:</b> Tenho, tipo a gente compra arroz, feijão e um frango e fazemos frango ao molho, é tipo frango, aí meu Deus e agora? Não sei como explicar como é que é aqui, aqui o frango é grelhado ou assado mas também tem frango ao molho não?!	<b>E4; L430</b>
<b>Entrevistador:</b> Refogado?	
<b>Aluna:</b> Refogado isso, com molho.	
<b>Entrevistador:</b> Exacto, para nós aqui é com molho de tomate.	
<b>Aluna:</b> É. É isso frango ao molho. A gente faz frango ao molho. Frango assado no forno, faz puré de batata. Aqui também lá faz. No domingo a gente como mais coisas de lá. É salpicão, é galinhada, é picanha, é costela, mandioca que come mais coisas de lá é no domingo.	<b>E4; L435</b>
<b>Entrevistador:</b> Galinhada?	
<b>Aluna:</b> É arroz, frango, arroz coloca o tempero e açafrão que é para o arroz ficar amarelo, isso se chama galinhada mas é bom fogo é mesmo bom com um feijãozinho. Tutu de feijão minha tia é que faz muito tutu de feijão. Não sei explicar o que é mas é bom é feijão acho com farinha, feijão farinha, ela coloca um bocadinho de pimento fica bom. Pão de queijo, ela sempre faz pão de queijo é bom. Sabe o que é pão de queijo?	<b>E4; L440</b> <b>E4; L445</b>
<b>Entrevistador:</b> Acho que sim (risos). E por exemplo, a família para ti é importante, certo?	
<b>Aluna:</b> Muito, não me dava quando eu cheguei aqui porque acho que eu tinha tanta revolta do padrasto que eu tinha no Brasil, quando eu cheguei aqui, no primeiro dia, eu cheguei na segunda-feira ou na terça-feira...	<b>E4; L450</b>
<b>Entrevistador:</b> Espera, o teu padrasto, era o marido que a tua mãe tinha no Brasil, não gostavas dele?	
<b>Aluna:</b> Gostava mas ele era mau para mim, por isso, tipo eu ia para a igreja aí quando eu voltava ele já estava na porta a minha espera não é, com medo de eu vir com um menino, se eu passava esmalte na unha era motivo de ele brigar comigo e me bater, se eu ia para a escola maquiada eu apanhava, a minha irmã a filha dele, se a minha irmã comesse a	<b>E4; L455</b>



chorar e falava alguma coisa, a culpa era da kalita, então ele era ruim me batia. Já foi denunciado três vezes para a polícia, duas vezes por causa de mim, a gente foi na delegacia e disse que bateu e a minha mãe nunca deu conta. Aí chegou um dia que eu fui lavar roupa, peguei a caixa de sabão em pó e lavei a casa de banho, lavei a roupa, porque quando a minha mãe me deixou lá eu fazia tudo. Parecia que era até casada. Fazia tudo em casa. Aí minha mãe, ele foi e brigou comigo por causa da caixa de sabão em pó, aí a gente foi para a casa de banho com a irmã e eu estava a passar o pentinho, pente fino para tirar os piolhos no cabelo dela e passei aqui na nuca dela e ela começou a chorar, ele me tirou da casa de banho de toalha e me bateu. Então aí quando a gente foi para casa da minha avó no domingo eu disse para a minha irmã “fala para a mamãe que teu pai me bateu” e ela disse. Minha mãe ficou nervosa e isso e nesse domingo eu acho que tirei um pouco do medo que tinha dele, eu falei “vou voltar para casa da minha avó” e não voltei com ele.	<b>E4; L460</b>
	<b>E4; L465</b>
	<b>E4; L470</b>
<b>Entrevistador:</b> Ficaste na casa da tua avó?	
<b>Aluna:</b> E fiquei na casa da minha avó, fiquei seis meses com ele e sete com a minha avó, depois vim para cá.	<b>E4; L475</b>
<b>Entrevistador:</b> E agora o padrasto, o marido que a tua mãe tem cá?	
<b>Aluna:</b> Isso, eu cheguei aqui numa segunda-feira, na terça-feira minha mãe me levou para o trabalho dela e depois me deixou no restaurante da minha tia e de tarde ele foi-me buscar. Eu não gostava dele. Aí ele entrou e falou “vamos, a tua mãe mandou-me vir-te buscar” todo feliz, tá vendo, me tratando bem. De lá até em casa fui de cara fechada. “Gosta de andar de metro?” eu falei “não”, lá em casa estava de cara fechada, chorava de noite, fazia escândalo á noite.	<b>E4; L480</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas porquê? Achas que ele era...	
<b>Aluna:</b> Tinha ciúme dele com a minha mãe, fiquei tanto tempo longe da minha mãe e tinha ciúme. Fazia escândalo e isso. Aí um dia ele disse que ia sair de casa até aí depois que eu arrumei um namorado acho que sei lá, eu parei com essas coisas.	<b>E4; L485</b>
<b>Entrevistador:</b> E agora tens uma boa relação com ele?	
<b>Aluna:</b> Com quem? Com o meu padrasto? Oh fogo, eu acho, às vezes falo para ele assim, “acho que você é meu pai e minha mãe não quer dizer”, ele é mesmo fixe, ele é tudo para mim, para minha mãe.	<b>E4; L490</b>
<b>Entrevistador:</b> A tua irmã também está cá?	
<b>Aluna:</b> Não, está com o pai dela no Brasil.	
<b>Entrevistador:</b> Pensei que estivesse cá.	<b>E4; L495</b>
<b>Aluna:</b> Um dia se minha mãe chegar a separar dele eu acho que eu vou morar com ele, é assim tão legal comigo.	
<b>Entrevistador:</b> Então ele também te apoia o que acaba por ser importante, não é.	
<b>Aluna:</b> Ele me dá vários conselhos. Ele, eu gosto mais de conversar com ele do que com a minha mãe. Quando eu falto na escola eu chego e digo “Jô faz aqui, assina aqui a falta que eu tenho de levar para a escola”, ele fala “dá para tua mãe!” eu digo “não, ela não pode saber não, senão ela me bate” ele fala “então está bem” e não fala para minha mãe. Ele já veio aqui á escola falar com a DT para ver se estava tudo certinho, ficou feliz por saber que eu estava bem na escola e isso, me dá as coisas.	<b>E4; L500</b>
	<b>E4; L505</b>
<b>Entrevistador:</b> Ele tem filhos?	

## A Escola e os Outros

<b>Aluna:</b> Tem 3 no Brasil.	
<b>Entrevistador:</b> Ele é brasileiro?	
<b>Aluna:</b> É. Ele é brasileiro.	<b>E4; L510</b>
<b>Entrevistador:</b> E tens curiosidade em conhecer os filhos dele?	
<b>Aluna:</b> A gente fala pela internet tudo bem, são pessoas também, igual a ele, acho que ele passou tudo o que aprendeu para os filhos dele. Eles pegaram aquela educação, aquele jeito de ser, são bem-educados.	
<b>Entrevistador:</b> Bem, acho que está tudo, qualquer coisa depois volto a falar contigo. Correu bem. Obrigada.	<b>E4; L515</b>
<b>Aluna:</b> De nada.	

### Entrevista nº 5

<b>Entrevistador:</b> Boa tarde!	
<b>Aluno:</b> Boa tarde!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos então fazer uma entrevista em que me vais falar um pouco da tua história de vida. Mas antes disso queria saber qual a tua idade.	<b>E5; L5</b>
<b>Aluno:</b> 15, faço 23 de Março 16 anos.	
<b>Entrevistador:</b> O teu nível de escolaridade.	
<b>Aluno:</b> 9º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Ele também tem o 9º ano.	<b>E5; L10</b>
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	
<b>Aluno:</b> A minha mãe está agora a terminar o curso médio, aquele da universidade.	
<b>Entrevistador:</b> E qual é a profissão do teu pai?	
<b>Aluno:</b> É contabilista.	<b>E5; L15</b>
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	
<b>Aluno:</b> É médica mas neste momento está a trabalhar como gerente de um... gerente comercial.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade de origem?	
<b>Aluno:</b> Moambo.	<b>E5; L20</b>
<b>Entrevistador:</b> Angola?	
<b>Aluno:</b> Uma província de Angola sim.	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade é que imigraste?	
<b>Aluno:</b> 14.	
<b>Entrevistador:</b> O teu pai veio para Portugal?	<b>E5; L25</b>
<b>Aluno:</b> Não.	
<b>Entrevistador:</b> Então foi a tua mãe que veio?	
<b>Aluno:</b> Vim com a minha tia, mas a minha mãe já cá esteve.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual foi a data da vinda da tua mãe para cá? Quando é que ela veio para Portugal?	<b>E5; L30</b>
<b>Aluno:</b> A primeira vez?	
<b>Entrevistador:</b> Sim.	
<b>Aluno:</b> Acho que foi 2006/2007 mas ela tem estado frequentemente nos últimos anos.	

<b>Entrevistador:</b> Em Angola?	<b>E5; L35</b>
<b>Aluno:</b> Não aqui!	
<b>Entrevistador:</b> E tu vieste mais tarde?	
<b>Aluno:</b> Sim, vim mais tarde.	
<b>Entrevistador:</b> Como era a tua vida no teu país, em Angola?	
<b>Aluno:</b> Em Angola, era uma vida normal, digamos, por exemplo, o horário de Angola é diferente daqui, estudava no período da tarde, entrava começava à 1h da tarde até às 6:30. No período da manhã estava em casa, fazer os deveres de casa e é isso praticamente.	<b>E5; L40</b>
<b>Entrevistador:</b> Tu vivias perto do campo ou perto da cidade?	
<b>Aluno:</b> Cidade!	<b>E5; L45</b>
<b>Entrevistador:</b> E como é que era por exemplo a tua vida lá, sem ser num dia de escola, num dia de fim-de-semana que fazias?	
<b>Aluno:</b> Vou para casa de familiares com primos jogar á bola e estar na biblioteca e isso.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes quais foram os motivos que levaram a tua mãe a vir para cá?	<b>E5; L50</b>
<b>Aluno:</b> A minha mãe veio para cá por motivos de isso, compra de algumas, de pares para vender lá. Leva algumas roupas daqui para lá.	
<b>Entrevistador:</b> Então a tua mãe costuma estar lá e cá não veio por exemplo, durante 1 ano ou 2...	<b>E5; L55</b>
<b>Aluno:</b> Já estive durante 1 ano, motivo de saúde do meu avô que faleceu há anos atrás, ela esteve cá a cuidar dele por isso ficou 1 ano aqui.	
<b>Entrevistador:</b> Mas então é normal ela fazer, é assídua essa parte de ir para lá e voltar, ir e voltar? E a tua mãe escolheu Portugal porquê? Foi o primeiro país que ela escolheu para vir?	<b>E5; L60</b>
<b>Aluno:</b> Não, eu é que escolhi, a ideia era África do sul um país oficial de língua inglesa ou para a América ou para a Alemanha acho eu. E eu escolhi Portugal porque normalmente num país de língua que não é a minha digamos assim, porque o português lá senão ia andar anos e anos na explicação. Também quero seguir direito e facilita mais estar em Portugal. Tenho vários descendentes que se formaram cá e disseram que é bom.	<b>E5; L65</b>
<b>Entrevistador:</b> Então foste tu que optaste por vir para cá? Convinceste a tua mãe a vir, porque era melhor.	
<b>Aluno:</b> Sim.	<b>E5; L70</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste cá tiveste dificuldade em fazer amigos, por exemplo, aqui na escola.	
<b>Aluno:</b> Tive e ainda tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E porque é que tu tens tantas dificuldades?	
<b>Aluno:</b> Acho que é o carácter das pessoas, é muito diferente.	<b>E5; L75</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas por exemplo, tens amigos portugueses cá na escola ou não...	
<b>Aluno:</b> Tenho, tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E convives com esses amigos fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Fora da escola não assim tanto, também a vida em si, o povo português é muito de estar mais em casa, vão ao cinema de vez enquanto, uma vez por mês com colegas e é isso.	<b>E5; L80</b>
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldades em te adaptares aqui á escola?	

## A Escola e os Outros

<b>Aluno:</b> Nem tanto.	
<b>Entrevistador:</b> Foi fácil a adaptação aqui á escola?	<b>E5; L85</b>
<b>Aluno:</b> Como assim?	
<b>Entrevistador:</b> Quando chegaste cá, a nível dos horários, das matérias, dos colegas. Sentiste alguma dificuldade?	
<b>Aluno:</b> Só no horário. Alguns professores também. A maneira como os alunos aqui estavam dentro da aula é muito diferente de lá.	<b>E5; L90</b>
<b>Entrevistador:</b> desenvolve um pouco mais.	
<b>Aluno:</b> As pessoas aqui, os jovens daqui não têm muito... a moral deles é mais... não sei, é é, eu por exemplo fui criado com uma crença religiosa, tenho isso no meu currículo pessoal e tenho dos meus pais a educação é muito diferente de muitos alunos aqui, por exemplo, a maneira de lidar com os stores, eles discutem com os stores e eu foi uma surpresa para mim porque em Angola, não seria possível nem que é muito difícil acontecer isso.	<b>E5; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas desta escola?	
<b>Aluno:</b> Gosto por acaso da escola, só não gosto dos alunos que estão cá porque nós é que fazemos a escola boa ou má. E os alunos não sabem dar bons exemplos.	<b>E5; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas das matérias dadas aqui na escola?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E tens uma boa relação com os professores, com os colegas, os funcionários?	<b>E5; L105</b>
<b>Aluno:</b> Sim tenho, os stores, alguns stores em particular eu não me dou bem, acontece.	
<b>Entrevistador:</b> Pois é a vida... E quais foram os maiores contrastes que tu encontraste entre Angola e Portugal?	<b>E5; L110</b>
<b>Aluno:</b> Clima.	
<b>Entrevistador:</b> Foi muito difícil a adaptação ao clima de cá?	
<b>Aluno:</b> Até que não, eu por exemplo, a cidade onde eu nasci é fria mas cresci em Luanda, Luanda é a capital e lá é calor mesmo intenso. Mas também há frio. Só que o problema é que acho, estou sempre constipado no Inverno. Foi isso.	<b>E5; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> A gastronomia também é diferente?	
<b>Aluno:</b> É muito.	
<b>Entrevistador:</b> Queres falar um bocadinho da gastronomia de angola?	
<b>Aluno:</b> A gastronomia é mais cultural com base nas raízes é isso. Aqui é mais normalmente, apetece ir mais ao shopping, comer mc donalds esses fast-food pizza, encomendar 1 pizza. Lá não, é mais não tem nada para coisa pão coisa aqui não.	<b>E5; L120</b>
<b>Entrevistador:</b> Fala um bocadinho dos pratos típicos de Angola?	
<b>Aluno:</b> Pratos típicos é quase igual como no Brasil, arroz com feijão assim, batatas fritas e isso, com carne e essas coisas e outras folhas que eu não como, mas é típico de lá, jaca, fama de palma, couve e essas coisas poncha cachupa.	<b>E5; L125</b>
<b>Entrevistador:</b> O sistema de ensino de lá é muito diferente do português?	<b>E5; L130</b>
<b>Aluno:</b> Muito, é retardado.	
<b>Entrevistador:</b> Que queres dizer com retardado?	

<b>Aluno:</b> Retardado, o que é básico aqui lá é o ponto principal, não sei como explicar. Por exemplo, a matéria do primeiro período é capaz de dar para todo o ano lá.	<b>E5; L135</b>
<b>Entrevistador:</b> Lá demoram mais tempo a dar as coisas. E a nível de horários também é muito diferente?	
<b>Aluno:</b> É bastante, está dividido em 3 períodos lá, manhã, tarde e noite. De manhã começa às 8 ou 7, 7 da manhã e termina às 12h. À tarde começa às 1h para terminar às 6:30 ou 5h, 6h. À noite começa às 10h até às 24h.	<b>E5; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> E o vestuário é diferente ou o vestuário é igual?	
<b>Aluno:</b> Como disse a minha mãe está aqui, está lá e nós vestimo-nos consoante o que ela trás.	
<b>Entrevistador:</b> Já te sentiste alguma vez vítima de discriminação aqui na escola?	<b>E5; L145</b>
<b>Aluno:</b> Não, por acaso não.	
<b>Entrevistador:</b> E fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Também não.	
<b>Entrevistador:</b> E quando há trabalhos de grupo para fazer, tens facilidade em te inserires num grupo?	<b>E5; L150</b>
<b>Aluno:</b> Sim tenho, tenho facilidade, mas quando comprei o meu pc o período de avaliação do Windons é de 2 meses e para fazer trabalho em grupo e fico mais dependente dos outros colegas que me penaliza.	
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com o teu país de origem, houve muitas mudanças?	<b>E5; L155</b>
<b>Aluno:</b> Por parte de aprender a viver longe dos pais, porque agora só estamos nós adolescentes em casa. Nem o encarregado está em casa, cada um é responsável por si, acho que deu para amadurecer mais, ser mais responsável. Para mim é isso aprender a viver longe dos pais porque lá era mais dependente. Os pais eram o meu... quem davam a noção do mundo e tal, agora não, aqui eu vejo com os próprios olhos e aprendo com a própria cabeça.	<b>E5; L160</b>
<b>Entrevistador:</b> Conta-nos um dia a dia aqui em Portugal? Dia de escola.	
<b>Aluno:</b> Dia de escola, hoje 2ªf saio á 1h, chego em casa, vejo os TPC'S se houver algum que dê para fazer no momento faço. Almoço, almoço aqui na escola e mais tarde a empregada deixa a comida e se estiver com vontade como e durmo por volta das 23h. Acordo faço os TPC'S estudo e isso e acordo para dormir da meia-noite às 6h porque para vir para a escola demora cerca de 30min até aqui à escola e de manhã demoro quase uma hora por isso acordo às 6h.	<b>E5; L165</b>  <b>E5; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> E um dia de fim-de-semana, ou em que estejas de férias?	
<b>Aluno:</b> Fico em casa.	
<b>Entrevistador:</b> Ficas sempre em casa?	
<b>Aluno:</b> Sim, depende, aqui tenho primas cada ano que passa tenho mais primas a estudar aqui, tenho tias e tal, há sempre aquela actividade mas não é se for diariamente é em casa, estar no pc, fazer coisas.	<b>E5; L175</b>
<b>Entrevistador:</b> Jogas muitos jogos de computador?	
<b>Aluno:</b> Não, não tenho esse vício graças a Deus, mas prefiro jogar jogos apropriados play3 mas não tenho esse vício graças a Deus.	<b>E5; L180</b>
<b>Entrevistador:</b> Ao chegares a Portugal quais foram os primeiros	

obstáculos com que te deparaste? Por exemplo quando chegaste lá tiveste dificuldade em encontrar uma escola para estudar, tiveste dificuldade em te adaptares á alimentação de cá, tiveste dificuldade em assimilar as matérias?	<b>E5; L185</b>
<b>Aluno:</b> É... Foi... Estava a baralhar tudo, lá era para estar no 11º este ano, lá passei de ano, mas as aulas terminam em Dezembro e quando acabei de fazer os testes era para me dar o certificado só que não cheguei a receber o certificado porque as aulas iam começar e já cheguei aqui foi aquela frustração pensei que estava no 10º repetir o mesmo ano experimentei e cheguei aqui no 2º período, no 1º não tive notas e para já estava a estudar numa escola longe de casa isso é muito chato e lá perto de casa rejeitaram o “coiso” e passaram para esta escola e é aquela frustração de sair de casa.	<b>E5; L190</b>
<b>Entrevistador:</b> Então já podias estar no 10º...	<b>E5; L195</b>
<b>Aluno:</b> 11º.	
<b>Entrevistador:</b> O que te levou a atrasar estes 2 anos para além dessa explicação que me estás a dar, atrasas-te algum ano lá?	
<b>Aluno:</b> Não, não atrasei nenhum, graças a Deus, comecei a estudar e nunca tinha reprovado, mas cheguei aqui além o ano que perdi e tive que começar de novo no 9º ano, esse ano quando cheguei no 1º período não tive notas e os professores estavam a queixar de não ter avaliação, fiz esforço e consegui terminar o período com 2 negas inglês e matemática e fui para exame só com 2 negas no exame tive nega a matemática e português tinha que fazer um PLNM e não me incluíram, fiz uma normal. E também não só, alguns colegas meus disseram que aqui o aluno que vem de outro país passam directamente acho que não sei antigamente recuava até ao 7º, senão me reprovarem é porque fiz um teste e passei senão ia para o 10º.	<b>E5; L200</b>  <b>E5; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> Então o que foi mais difícil foi mesmo a parte da adaptação, compreensão das matérias. Tiveste dificuldade quando vais visitar algum lugar ou assim?	<b>E5; L210</b>
<b>Aluno:</b> Aqui em Portugal de nome se um amigo disser “vivo ali, fica perto de...” mas eu não faço ideia.	
<b>Entrevistador:</b> E que apoios, recebeste a nível da escola para te adaptares?	<b>E5; L215</b>
<b>Aluno:</b> Acho que não tive apoio.	
<b>Entrevistador:</b> Não tiveste apoio?	
<b>Aluno:</b> Não, normalmente estudo em casa sozinho.	
<b>Entrevistador:</b> O que esperavas encontrar cá em Portugal?	<b>E5; L220</b>
<b>Aluno:</b> Tenho muitos familiares que já estavam aqui. Acho, não foi grande a surpresa.	
<b>Entrevistador:</b> Não foi grande a surpresa? Não tinhas nenhuma expectativa?	
<b>Aluno:</b> Não.	<b>E5; L225</b>
<b>Entrevistador:</b> E expectativas em relação á escola? Tinhas algumas?	
<b>Aluno:</b> Expectativas, tenho de terminar o 12º e ingressar na faculdade e fazer o que eu queria.	
<b>Entrevistador:</b> Pretendes continuar a estudar cá em Portugal? E porque gostavas de estudar direito?	<b>E5; L230</b>



<b>Aluno:</b> Direito, não sei, gosto de jornalismo e gosto de advocacia.	
<b>Entrevistador:</b> São duas áreas diferentes.	
<b>Aluno:</b> Sim. A família em si, os amigos dizem que eu falo muito e também gosto de direito em si, mas cada ano que passa descubro outras disciplinas, por exemplo, gosto de matemática, ciências, sou bom a ciências, físico-química, também vou para ciências eu vou no que der a porta que estiver aberta em nome de cidade precisa-se de quadros o que tiver no momento aberto.	<b>E5; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> quadros? Quando falas em quadros, referes-te exactamente a quê?	<b>E5; L240</b>
<b>Aluno:</b> Pessoas especializadas ajudar a desenvolver mais o país.	
<b>Entrevistador:</b> E tens expectativa em voltar para o teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Sim, claro.	
<b>Entrevistador:</b> Tens saudades de lá?	
<b>Aluno:</b> Muitas.	<b>E5; L245</b>
<b>Entrevistador:</b> De que tens mais saudades de lá?	
<b>Aluno:</b> Amigos, familiares, a mãe, irmãos.	
<b>Entrevistador:</b> Como é que manténs o contacto com eles?	
<b>Aluno:</b> Familiares em si, também estão noutros países, através da internet mas em Angola através de telemóvel e isso.	<b>E5; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> Apesar dos teus pais estarem em Angola, eles estão a par do que acontece cá, sabem das tuas notas por exemplo?	
<b>Aluno:</b> Não, aqui fica difícil, eles perguntam-me quantas negativas e eu falo tive essa e aquela mas não entendem muito a forma, a classificação daqui, nível 4, “nível coiso”, lá é por exemplo tipo aqui é a partir do 10 que se conta de 1 até 20, lá também é um a 20.	<b>E5; L255</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas só no 10º ou já antes?	
<b>Aluno:</b> Já antes?	
<b>Entrevistador:</b> Então para os teus pais torna-se complicado compreender quando dizes que tiraste um 3 ou um 4. Tens de explicar que é numa escala mais pequena.	<b>E5; L260</b>
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais incentivam-te a continuar a estudar e nas tuas actividades?	
<b>Aluno:</b> Claro.	<b>E5; L265</b>
<b>Entrevistador:</b> Que é que eles te dizem?	
<b>Aluno:</b> Tenho que estudar, lutar pela e manter, ser sempre a mesma pessoa apesar de a vida e formar amanhã ter o que é meu, o que é deles não é meu. E isso.	
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares aqui em Portugal a tua mãe e o teu pai, eles tentam passar-te as heranças culturais de Angola?	<b>E5; L270</b>
<b>Aluno:</b> Tentam, tentam, também já absorvi muito de lá. E eu não me sinto mais criança eu penso mais do que realmente a minha própria idade. É assim o meu pai nos criou assim.	
<b>Entrevistador:</b> Então para ti, a família é importante?	<b>E5; L275</b>
<b>Aluno:</b> Muito, tudo, tudo para mim. A família está ali quando estamos em baixo é a que me dá o apoio moral, é com eles que aprendemos os valores da vida, os princípios que faz de nós o que somos.	
<b>Entrevistador:</b> E para além do desejo que tens em ir para a faculdade	



que outros sonhos, gostarias que se realizassem?	<b>E5; L280</b>
<b>Aluno:</b> Não, não penso muito nisso... A minha família me disponibiliza... Pretendo ser um homem que tem que aprender várias coisas, pretendo ingressar e entrar para a faculdade, aprender novas coisas, tentar a vida de teatro, tentar a vida de modelo porque já fiz campanha de modelo, várias coisas.	<b>E5; L285</b>
<b>Entrevistador:</b> Fala um pouco dessa tua experiência, da campanha que fizeste?	
<b>Aluno:</b> Foi bom, senti-me á vontade e descobri que gosto daquilo.	
<b>Entrevistador:</b> E como foi o processo? Fizeste uma candidatura? Foste a um casting?	<b>E5; L290</b>
<b>Aluno:</b> Fui ao casting, depois organizaram e alguns foram apurados.	
<b>Entrevistador:</b> Fizeste modelo de roupa?	
<b>Aluno:</b> É... Da desportiva á social...	
<b>Entrevistador:</b> Gostaste da experiência?	
<b>Aluno:</b> Gostei.	<b>E5; L295</b>
<b>Entrevistador:</b> Se tivesses oportunidade de fazer isso cá, gostarias de fazer?	
<b>Aluno:</b> Gostava, mas aqui a portas não estão muito abertas. Por isso contento-me com o que tenho aqui nessa escola.	
<b>Entrevistador:</b> Queres acrescentar mais alguma coisa?	<b>E5; L300</b>
<b>Aluno:</b> Não.	
<b>Entrevistador:</b> Então ficamos por aqui. Obrigada.	

## Entrevista nº 6

<b>Entrevistador:</b> Boa tarde.	
<b>Aluno:</b> Boa tarde.	
<b>Entrevistador:</b> Queria começar por dizer que vamos fazer a entrevista mas que não é nada de muito complexo. Começava por te perguntar a tua idade.	<b>E6; L5</b>
<b>Aluno:</b> Tenho 16 anos, vou fazer 17 em Maio.	
<b>Entrevistador:</b> O teu nível de escolaridade. Estás em que ano?	
<b>Aluno:</b> Estou no 9º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> 10º.	<b>E6; L10</b>
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	
<b>Aluno:</b> 5º.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é a profissão do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Está no fundo de desemprego.	
<b>Entrevistador:</b> E da tua mãe?	<b>E6; L15</b>
<b>Aluno:</b> A minha mãe está com um AVC na cabeça, está no hospital.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade e país de origem?	
<b>Aluno:</b> Gulheracs, Paquistão.	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade o teu pai ou a tua mãe imigraram?	

## A Escola e os Outros

<b>Aluno:</b> O meu pai, acho que tinha 30-35 quando chegou.	<b>E6; L20</b>
<b>Entrevistador:</b> E já foi há muito tempo?	
<b>Aluno:</b> Foi... Acho que foi em 1997, acho eu.	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe veio com ele?	
<b>Aluno:</b> A minha mãe só veio connosco, nós estamos cá há mais ou menos há 6 anos.	<b>E6; L25</b>
<b>Entrevistador:</b> A 6 anos que estão cá. E como era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Era quase igual aqui, a escola, a casa, brincar com os amigos é quase semelhante aqui.	
<b>Entrevistador:</b> E tu no teu país de origem vivias no campo ou vivias na cidade?	<b>E6; L30</b>
<b>Aluno:</b> Na cidade, na cidade, vivíamos em casa própria não era uma vivenda era mesmo uma casa própria.	
<b>Entrevistador:</b> E como era um dia-a-dia no teu país de origem, ou seja, durante a semana o que é que tu fazias?	<b>E6; L35</b>
<b>Aluno:</b> Durante a semana a escola, só tínhamos, 1 único dia em que nós não íamos á escola era a sexta-feira. No sábado nós também íamos á escola na sexta-feira, saímos mais cedo. No sábado continuávamos as aulas, sábado tínhamos que ir para a escola, domingo é que não tínhamos aulas.	<b>E6; L40</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, não tinhas aulas á sexta-feira...	
<b>Aluno:</b> Sexta-feira só tinha até tarde, só até de manhã, até 12:00 a partir daí não tinha mais. No sábado tinha e no domingo já não tinha.	
<b>Entrevistador:</b> E no sábado tinhas aulas de manhã?	
<b>Aluno:</b> Tinha, tinha.	<b>E6; L45</b>
<b>Entrevistador:</b> E nos dias em que não tinhas aulas, por exemplo, nos fins-de-semana?	
<b>Aluno:</b> Fazia... Ficava lá, ou às vezes tinha computador lá em casa, ficava lá, ou às vezes os meus amigos vinham lá para comer e convidar para jogar críquete, é um jogo muito conhecido lá porque os ingleses levaram, não sei se a senhora conhece.	<b>E6; L50</b>
<b>Entrevistador:</b> Não...	
<b>Aluno:</b> Porque aqui não jogam muito, não é muito conhecido, aqui na Europa, só na Inglaterra é que é um bocadinho conhecido.	
<b>Entrevistador:</b> E como funciona esse jogo?	<b>E6; L55</b>
<b>Aluno:</b> Era como... tipo basebol, a pessoa tem que mandar a bola e ir correr e outra pessoa tinha de tentar tirar a bola, mas a bola era muito dura e a pessoa está com um taco para defender, era um campo tipo futebol e era um bocadinho (...) por isso tinha que mandar a bola fora de campo. Se a bola sair do campo era 6 pontos e tocar no chão, naquela área era 4 pontos e cada equipa tinha 11 jogadores.	<b>E6; L60</b>
<b>Entrevistador:</b> E sabes quais foram os motivos que levaram os teus pais a virem para cá?	
<b>Aluno:</b> Melhores condições de vida e essas coisas, porque lá a vida era um bocadinho complicado. As pessoas não conseguiam ganhar nada com aquilo que trabalhavam, só dava mesmo para comer, não conseguiam ganhar para, por exemplo, as compras mesmo que só fora daquilo que era preciso mesmo, por isso o meu pai também decidiu e levou os meus tios	<b>E6; L65</b>

também estavam cá por isso o meu pai primeiro foi para a Alemanha e depois daí ele veio para cá.	<b>E6; L70</b>
<b>Entrevistador:</b> Ele veio mais por causa das condições económicas?	
<b>Aluno:</b> Foi mais ou menos isso.	
<b>Entrevistador:</b> E neste caso o teu pai veio para aqui para Portugal depois de passar pela Alemanha. Porque é que veio para Portugal, não conseguiu arranjar trabalho na Alemanha?	<b>E6; L75</b>
<b>Aluno:</b> É porque lá, a língua, o meu pai não gostava muito da língua e essas coisas. Tinha um amigo do meu pai que estava cá e depois disse para ele vir para cá depois o meu pai também veio, não sei muito bem, foi o que me disseram, o que a minha mãe contava, contava algumas coisas disse que foi um amigo que convidou e ele veio para cá.	<b>E6; L80</b>
<b>Entrevistador:</b> Tiveste dificuldade em fazer amigos quando chegaste cá a Portugal?	
<b>Aluno:</b> Sim tive. No início não tinha mesmo amigos, só os da minha terra, do meu bairro que conheci alguns amigos, quando comecei a escola, eles eram da mesma escola da minha turma depois aí... Cá e agora já conheço quase toda a gente do meu bairro e daqui da escola.	<b>E6; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> E actualmente já tens amigos?	
<b>Aluno:</b> Sim, sim já tenho.	
<b>Entrevistador:</b> Esses teus amigos são daqui da escola ou são amigos de fora da escola?	<b>E6; L90</b>
<b>Aluno:</b> Bem tenho amigos fora da escola, tenho os meus amigos da minha terra, tenho os outros amigos daqui da escola, alguns são angolanos, cabo-verdianos aqui também de Portugal. Tinha um paquistanês da minha terra. No domingo nós vamos jogar críquete, aqui em Portugal também agora as pessoas já conhecem e começam a perguntar como isso se joga. Há pessoas que já conhecem que chegam lá e dizem que isso é críquete e essas coisas.	<b>E6; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> Tiveste dificuldade em te adaptares aqui á escola?	
<b>Aluno:</b> No início foi um bocadinho difícil, as pessoas, a forma das pessoas estar, era um bocadinho diferente do que ali, a cultura é um bocadinho diferente foi isso que demorou um bocadinho a adaptar-me.	<b>E6; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> E essas dificuldades que sentiste, como é que as conseguiste ultrapassar?	
<b>Aluno:</b> Ficando com amigos, no início quando eu ficava em casa depois o meu pai, levava-me para o jardim para brincar e aí comecei a conhecer as pessoas lá do meu país e daqui comecei a ir para a escola. E aí comecei já a sair com os amigos de Portugal e da minha terra, comecei a jogar nos fins-de-semana, “coiso” e isso.	<b>E6; L105</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas daqui da escola?	
<b>Aluno:</b> Gosto, gosto, não gosto de ir para as aulas, mas de estar aqui com os amigos.	<b>E6; L110</b>
<b>Entrevistador:</b> E porque é que tu não gostas de ir às aulas?	
<b>Aluno:</b> Essa pergunta não sei, não gosto mesmo de ir para as aulas. Lá no Paquistão também eu ia para a escola, desde o início eu não gosto da escola.	<b>E6; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas tens boa relação com os professores e...	
<b>Aluno:</b> Tenho.	

<b>Entrevistador:</b> ...E funcionários?	
<b>Aluno:</b> Claro, tenho sempre, só que algumas vezes quando estou um bocadinho “coiso” respondo, mas normalmente respeito os professores e os funcionários aqui da escola.	<b>E6; L120</b>
<b>Entrevistador:</b> E quais são os maiores contrastes que encontras entre o teu país de origem e Portugal? (Pausa) Quando falo em contrastes falo na língua, no sistema de ensino, na forma de vestir, na gastronomia.	
<b>Aluno:</b> É tudo, tudo completamente diferente comida, aquilo de vir dali até aqui, é um mundo diferente para mim. Quando eu cheguei aqui porque as pessoas, a forma de vestir das pessoas, as pessoas falar, as coisas que eles faziam, ir á praia e isso. Não havia lá no meu país. A roupa já começou a vir nas cidades que são mais conhecidas. As pessoas já começavam a usar estas roupas. Quando cheguei aqui a comida também é muito diferente da de lá, as pessoas lá também não podem comer porco, aqui também normalmente em todo o lado há porco. Quando estávamos no avião, estávamos a vir e trouxeram porco para nós comermos, mas nós perguntamos o que era e não comemos.	<b>E6; L125</b>  <b>E6; L130</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível da língua, foi complicado?	<b>E6; L135</b>
<b>Aluno:</b> Foi, era tudo totalmente diferente, falamos urdu, uma espécie de árabe.	
<b>Entrevistador:</b> E depois tinhas conhecimento do nosso alfabeto?	
<b>Aluno:</b> Era quase igual ao inglês porque quando eu vim cá só era a maneira de praticar, falar, era um bocadinho diferente, leitura já sabia um bocadinho porque eu estudei inglês, fiz lá inglês.	<b>E6; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> Em relação ao sistema de ensino, já mencionaste que tinhas aulas ao sábado mas tinham aulas todo o dia?	
<b>Aluno:</b> Nós tínhamos aulas até às 3. Todos os dias era até às 3h e sempre tínhamos as mesmas aulas. Aqui tipo tens língua portuguesa, hoje e amanhã não tens e só volto a ter segunda-feira e lá não, todos os dias é o mesmo horário. Só a sexta-feira é que é um bocadinho diferente que é só até ao meio-dia.	<b>E6; L145</b>
<b>Entrevistador:</b> E por exemplo, o vestuário, estavas a falar que o vestuário era diferente...	<b>E6; L150</b>
<b>Aluno:</b> É as roupas, não sei se já viu na televisão, usam burka, já também poucas pessoas utilizam lá, porque já há muito com o calor que está a fazer, aquilo é um bocadinho “coiso”.	
<b>Entrevistador:</b> Mas é só usada pelas mulheres...	
<b>Aluno:</b> É só mulheres, agora a maioria das pessoas estão a usar uma espécie de burka mas é diferente, na burka só se vê os olhos, agora o que estão a fazer vê-se toda a cara.	<b>E6; L155</b>
<b>Entrevistador:</b> Então para ti foi complicado? Foi confuso quando chegaste cá e viste que as raparigas andam vestidas de maneira diferente e sem burka?	<b>E6; L160</b>
<b>Aluno:</b> Não fiquei muito espantado porque eu via na televisão e mostravam essas coisas e como a forma de vestir aqui, vi, vi pessoas a vestir assim em todo o mundo assim diferente por isso não fiquei assim muito espantado.	<b>E6; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> E a gastronomia, os pratos, a comida?	
<b>Aluno:</b> A comida é muito diferente. O pão daqui é muito diferente. O pão que nós fazemos lá em casa é um pão redondo, está a ver aquela parte de	

baixo da pizza, é mais ou menos essa coisa que nós fazemos em casa e o pão daqui é muito diferente, os pratos daqui que vocês fazem é quase tudo diferente, totalmente diferente.	<b>E6; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> Fala de alguns pratos que vocês fazem lá.	
<b>Aluno:</b> Nós fazemos o arroz que é muito diferente, chama-se biryani. Nós temos lá o arroz, os piripiris essas cenas que usamos lá, carne, carne que nós quisemos, podemos usar de vaca ou de frango. Só que é a minha irmã que faz lá em casa, aqui nós podemos comprar essas coisas. Nós em casa e aqui também comemos os pratos do nosso país, só aqui na escola, quando vou almoçar aqui na escola é que eu como os pratos daqui ou quando vou comer com os meus amigos como os pratos daqui de Portugal, normalmente lá em casa comemos os pratos da minha terra.	<b>E6; L175</b>  <b>E6; L180</b>
<b>Entrevistador:</b> A nível da cultura também é diferente?	
<b>Aluno:</b> As pessoas lá é tudo aberto, tudo aberto, as portas das casas, cada pessoa, cada família tem a sua casa não é nos prédios, nos andares e cada um tinha a sua casa e íamos a casa de todos e as casas eram muito grandes, nos convidávamos amigos a ir á nossa casa e essas coisas, eram muito diferentes.	<b>E6; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> E encontras-te alguma coisa semelhante a Portugal? Havia semelhanças ou não com Portugal?	
<b>Aluno:</b> Semelhanças só dos supermercados isso, tipo o colombo nas cidades, poucos são os pequeninos, mas assim como o colombo grandes, os carros só com o motor do carro, aqui em Portugal acho que é do lado esquerdo (direito) aqui é do lado direito mas lá na minha terra é do lado esquerdo. Lá é como na Inglaterra ao contrário. É como a escrever vocês escrevem do lado esquerdo para o direito e nós começamos do direito para o lado esquerdo.	<b>E6; L190</b>  <b>E6; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> Já tiveste alguma experiencia de descriminação aqui na escola ou fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Não...	
<b>Entrevistador:</b> Entendes o que quero dizer por discriminação?	
<b>Aluno:</b> Sim, como é que eu posso explicar agora...	<b>E6; L200</b>
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com o teu país de origem, como descreves a tua vida aqui em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Aqui a vida é um bocadinho mais, passa muito rápido, lá não, porque aqui as pessoas vivem sempre a se levantar, lá no meu país não só que eu sentia mais. As condições de vida aqui são melhores mas eu gostava mais de estar no meu país, cada um gosta do seu país, mas as condições, essas coisas, aqui em Portugal são melhores do que lá no meu país, ainda está em desenvolvimento e Portugal já é um país desenvolvido.	<b>E6; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares cá a Portugal quais foram assim, os primeiros obstáculos com que te deparaste?	<b>E6; L210</b>
<b>Aluno:</b> Aquela coisa da segurança social... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> O cartão da segurança social...	
<b>Aluno:</b> Sim, essas coisas. Depois tinha que ir lá ao “coiso”, hospitais, centro de saúde, lá não, existem só hospitais como os hospitais daqui, santa Maria, lá não havia centro de saúde só hospital.	<b>E6; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> E a língua também foi complicado? Quando estavas lá não tinhas conhecimentos de português?	

<b>Aluno:</b> Não sabia, porque quando o meu pai começou a vir para cá sabia que havia um país chamado Portugal, só ouvimos falar uma vez que apareceu num livro sobre as colónias que os portugueses tinham lá e essas coisas e aí que ouvi falar um bocadinho de Portugal de resto não, como as pessoas aqui não conhecem o Paquistão.	<b>E6; L220</b>
<b>Entrevistador:</b> E que apoios é que recebeste, a nível escolar para te adaptares aqui na escola? Quando digo aqui na escola, não tem que ser necessariamente nesta, uma vez que já vieste há seis anos.	<b>E6; L225</b>
<b>Aluno:</b> Sim, antes eu estive, não sei se a senhora conhece, na escola Marquesa de Alorna passei 5º e 6º depois passei para lá o 7º e 8º e agora estou no 9º. 8º e 9º fiz aqui.	
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste á Marquesa de Alorna, tendo em conta que foi a primeira escola em que tu...	<b>E6; L230</b>
<b>Aluno:</b> Sim, foi a primeira escola que comecei a vir estudar, foi a Marquesa mas quando entrei mesmo para aprender a língua foi uma escola que tenho ao pé de minha casa, é a escola primária e daí quando eu fui lá disseram que eu não sabia falar português e eles puseram-me numa turma para aprender português.	<b>E6; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> Então tiveste apoios a nível escolar, noutras escolas...	
<b>Aluno:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E o que esperavas encontrar em Portugal, quando ficaste a saber que vinhas para cá?	<b>E6; L240</b>
<b>Aluno:</b> Já sabia que as pessoas iam ser muito diferentes e essas coisas. Quando eu cheguei cá, a nossa casa era muito grande lá e quando viemos para aqui a casa que nós temos agora é um bocadinho mais pequena. Eu fiquei um bocadinho espantado com essas coisas, o resto eu gostei de estar aqui, passear e essas coisas e isso.	<b>E6; L245</b>
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas é que tinhas em relação á escola?	
<b>Aluno:</b> Como assim?	
<b>Entrevistador:</b> Que esperavas encontrar na escola?	
<b>Aluno:</b> Na escola no início, no primeiro dia que eu fui á escola era um bocadinho difícil para falar com os amigos, eles tentavam se eu precisasse de alguma ajuda porque eu sabia falar um pouco de inglês e só a minha stora é que sabia falar bem inglês. Foi um bocadinho difícil, no início, mas agora.	<b>E6; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> E em relação a esta escola, que expectativas é que tens?	
<b>Aluno:</b> Nesta escola não sei, quando eu cheguei aqui já sabia falar bem português, já era outra coisa porque já estava aqui á muito tempo, já estava adaptado aqui às coisas, já tinha os amigos do meu bairro que andavam aqui e foram eles que me disseram para vir para aqui, para esta escola e gosto de estar com eles. No ano passado esta escola estava um bocadinho diferente (não sei se a senhora esteve cá no ano passado) mas esta escola era totalmente diferente só que agora comas obras está assim.	<b>E6; L255</b>  <b>E6; L260</b>
<b>Entrevistador:</b> E de forma geral as tuas expectativas correspondiam á realidade, ou seja, já tinhas mais ou menos uma ideia do como era o país as escolas?	
<b>Aluno:</b> Sim, as escolas no meu país, as escolas mesmo do público e mesmo as privadas havia aulas ao sábado e o meu pai dizia que aqui ao sábado não havia e que as escolas eram melhores do que no meu país.	<b>E6; L265</b>
<b>Entrevistador:</b> E que objectivos e sonhos é que tens a nível profissional	



e a nível pessoal?	
<b>Aluno:</b> Objectivos, ainda não sei muito bem, sei que quero seguir o críquete mas sei que aqui em Portugal não há muito, só quando for grande e for para outro país, acho tipo Inglaterra, pode ser que vá conseguir...	<b>E6; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> E queres continuar a estudar aqui em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Sim, por enquanto sim, porque se for para outro país vai ser mais difícil, porque já sei falar português se for para ali vou precisar de mais um ou dois anos para saber falar outra língua de lá, porque a cultura é quase igual na Europa toda, só a língua é que vai demorar muito tempo e aí vou perder alguns anos por causa da língua. Acho que vou continuar a estudar aqui.	<b>E6; L275</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas tu pretendes continuar a estudar?	<b>E6; L280</b>
<b>Aluno:</b> Sim, Sim.	
<b>Entrevistador:</b> Acabar o 9º e depois ir para o 10º?	
<b>Aluno:</b> Vou tirar um curso.	
<b>Entrevistador:</b> Que curso gostavas de tirar?	
<b>Aluno:</b> Isso é que ainda não sei, electricidade, cozinha.	<b>E6; L285</b>
<b>Entrevistador:</b> Pretendes ficar por Portugal, mas gostavas de voltar ao teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Gostava, gostava imenso para ver os meus amigos de lá, gostava de ver a minha família, os meus tios, minhas tias, meus primos, pessoas que estão lá ainda, os amigos, a cultura. Gostava muito de voltar lá e vou no verão se calhar mas vou só para passar as férias.	<b>E6; L290</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas não tens expectativas de ir para lá viver?	
<b>Aluno:</b> Não, não, só passar assim as férias, a vida vai ser agora aqui em Portugal ou na Europa. Europa só depois de tirar algum curso.	
<b>Entrevistador:</b> E os teus pais apoiam-te nas actividades e incentivam-te a continuar a estudar?	<b>E6; L295</b>
<b>Aluno:</b> Como, para estudar aqui.	
<b>Entrevistador:</b> Sim, incentivam-te a que estudes e continues a estudar?	
<b>Aluno:</b> Aqui?	
<b>Entrevistador:</b> Sim, que prossigas estudos.	<b>E6; L300</b>
<b>Aluno:</b> Sim, sim o meu pai já queria que eu tirasse um curso para trabalhar e isso, mas a minha mãe queria que eu continuasse na escola.	
<b>Entrevistador:</b> Tens mais irmãos?	
<b>Aluno:</b> Tenho, tenho 3 irmãs e Aluno irmão.	
<b>Entrevistador:</b> São mais novos ou mais velhos?	<b>E6; L305</b>
<b>Aluno:</b> Uma irmã é mais nova, o resto, são mais velhos.	
<b>Entrevistador:</b> Eles estão todos cá?	
<b>Aluno:</b> Estão, estão, o meu irmão está a trabalhar, a minha irmã mais nova tem 3 anos e os outros andam na escola.	
<b>Entrevistador:</b> Apesar de estares aqui em Portugal os teus pais passam-te conhecimentos da cultura do teu país?	<b>E5; L310</b>
<b>Aluno:</b> Sim porque, mas acho não é preciso, eu já sei toda a cultura e passam porque temos os canais lá da minha terra e nós ainda conhecemos as datas que são mais coisa lá do meu país e essa coisa da cultura do meu país. Festas lá do meu país coloca na televisão para nós vermos por isso faz-me lembrar mais do meu país. Por isso gostava de voltar lá para fazer as festas com os meus amigos.	<b>E6; L315</b>



<b>Entrevistador:</b> Então, é através da televisão que vocês costumam fazer alguma espécie de tradição, ritual assim em família para comemorar alguma data específica?	<b>E6; L320</b>
<b>Aluno:</b> Sim, temos o huida, o Ramadão, não sei se a senhora sabe, temos o ramadão e o huida nós fazemos quando estamos aqui, fazemos lá em casa, não sei se a senhora sabe, não podemos comer desde manhã até á noite.	
<b>Entrevistador:</b> O ramadão é aquele período em que estão em jejum durante 40 dias.	<b>E6; L325</b>
<b>Aluno:</b> Sim, durante 30 dias lá para o mês de Agosto, já estão e isso, daqui a alguns meses. Eu não posso a partir dos 13 ou 14 anos que comecei também a fazer isso o jejum.	
<b>Entrevistador:</b> E o huide, o que é o huide?	<b>E6; L330</b>
<b>Aluno:</b> É depois do ramadão, nós comemoramos porque para nós é o mês mais saudável que festejamos com as pessoas. As pessoas grandes de dinheiro, as pequenas por causa de uma coisa de cultura eles dão dinheiro e vamos festejar, passear, fazer compras e essas coisas assim.	
<b>Entrevistador:</b> E a família é importante para ti?	<b>E6; L335</b>
<b>Aluno:</b> Sim, é quase uma parte da minha vida	
<b>Entrevistador:</b> Pronto, já está, chegamos ao fim.	

#### Entrevista nº 7

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluno:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos então fazer a entrevista como já tínhamos agendado algumas vezes (risos). Gostava de começar por te perguntar qual é a tua idade	<b>E7; L5</b>
<b>Aluno:</b> 16.	
<b>Entrevistador:</b> O nível de escolaridade em que te encontras.	
<b>Aluno:</b> 9º (ano).	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Ele já fez até ao 12º, faculdade toda a superioridade também.	<b>E7; L10</b>
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	
<b>Aluno:</b> Fez até ao 11º.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é a profissão do teu pai.	
<b>Aluno:</b> É director financeiro.	
<b>Entrevistador:</b> E a profissão da tua mãe?	<b>E7; L15</b>
<b>Aluno:</b> Doméstica.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é o teu país de origem e a tua cidade?	
<b>Aluno:</b> Brasil – Cueba.	
<b>Entrevistador:</b> Com que idade é que o teu pai ou a tua mãe imigraram?	
<b>Aluno:</b> O meu pai, neste caso, o meu padrasto é português, a minha mãe é brasileira. A minha mãe veio para cá em 2006.	<b>E7; L20</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu vieste logo com a seguir com a tua mãe ou vieste	

depois?	
<b>Aluno:</b> Vim depois.	
<b>Entrevistador:</b> Mais ou menos quanto tempo depois.	<b>E7; L25</b>
<b>Aluno:</b> Aluno ano.	
<b>Entrevistador:</b> Como é que era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Era... boa. Era boa... (interrupção) (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> Continuando... (risos)	
<b>Aluno:</b> Era boa não tinha, era bem, uma vida boa.	<b>E7; L30</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas a nível da escola dos amigos que é que vocês faziam?	
<b>Aluno:</b> Os estudos era realmente, não posso dizer que era igual aqui, porque aqui é muito é bem melhor que lá, desde a educação, os professores, as regras, as disciplinas bem melhor, até as matérias. Com os amigos também era bom, as amizades, a gente na escola, a gente ficava todos reunidos em grupo. Como aqui conversávamos, brincávamos, tínhamos nossas conversas como todos.	<b>E7; L35</b>
<b>Entrevistador:</b> Conta-me como era um dia-a-dia no teu país, no Brasil? Um dia de semana.	<b>E7; L40</b>
<b>Aluno:</b> Um dia de semana, bom eu lá nas escolas tínhamos escolhas se estuda-se de manhã ou á tarde. Eu estudava á tarde então acordava umas 8h da manha 9h, ajudava a minha mãe Isabel, que é minha mãe de coração a fazer as tarefas de casa, arrumar a casa, almoçava, tomava banho, 1h da tarde aí para a escola, depois eu voltava umas 5h por aí e jogava bola com os amigos.	<b>E7; L45</b>
<b>Entrevistador:</b> Estavas a falar da tua mãe de criação, mas tu não foste criado pela tua mãe biológica?	
<b>Aluno:</b> Não, não, dos meus 5 anos até aos 12 anos, fui criado com minha mãe de criação, irmã da minha mãe Célia, que é minha mãe biológica. Aí depois 12, 13 anos fui passar a morar com a minha mãe Célia, minha mãe biológica, que ela trabalhava em outra cidade.	<b>E7; L50</b>
<b>Entrevistador:</b> Então até aos 5 anos vivias com a tua mãe biológica, depois entre os 5 e os 12 com a tua mãe de criação.	
<b>Aluno:</b> Sim, entre os 5 e 12 foi com minha mãe de criação.	<b>E7; L55</b>
<b>Entrevistador:</b> E como é que era um dia de fim-de-semana?	
<b>Aluno:</b> Depende, depende, assim sábado e domingo, eu acordava a umas 11h ou 12h, á tarde saía com os meus irmãos de consideração, que são meus primos, neste caso, a gente saía, ia para casa da família de tios, ficava, íamos para a igreja ou ia para a igreja com eles. E depois voltava era normal.	<b>E7; L60</b>
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual foi o motivo que levou, ou os motivos que levaram a tua mãe a vir para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Foi o casamento que o meu padrasto pediu ela em casamento e pediu para ela vir para ela morar com ele.	<b>E7; L65</b>
<b>Entrevistador:</b> A tua mãe conheceu o teu padrasto...	
<b>Aluno:</b> Em São Paulo, no Brasil.	
<b>Entrevistador:</b> E então, tendo em conta que foi através do casamento que a tua mãe veio para cá, Portugal, acabou por ser o país de destino dela, o primeiro país?	<b>E7; L70</b>
<b>Aluno:</b> Sim, sim, primeiro país.	

<b>Entrevistador:</b> E tu quando chegaste cá, tiveste dificuldades em fazer amigos?	
<b>Aluno:</b> Haim... Não, logo eu vim para cá, foi em Junho/Julho, 24 de Julho, entrei na escola logo em Setembro, não tive dificuldade...	<b>E7; L75</b>
<b>Entrevistador:</b> Foi logo para esta escola que tu vieste?	
<b>Aluno:</b> Não, não, foi para a Pedro Santarém.	
<b>Entrevistador:</b> E os teus amigos são de que nacionalidades?	
<b>Aluno:</b> Na outra escola?	
<b>Entrevistador:</b> Sim na outra escola e depois nesta.	<b>E7; L80</b>
<b>Aluno:</b> Brasileiros, Cabo-verdianos, tudo.	
<b>Entrevistador:</b> E convives com os teus amigos fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Fora da escola também.	
<b>Entrevistador:</b> Tiveste dificuldade em te adaptar à escola?	
<b>Aluno:</b> Um pouco.	<b>E7; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> Na tua primeira escola ou na transição para esta?	
<b>Aluno:</b> A primeira foi um pouco, não sabia mais ou menos a regra da escola, não sabia como era a avaliação é muito diferente do Brasil foi um pouco, foi um pouco difícil. Depois que vim para esta escola já estava mais orientado, também já estou cá há mais tempo portanto...	<b>E7; L90</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas daqui da escola, desta que frequentas? Gostas do convívio com os colegas, tens uma boa relação com os professores?	
<b>Aluno:</b> Sim, sim tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E com os funcionários?	
<b>Aluno:</b> Também.	<b>E7; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível das disciplinas?	
<b>Aluno:</b> Se eu gosto?	
<b>Entrevistador:</b> Sim.	
<b>Aluno:</b> Entre umas e outras sim, é raro eu gostar de uma só, por exemplo, a matemática antes eu odiava matemática, agora estou gostando mais, ciências gosto e não gosto depende da matéria também, físico-química, história não gosto, história, inglês e geografia já não dá comigo.	<b>E7; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> E quais são os maiores contrastes que tu encontras entre Portugal e o Brasil? Quando falo em contrastes, refiro-me ao sistema de ensino, ao vestuário, gastronomia, cultura, já não falo tanto na língua porque acaba por ser na mesma o português.	<b>E7; L105</b>
<b>Aluno:</b> No ensino, Portugal tem uma vantagem muito grande, porque nós brasileiros em geral posso estar a falar por mim, eu por mim prefiro Portugal, porque, um aluno que está lá dentro do Brasil e tem o ensino numa escola pública, como essa, como a nossa não tem um ensino igual a essa escola. Essa escola se estivesse no Brasil ganhava de 10 a 0 e é muito assim, os alunos se quiserem prestar atenção, prestam atenção, se não quiserem, os professores não querem saber, não estão nem aí. Mas assim o ensino aqui é muito bom, gosto daqui. Na gastronomia é um pouco difícil, porque Portugal e Brasil estão no mesmo ali, não dá para dizer qual é o melhor.	<b>E7; L110</b>  <b>E7; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, gostas tanto de uns pratos como de outros.	
<b>Aluno:</b> Talvez os meus preferidos são entre Portugal e Brasil não tem que dizer que são muito bons.	
<b>Entrevistador:</b> Mas mesmo assim, há pratos que são diferentes?	<b>E7; L120</b>

<b>Aluno:</b> São muito diferentes. Aqui como costuma dizer a comida típica é bacalhau, nós lá tem muitos outros que são a feijoada, o churrasco (mais uma interrupção) ...	
<b>Entrevistador:</b> E o vestuário, o vestuário é mais ou menos...	
<b>Aluno:</b> Vestuário é igual, não tem uma diferença muito grande.	<b>E7; L125</b>
<b>Entrevistador:</b> E que encontras de semelhante com Portugal?	
<b>Aluno:</b> Semelhante, eu encontro as paisagens, os lugares bonitos, os lugares turísticos. Tanto no Brasil como aqui são bonitos o que é muito bom tem um ar assim mais leve e a gente chega assim, aqui em Portugal quando eu cheguei olhei assim em volta e disse que lugar bonito.	<b>E7; L130</b>
<b>Entrevistador:</b> Voltando um ponto atrás, em relação às pessoas, achaste que eram digamos menos receptivas ou não?	
<b>Aluno:</b> Haim, na minha opinião não, assim foi muito bem recebido no país com os meus amigos não posso falar porque tanto os portugueses como os brasileiros tem o seu jeito de ser e cada um é o que é. Foi muito bem recebido aqui, não notei muita diferença.	<b>E7; L135</b>
<b>Entrevistador:</b> E já tiveste alguma experiencia de discriminação por exemplo, num jogo, num trabalho na escola.	
<b>Aluno:</b> Na escola, já.	
<b>Entrevistador:</b> já! Conta-me lá um bocadinho.	<b>E7; L140</b>
<b>Aluno:</b> Não foi assim grave, mas estava passar, e começaram a falar, um grupo de portugueses, por acaso, não só portugueses outras nacionalidades, começaram a falar dos brasileiros, que os brasileiros vem para cá para roubar, só criar problemas, e as brasileiras vem para cá para se prostituir, roubar marido dos outros, esse género, assim, começavam a ofender e eu não me senti bem e comecei a discutir.	<b>E7; L145</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas não foi mesmo direccionado para ti mas...	
<b>Aluno:</b> Não foi para mim, mas falam dos brasileiros em geral e eu ouvindo aquilo fiquei um pouco incomodado e como sou brasileiro, defendi a minha nacionalidade assim como outros brasileiros.	<b>E7; L150</b>
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida no Brasil com aqui em Portugal, houve muitas mudanças?	
<b>Aluno:</b> Muitas...	
<b>Entrevistador:</b> Conta lá.	
<b>Aluno:</b> No Brasil a gente, como posso falar, nós adolescentes é mais livre, hoje em dia como nós podemos ver há muitos que vão para o craque, para as drogas, para o crime e muitos outros, porque a culpa é dos pais porque nós adolescentes, eles aceitam isso e escolhem os caminhos deles. Aqui não, aqui a gente tem os pais quem vem á escola, que procura saber, os professores ligam, os professores fazem reuniões com os pais e dão notas, dão isso e aquilo. No Brasil já não, já não é assim, não é tão...	<b>E7; L155</b>  <b>E7; L160</b>
<b>Entrevistador:</b> ... Não é tão controlado.	
<b>Aluno:</b> Tão controlado isso.	
<b>Entrevistador:</b> E conta-nos um dia-a-dia teu aqui em Portugal.	
<b>Aluno:</b> Qualquer dia?	<b>E7; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> Pode ser um dia de semana por exemplo.	
<b>Aluno:</b> Dia de semana, eu entro na escola 8:15h dependendo dos dias, geralmente as aulas acabam 4:40h (16:40h), passo o dia na escola, almoço, fico na escola andando, ou então vou para o zoo no mc ou outros	

lugares e depois que saio da escola geralmente fico com os meus amigos de conversa na escola ou vou para casa com os meus amigos.	<b>E7; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando vais para casa costumavas fazer os TPC's?	
<b>Aluno:</b> Haim... Sim, sim preguiça mas mesmo assim eu faço mesmo com preguiça posso ser irresponsável mas às vezes eu vou em frente.	
<b>Entrevistador:</b> E durante o fim-de-semana que costumavas fazer?	<b>E7; L175</b>
<b>Aluno:</b> Eu durmo, até tarde, até meio-dia 1h da tarde, são os únicos dias que eu mais gosto e acordo, tomo banho, lavo os dentes, almoço e vejo a tv. Fico a ver filmes ou então eu saio para algum lugar para o shopping ou para andar...	
<b>Entrevistador:</b> Ao chegares aqui a Portugal, quais foram os primeiros obstáculos com que tu te deparaste?	<b>E7; L175</b>
<b>Aluno:</b> Não percebi.	
<b>Entrevistador:</b> Ao chegares aqui a Portugal, quando chegaste cá no teu primeiro ano, quais foram os primeiros obstáculos com que tu te deparaste?	<b>E7; L180</b>
<b>Aluno:</b> Obstáculos!? Haim...	
<b>Entrevistador:</b> Quando falo em obstáculos é dificuldades.	
<b>Aluno:</b> Dificuldades, perceber a língua.	
<b>Entrevistador:</b> Apesar de ser português.	
<b>Aluno:</b> Apesar de ser português.	<b>E7; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas é por causa de algumas expressões?	
<b>Aluno:</b> Isso das expressões. Lembro até hoje que vou contar uma história que aconteceu comigo na escola. Na primeira escola estava sentado era a minha primeira semana de aula, isso, a minha colega de trás começou a ficar chateada e começou a falar “epá fogo” e eu não sabia o que era essa expressão, comecei a sair da sala pensei que a sala estava a pegar fogo (risos). Mas foi uma história engraçada. Todo o mundo explicou e depois começaram a explicar as expressões que são muito diferentes daqui como muitas outras palavras, o calão popular que a gente usa no Brasil que é muito diferente.	<b>E7; L190</b>  <b>E7; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> Estava-me a lembrar do “fixe”.	
<b>Aluno:</b> Fixe que lá é legal, a gente usa legal, tudo bem, beleza são diferentes dos outros.	
<b>Entrevistador:</b> E para além, destas pequenas expressões que não eram conhecidas que mais obstáculos é que encontraste?	<b>E7; L200</b>
<b>Aluno:</b> Além da pronuncia, não perceber a língua muito bem no assim, o horário muito dificuldade no horário.	
<b>Entrevistador:</b> No horário em que sentido? No horário, fuso horário?	
<b>Aluno:</b> Fuso horário, isso. Porque no Brasil são no meu estado, por exemplo, são 4h. Agora com o horário de verão 5h a menos. Então quando eu vim para cá havia uma diferença muito grande. Eu acordava que já era, que ainda era 6, 5h da manhã e já era 7h da manhã, 8h da manhã foi uma dificuldade muito grande para habituar ao horário daqui.	<b>E7; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível da alimentação, não tiveste grandes dificuldades.	<b>E7; L210</b>
<b>Aluno:</b> Não, não porque eu como quase de tudo.	
<b>Entrevistador:</b> E para visitar a cidade e outros lugares, ida á praia e assim tiveste dificuldade?	

<b>Aluno:</b> Não, circular na cidade sim eu demorei uns meses, como falo para chegar a um lugar e decorar, para onde vai como vai de que forma vai, ainda fiquei um pouco confuso.	<b>E7; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> E recebeste alguns apoios aqui da escola para te adaptares?	
<b>Aluno:</b> Sim, recebo muitos.	
<b>Entrevistador:</b> Que tipo de apoios recebeste?	<b>E7; L220</b>
<b>Aluno:</b> Professores, professores, tive ajuda no ensino, se ofereceram para ficar na escola para ajudar na matéria na parte que não entendia. Os amigos também, os amigos na parte que não percebia que onde é cada ciclo da escola onde ficava isto e aquilo como em geral.	
<b>Entrevistador:</b> O que é que esperavas encontrar em Portugal? Quando soubeste que vinhas para cá o que esperavas encontrar cá?	<b>E7; L225</b>
<b>Aluno:</b> Haim... Nós que estamos de fora no estrangeiro, neste caso no Brasil, nós brasileiros como muitos outros no mundo, a gente sonha, a maioria sonha com vir viver para a Europa. Eu nem sequer sabia que um dia sairia da minha cidade quanto mais do país. Para mim foi uma diferença muito grande, foi um susto, um choque, não esperava sair da cidade quanto mais sair do país para vir viver em outro. Quando eu soube que ia vir para Portugal eu sim não pensei que para mim era como se fosse qualquer outro país, como qualquer outro que ia ser normal. Há menos se eu for para a França, Itália, Grécia ia ser como se estivesse em Portugal. Nós brasileiros temos um sonho assim de vir morar na Europa, não assim em qual país pode ser Portugal, Espanha, Inglaterra, qualquer outro. E quando cheguei aqui, depois que eu fui vendo e convivendo e que vi que além de ser bom também foi difícil para mim, deixar a minha família lá além de ser difícil foi bom porque hoje eu agradeço estar aqui além dos ensinamentos que tive estes anos todos aprendizagem, hoje posso dizer que se for voltar para o Brasil, voltarei muito mais confiável e o meu futuro vai ser mais vantajoso para mim.	<b>E7; L230</b>  <b>E7; L235</b>  <b>E7; L240</b>
<b>Entrevistador:</b> E expectativas que tinhas em relação aqui à escola?	
<b>Aluno:</b> Expectativas, foram muitas eu até então estava, é claro nós alunos não vou falar que nós nos esforçamos que isso é uma mentira, nós alunos, a gente faz o que quer na expressão somos adolescentes podemos fazer aquilo que quer e ainda achamos injusto quando os adultos que são superiores a nós, nos dão regras e nos dão o que fazer, no meu caso é claro, que vou dizer que aceito, eu não aceito certas regras e às vezes sou um pouco rebelde. As expectativas eram de melhorar mais o meu ensino e seguir na área da medicina neste caso como eu vejo que não vai ser possível porque não é pelas notas mas já estive a aprofundar mais na medicina ver o que realmente, pronto precisa é um pouco não difícil nem impossível, porque nada é impossível mas não vai ser mais a área que eu quero.	<b>E7; L245</b>  <b>E7; L250</b>  <b>E7; L255</b>
<b>Entrevistador:</b> Então que outra profissão é que tu gostavas de exercer?	
<b>Aluno:</b> Eu... Advocacia para advogado mesmo não tendo o jeito, o dom para ser essa área ou para teatro, actor.	
<b>Entrevistador:</b> São 3 áreas que não têm nada a ver umas com as outras.	<b>E7; L260</b>
<b>Aluno:</b> Totalmente diferentes. Eu ainda estou em dúvida entre as 3 mas entre medicina artes e humanidades eu prefiro artes. Até porque eu me identifico mais com o teatro, essa área de porque eu me expresso mais.	



<b>Entrevistador:</b> E tu pretendes continuar a estudar cá em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Haim... Sim... Porque não.	<b>E7; L265</b>
<b>Entrevistador:</b> Mesmo fazer a faculdade e tudo?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E expectativas, para o futuro. Pretendes ficar em Portugal, gostavas de voltar para o Brasil?	
<b>Aluno:</b> Haim... Hoje em dia, para falar a verdade, qualquer pessoa que sai do Brasil para morar para cá não quer voltar de jeito nenhum. Brasil hoje em dia... Pronto...	<b>E7; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> O Brasil agora está em expansão.	
<b>Aluno:</b> Está em expansão, tá não só com a copa mas com muitas outras coisas, está tendo... Mas para mim não, para mim não, morar tão cedo não depois que fizer o meu curso, faculdade, porque não. É um caso de se pensar mas pretendo voltar um dia criar as minhas raízes lá.	<b>E7; L275</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens saudades do país?	
<b>Aluno:</b> Muitas, muitas...	
<b>Entrevistador:</b> De que tens mais saudades de lá?	<b>E7; L280</b>
<b>Aluno:</b> Dos meus amigos, primos, familiares em geral. Inclui amigos e família, tudo é isso, família.	
<b>Entrevistador:</b> E qual foi a ultima vez, depois de teres vindo para cá, que foste ao Brasil?	
<b>Aluno:</b> Todos os anos fui ao Brasil, depois que eu vim morar para cá, todos os anos fui.	<b>E7; L285</b>
<b>Entrevistador:</b> E vais em que altura?	
<b>Aluno:</b> Nas férias de Verão.	
<b>Entrevistador:</b> Daqui?	<b>E7; L290</b>
<b>Aluno:</b> daqui!	
<b>Entrevistador:</b> Que lá é Inverno.	
<b>Aluno:</b> Que lá é Inverno, Verão lá é em Dezembro e aqui estamos de aula ainda.	
<b>Entrevistador:</b> E o clima não é assim muito diferente?	<b>E7; L295</b>
<b>Aluno:</b> Aqui é um clima muito, eu como não gosto de frio detesto o frio e eu não sabia que quando vim para cá, que Portugal é um país muito frio, só vi isso no Inverno e comecei a detestar Portugal pelo Inverno porque é muito frio muito frio eu sofri muito com o frio, porque eu sou uma pessoa que ama calor e não posso ver um sol, um céu limpo que eu já tou de calção de camisa, já ando na rua assim. Agora com o frio sofro um pouco que eu não gosto de frio. Brasil não tem assim frio como tem aqui. Há Inverno mas o frio de lá é de 30°, 25°.	<b>E7; L300</b>
<b>Entrevistador:</b> Isso não é frio.	
<b>Aluno:</b> Para nós aqui não é frio, mas para lá de 22° para baixo já é frio. Agora de 22° para cima já é calor, já é quente mesmo o sol. No meu Estado chega a fazer 40°.	<b>E7; L305</b>
<b>Entrevistador:</b> O teu Estado é...	
<b>Aluno:</b> Mato-Grosso.	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe incentiva-te a continuares a estudar?	<b>E7; L310</b>
<b>Aluno:</b> Sim... a minha mãe... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> E o teu padrasto, tens uma boa relação com o teu padrasto?	



<b>Aluno:</b> Tenho, tenho, no começo foi assim, choque entre eu e ele mas agora temos uma relação de pai e filho.	<b>E7; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> E o teu pai biológico?	
<b>Aluno:</b> Não conheço, nunca cheguei a conhecer.	
<b>Entrevistador:</b> Tens algum irmão por parte do teu padrasto?	
<b>Aluno:</b> Tenho, tenho 6 irmãos.	
<b>Entrevistador:</b> Com a tua mãe?	<b>E7; L320</b>
<b>Aluno:</b> Não, só por parte de pai, eu tenho 6.	
<b>Entrevistador:</b> São...	
<b>Aluno:</b> De outras mulheres.	
<b>Entrevistador:</b> Do teu pai biológico, mas tu não o conheceste, mas sabes que tem mais filhos?	<b>E7; L325</b>
<b>Aluno:</b> Tem mais filhos, além de mim e desses filhos conheço 1, na verdade conheço 2, um mais velho que eu, são mais velhos que eu.	
<b>Entrevistador:</b> Mas então como é que não conheces o teu pai?	
<b>Aluno:</b> É uma história... Assim que ele soube que minha mãe estava grávida, engravidou dele, ele sumiu assim como fez com as outras mulheres. Foi assim essa história mas o mais incrível disso tudo é que eu agradeço, se hoje encontrar com ele mais para a frente esperei 16 anos posso esperar mais 20, 16, o que puder. Se eu encontrar com ele eu vou dizer para ele, vou agradecer para ele e dizer que o que ele fez foi bom ter sumido porque a minha mãe soube cuidar de mim, não só com a ajuda da minha família, mas soube cuidar de mim, soube, me deu educação e meu pai (padrasto) e minha família inteira portanto eu agradeço a ele o que ele fez. Se ele me pedir desculpa, o meu irmão nesse caso odeia, tem ódio dele até hoje. Mas eu não, não guardo mágoas dele, vou chegar para ele e dizer que “mesmo o que você ter feito o que fez, a minha mãe superou tudo, ultrapassou tudo, enfrentou muitas coisas, muitos problemas para cuidar de mim, me cuidar, pronto”. Se ela fosse uma mãe daquelas que sem pai eu não consigo, sem o pai do meu filho eu não vou conseguir me teria dado para um lar ou teria feito um aborto. E a minha mãe para mim é uma heroína e eu vejo nela uma guerreira, que ela ultrapassou muitas coisas, enfrentou muitas coisas para me proteger e cuidar do filho que tem. E hoje se sou a pessoa que sou, na educação, na cabeça e no pensar é graças a ela e á minha família.	<b>E7; L330</b>  <b>E7; L335</b>  <b>E7; L340</b>  <b>E7; L345</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu tens algum irmão por parte do teu padrasto?	
<b>Aluno:</b> Não.	<b>E7; L350</b>
<b>Entrevistador:</b> Apesarem de estarem cá em Portugal costumam fazer pratos típicos do Brasil?	
<b>Aluno:</b> Sim muitos, em minha casa mesma a gente come depende, come comida portuguesa e brasileira mas mais brasileira. Comida Portuguesa sou mais peixe que é bacalhau, atum e isso.	<b>E7; L355</b>
<b>Entrevistador:</b> E os dias, por exemplo, que são festivos no Brasil, vocês também lembram aqui?	
<b>Aluno:</b> Muito. Carnaval, Natal, Ano Novo, Festa Joanina que aqui não tem, acho que aqui é a época dos santos. Em Junho, que é Junho.	
<b>Entrevistador:</b> Corpo de Deus, Talvez...	<b>E7; L360</b>
<b>Aluno:</b> Mas lá é a Festa Joanina que tem uma semana que um mês que é dia de S. João, S. Pedro, S. António.	

## A Escola e os Outros

<b>Entrevistador:</b> Há, aqui chamamos os santos populares...	
<b>Aluno:</b> Isso Santos Populares, lá é Festa Joanina. É parecido assim, mas lá a gente faz festa nas escolas, veste os alunos e dança, tudo.	<b>E7; L365</b>
<b>Entrevistador:</b> Também já deu para perceber que a família é importante para ti.	
<b>Aluno:</b> Muito.	
<b>Entrevistador:</b> É mesmo uma base, um pilar importante?	
<b>Aluno:</b> Muito porque minha família para mim é tudo, eu me identifico com todos os membros da minha família, da minha avó, as minhas tias, primos, minha mãe, tudo, todos é uma força familiar.	<b>E7; L370</b>
<b>Entrevistador:</b> Pronto, vamos ficar por aqui e obrigada.	
<b>Aluno:</b> Eu que agradeço.	

### Entrevista nº 8

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluno:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos então fazer a entrevista como tínhamos combinado, queria saber para já, qual é a tua idade?	
<b>Aluno:</b> 16 anos.	<b>E8; L5</b>
<b>Entrevistador:</b> Nível de escolaridade em que te encontras?	
<b>Aluno:</b> No 10º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> 12º ano.	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	<b>E8; L10</b>
<b>Aluno:</b> Universidade.	
<b>Entrevistador:</b> Ela tirou o curso...	
<b>Aluno:</b> Professora de curso...	
<b>Entrevistador:</b> A profissão do teu pai?	
<b>Aluno:</b> A profissão do meu pai, neste momento, é electricista e da minha mãe é lavandaria num hotel.	<b>E8; L15</b>
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade e país de origem?	
<b>Aluno:</b> Sou da Moldávia da capital, Kichinev.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes com que idade é que os teus pais imigraram para cá?	<b>E8; L20</b>
<b>Aluno:</b> Primeiro veio o meu pai, depois veio a minha mãe mas não sei qual a idade.	
<b>Entrevistador:</b> Mas já foi á muito tempo?	
<b>Aluno:</b> A minha mãe imigrou para aí há 10 anos e o meu pai à mais.	
<b>Entrevistador:</b> E tu vieste depois com a tua mãe ou vieste ainda mais tarde?	<b>E8; L25</b>
<b>Aluno:</b> Primeiro o meu pai, depois a minha mãe e depois eles buscaram-me.	
<b>Entrevistador:</b> E como era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Em que tipo?	<b>E8; L30</b>
<b>Entrevistador:</b> Por exemplo, a nível da interacção com as outras pessoas, vivias no campo ou na cidade?	

<b>Aluno:</b> Eu vivia na capital, dava-me bem com as pessoas, vivia com os avôs, tinha colegas familiares que vivam perto de mim, dávamo-nos bem.	
<b>Entrevistador:</b> Conta-me, como era um dia-a-dia teu no teu país de origem? Por exemplo, um dia de semana que fazias?	<b>E8; L35</b>
<b>Aluno:</b> Acordava de manhã, pronto higiene, depois ia á escola, depois á uma voltava da escola, estudava, não primeiro almoçava e depois estudava até os meus avôs virem do trabalho e depois jantava com eles, se tivesse tempo via televisão.	<b>E8; L40</b>
<b>Entrevistador:</b> E no fim-de-semana, que fazias no fim-de-semana?	
<b>Aluno:</b> Saía com os amigos para a rua assim em geral.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes quais foram os motivos que levaram, neste caso, o teu pai a vir para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Os motivos? Haim... Primeiro o meu pai veio de viagem para ver Portugal e gostou e pronto começou cá a trabalhar, depois veio a minha mãe e depois vim eu.	<b>E8; L45</b>
<b>Entrevistador:</b> Então Portugal foi o primeiro país que o teu pai escolheu, foi o primeiro país de destino para imigrar?	
<b>Aluno:</b> Foi.	<b>E8; L50</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste cá tiveste dificuldades em fazer amigos?	
<b>Aluno:</b> É o seguinte: eu não tive dificuldades em fazer amigos, mas porquê? Porque eu vim dos Açores e as pessoas conhecem-se lá e são muito amigas umas das outras, não há pessoa que não se conheça lá, por isso todas davam-se bem. Eu dava-me bem com eles, agora quando cheguei aqui dos Açores, Portugal Continental eu senti um choque, um pequeno choque senti as pessoas aqui são mais frias e pronto.	<b>E8; L55</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, antes de vires para Portugal, já tinhas estado nos Açores, ou seja, isso facilitou a nível da língua?	<b>E8; L60</b>
<b>Aluno:</b> A nível da língua e da integração sim.	
<b>Entrevistador:</b> E quando foste para os Açores estavas com algum familiar?	
<b>Aluno:</b> Com os meus pais, viviam lá.	
<b>Entrevistador:</b> Estiveram nos Açores e depois é que decidiram vir para cá?	<b>E8; L65</b>
<b>Aluno:</b> Por acaso foi por causa da falta de trabalho nos Açores.	
<b>Entrevistador:</b> Eles vieram para Lisboa e há quanto tempo estão cá?	
<b>Aluno:</b> dois anos, dois anos e meio.	
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldades em te adaptares aqui á escola?	<b>E8; L70</b>
<b>Aluno:</b> Portugal ou Lisboa?	
<b>Entrevistador:</b> Vamos começar por Portugal, neste caso, pelos Açores.	
<b>Aluno:</b> Não tive muita dificuldade, gostei muito da companhia e dos amigos, foram muito, muito “quentes vá” mas quando mudei dos Açores para Lisboa foi mais complicado.	<b>E8; L75</b>
<b>Entrevistador:</b> As pessoas em Lisboa são mais frias...	
<b>Aluno:</b> As pessoas são mais frias, é mais difícil para nos enquadramos.	
<b>Entrevistador:</b> E mesmo a nível da língua, ao chegares aos Açores, não tiveste dificuldade em entrar em contacto com os colegas?	
<b>Aluno:</b> Tinha dificuldade mas como as pessoas eram muito amigas ajudavam-me que até a minha professora, eu tinha aulas e ela não recebia	<b>E8; L80</b>

dinheiro por isso e ajudava-me a compreender.	
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste aqui a Lisboa vieste logo para esta escola ou foste para outra?	
<b>Aluno:</b> Quando cheguei a Lisboa a primeira vez foi para a escola básica de Alfofnelos onde passei o 8º e o 9º ano e agora é...	<b>E8; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> ...É que estás cá? E nesta escola, gostas desta escola?	
<b>Aluno:</b> Haim... Como dizer, sim, mais ou menos sim.	
<b>Entrevistador:</b> Mesmo a nível das pessoas, professores, funcionários matérias...	<b>E8; L90</b>
<b>Aluno:</b> Haim... Há professores bons, há professores mais ou menos, mas sim gosto.	
<b>Entrevistador:</b> E com os colegas também tens boa relação com eles?	
<b>Aluno:</b> Sim, em princípio dou-me bem com eles.	
<b>Entrevistador:</b> E quais são os maiores contrastes que tu encontraste com Portugal e o teu país de origem?	<b>E8; L95</b>
<b>Aluno:</b> Os contrastes... (pausa)	
<b>Entrevistador:</b> Pode ser a nível do clima, da língua, vestuário, gastronomia...	
<b>Aluno:</b> A nível do clima, tem um Inverno com muito frio é a neve e isso, mas a nível da comida também, a comida achei um bocadinho mais gorda. Comia mais lá do que aqui, em relação às pessoas, as pessoas lá na Moldávia são um bocadinho mais frias, sem ser os familiares, claro, e acho que é um bocadinho mais difícil a vida lá.	<b>E8; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> A nível económico é mais complicado viver lá.	<b>E8; L105</b>
<b>Aluno:</b> É mais complicado sim.	
<b>Entrevistador:</b> E os pratos gastronómicos de lá e daqui, por exemplo, sentiste dificuldade, achaste estranho?	
<b>Aluno:</b> Não, não, gosto, eu como tudo. (Risos) Gostei, gosto.	
<b>Entrevistador:</b> E o que encontraste de semelhante? Houve alguma coisa que fosse semelhante entre a Moldávia e Portugal?	<b>E8; L110</b>
<b>Aluno:</b> Semelhante, acho que não (pausa), semelhanças grandes, não encontrei nenhuma assim.	
<b>Entrevistador:</b> São aquelas situações normais dos mercados e isso há em todo o lado. E quando chegaste cá á escola, não significa que tenha sido necessariamente a esta escola, sentiste algum tipo de discriminação por parte dos colegas ou por parte de alguém?	<b>E8; L115</b>
<b>Aluno:</b> É o seguinte, ao início sentia um bocadinho mas depois fiz os amigos e não, deixei de sentir.	
<b>Entrevistador:</b> Esse sentir, foi no caso da adaptação e não pelo facto de ser...	<b>E8; L120</b>
<b>Aluno:</b> Sim na adaptação, quase dois meses.	
<b>Entrevistador:</b> E quando têm trabalhos de grupo, tens facilidade em conseguir formar um grupo com os colegas da escola?	
<b>Aluno:</b> Sim, sim, dou-me bem com eles.	<b>E8; L125</b>
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com o teu país de origem, com a Moldávia e comparando a tua vida em Portugal, como descreves um dia-a-dia aqui?	
<b>Aluno:</b> Haim...	
<b>Entrevistador:</b> Houve muitas diferenças? O estilo de vida alterou-se?	<b>E8; L130</b>

<b>Aluno:</b> Eu acho que aqui, a minha vida tornou-se um bocadinho mais pacífica, já não saio assim tanto para a rua, porque a zona onde eu vivo não tem assim muitas crianças, adolescentes. Enquanto na Moldávia eu costumava muitas vezes sair para a rua, ir para o campo com os meus avôs, têm a segunda casa, de Verão, e nós íamos para lá ao fim-de-semana, especialmente no Verão. Aqui estou mais em casa, no computador.	<b>E8; L135</b>
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares a Portugal quais foram os primeiros obstáculos que encontraste?	
<b>Aluno:</b> Portugal total?	<b>E8; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> Portugal, quando falo em Portugal, neste caso, como estiveste primeiro nos Açores e depois é que vieste para cá...	
<b>Aluno:</b> Nos Açores não é, o primeiro obstáculo, primeiro foi a língua e compreender o que os outros queriam dizer e obstáculos... (pausa) Mais, foi especialmente a língua.	<b>E8; L145</b>
<b>Entrevistador:</b> E que fizeste, que tipo de mecanismos usaste para contornar a situação?	
<b>Aluno:</b> Não era bem eu, os meus pais, eles preocupavam-se muito comigo e davam-me sempre exercícios para fazer especialmente num tempo. Eu vim no Verão para cá, quando vim para os Açores e estava todo o Verão mais ou menos a estudar a língua.	<b>E8; L150</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu aprendeste russo na Moldávia.	
<b>Aluno:</b> Eu aprendi sim, russo na Moldávia.	
<b>Entrevistador:</b> (Estou a perguntar, isso porque uma colega tua...)	
<b>Aluno:</b> Não sabe Moldavo (risos) eu sei eu aprendi russo, eu via televisão muito e os filmes da Moldávia também são em russo romeno e eu aprendi russo também.	<b>E8; L155</b>
<b>Entrevistador:</b> E recebeste aqui algum tipo de apoios a nível da escola?	
<b>Aluno:</b> Apoios?	
<b>Entrevistador:</b> Ou seja a escola deu-te alguns apoios para te inserires melhor na escola?	<b>E8; L160</b>
<b>Aluno:</b> Quando vim para Portugal sim eu recebi apoios sim.	
<b>Entrevistador:</b> Foram apoios por parte da escola, que tipo de apoios recebeste?	
<b>Aluno:</b> No início os professores ajudavam-me, davam-me trabalho a mais e acho que mais nada.	<b>E8; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> E aqui nesta escola?	
<b>Aluno:</b> Nesta escola, que apoios?	
<b>Entrevistador:</b> PLNM?!	
<b>Aluno:</b> PLNM, sim.	<b>E8; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> E achas que é mais complicado que o português normal ou...	
<b>Aluno:</b> Não é mais complicado, acho um bocadinho mais fácil, acho que sim.	
<b>Entrevistador:</b> Que esperavas encontrar cá em Portugal, que expectativas, é que tinhas em relação aqui ao país?	<b>E8; L175</b>
<b>Aluno:</b> É assim, quando eu vim para cá não criei nenhuma expectativa, era mais ou menos pequeno.	
<b>Entrevistador:</b> Que idade é que tinhas, mais ou menos, quando foste	

para os Açores?	<b>E8; L180</b>
<b>Aluno:</b> Tinha para aí 10 anos.	
<b>Entrevistador:</b> Pois realmente, não dá para ter muitas expectativas.	
<b>Aluno:</b> Pois não, eu ficava contente por ver os meus pais e ficar com eles mas não, mais nada.	
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas tinhas em relação á escola? Apesar de teres 10 anos devias ter ficado “e agora como vai ser a escola?”	<b>E8; L185</b>
<b>Aluno:</b> Mas eu vinha com a ideia de rigorosidade, que se eu não sei uma coisa eu estudo e aquilo ajudou-me muito. Agora mudei, mas...	
<b>Entrevistador:</b> O sistema de ensino é mais rígido e vinhas com esse...	
<b>Aluno:</b> Disciplina, agora eu perdi mas eu vinha e isso ajudou-me muito.	<b>E8; L190</b>
<b>Entrevistador:</b> Que expectativas, é que tens em relação ao futuro? Que pensas fazer no futuro?	
<b>Aluno:</b> Eu penso em continuar a estudar, penso acabar a universidade, estou a apostar numa engenharia.	
<b>Entrevistador:</b> Mas alguma engenharia em específico ou ainda está em aberto?	<b>E8; L195</b>
<b>Aluno:</b> Em princípio, gosto muito de informática, em princípio engenharia informática ou não sei depende da média que terei claro.	
<b>Entrevistador:</b> E pensas continuar a estudar cá em Portugal ou pensas fazer a licenciatura fora?	<b>E8; L200</b>
<b>Aluno:</b> É o seguinte, se eu com um bocadinho de sorte e se melhorar as notas eu irei para outro país sim.	
<b>Entrevistador:</b> E já sabes mais ou menos que país seria? Tens alguma ideia já?	
<b>Aluno:</b> Sim, Canadá.	<b>E8; L205</b>
<b>Entrevistador:</b> Também é um país frio (risos).	
<b>Aluno:</b> Sim, mas tenho lá familiares e ajudar-me-ão.	
<b>Entrevistador:</b> Tendo em conta que se fores estudar para fora não ficas em Portugal mas se no caso de não conseguires, não der para ir, pretendes ficar cá em Portugal?	<b>E8; L210</b>
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E gostarias de voltar para a Moldávia?	
<b>Aluno:</b> Isto é complicado porque há dias em que quero, há dias que não, é um assunto complicado, porquê?, porque às vezes tenho saudades dos meus familiares dos meus amigos mas às vezes tipo não, não quero. Não, não quero.	<b>E8; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> Ir ao país de origem só mesmo de visita.	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E já foste lá mais alguma vez, depois de teres vindo?	
<b>Aluno:</b> Já, já.	<b>E8; L230</b>
<b>Entrevistador:</b> E os teus pais apoiam-te nas tuas actividades e incentivam-te a continuares a estudar?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> Que te dizem?	
<b>Aluno:</b> Para continuar para me esforçar porque se não me esforçar não vou conseguir nada na vida e só.	<b>E8; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares aqui em Portugal, os teus pais passam-te a herança cultural do teu país de origem? Costumes, usos...	



<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E como é que fazem isso?	<b>E8; L240</b>
<b>Aluno:</b> Através da comida, as festas de anos. À maneira da Moldávia se festejar. Festejamos várias festas tradicionais, também festejamos o Natal também.	
<b>Entrevistador:</b> (A tua colega falou numa dança que tem lá.)	
<b>Aluno:</b> Four.	<b>E8; L245</b>
<b>Entrevistador:</b> (E num prato que é uma sopa que é Borsh.)	
<b>Aluno:</b> Borsh, isso não é Moldavo é dos países de leste, russo, ucraniano. Borsh só que há vários tipos de o fazer.	
<b>Entrevistador:</b> E tu sentes falta da cultura do teu país?	
<b>Aluno:</b> Eu sinto falta da cultura do meu país mas acho que também eu gostava de ter a cultura do meu país junto com a de Portugal. Gostava das duas, junta-las é isso.	<b>E8; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, fazer uma ligação entre as duas. Isso seria interessante fazer algo assim... E a família é importante para ti?	
<b>Aluno:</b> Sim claro é importante.	<b>E8; L255</b>
<b>Entrevistador:</b> Tens mais irmãos?	
<b>Aluno:</b> Tenho mais um sim.	
<b>Entrevistador:</b> É mais novo ou mais velho?	
<b>Aluno:</b> É muito mais novo, tem 4 anos.	
<b>Entrevistador:</b> Bem é muito pequenino...	<b>E8; L260</b>
<b>Aluno:</b> pois.	
<b>Entrevistador:</b> Pronto, já está...Obrigada...	

## Entrevista nº 9

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluno:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos então fazer a entrevista como já tínhamos combinado. Gostava de começar por saber que idade é que tu tens?	
<b>Aluno:</b> Tenho 16 anos.	<b>E9; L5</b>
<b>Entrevistador:</b> E estás em que ano escolar?	
<b>Aluno:</b> 10º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Sim, ele tem um curso de economia superior.	
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	<b>E9; L10</b>
<b>Aluno:</b> Tem o 12º ano.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes qual é a profissão do teu pai e da tua mãe?	
<b>Aluno:</b> Os dois são empresários, o meu pai tem três empresas no México e a minha mãe tem uma loja de roupa.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é que é a tua cidade e país de origem?	<b>E9; L15</b>
<b>Aluno:</b> Cidade, cidade natal é o México e o país é o México.	
<b>Entrevistador:</b> Sabes com que idade é que o teu pai ou a tua mãe imigraram?	
<b>Aluno:</b> Haim... Não!	
<b>Entrevistador:</b> Mas eles estão cá há quanto tempo?	<b>E9; L20</b>



<b>Aluno:</b> Eles não estão cá. Eles estão no México, eu estou aqui a morar com a minha avó.	
<b>Entrevistador:</b> Há, estás cá com a tua avó. Então a tua avó é mexicana?	
<b>Aluno:</b> Portuguesa.	
<b>Entrevistador:</b> E os teus pais são os dois mexicanos ou...	<b>E9; L25</b>
<b>Aluno:</b> Um é mexicano e o outro é português, mas a minha avó nasceu cá mas tem descendência francesa.	
<b>Entrevistador:</b> Então tu estás cá com a tua avó, certo... Vieste para cá para Portugal com que idade?	
<b>Aluno:</b> Com 13 anos.	<b>E9; L30</b>
<b>Entrevistador:</b> Antes de vires para cá como era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Era, era boa porque pertencia á classe média alta, logo tinha privilégios, logo que o México é um país de classe alta e baixa, não há intermédio. A minha vida era a escola-casa, casa-escola, basicamente.	<b>E9; L35</b>
<b>Entrevistador:</b> E a escola? Quando ias para a escola, ias o dia todo como aqui ou era dividida em tempos. Só a parte da manhã...	
<b>Aluno:</b> Só a parte da manhã, depois eu tinha o desporto e depois era para casa.	
<b>Entrevistador:</b> E tu vivias na cidade lá?	<b>E9; L40</b>
<b>Aluno:</b> Sim, na cidade do México.	
<b>Entrevistador:</b> Neste caso qual foi o motivo pelo que tu vieste para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Gostava de dançar ballet.	
<b>Entrevistador:</b> E danças ainda?	<b>E9; L45</b>
<b>Aluno:</b> Haim... Não.	
<b>Entrevistador:</b> Então...	
<b>Aluno:</b> O motivo foi assim, eu fazia ballet e flamengo no México. E como dizia a professora do conservatório era suposto vir cá dançar só que quando cheguei ao conservatório perguntaram-me se era aquilo que eu queria fazer para o resto da minha vida e eu respondi que não. Como não é aquilo que eu quero fazer para o resto da minha vida.	<b>E9; L50</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas no entanto ficaste cá.	
<b>Aluno:</b> Haim... Sim.	
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais têm vindo cá a Portugal?	<b>E9; L55</b>
<b>Aluno:</b> Vêm agora no Verão.	
<b>Entrevistador:</b> Contando que tens descendência portuguesa, pensavas mesmo vir para cá, ou foi uma coisa devido ao facto de...	
<b>Aluno:</b> Foi por causa da dança ballet.	
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldades em fazer amigos cá em Portugal?	<b>E9; L60</b>
<b>Aluno:</b> Não, a cultura portuguesa é uma cultura bastante aberta e falo com as pessoas por isso, a língua é parecida.	
<b>Entrevistador:</b> Já sabias falar português ou falavas espanhol?	
<b>Aluno:</b> Mais ou menos, minha mãe não tinha ensinado, não sabia escrever, só sabia falar mais ou menos.	<b>E9; L65</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando vieste para cá, vieste logo para esta escola ou foste para outra?	
<b>Aluno:</b> Fui para a Delfim Santos, fiz 7º, 8º e 9º e depois vim para a D. Pedro V.	

<b>Entrevistador:</b> E na primeira escola onde estiveste tiveste dificuldade em te integrares?	<b>E9; L70</b>
<b>Aluno:</b> Não, tive dificuldades em começar a tirar boas notas mas integrar foi fácil a adaptação.	
<b>Entrevistador:</b> E mesmo o português...	
<b>Aluno:</b> Como é parecido com o espanhol, percebe-se é só apanhar o jeito.	<b>E9; L75</b>
<b>Entrevistador:</b> E os teus amigos na escola. Tens amigos de que nacionalidades?	
<b>Aluno:</b> A minha turma é só de estrangeiros, por isso, tenho amigos ucranianos, moldavos, russos, portugueses, nigerianos, angolanos, cabo-verdianos, brasileiros, espanhóis (risos).	<b>E9; L80</b>
<b>Entrevistador:</b> E convives com os teus amigos fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Bastante, vamos a Monsanto, vamos a vários sítios de Lisboa.	
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldade em te adaptares aqui á escola?	
<b>Aluno:</b> Tive, é uma escola um bocado de grupos, isso funciona há vários grupos é difícil adaptar.	<b>E9; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, tiveste dificuldade em encontrar um grupo para te inserires é isso?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E gostas aqui da escola que frequentas?	
<b>Aluno:</b> Da escola, a nível de design não, acho uma escola um pouco feia. A nível de pessoas é uma escola que retrata a realidade tal como é há pessoas de classes sociais altas, baixas e médias. Não há muitas diferenças.	<b>E9; L90</b>
<b>Entrevistador:</b> E tens boa relação relacionamento com os colegas, com os professores e com os funcionários?	<b>E9; L95</b>
<b>Aluno:</b> Tenho, tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E gostas das matérias que dão cá na escola?	
<b>Aluno:</b> É assim a nível de matérias gosto bastante, só que acho que aprendemos muito pouco.	
<b>Entrevistador:</b> No México aprendiam mais comparando?	<b>E9; L100</b>
<b>Aluno:</b> Sim, só que no México, muitos dos alunos compram as notas, o ensino é detorado.	
<b>Entrevistador:</b> E quais são os maiores contrastes que tu encontras entre o teu país de origem, ou seja, o México e Portugal?	
<b>Aluno:</b> As casas.	<b>E9; L105</b>
<b>Entrevistador:</b> Então explica lá.	
<b>Aluno:</b> Porque no México as casas são em longitude e não em altura, aqui são só prédios.	
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, lá são mais largas... E a nível da gastronomia, da cultura?	<b>E9; L110</b>
<b>Aluno:</b> No México a culinária mexicana é baseada em picante e milho, aqui é feita em peixe. Eu gosto mais da gastronomia mexicana é mais rica.	
<b>Entrevistador:</b> Também tem os burritos...	
<b>Aluno:</b> Los burritos...	<b>E9; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> Fala-me assim, de um prato que seja típico de lá.	
<b>Aluno:</b> Los tacos que são, é uma tortilha de milho com queijo lá dentro com carne enrolada e um taco.	

<b>Entrevistador:</b> Aqui não se encontra ou é difícil de encontrar?	
<b>Aluno:</b> É difícil de encontrar. Só mesmo nos restaurantes mexicanos.	<b>E9; L120</b>
<b>Entrevistador:</b> E os burritos? Tinha a ideia de que eram, mais ou menos assim.	
<b>Aluno:</b> Sim, são iguais. Só que leva mais coisas lá dentro.	
<b>Entrevistador:</b> E a nível da cultura?	
<b>Aluno:</b> A cultura mexicana é muito parecida á cultura portuguesa, primeiro porque as duas línguas são latinas e já são línguas quentes, depois porque o México é um país muito jovem que só se descobriu á 500 anos e foi conquistado pelos espanhóis e os espanhóis são muito iguais aos portugueses por isso. A nível da cultura é milho porém tem as culturas de mais dança que é uma cultura diferente lá se há muitas pessoas mais velhas as mais novas não têm tanta importância na sociedade.	<b>E9; L125</b>  <b>E9; L130</b>
<b>Entrevistador:</b> A língua é o espanhol que para ti foi mais ou menos fácil fazer a associação ao português. E o sistema de ensino lá é muito diferente do daqui?	<b>E9; L135</b>
<b>Aluno:</b> Não, é igual, só que tem nomes diferentes. Vá o ensino básico vai até ao 6º ano, do 6º ano passas para o ensino secundário que é do 7º ao 9º e depois do 10º para o 12º é o ensino preparatório.	
<b>Entrevistador:</b> E mesmo no 10º ano, vocês só têm aulas durante a manhã ou durante a tarde?	<b>E9; L140</b>
<b>Aluno:</b> Há durante a manhã e também durante a tarde, depende do horário que tu escolhas.	
<b>Entrevistador:</b> E o vestuário tem algum...	
<b>Aluno:</b> Sim, temos vários tipos de fardas que são designadas pela escola com cores muito frias. Às sete da manhã temos sempre que fazer o hino á bandeira, fazer saudação á bandeira e depois ir para as aulas.	<b>E9; L145</b>
<b>Entrevistador:</b> Ai é... E o vestuário festivo? Têm algum tipo de vestuário festivo, algum traje tradicional?	
<b>Aluno:</b> Temos os chapéus mexicanos que são muito grandes, aquelas roupas muito elegantes com aquelas coisas da vaca que faz tchi, tchi.	<b>E9; L150</b>
<b>Entrevistador:</b> E vocês só usam isso em festas próprias?	
<b>Aluno:</b> Sim, é só em certas aldeias.	
<b>Entrevistador:</b> E o que é que encontrei de semelhante entre Portugal e o México? (o Clima por exemplo)	
<b>Aluno:</b> Completamente diferente...	<b>E9; L155</b>
<b>Entrevistador:</b> Aqui é mais frio, mais quente...?	
<b>Aluno:</b> Tem climas diferentes em todo o país, tem deserto, neve, nublado, quente, Tem tudo. Aqui não, aqui é sempre um por isso, o que encontrei de semelhante com Portugal foi o céu sempre azul.	
<b>Entrevistador:</b> E já tiveste alguma experiência de discriminação na escola?	<b>E9; L160</b>
<b>Aluno:</b> Não, porque também não há muitos mexicanos em Portugal, há muito, muito poucos. Há muito poucos mexicanos em Portugal, as pessoas não têm uma ideia fixa, quando não têm uma ideia fixa estão abertas ao diálogo.	<b>E9; L165</b>
<b>Entrevistador:</b> Acaba por se tornar interessante e querem conhecer mais.	
<b>Aluno:</b> Certo.	

<b>Entrevistador:</b> E fora da escola?	
<b>Aluno:</b> Não.	
<b>Entrevistador:</b> Então tens facilidade em encontrar pessoas, por exemplo, para fazer trabalhos de grupo?	<b>E9; L170</b>
<b>Aluno:</b> Certo! Não tenho dificuldades nenhuma além disso como sou um bom aluno as pessoas juntam-se a mim.	
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com o teu país de origem como descreves um dia-a-dia em Portugal?	<b>E9; L175</b>
<b>Aluno:</b> Descrevo que acordo cedo, vou para a escola, depois da escola saio com os amigos e depois vou para casa, o que seria impensável no México sair com os amigos para a rua como saio em Portugal, porque senão levava um tiro.	
<b>Entrevistador:</b> Lá é mais violento, o país?	<b>E9; L180</b>
<b>Aluno:</b> Sim é muito mais violento, muito mais inseguro.	
<b>Entrevistador:</b> Devido a que factores? Tens ideia?	
<b>Aluno:</b> Devido á droga, o México é um dos países maiores produtores de droga no planeta e há muito narcotráfico por isso.	
<b>Entrevistador:</b> Tendo em conta o que me disseste no México pertences a uma classe digamos média-alta, sentiste muitas dificuldades a nível das condições económicas quando vieste para cá, essa classe média-alta manteve-se ou notaste alguma...	<b>E9; L185</b>
<b>Aluno:</b> Manteve-se, não se pode dizer que reduzi ou subi, manteve-se.	
<b>Entrevistador:</b> E como é um dia-a-dia em Portugal para além de um dia de aulas, por exemplo, no fim-de-semana, o que fazes?	<b>E9; L190</b>
<b>Aluno:</b> Num Domingo ou num Sábado?	
<b>Entrevistador:</b> podes falar dos dois.	
<b>Aluno:</b> No Domingo vou á igreja, então sábado, acordo tomo banho e isso levo o meu cão á rua, volto se a minha avó quiser sair comigo, saio com ela senão vou á praia com minha avó. Depois num domingo acordo tomo banho vou com o cão á rua volto depois vou á igreja, da igreja saio á 1h vou almoçar a casa e depois saio com os amigos.	<b>E9; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas a igreja... És de que religião?	
<b>Aluno:</b> Igreja evangélica que um amigo meu me mostrou e vou á igreja com ele.	<b>E9; L200</b>
<b>Entrevistador:</b> Então até aí não tinhas nenhuma crença ou...	
<b>Aluno:</b> Tinha, tinha, eu fui baptizado na igreja católica só que não me adaptava muito bem às ideologias deles.	
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares aqui a Portugal, quais foram os primeiros obstáculos com que te deparaste? Dificuldades quando falo em obstáculos são dificuldades. (pausa) Tiveste dificuldade em te adaptares á gastronomia portuguesa?	<b>E9; L205</b>
<b>Aluno:</b> Não, eu como tudo, tive mais dificuldade em perceber o funcionamento das pessoas porque às vezes as pessoas ficavam chateadas e outras vezes estavam contentes porque no México havia a cultura de auto-ajuda, isto é alguém estava com problemas e outros ajudavam aqui não aqui ficam chateados se ajudar.	<b>E9; L210</b>
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, aqui são mais fechados nesse ponto...	
<b>Aluno:</b> Certo!	<b>E9; L210</b>
<b>Entrevistador:</b> E tiveste dificuldade em te mobilizares dentro da	

cidade...	
<b>Aluno:</b> Não, Portugal é um país muito pequeno a cidade de Lisboa é muito pequena tendo em conta que no México há 30 milhões de habitantes numa cidade digamos que é mais fácil em Portugal.	<b>E9; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> E recebeste apoios a nível escolar para te adaptares?	
<b>Aluno:</b> Bastantes, tive várias aulas de apoio para tentar melhorar as notas e depois tive acompanhamento por parte dos professores que tentavam-me acompanhar, por isso foi fácil.	
<b>Entrevistador:</b> E também tiveste PLNM?	<b>E9; L220</b>
<b>Aluno:</b> Tive.	
<b>Entrevistador:</b> E como sentiste o apoio?	
<b>Aluno:</b> Na outra escola era um apoio muito mais digamos desleixado porque era só meia hora, aqui na D. Pedro é um apoio mais constante, tenho quatro horas de português por semana. Por isso aqui na D. Pedro V é melhor. O apoio é mais personalizado a nível dos verbos, estrutura frásica, construção de frases por isso. É melhor aqui.	<b>E9; L225</b>
<b>Entrevistador:</b> E que esperavas encontrar em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Nada, estava aberto a sugestões.	
<b>Entrevistador:</b> E tinhas algumas expectativas em relação aqui á escola, escolheste vir para cá, certo?	<b>E9; L230</b>
<b>Aluno:</b> D. Pedro V não, tinha uma perspectiva muito pessimista, porque esta escola, não tinha muito boa fama, fora do mundo da escola dizem que são só drogados, só chungas por isso eu sentia-me um bocado á parte mas ao chegar á escola vi que a realidade é diferente.	<b>E9; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> E que expectativas tens em relação ao futuro, a nível pessoal e a nível profissional?	
<b>Aluno:</b> Eu gostava de ter uma família como a maioria das pessoas, gostava de tirar o curso de medicina, a nível de carreira gostava de ser cirurgião, pessoal não sei logo vemos, vivemos um dia de cada vez.	<b>E9; L240</b>
<b>Entrevistador:</b> Pretendes continuar a estudar aqui em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Sim pretendo.	
<b>Entrevistador:</b> Mesmo no ensino superior?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E a nível de perspectivas futuras? Pretendes ficar por Portugal? Gostarias de voltar para o México?	<b>E9; L245</b>
<b>Aluno:</b> Isso depende, se arranjar uma família aqui em Portugal, faço aqui em Portugal, se tiver que imigrar imigro. Acho que o mais importante numa família é a estabilidade.	
<b>Entrevistador:</b> Quando falas aqui em imigrar, tens assim algum país em mente ou falas em voltar para o México?	<b>E9; L250</b>
<b>Aluno:</b> México para imigrar só serve para fazer dinheiro, muito sinceramente é um país muito fácil para gerar riqueza em pouco tempo por isso, talvez para outro país que não seja o México porque o dinheiro não é tudo.	<b>E9; L255</b>
<b>Entrevistador:</b> E tens alguma ideia de outro país que gostasses de ir?	
<b>Aluno:</b> Não, acho que cada país tem a sua cultura e cada país tem a sua piada (risos).	
<b>Entrevistador:</b> Na altura logo se vê, não é? (risos)	
<b>Aluno:</b> É. (risos)	<b>E9; L260</b>

## A Escola e os Outros

<b>Entrevistador:</b> Mas tens saudades do teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> Claro que tenho, a minha família está lá e as pessoas com quem cresci e a maneira de viver está lá, porém às vezes temos de olhar para a frente e não pensar no que está para trás.	
<b>Entrevistador:</b> Tens irmão?	<b>E9; L265</b>
<b>Aluno:</b> Tenho.	
<b>Entrevistador:</b> Estão lá ou cá?	
<b>Aluno:</b> Um está na Venezuela e os outros dois estão lá.	
<b>Entrevistador:</b> São mais velhos?	
<b>Aluno:</b> Dois são mais velhos?	<b>E9; L270</b>
<b>Entrevistador:</b> És o mais novo?	
<b>Aluno:</b> Sou o do meio.	
<b>Entrevistador:</b> E tens saudades deles?	
<b>Aluno:</b> Tenho.	
<b>Entrevistador:</b> E como matas as saudades?	<b>E9; L275</b>
<b>Aluno:</b> Telefonando, por skype, pelo msn, facebook.	
<b>Entrevistador:</b> Já voltaste ao México desde então?	
<b>Aluno:</b> Não, não voltei... talvez vá este Verão.	
<b>Entrevistador:</b> Neste caso, apesar de estarem no México, eles têm conhecimento mais ou menos das tuas notas e incentivam-te a estudar?	<b>E9; L280</b>
<b>Aluno:</b> Têm, incentivam. O meu pai sempre me disse que temos de ser bons sempre em alguma coisa por isso tenho de ser bom na escola.	
<b>Entrevistador:</b> E a tua avó também te incentiva, já que estás a viver com ela?	
<b>Aluno:</b> Não me incentiva, ela obriga-me o que é diferente.	<b>E9; L285</b>
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares em Portugal, a tua avó tem conhecimento da cultura mexicana?	
<b>Aluno:</b> Tem mas não gosta.	
<b>Entrevistador:</b> Então ela não te passa...?	
<b>Aluno:</b> Ela não passa cartão nesse sentido.	<b>E9; L290</b>
<b>Entrevistador:</b> Então como é que vais mantendo a herança cultural do teu país de origem? É através dos teus pais embora estejam lá?	
<b>Aluno:</b> É mais ou menos isso.	
<b>Entrevistador:</b> E a família é importante para ti?	
<b>Aluno:</b> Claro que é. A família é sempre a família independentemente de onde estejamos. Porém acho que às vezes temos que despegarmo-nos um bocado da família para atingirmos aquilo que nós queremos.	<b>E9; L295</b>
<b>Entrevistador:</b> Costumas ver os teus pais de ano a ano?	
<b>Aluno:</b> Sim, de ano a ano, nas férias de Verão só.	
<b>Entrevistador:</b> E o resto ano passas com...?	<b>E9; L300</b>
<b>Aluno:</b> Sim, porque as férias em Portugal e no México só coincidem nas férias do Verão. Só que é assim... Tenho um mês de férias no Verão, depois continua a escola e trabalho, depois tenho uma semana no Natal, depois continua e tenho uma semana na Páscoa. Depois tem muitos feriados no meio, muitos, montes.	<b>E9; L305</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, o Natal não o têm passado juntos?	
<b>Aluno:</b> Não, não, só telefonamos.	
<b>Entrevistador:</b> Está bem, então passas o Natal só com a tua avó?	
<b>Aluno:</b> Certo e com uma tia, ela também está cá em Portugal, é	



portuguesa.	<b>E9; L310</b>
<b>Entrevistador:</b> Pronto, já está. Agradeço pela disponibilidade.	
<b>Aluno:</b> Está bem, não faz mal. (risos)	

## Entrevista 10

<b>Entrevistador:</b> Bom dia!	
<b>Aluno:</b> Bom dia!	
<b>Entrevistador:</b> Vamos então, começar por fazer a entrevista. Queria começar por te perguntar que idade tens?	
<b>Aluno:</b> Tenho 17 anos.	<b>E10; L5</b>
<b>Entrevistador:</b> Em que nível de escolaridade te encontras?	
<b>Aluno:</b> Diga...	
<b>Entrevistador:</b> Em que nível de escolaridade te encontras? Em que ano estás?	
<b>Aluno:</b> No 10º ano.	<b>E10; L10</b>
<b>Entrevistador:</b> Sabes o nível de escolaridade do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Sim... Quer dizer, não sei como se diz bem em português... Ele acabou na universidade o curso de engenheiro químico.	
<b>Entrevistador:</b> Então é engenheiro químico. E a tua mãe?	
<b>Aluno:</b> A minha mãe acabou o curso de economista mas não foi na universidade foi... não sei muito bem, mas não foi na universidade.	<b>E10; L15</b>
<b>Entrevistador:</b> Através de um curso profissional?	
<b>Aluno:</b> Sim, sim.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a profissão do teu pai?	
<b>Aluno:</b> Neste momento é motorista num a escola privada.	<b>E10; L20</b>
<b>Entrevistador:</b> E a tua mãe?	
<b>Aluno:</b> É esteticista, faz unhas de gel e coisas desse género.	
<b>Entrevistador:</b> Qual é a tua cidade e país de origem?	
<b>Aluno:</b> O país é a Ucrânia e vim de Kharkov que fica perto de da capital que é Kiev.	<b>E10; L25</b>
<b>Entrevistador:</b> O teu pai foi o primeiro a vir para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Sim, foi o primeiro, o meu pai a vir para cá, depois foi a minha mãe e eu só passado um tempo é que vim para Portugal.	
<b>Entrevistador:</b> Em que ano é que o teu pai veio para Portugal, tens mais ou menos ideia?	<b>E10; L30</b>
<b>Aluno:</b> Ele tá cá há 10 anos, ou seja...	
<b>Entrevistador:</b> ... Ou seja 2000...?	
<b>Aluno:</b> Não, não isso é a minha mãe que tá cá há 10 anos, ele veio um bocadinho antes de 2000, veio um bocado mais cedo, por volta de 99 ou 98.	<b>E10; L35</b>
<b>Entrevistador:</b> E tu vieste para cá com que idade?	
<b>Aluno:</b> Com 9 anos.	
<b>Entrevistador:</b> Então já estás cá há... 8 anos. Como é que era a tua vida no teu país de origem?	
<b>Aluno:</b> É diferente da de cá. Era normal, eu só acabei lá o 3º ano, frequentava a escola, andava com os amigos na rua e assim. Não sei, nada de especial.	<b>E10; L40</b>
<b>Entrevistador:</b> E sabes quais foram os motivos que levaram os teus pais	



## A Escola e os Outros

a virem para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Financeiros, tentar arranjar melhores condições de vida e trabalho.	<b>E10; L45</b>
<b>Entrevistador:</b> Portugal foi o primeiro país de destino?	
<b>Aluno:</b> Do meu pai sim, porque ele dizia que davam a possibilidade de legalização das pessoas cá.	
<b>Entrevistador:</b> E tu tiveste dificuldades quando chegaste cá? Em fazer amigos? Em te adaptares?	<b>E10; L50</b>
<b>Aluno:</b> Ao início sim, um bocado.	
<b>Entrevistador:</b> Que dificuldades, é que tu encontraste?	
<b>Aluno:</b> Maior parte foi a língua. É a impossibilidade de comunicar com outras pessoas.	<b>E10; L55</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas a forma de escrever é a mesma da Ucrânia?	
<b>Aluno:</b> Não, é diferente o abecedário.	
<b>Entrevistador:</b> Então, ainda se tornou mais complicado...	
<b>Aluno:</b> Sim, ao início, passado dois, três meses, pronto já consegui perceber e falar.	<b>E10; L60</b>
<b>Entrevistador:</b> Tu vieste para cá durante o período de férias, ou durante o período das aulas?	
<b>Aluno:</b> Foi no Verão nas férias depois de ter terminado o 3º ano lá.	
<b>Entrevistador:</b> Que acabou por ajudar durante o período das férias a familiarizares-te com a língua portuguesa.	<b>E10; L65</b>
<b>Aluno:</b> Não tanto, estava sempre em casa com os meus pais a mostraram-me o país aqui, algumas coisas a aprendizagem da língua só começou na escola, quando eu estive ao longo do ano.	
<b>Entrevistador:</b> Vieste para aqui para a 4ª classe?	
<b>Aluno:</b> Não, vim para o 1º, foi uma opção dos professores, diziam que seria melhor para eu aprender a língua portuguesa desde o início, como não tava muito longe, ou seja, mas depois no meio do 2º eu passei para o 4º. Fiquei a perder um ano.	<b>E10; L70</b>
<b>Entrevistador:</b> No fundo só atrasaste um ano.	
<b>Aluno:</b> Sim.	<b>E10; L75</b>
<b>Entrevistador:</b> E aqui na escola, tiveste dificuldade em te integrares?	
<b>Aluno:</b> Agora, aqui no secundário, não.	
<b>Entrevistador:</b> Já está tudo mais...	
<b>Aluno:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E convives com os teus amigos? Tens amigos de que nacionalidades?	<b>E10; L80</b>
<b>Aluno:</b> Tenho russos, ucranianos, moldavos, portugueses, brasileiros, alguns angolanos também. Pronto é o que há aqui. (risos)	
<b>Entrevistador:</b> É uma escola muito multicultural...	
<b>Aluno:</b> Sim, também a maior parte do pessoal, das pessoas não são daqui, frequento outra escola aos sábados que é uma escola russa na qual o meu pai trabalha, só que pronto é tudo russos.	<b>E10; L85</b>
<b>Entrevistador:</b> É também para não perderes também a...	
<b>Aluno:</b> Quer dizer não perco porque tenho a possibilidade de acabar o ano mais cedo para recuperar aquele ano que perdi porque a escolaridade obrigatória na Ucrânia é até ao 11º, mas o programa é mais comprido e equivale ao daqui só que prontos. Há possibilidade de acabar o ano mais	<b>E10; L90</b>

## A Escola e os Outros

cedo.	
<b>Entrevistador:</b> Estás aqui a fazer o 10º ano e lá...	
<b>Aluno:</b> Também estou a fazer o 10º mas lá acaba ao 11º e aqui é ao 12º.	<b>E10; L95</b>
<b>Entrevistador:</b> Então e depois a nível de universidade?	
<b>Aluno:</b> A universidade, faço equivalência das minhas notas de lá, equivalência porque o sistema não é de 1 a 20 é de 1 a 12, dá equivalência das notas, das matérias que são dadas e com essas médias eu entro na universidade. Conheço amigos que já acabaram a escola naquela e já entraram, alguns entraram já aí em direito, já conseguiram entrar em medicina, só conheço uma que conseguiu entrar em medicina.	<b>E10; L100</b>
<b>Entrevistador:</b> E então, qual o motivo por que estás nesta escola e estás na outra?	
<b>Aluno:</b> Para mim também ajuda-me a escola de lá a matéria que dão é um bocado mais, mesmo estando no 10ºano é um bocado diferente o ensino.	<b>E10; L105</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas tens na mesma, as mesmas disciplinas?	
<b>Aluno:</b> Sim tenho, mas tenho muito mais, tenho muito mais que essas, não há essa diferença de curso, economia, ciências e tudo.	
<b>Entrevistador:</b> É mais geral...	<b>E10; L110</b>
<b>Aluno:</b> Sim, é tudo, geografia eu tenho, história tenho, tenho física, tenho química, tenho todas as disciplinas.	
<b>Entrevistador:</b> Ou seja, depois para escolher a área para ir para a universidade acaba por se tornar mais fácil.	
<b>Aluno:</b> Sim, porque tenho todas as áreas concluídas.	<b>E10; L115</b>
<b>Entrevistador:</b> E gostas aqui desta escola?	
<b>Aluno:</b> Sim, por acaso gosto.	
<b>Entrevistador:</b> E tens bom relacionamento com os colegas, professores?	
<b>Aluno:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> E que contrastes encontras entre o teu país de origem, neste caso, a Ucrânia e Portugal?	<b>E10; L120</b>
<b>Aluno:</b> A maneira de ser das pessoas, um bocado a mentalidade das pessoas é diferente, um simples exemplo, aqui uma pessoa entra numa loja a pessoa que está a trabalhar pergunta se quer ajuda ou algo assim e eu já tive caso na Ucrânia entrava numa loja só para ver alguma coisa e as pessoas dizem “então não vais comprar nada, vai-te embora” é um bocado assim (risos).	<b>E10; L125</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, nós aqui somos mais acolhedores...	
<b>Aluno:</b> É mais isso, pronto e o carácter das pessoas e a mentalidade que as pessoas têm é diferente entre outras, também há mais diferenças.	<b>E10; L130</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível da gastronomia, da língua já disste que o abecedário é diferente. O abecedário ucraniano é mais ou menos como o russo?	
<b>Aluno:</b> Sim, Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E a nível da gastronomia como é que é?	<b>E10; L135</b>
<b>Aluno:</b> Os hábitos são diferentes. As sopas, por exemplo, aqui as sopas são todas batidas, todas feitas como se fosse papa, puré, lá não, lá são à base de caldo, fazem um caldo, por exemplo, como se fosse canja, só que levam mais coisas, levam batata, levam mais aquilo e são todas à base de canja.	<b>E10; L140</b>
<b>Entrevistador:</b> E outros pratos para além...	

<b>Aluno:</b> Tem, tem variações, come-se mais batata, mais carne, não é assim tão aquela dieta mediterrânea, não tem assim.	
<b>Entrevistador:</b> Um prato típico da Ucrânia, por exemplo, nós temos o cozido à portuguesa, feijoadá...	<b>E10;L145</b>
<b>Aluno:</b> Há um, que é como se fosse a sopa da pedra, é parecido. Só que pronto tem outro nome e leva um bocadinho outros ingredientes.	
<b>Entrevistador:</b> E como se chama?	
<b>Aluno:</b> Borsh.	
<b>Entrevistador:</b> Soletá lá (risos)	<b>E10;L150</b>
<b>Aluno:</b> B...O...R...S...H.	
<b>Entrevistador:</b> Essa sopa depois não leva beterraba e fica meio vermelha.	
<b>Aluno:</b> Sim, sim fica vermelha.	
<b>Entrevistador:</b> E a nível da cultura?	<b>E10; L155</b>
<b>Aluno:</b> Em que aspecto?	
<b>Entrevistador:</b> Mesmo a nível cultural, tradições que vocês tenham lá?	
<b>Aluno:</b> Sim, as tradições são diferentes. Aqui a maior festa é o Natal, lá é mais o Ano Novo e as prendas também se dão no Ano Novo.	
<b>Entrevistador:</b> Mas isso não está relacionado com a religião.	<b>E10; L160</b>
<b>Aluno:</b> Sim, um bocado com a religião.	
<b>Entrevistador:</b> Neste caso. Na Ucrânia as pessoas são mais ...	
<b>Aluno:</b> Ortodoxas.	
<b>Entrevistador:</b> E semelhanças? Encontraste alguma semelhança com Portugal? (pausa) O clima lá também é um pouco mais frio, certo?	<b>E10; L165</b>
<b>Aluno:</b> Frio, neve...	
<b>Entrevistador:</b> E não foi, não sentiste uma grande diferença ao vires para Portugal?	
<b>Aluno:</b> Eu tive sorte de vir no Verão e me adaptar ao calor, passei um bocado mal ao início, nunca tinha tido assim tanto calor, já para o próximo Verão já podia adaptar-me logo no início eu cheguei era calor e consegui adaptar-me logo.	<b>E10; L170</b>
<b>Entrevistador:</b> E não houve assim nada que fosse semelhante com Portugal, que achasses que fosse semelhante?	
<b>Aluno:</b> Não sei, acho que não.	<b>E10; L175</b>
<b>Entrevistador:</b> E quando chegaste à escola, logo no início, foste bem recebido pelos colegas ou foste discriminado por algum motivo ou assim?	
<b>Aluno:</b> Na turma não, acho crianças do 1º ano ainda não tem capacidade para isso, quer dizer, algumas têm, algumas têm (risos) mas não classificam tanto, houve alguns casos sim, às vezes as pessoas entram em conflitos e começam a mandar aquelas bocas de “vai lá para a tua terra” e isso e aquilo.	<b>E10; L180</b>
<b>Entrevistador:</b> E depois aqui na escola...	
<b>Aluno:</b> Aqui não. A maior parte das pessoas nem sequer repara que não sou português.	<b>E10; L185</b>
<b>Entrevistador:</b> Exacto, Então tens facilidade em fazer... trabalhos de grupo e assim?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> E comparando a tua vida com o teu país de origem, como	<b>E10; L190</b>

descreves a tua vida aqui em Portugal? Houve muitas mudanças?	
<b>Aluno:</b> Sim, algumas, não me lembra muito bem porque também quando vim era criança e morei muito tempo na casa da minha avó. A minha mãe e o meu pai, já estavam cá. Pronto., não tinha o meu quarto, ficava na sala. Agora tenho o meu quarto, tenho as minhas coisas, tenho os meus amigos, lá que tipo, de amizade pode haver no 1º, 2º ano ainda não se compreende muito bem essa ideia de ser amigo mesmo. Só tive amigos verdadeiros aqui, mas são também ucranianos.	<b>E10; L195</b>
<b>Entrevistador:</b> Então, não tens aqui amigos portugueses...?	
<b>Aluno:</b> Tenho, tenho, mas amigos mesmo verdadeiros não.	<b>E10; L200</b>
<b>Entrevistador:</b> Como é um dia-a-dia aqui em Portugal? Como descreves um dia-a-dia? (risos)	
<b>Aluno:</b> É sempre a mesma coisa...	
<b>Entrevistador:</b> Mas durante o fim-de-semana podes fazer outras coisas...	<b>E10; L205</b>
<b>Aluno:</b> Sim, é verdade, mas mesmo assim o país não é assim tão grande, são sempre as mesmas caras, sempre as mesmas pessoas, não é que não goste de ver as mesmas pessoas mas é um bocado monótono.	
<b>Entrevistador:</b> E ao chegares aqui a Portugal quais foram os primeiros obstáculos que encontraste?	<b>E10; L210</b>
<b>Aluno:</b> Foi a língua!	
<b>Entrevistador:</b> Como é que conseguiste equilibrar a comunicação, porque chegaste cá não sabias falar português, o abecedário era completamente diferente. Que mecanismos, usaste?	
<b>Aluno:</b> Eu tinha noção do abecedário português porque na Ucrânia começa-se a dar o inglês no 2º ano.	<b>E10; L215</b>
<b>Entrevistador:</b> Pronto, isso já foi uma ajuda... (risos)	
<b>Aluno:</b> Sim, (risos) mas mesmo assim, tinha algumas dificuldades.	
<b>Entrevistador:</b> A tua professora da 1ª classe falava contigo em inglês?	
<b>Aluno:</b> Não, falava português e eu tentava algumas palavras eu já conhecia, por exemplo os meus pais tinham-me dito algumas palavras e no contexto da frase havia essas palavras e no contexto só faltava o resto. Por exemplo numa frase eu sabia duas palavras e eu tentava, não sei...	<b>E10; L220</b>
<b>Entrevistador:</b> Usavam desenhos?	
<b>Aluno:</b> Sim, a minha professora usou bastantes desenhos, até ofereceu-me um dicionário com imagens, quer dizer eu ligava as frases com umas palavras e chegava ao sentido, apesar de não saber o resto das palavras mas chegava lá e ia sabendo mais palavras e cada vez sabia mais palavras de uma frase e ia chegando mais ao contexto da frase melhor mas mesmo assim conseguia perceber, não sei.	<b>E10; L225</b>  <b>E10; L230</b>
<b>Entrevistador:</b> E a nível da alimentação tiveste dificuldade em te adaptares à gastronomia portuguesa ou não?	
<b>Aluno:</b> Não, até porque em casa faz-se comida como se faz na Ucrânia, a minha mãe apesar de já ter habituado, já faz bacalhau com natas, faz uma série de coisas.	<b>E10; L235</b>
<b>Entrevistador:</b> Gostas de bacalhau?	
<b>Aluno:</b> Gosto... (risos)	
<b>Entrevistador:</b> E que apoios recebeste a nível da escola? Que apoios recebeste da escola?	

<b>Aluno:</b> Nesta, não recebi nenhum...	<b>E10; L240</b>
<b>Entrevistador:</b> Não tens PLNM?	
<b>Aluno:</b> Não, até fiz o teste e passei, não foi necessário. Na outra sim tive apoio de português durante dois anos mesmo tirando boas notas, mas era obrigado ainda a fazer. Fiz os testes que fazem no básico de língua não materna e o exame sim, o exame foi diferente o que fiz no 9º ano.	<b>E10; L245</b>
<b>Entrevistador:</b> E o que esperavas encontrar aqui em Portugal?	
<b>Aluno:</b> Eu? Eu nada, eu vim para vir ter com os meus pais.	
<b>Entrevistador:</b> E agora que expectativas é que tu tens?	
<b>Aluno:</b> Agora, entrar na universidade, tirar uma coisa, estou a pensar em mecatrónica ou engenharia energética.	<b>E10; L250</b>
<b>Entrevistador:</b> Mecatrónica?	
<b>Aluno:</b> Tem a ver basicamente com a maior parte dos aparelhos que a gente tem em casa. É um curso que apareceu à pouco tempo, por acaso.	
<b>Entrevistador:</b> Eu nem tinha conhecimento da existência desse curso. Mas acaba por ser uma engenharia?	<b>E10; L255</b>
<b>Aluno:</b> Há um curso profissional de mecatrónica e depois há mais facilidade de entrar em engenharia mecatrónica, mas pronto já comecei o 10º ano, não vou estar a... Já esta quase acabar, também, não sei.	
<b>Entrevistador:</b> E tinhas expectativas em relação á escola?	
<b>Aluno:</b> O ensino aqui é mais facilitado do que lá, pensei que fosse uma coisa parecida mas não é muito mais facilitado aqui.	<b>E10; L260</b>
<b>Entrevistador:</b> Lá é mais rigoroso...?	
<b>Aluno:</b> Sim...	
<b>Entrevistador:</b> Em que contexto é mais rigoroso? A nível de trabalhos de casa?	<b>E10; L265</b>
<b>Aluno:</b> Trabalhos de casa até intensidade da matéria que dão um exemplo no 2º ano aprendi a fazer contas com parêntesis, aqui só se dá no 5º ano. (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Já me disseste que gostavas de seguir para a universidade, mas queres ir para uma universidade aqui em Portugal ou para outro país?	<b>E10; L270</b>
<b>Aluno:</b> Sim, cá em Portugal?	
<b>Entrevistador:</b> Então pretendes continuar cá e depois no futuro, pretendes ficar em Portugal voltar para a Ucrânia?	
<b>Aluno:</b> Voltar para lá não queria mesmo.	<b>E10; L275</b>
<b>Entrevistador:</b> Mas porquê?	
<b>Aluno:</b> Os preços de lá são iguais aqui, só que o salário mínimo são 200 dólares. Equivale a 180 euros só que os preços são iguais.	
<b>Entrevistador:</b> Mas gostarias de voltar, de visitar a Ucrânia?	
<b>Aluno:</b> Ainda á pouco fui, na Páscoa por isso, costumo visitar mas não tão frequentemente e é só por causa dos avôs e dos primos.	<b>E10; L280</b>
<b>Entrevistador:</b> E os teus avôs nunca vieram a Portugal?	
<b>Aluno:</b> Não!	
<b>Entrevistador:</b> Os teus pais incentivam-te e apoiam-te nos estudos, para que continues a estudar.	<b>E10; L285</b>
<b>Aluno:</b> Eu também é que quero continuar a estudar, não é muito assim da parte dos meus pais.	
<b>Entrevistador:</b> Mas mesmo assim os pais também acabam por	

## A Escola e os Outros

influenciar um pouco na decisão?	
<b>Aluno:</b> Sim, o meu pai quer que seja médico (risos) mas eu não quero. É aquela coisa que os pais querem que os filhos sejam aquilo que eles não conseguiram ser.	<b>E10; L290</b>
<b>Entrevistador:</b> Pois lá está... Mas para ser médico é preciso ter aptidão... Mas já falaste que gostavas de ir...	
<b>Aluno:</b> Já.	<b>E10; L295</b>
<b>Entrevistador:</b> E o que é que ele acha do assunto?	
<b>Aluno:</b> Ele diz, tu é que sabes eu não te quero influenciar mas ele diz-me que gostava que fosses para isso.	
<b>Entrevistador:</b> E apesar de estares aqui os teus pais tentam passar-te a herança cultural da Ucrânia para não perderes as raízes?	<b>E10; L300</b>
<b>Aluno:</b> Sim, comemoramos as festas todas tradicionais de lá e as de cá também.	
<b>Entrevistador:</b> Então acabam por se juntar as duas...	
<b>Aluno:</b> Pois é melhor ainda. (risos)	
<b>Entrevistador:</b> Há mais festa... (risos) e de que forma é que vocês ou melhor os teus pais fazem isso cá? ... Juntam-se na casa de outros colegas amigos? Por exemplo, um dia que seja importante na Ucrânia o Ano Novo?	<b>E10; L305</b>
<b>Aluno:</b> ... A Páscoa também, comemoramos de outra maneira, fazem bolos específicos e costuma ser no 1º Domingo de Primavera.	<b>E10; L310</b>
<b>Entrevistador:</b> Que tipos de bolos fazem lá na Páscoa?	
<b>Aluno:</b> É um bolo como se fosse um queque mas grande e fica com uns ovos pintados. É um bolo normal quase não leva mais nada. E uvas secas por dentro e um bocado de creme por cima, mais nada. É uma coisa simples, mas eu nunca vi uma coisa dessas aqui, só fazem lá.	<b>E10; L315</b>
<b>Entrevistador:</b> E a família é importante para ti?	
<b>Aluno:</b> A que está lá ou cá?	
<b>Entrevistador:</b> Digamos que as duas?	
<b>Aluno:</b> Sim, é importante, foram eles que me deram essa oportunidade de vir para aqui, afinal de contas para mim é melhor cá do que lá, por outro lado eu tenho saudades dos meus avôs, mas não consigo passar lá mais que uma semana ou duas, começo-me a fartar daquilo.	<b>E10; L320</b>
<b>Entrevistador:</b> É muito mais calmo?	
<b>Aluno:</b> Não tem nada a ver com calma é as pessoas não gosto do Ambiente de lá.	<b>E10; L325</b>
<b>Entrevistador:</b> Identificaste melhor com as pessoas daqui é isso?	
<b>Aluno:</b> Sim.	
<b>Entrevistador:</b> Tens irmãos?	
<b>Aluno:</b> Não!	
<b>Entrevistador:</b> És filho único, mas gostavas de ter irmãos?	<b>E10; L330</b>
<b>Aluno:</b> Nesta altura é um bocado complicado, se fosse um bocadinho mais antes sim, gostaria que fosse mais ou menos da minha idade. Agora...	
<b>Entrevistador:</b> Agora já é complicado...	
<b>Aluno:</b> Pois...	<b>E10; L335</b>
<b>Entrevistador:</b> Olha, está tudo.	
<b>Aluno:</b> Está bem.	



<b>Entrevistador:</b> Obrigada!	
---------------------------------	--

### Entrevista à Professora Isabel Almeida

**Entrevistadora:** Boa tarde professora Isabel Almeida, gostaria de fazer umas perguntas sobre a instituição para depois conseguir fazer a caracterização no relatório de estágio. Então se podermos começar...

**Professora:** Faz favor.

**Entrevistadora:** Em que ano é que a Escola Secundária D Pedro V foi Fundada?

**Professora:** Quando foi fundada, foi anteriormente a entrar em funções, não é, porque é sempre como é uma organização do Estado. O primeiro ano de funcionamento foi 69/70, mas evidentemente terá sido fundada no papel 1 ou 2 anos antes. E foi fundada naturalmente pelo ministério da educação nacional para fornecer ensino secundário, como na altura se chamava complementar. Não, não secundário, porque o secundário à época começava logo a seguir ao 1º ciclo que era até à 4ª classe, não é, Portanto logo a seguir já era ensino liceal, como se dizia na altura. Agora é dividida em ciclos. Começou com muito poucos alunos, com 300 alunos e chegou a ser a escola maior de Lisboa. Isto para responder à quarta pergunta porque foi situada neste espaço. Por uma razão circunstancial, mas é por uma razão estrutural. Neste concretamente neste espaço porque este terreno foi doado ao ministério da educação precisamente para cá construir uma escola. O ministério da educação decidiu construí-la nesta zona porque os anos 60 foram anos de expansão da cidade de Lisboa. Por todo este eixo da zona de Benfica, portanto nessa altura no final da década de 60 havia aqui uma população jovem com filhos a ter que entrar para o ensino secundário e não havia nenhuma instituição de ensino aqui nesta zona, nesta zona que depois se estende muito para norte não é por todo o eixo que acompanha o comboio até Benfica por aí fora não é, todos os alunos desta enorme zona já tinha... Começava a ser que tinha começado a ser instalada aqui nestes bairros novos de Benfica. Todos os meninos vinham para aqui por isso ele chegou de facto sendo uma zona de expansão da região de Lisboa, chegou de facto e não havendo mais nenhuma, chegou a ser a escola com maior população escolar de Lisboa.



**Entrevistadora:** Pronto a nível... Qual era a população nesta escola, a escola foi criada para abranger todo o tipo de população?

**Professora:** Como era próprio apesar de tudo, o ensino oficial não é, sendo que na altura 1969/1970 ainda se estar em pleno regime, final pelo menos na parte final do Estado Novo. Não era uma democracia como nós temos hoje, o ensino embora teoricamente para toda a gente é evidente que só quem tinha possibilidades económicas ou pelo menos não tinha a necessidade de por os filhos a trabalhar é que acabava por vir para o ensino secundário. Portanto de facto foi pensada a pensar nos filhos de uma classe média ou de quem tinha oportunidade de ter os filhos a estudar mais tempo que os punha no ensino oficial. Não sendo decididamente uma população específica, era historicamente por razões da época acabava por ser frequentada por uma espécie de elite para todos os efeitos.

**Entrevistadora:** E da sua experiencia na gestão da escola que mudanças ocorreram depois de ter cessado funções, a nível da população, dos cursos, dos currículos?

**Professora:** Durante as minhas funções de gestão, tive muitos anos de uma forma ou de outra ligada a várias actividades, acompanhou essa minha presença, acompanhou a evolução do país em geral. Quando entrei para esta escola ainda não em funções de gestão, a escola estava no pico máximo da sua população, chegou a ter cerca de 5000 alunos, antes precisamente de o ministério, no princípio dos anos 80, ter criado outras escolas que surgiram a partir desta com professores desta escola, esta foi a escola mãe. A escola secundária de Benfica, Gomes Ferreira e a escola de Carnide, depois a escola secundária Virgílio Ferreira portanto não só em termos de população, eu acompanhei ao longo da minha carreira e ela foi quase toda desenvolvida nesta escola. Aquilo a que se chamou a massificação em larguíssima escala sobretudo nos anos 80 que se deu uma explosão escolar a que o ministério acabou por ter de responder fazendo mais escolas a partir de escolas mãe e depois quando como a situação histórica do país também foi mudando com a diminuição da natalidade, mudança demográfica, também assisti não só a outros alunos que foram para outras escolas que nem sequer cá chegaram e ficaram já nas outras escolas como depois em relação a todas as escolas há diminuição da população escolar porque como os portugueses deixaram de ter tantos filhos o numero de crianças foi diminuindo e portanto a partir de uns anos largos a esta parte há maior dificuldade em ter, às vezes há falta de alunos um bocadinho entre aspas não é, porque

isso vem a ser compensado também pelos pais quererem manter os seus filhos mais tempo na escola, ou seja, pelo menos fornecer-lhes maior escolaridade, hoje em dia os pais tendem a que os filhos façam pelo menos o 12º ano. Embora a população escolar tenha diminuído, apesar de tudo, hoje em dia há uma certa estabilidade na quantidade de alunos mas nada que se pareça com 5000 como no início dos anos 80. Em relação aos cursos também acompanhou naturalmente a evolução dos próprios currículos e as reformas do ensino do ministério da educação não é. Que já foram muitas e isso é histórico não é, especial desta escola não é.

Hoje em dia com os novos cursos profissionais com as chamadas novas oportunidades evidentemente que há uma diversidade de cursos de currículos de enfim experiências que são fornecidas aos alunos completamente diferente do que era apesar de tudo e há uns anos atrás, há uns anos largos em que o currículo era nacional, extraordinariamente igual em todas as escolas de Lisboa, porto ou província e hoje em dia apesar de tudo como há uma grande oferta de cursos, as escolas podem-se especializar mais nuns devido ao seu corpo docente, devido à sua tradição, por exemplo, o teatro nesta escola há muitos, muitos anos tem tradição e provavelmente é por essa razão que nós temos dois cursos profissionais na área de teatro, interpretação e abriu este ano um novo curso, cenografia.

A maior parte das escolas secundárias de Lisboa que eu saiba não tem cursos profissionais de teatro não é. A tradição desta cas também leva a que haja algumas opções possíveis a chamar determinados cursos e não outros, por exemplo, a informática desde que a informática nasceu como técnica primaria de utilização e depois como necessidade absoluta do país e logo a seguir como currículo não é, teve sempre também muita expressão nesta casa e daí que os cursos relacionados com a informática também tenham um peso determinante aqui.

**Entrevistador:** E a escola tem bons níveis de sucesso escolar?

**Professora:** Tem, mais nuns cursos do que noutros como em tudo, não é, mas é de uma forma geral, sofrendo os percalços que enfim de uma forma ou de outra o ensino oficial teve, este cenário esta a ser invertido com a crise, muitos alunos com um back ground que lhes permitia com um determinado estatuto social lhes permitia com um estatuto económico e social que lhes permitia ter ambições de entrar para a faculdade. Os pais desses meninos colocavam-nos nos colégios privados, não é, hoje em dia com a crise

muitos desses alunos estão a regressar ao ensino oficial e também aqui à escola, portanto, é como em tudo na sociedade portuguesa, não é, a escola também é fruto do mundo que a rodeia. Portanto, uns anos melhor outros anos pior, mas é uma escola que sempre teve tradição nesse nível sobretudo nos cursos científicos, no antigo agrupamento e hoje em dia nos cursos ciências e tecnologias.

**Entrevistadora:** Qual ou quais os métodos utilizados aqui na escola para manter estes níveis de sucesso escolar de forma geral? Há algum método específico da escola ou são os métodos do sistema?

**Professora:** São os métodos cálculo, sem estar noutras escolas é trabalho, trabalho não é, e é sobretudo apoiado num corpo docente experiente, não é, mas isso acontece em quase todas as grandes escolas de Lisboa. O corpo docente é muito estável há muitos anos, não é. Hoje em dia há muita gente, professores que se vão reformando e são substituídos por outros mas evidentemente que as escolas do centro de Lisboa têm essa tendência que é serem preferidos, não é, e portanto, os novos colegas que entram são colegas que vêm de outras escolas muitas vezes já aqui na área de Lisboa que têm mais idade, portanto, tem preferência por esse motivo por ter carreiras mais longas, portanto, quando chegam cá e entram de novo neste quadro são pessoas que também já têm normalmente muita experiência, a média etária nota-se é um bocadinho mais elevada, mas isso é o que acontece em quase todas as escolas, enfim, do centro de Lisboa, por uma questão de carreira é natural. As pessoas mais novas acabam por ir para as escolas mais longe e pouco a pouco vão-se aproximando e quando se aproximam já estão na casa dos 40 ou dos 50, portanto têm esta experiência correspondente e penso que assenta fundamentalmente nisso. A experiência nem sempre é conservadora, muito pelo contrário a maior parte das pessoas que tem experiência, que sabem que o mundo da educação é muito exigente, porque os alunos são sempre da mesma idade, os professores é que ficam mais velhos, a gente têm sempre que se adaptar, não pode de outra maneira às novas exigências, senão é completamente ultrapassado e desfeito de certa maneira e às vezes há aí histórias que correm, não é. Nos meios de comunicação social há alguns sinistros não é, portanto têm que se manter sempre, sempre actualizados a todos os níveis porque de outra maneira não é possível.

**Entrevistadora:** Apesar de a escola apresentar os bons níveis de sucesso escolar, existem alunos com dificuldades em assimilar as matérias, para esses casos há actividades...

**Professora:** Absolutamente, a escola prevê de há muito tempo, não é só agora, e sobretudo, enfim, de há quatro anos para cá cinco anos quando entrou em funções este novo governo e se procedeu a algumas alterações sérias, sérias quer dizer, importante no mundo da educação, como toda a gente sabe, veio nos jornais de há quatro anos, desta parte criaram-se ainda mais condições para apoiar alunos com dificuldades e essas triagens e há serviços na escola mais que testados para fazer e são feitas para detectar alunos com mais dificuldades ou com muitas dificuldades situações psicológicas ou cognitivas sérias e há maneiras, não muitas mas aquilo que se pode ser feito internamente na escola faz-se e a escola e há capacidade para isso, de apoiar esses alunos, através de aulas extra por parte dos professores se têm tempo para isso, apoios individuais.

**Entrevistadora:** Gostaria de fazer uma última questão que é em relação às tutorias aqui da escola.

**Professora:** A legislação previu em tempos as tutorias e depois isso caiu na legislação, tutorias tal como a lei as previu não existem, nunca foram regulamentadas, nunca foram efectivadas, portanto, tutorias, não me parece que existam, o que há é muitos professores ao dispor dos alunos para os ajudar e nessa perspectiva cumprem a maior parte das vezes, o director de turma ou professores específicos esse serviço digamos assim de tutoria embora de forma mais normal mas aí é evidente se um professor está à disposição dos alunos para os atender naquilo que eles precisam se digere directamente a alguns ou propõe de forma efectiva, a maior parte das vezes isso parte do próprio professor não dos alunos. Evidentemente exercer uma função de tutoria mesmo que não seja formal no sentido de corresponder a lei que aqui há uns tempos dizia, previa, sobre as tutorias e de facto, informal exactamente, penso que isso caiu completamente na legislação actualmente, mas não garanto, não garanto. Aliás uma das condições da tutoria na altura prevista na lei era quando as escolas depois de um processo longo que se chamava na altura autonomia das escolas, chegaram a uma determinada fase já completamente avaliada etc, chegava à fase de fazer um contracto com o próprio ministério da educação, fase de autonomia significativa, só nessa altura é que as tutorias

podiam efectivamente ser formalizadas, ora o sistema educativo, enfim, a certa altura foi alterado foi reformulado, não o sistema educativo mas o modo como de funcionamento, em pormenores, foi alterado, não é, e portanto, as tutorias acabaram por não entrar em vigor na generalidade da escola.

**Entrevistadora:** Pronto, por enquanto é tudo e agradeço desde já a disponibilidade.

### **Anexo VII. Proposta de Projecto**



### **Proposta de Projecto**

### **Projecto de Apoio ao Aluno e à Família**

**Lisboa, Junho 2011**

**Patrícia Daniela Grandinho Martins**

### **Projecto Apoio ao Aluno e à Família**

#### **Caracterização do Projecto**

Este projecto pretende ser uma das formas de operacionalizar o enunciado no II. 3 do Projecto Educativo 2009/2013: “Reforçar a abertura da escola à comunidade e incrementar a participação/responsabilização dos encarregados de educação no sucesso académico dos seus educandos.”<sup>63</sup>

Estando a concluir o estágio nesta escola na área da Sociologia: Conhecimento, Educação e Sociedade, fui tomando conhecimento dos problemas do foro social dos alunos, principalmente do ensino básico, existentes dentro deste meio escolar. Também participei em alguns dos projectos realizados para a resolução dos mesmos, por exemplo “Projecto Tutorias” e “Projecto Turma Mais”.

Contudo, penso ser importante que se estabeleça um projecto que se volte para promover a proximidade entre a família e o meio escolar.

O horário de funcionamento seria organizado de forma a se conseguir chegar a toda a comunidade escolar (Encarregados de Educação - Alunos - Professores).

#### **Principais Finalidades:**

- ✓ Discriminar situações de ocorrência disciplinar no recinto escolar;
- ✓ Desenvolver uma relação de interacção e comunicação entre os diferentes agentes educativos – alunos – família – escola – comunidade;
- ✓ Prevenir e evitar situações de risco;
- ✓ Promover o sucesso educativo dos alunos;

---

<sup>63</sup> [http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto\\_educativo.pdf](http://www.dpedrov.edu.pt/material/projecto_educativo.pdf)

### Objectivos:

- ✓ Promover a proximidade entre o meio escolar e os encarregados de educação;
- ✓ Integrar os alunos com problemas de âmbito social;
- ✓ Gerir conflitos de grupo;
- ✓ Criar uma “rede de comunicação” onde os DT’s relatem a situação dos alunos em contexto de sala de aula – Passar informações aos encarregados de educação sobre as mesmas. (burocracias e afins)
- ✓ Acompanhar de forma directa e individual alunos e famílias que voluntariamente se dirijam ao gabinete;
- ✓ Acompanhar alunos e famílias sinalizadas pelos docentes (em articulação com outros profissionais da escola se assim for necessário);
- ✓ Estabelecer estratégias adequadas às características individuais de cada aluno e família (em articulação com outros profissionais da escola se assim for necessário)
- ✓ Prestar apoio socioeducativo a alunos e famílias;
- ✓ Estabelecer a participação e o envolvimento dos encarregados de educação e família, nas actividades desenvolvidas pela comunidade escolar para ajudar no desenvolvimento do processo de formação dos filhos.

### Objectivos Específicos:

Professores	Escola
Apoiar os alunos, de forma individualizada, no contexto da sua vida escolar e familiar.	Conhecer o fenómeno da indisciplina na nossa escola.
Fomentar o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.	Extraír conclusões que nos permitam actuar na prevenção e combate do fenómeno da indisciplina.
Mediar os conflitos entre os alunos, docentes e auxiliares de acção educativa.	Estimular e desenvolver o envolvimento da família no percurso escolar do aluno.
Prevenir as situações de risco.	Combater a falta de assiduidade dos alunos
	Continuar a melhorar a imagem da Escola junto da comunidade local.



